

Fernando Costa Straube

Ruínas e urubus:
HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

Período de Natterer, 1
(1820 a 1834)



Hori Cadernos Técnicos

5

RUÍNAS E URUBUS:
HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

PERÍODO DE NATTERER, 1
(1820 a 1834)

1ª Edição

Fernando C. Straube

Hori Consultoria Ambiental

Curitiba, Paraná, Brasil

Setembro de 2012

© **URBEN-FILHO & STRAUBE CONSULTORES S/S LTDA.**

Ficha catalográfica preparada por
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.

Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná.
Período de Natterer, 1 (1820 a 1834) ; por Fernando C.
Straube, apresentação de Renato S. Bérnils. – Curitiba, Pr:
Hori Consultoria Ambiental, 2012.

241p. (Hori Cadernos Técnicos n. 5)

ISBN **978-85-62546-05-1**

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3.
Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C. II.
Bérnils, Renato S., apresent. II. Título. III. Série.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme **Decreto nº1825**, de 20 de dezembro de 1907.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Capa: Composição com mata de araucária na Lapa (Paraná) (Foto: F.C.Straube), documentos e imagens de autoria de Aimée Adrien Taunay, Michael Sandler, Auguste de Saint-Hilaire e Jean Baptiste Debret, citados no texto. Foto em destaque: urubu-rei (*Sarcoramphus papa*) de Cassiano “Zapa” Zaparoли Zaniboni (www.zapa.photoshelter.com).

2012



<http://www.hori.bio.br>

HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 5

ISBN: 978-85-62546-05-1

CURITIBA, SETEMBRO DE 2012

CITAÇÃO RECOMENDADA

Straube, F.C. 2012. Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820 a 1834). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 5, 241+xiii pp.

ABERTURA

O CENTENÁRIO DA ORNITOLOGIA PARANAENSE

“Às minhas viagens ao Paraná, atribuo a importância para que a continuidade do trabalho polonês na América do Sul não seja interrompida. Elas têm relevância por criarem um elo de ligação entre aqueles que já partiram e aqueles que ainda irão chegar” (Tadeusz Chrostowski, 1922, no livro “Parana”)¹

O dia 27 de setembro de 2012, escolhido para o lançamento deste livro, não é uma data comum. Ele corresponde ao momento em que, há exatos 100 anos atrás, o naturalista polonês Tadeusz Chrostowski, representado pelo zoólogo e embriologista Jan Tur (1875-1942) apresentou, em sessão da Sociedade Científica de Varsóvia², o seu estudo intitulado “*KOLEKCJA ORNITOLOGICZNA PTAKÓW PARANSKICH*”, ou seja, “Coleção ornitológica paranaense”.

Aplaudido e aprovado, o trabalho ganhou formato de artigo técnico, na revista “*Sprawozdan z Posiedzen Towarzystwa Naukowego Warszawskiego*”, periódico que ajuntava, sobre a forma de atas, o material discutido durante tais conferências.

¹ Chrostowski, T. 1922. **Parana: wspomnienia z podróży w roku 1914**. Poznan/Varsóvia, Nakładem Księgarnia Sw. Wojciecha. Biblioteka Podrozy, Przygod i Odkryrc, volume 1. 237 pp., 16 fig., 1 mapa.

² *Towarzystwo Naukowe Warszawskie*, fundada em 1907 a partir da Sociedade dos Amigos da Ciência (*Towarzystwo Przyjaciół Nauk*), estabelecida em 1800.

Graças a isso, a modesta – porém exaustiva – coletânea, preparada por ele com base em suas viagens pelo interior do Paraná entre 1910 e 1911, é considerada a primeira obra publicada versando exclusivamente sobre avifauna e unicamente sobre essa unidade da federação.

É importante salientar que, muito tempo antes de deixar a Polônia para sua viagem pelo sul do Brasil, Chrostowski já tinha pleno conhecimento daquilo que encontraria ao eleger o Paraná como palco de suas pesquisas. Ele não esteve aqui como parte de itinerários maiores e sim o escolheu de forma resoluta, movido pelo interesse em novas descobertas e, naturalmente, pela grande concentração de emigrantes oriundos de sua terra natal, tornada independente apenas em 1918. Somando duas condições irrecusáveis, encontraria aqui um ambiente hospitaleiro por parte de seus conterrâneos já aclimatados e uma imensa quantidade de informações biológicas a serem colhidas, armazenadas, amostradas e divulgadas.

De acordo com sua preleção: *“Dentre todos os estados brasileiros, o Paraná é um dos menos conhecidos quanto à avifauna. Outros, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e até mesmo Pará e Amazonas [...] foram percorridos e propriamente pesquisados por ornitólogos e visitantes. No Paraná, essa situação não foi observada, cabendo aos residentes as duras e selvagens condições conhecidas”*. Não obstante, ele também destaca os primeiros resultados divulgados sobre a avifauna paranaense, por intermédio do austríaco Johann Natterer que, em suas palavras, foi um dos mais famosos e competentes ornitólogos exploradores de todo o mundo, entretido no Paraná entre 1820 e 1821.

Este volume da obra *“Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná”* é uma edição especial da série Hori Cadernos Técnicos e focaliza – por assim dizer – duas

situações valiosas. A primeira, amplamente analisada em seu corpo textual, alude à inauguração da pesquisa com aves silvestres no Paraná, feita por meio de sistema de amostragem e divulgação técnica protocolar e que tem Natterer como personalidade mais destacada. A segunda, cronológica e comemorativa, refere-se ao momento do lançamento do livro, coincidindo propositadamente ao fechamento de um século repleto de informações que, além de pioneiras, foram sedimentares a tudo o que hoje se conhece.

Que o início deste segundo século de Ornitologia se estenda por todos os cantos do território paranaense, em uma comemoração fraternal e progressivamente amparada por novas informações, surgidas de todos os tempos e lugares. Que nosso passado não seja omitido ou esquecido, posto que, com os fundamentos aqui apresentados, ele deve ser tratado como uma base indissociável a todos os novos horizontes a serem trilhados pelas gerações que aqui estão e, especialmente, por aquelas que ainda estão por vir.

O AUTOR

Curitiba, 27 de setembro de 2012

APRESENTAÇÃO

É fácil prefaciar Fernando Straube. É ainda um prazer e, acima de tudo, uma honra. Fácil, prazeroso e honroso porque Straube é um amigo de muitos anos, alguém que considero como irmão; e também porque se trata de pesquisador dos mais profícuos (se não o mais) em termos de História Natural no Paraná, autor de textos fundamentais não apenas de seu campo primário de investigação, a Ornitologia, mas também de outras áreas da Zoologia, bem como de Botânica, Geografia, História da Ciência, Heráldica, Semiótica, Etimologia, Semântica... Num espectro amplo que vai da propedêutica básica até o conhecimento heurístico mais profundo.

Em outras palavras, conhecendo o valor, a completitude e a prodigalidade da produção de Straube, aceitei não apenas com muito orgulho o convite para fazer esta apresentação, mas também com o sentimento citado de que seria tarefa fácil. Tola ilusão! Após ler o presente volume de *Ruínas & Urubus*, redigido de forma tão cuidadosa quanto cativante, me senti quase incapaz de escrever algo à altura da obra, de agrado do autor e, ao mesmo tempo, estimulante ao leitor novato... Simplesmente porque as qualidades desses três elementos (a obra, o autor e o leitor atraído por esse tema) dispensam apresentações! Ainda assim, passado esse primeiro momento de pânico, aproveitei a oportunidade para expressar algumas palavras sobre o autor e sobre o assunto, que me é muito caro e deleitoso.

Em sua Introdução a este segundo volume da coleção, Straube deixa claro que não se contenta em

apresentar e datar os fatos, já que procura também interpretá-los à luz dos conhecimentos da época em que ocorreram, e atualizá-los. Nada mais justo! A contextualização é necessária para podermos avaliar de modo adequado as contribuições (ou não) dos naturalistas (viajantes ou de gabinete) do século XIX. Mas quem realmente está apto a fazer essas interpretações? Será que qualquer ornitólogo, por mais experiência que possua na ciência a que se dedica, é capaz de fazer uma boa releitura das contribuições oitocentistas? Certamente que não, e aqui reside mais um dos trunfos de *Ruínas & Urubus*, pois o autor demonstra domínio mais do que suficiente para contextualizar os fatos relatados, apropriadamente dimensionando-os aos leitores do século XXI.

Tal competência fica ainda mais patente se avaliarmos as informações que o autor buscou para a realização da obra. Como neto de um dos pioneiros das Ciências Naturais no Paraná e filho de um dos grandes pesquisadores da História paranaense, Straube esteve sempre bem munido de fontes bibliográficas e iconográficas complementares às publicações clássicas e inevitáveis de (e sobre) Saint-Hilaire, Natterer, Langsdorff etc. Teve acesso e, é claro, soube usar essas fontes, e essa peculiaridade tornou muito mais informativos e integrados os textos daqueles (ou sobre aqueles) naturalistas – e, me adiantando um pouco, ficou tão mais evidente quanto bem-vinda no terceiro volume de *Ruínas & Urubus* (que já pude bater o olho, ansioso pelo lançamento).

Traçar qualquer histórico de atividades científicas no Paraná é um desafio e tanto. As fontes são poucas e incompletas, e o estado foi relegado a um segundo plano na maior parte de sua existência. Por exemplo, Straube nos demonstra como algumas expedições passaram pelo Paraná quase que por acidente ou por acaso, como na visita de

Natterer, interrompida por ordens superiores, ou na breve incursão de alguns membros da Expedição Langsdorff, que decidiram fazer uma “visitinha” às terras da 5ª Comarca quase que apenas para fugir ao tédio de sua estadia na fazenda Ipanema – e voltaram tão logo enfrentaram dificuldades (enchente no rio Iapó, Castro).

O caso é que o Paraná estava fora das rotas que chamavam mais a atenção dos viajantes oitocentistas, muitos dos quais interessados em conhecer as riquezas já descobertas em Minas Gerais, Goiás, Bahia e Mato Grosso e/ou viajar apenas por regiões que contavam com melhor estrutura de comércio e segurança, em geral por estradas vigiadas por tropas reais (depois imperiais e por fim republicanas) e ligadas a sistemas confiáveis de transporte e comunicação, ainda que rudimentares. O Rio de Janeiro, evidentemente, foi a região mais visitada naquele século, já que era nossa capital e apresentava condições menos selvagens do que o resto do Brasil, além de ser seu porto mais movimentado. E São Paulo (sem o Paraná) era caminho natural para se atingir parte de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso [do Sul].

Portanto, fora as exceções de praxe, estudadas por Straube para o Paraná ou que podem ser citadas para outras províncias do Brasil (visitadas, por exemplo, por Wied, Sellow, Natterer, Bates, Wallace ou Burton), a maioria dos naturalistas (e demais viajantes cronistas) que passaram por nosso país no século XIX, se limitou a trilhar estradas previamente abertas e policiadas nas províncias citadas. Foi este o caso de Lund, Castelnau, Eschwege, Mikan, Scott, Pohl, Olfers, Raddi, Burmeister, Reinhardt, Gounelle, Agassiz, Hartt, Derby, até Darwin, e mesmo de boa parte dos roteiros de Saint-Hilaire, Langsdorff, Spix e Martius.

O Paraná também não teve o privilégio de contar com renomados naturalistas residentes, pelo menos até o

século XX, ao contrário do que ocorreu em outras províncias/estados, que contaram com Goeldi, H. Ihering, Fritz Müller, Glaziou, Wucherer... E já na virada para (ou no início) do século seguinte: A. Lutz, R. Ihering, Barbosa Rodrigues, Miranda-Ribeiro, Snethlage etc. Assim, o Paraná continuou sua sina de “excluído”, a despeito de esforços tímidos [em *História Natural*] como os de Franco Grillo, Julius Platzmann ou Telêmaco Borba.

Cabe ainda assinalar que Straube sempre esteve atento à inclusão de viajantes cronistas que estiveram no Paraná antes de sua emancipação como província independente de São Paulo – situação territorial que deve ser levada em conta, sem a qual se corre o risco de desconsiderar relatos importantes. É comum, por exemplo, não figurar o Paraná entre as regiões do Brasil visitadas pela Expedição Langsdorff, porque ele próprio não pisou solo paranaense (a expedição barrada no Iapó contava apenas com Riedel, Rubtsov e Taunay), ou simplesmente porque todo o Paraná ainda era “São Paulo” a essa época. Esse engano recorrente, verificável em diversas outras fontes, é quase tão absurdo quanto não mencionar o Mato Grosso do Sul como área visitada pela mesma Expedição Langsdorff (dessa vez completa) apenas porque aquela região esteve sob o comando de Cuiabá (Mato Grosso) até 1977. Precavido contra essa possibilidade, o autor de *Ruínas & Urubus* nitidamente perscrutou todas as leituras que falam de “São Paulo”, sempre atento a referências à Comarca de Curitiba e arredores.

Os que conhecem Straube sabem a quanto tempo (e com que tenacidade) ele se dedica a colecionar fatos e literatura sobre o Paraná, buscando todas as citações sobre fenômenos das Ciências Naturais, e cruzando as informações obtidas com as mais variadas áreas do conhecimento. Todo esse carinho cerca o preparo da coleção

Ruínas & Urubus há décadas, mas a obra só recentemente passou para os papéis (e para os bytes). Embora se insinuasse há anos, foi extremamente oportuno que só agora a coleção tenha vindo à luz; primeiro porque o autor está bem mais maduro e, portanto, mais preparado para defendê-la, mas também porque ele pode contar com internet, comunicação eletrônica imediata, arquivos digitais, imagens digitalizadas, acesso a bibliotecas virtuais, editores de texto, editores de imagens, máquinas fotográficas digitais, escâneres e tantas outras ferramentas tecnológicas que noutros tempos não se dispunha – ou eram quase inacessíveis. E ainda graças à facilidade atualmente existente para divulgar produções extensas, que normalmente seriam encaradas como pouco interessantes pelos periódicos [e por autores] ávidos em galgar *qualis*, fatores de impacto, índices de produtividade e assim por diante. O mérito, nesse caso, é da coragem e da proposta despretensiosa dos *Hori Cadernos Técnicos*.

Destaco, por fim, o quanto empolga, entusiasmo e “dá ideias” ler uma obra como esta! O leitor haverá de concordar comigo, pois *Ruínas & Urubus* não é apenas uma minuciosa análise histórica da Ornitologia paranaense, mas a mais importante contribuição já escrita sobre a História das Ciências Naturais nesse estado e, porque não dizer, uma das mais relevantes à História do Paraná.

RENATO S. BÉRNILS

Universidade Federal do Espírito Santo
(São Mateus, ES)

AGRADECIMENTOS

No volume anterior, expressei minha gratidão a uma infinidade de pessoas e instituições que colaboraram com a produção do projeto “Ruínas e urubus” (ainda parcialmente concluído) como um todo. Reitero aqui minhas palavras de admiração e apreço a todos que, por certo, irão compreender essa omissão implícita, em prol da “economia editorial”.

Para este livro em particular, porém, eu gostaria de incluir, ou mesmo repetir, menções de reconhecimento a alguns deles, seja porque não figuraram na versão anterior, seja por terem – aqui – participado de forma diferenciada.

Novamente pude contar com a competente intervenção de Dione Seripierri (Museu de Zoologia, USP) que, com o costumeiro zelo, preparou a Ficha Catalográfica. Ciro Albano e Cassiano “Zapa” Zaparoli Zaniboni cederam gentilmente as fotos de *Selenidera gouldii* e *Sarcoramphus papa*, respectivamente, essa última ornando majestosamente a capa do livro. Um destaque especial merece a equipe do Museu Nacional (UFRJ) – em particular Marcos A. Raposo – que, por meio do projeto “Catálogo de tipos das espécies de aves brasileiras”, financiado pelo CNPq, permitiu a divulgação de fotos de alguns exemplares-tipo que ilustram o presente trabalho.

Várias pessoas colaboraram com detalhes particulares do período entre 1820 e 1834, por acréscimo de informações, cessão de dados ou mesmo sugestões de redação, incluindo traduções. Nesse sentido aponto Dorota Barys, Hans Jacobs, Luiz Fernando de Andrade Figueiredo,

Miriam E. Junghans, Osvaldo Rodrigues Júnior, Pedro Luís Rodrigues de Moraes, Philipp Stumpe, Rodrigo Lingnau, Tony Andrey Teixeira Bichinski, além de Hitoshi Nomura, Jacques Vielliard (*in memoriam*), José Carlos Veiga Lopes (*in memoriam*), José Fernando Pacheco, José Flávio Cândido Júnior, José La Pastina Filho, Paulo E. Vanzolini, Pedro Salviano Filho e Pedro Scherer Neto.

Aspectos relativos a espécimes depositados em vários museus brasileiros, inclusive nossa permissão de acesso aos respectivos acervos, foram possíveis graças à intervenção de Dante L. M. Teixeira, Jorge B. Nacinovic e Marcos A. Raposo (Museu Nacional, Rio de Janeiro: MN), Hélio F. de A. Camargo (*in memoriam*), Luis Fábio Silveira, Vitor de Q. Piacentini, Marina Somenzari, Marco Antônio Rego (Museu de Zoologia, São Paulo: MZUSP), José Maria Cardoso da Silva, David C. Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: MPEG).

Jacques Cuisin (*Museum national d'Histoire naturelle*, Paris: MNHN) forneceu informações sobre a coleção A. de Saint Hilaire; Ernst Bauernfeind (*Naturhistorisches Museum*, Viena, Áustria: NHMW) ajudou com o acervo de Natterer, inclusive com a remessa de fotos de espécimes. Ainda sobre Natterer, contei com o acompanhamento competente de Luiz Barros Montez que, inclusive, contribuiu com correções nas traduções, além de fornecer-me, generosamente, uma série de documentos inéditos para avaliação. Agradeço ao destino por tê-lo colocado em meu caminho, poucos momentos antes de ter dado como encerrada a produção deste volume!

Osmar dos Santos Ribas (Museu Botânico Municipal, Curitiba), um dos botânicos mais competentes que conheci, gastou um tempo considerável em busca de informações sobre Dominick Sochor, quando de sua viagem à Vila Bela da Santíssima Trindade e outros locais do estado

do Mato Grosso. Seu esforço e dedicação foram particularmente importantes e bem-vindos e, se não culminaram com aquilo pelo que esperávamos, confirmaram o quanto importantes são as conexões de amizade e intercâmbio entre pesquisadores de várias áreas.

Raimund Toelle, membro da família Sello na Alemanha, e Sybille Eigert colaboraram com uma verdadeira rede de comunicação entre familiares e admiradores de Friedrich Sellow.

Meus amigos da Hori Consultoria Ambiental, cada um à sua maneira, tiveram participação direta neste trabalho: Anderson Giliet, Caroline Carneiro, Débora Zancanaro, Fernando Venâncio, Leonardo Deconto e Marcelo Villegas Vallejos. Dentre todos eles quero destacar Alberto Urben-Filho, meu irmão por opção, por ter compartilhado grande parte do material aqui apresentado.

Pelas sugestões aqui e ali, empolgação e estímulo, menciono vários confrades do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, destacadamente Carlos Brantes (*in memoriam*), Wenceslau Muniz, Carlos Zatti e, claro, meu pai Ernani C. Straube.

Por último, quero destacar o amigo Renato S. Bérnils, grande companheiro (e valoroso crítico) pelas enriquecedoras linhas da Apresentação, mas também por ter contribuído com excelentes sugestões ao texto original. Sua colaboração, desta forma, foi não somente amável e prestimosa como complementar a tudo aquilo que pretendi tratar aqui.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	3
	O PRIMEIRO PERÍODO DE NATTERER	7
1818-1820	<i>Cronologia</i>	19
1820	Auguste de Saint Hilaire	23
1820 a 1821	Johann Natterer e Dominik Sochor	47
1821-1826	<i>Cronologia</i>	143
1826	Ludwig Riedel e Adrien Taunay	151
1827-1828	<i>Cronologia</i>	167
1828	Friedrich Sellow	169
1829-1834	<i>Cronologia</i>	189
[1834]	Jean Baptiste Debret	193
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LITERATURA CONSULTADA	205

INTRODUÇÃO

“Seja como for, não faltará ocasião para coletar e observar. Sinto alegria em pensar nos muitos tesouros de história natural que ainda chegarão às minhas mãos...”

(Da carta de Johann Baptist von Natterer a Karl von Schreibers, diretor do Gabinete de História Natural de Viena em 1818, pouco antes de sua chegada ao Paraná).

Este é o segundo volume da revisão histórica sobre a Ornitologia no Paraná, dando continuidade cronológica ao livro que englobou o período de 1541 a 1819, lançado em dezembro de 2011. Nesse sentido, toda a concepção, a apresentação dos objetivos e os procedimentos metodológicos adotados na obra como um todo, poderão ser lá encontrados, onde estão detalhadamente descritos e explicados.

A princípio, o leitor poderá ficar curioso com a diferença de extensão entre ambos os períodos: quase 280 anos abordados no primeiro contra somente quinze do segundo volume. Ocorre que esse é um reflexo sentido em todos os campos do saber e que se deveu principalmente pelo processo de dispersão do conhecimento, seja por meio

da evolução dos mecanismos de produção gráfica, seja pelos caminhos utilizados na sua divulgação.

Como se nota, o cenário observado a partir da segunda década do Século XIX se alterou profundamente, se confrontado com o panorama tão superficial dedicado às ciências naturais nos quase três séculos que precederam o Descobrimento.

Agora, as contribuições de exploradores e cronistas, políticos e corógrafos e mesmo de cientistas influenciados pela Reforma Pombalina, passarão apenas a ser sutilmente lembradas. Neste volume em particular, então, todas as atenções se voltam para os desdobramentos de outro episódio político: a “Abertura dos Portos” que dá início, de fato, a todo o processo descritivo e analítico da Ornitologia paranaense.

Essa Carta Régia expedida por D. João em Salvador, em janeiro de 1808, consiste na primeira experiência liberal europeia desde a Revolução Industrial. Sob tal envergadura representou, para a história do Brasil, o início de uma série de acontecimentos importantíssimos de cunho econômico, diplomático e estratégico, mas, notadamente científicos e especialmente ligados à História Natural. A colônia portuguesa estava agora realmente acessível e, graças a essa determinação, é que a biodiversidade brasileira começava, afinal, a ser efetivamente descoberta e descrita de forma algo sistemática.

No resto do mundo ocidental iniciava-se também uma fase de efervescência científica, quando as nações mais destacadas passaram a manifestar interesse por regiões sulamericanas ainda quase desconhecidas e em parte já exploradas por estudiosos como Alexander von Humboldt e Félix de Azara.

A condição propiciou uma notável evolução de todas as ciências naturais, ao tempo em que se

multiplicavam as produções literárias, via de regra narrativas (visando ao público leigo) ou descritivas (para o meio técnico).

Esse detalhe é muito importante pois, com a proliferação de fontes bibliográficas, primárias ou secundárias, o trabalho de compilação vai se tornando cada vez mais rico, porém igualmente dificultoso (pelas mesmas razões!). E não há como ignorar esse aspecto importante: quanto mais fontes, tanto maiores as chances de surgirem erros ou omissões, por terem sido subestimados detalhes importantes.

Este livro, que jamais pretenderia ser exceção à regra, reúne e descreve o legado ornitológico ao estado do Paraná nos quinze anos passados entre 1820 e 1834, construído por pessoas que dedicaram partes de suas vidas ao conhecimento e/ou à ilustração do meio natural e social disponível.

Todas as personalidades mencionadas se enquadram no momento primevo – e pioneiro – que seguiu-se à Abertura dos Portos, com destaque especial a Johann B. von Natterer, cujo nome é lembrado no período alusivo. Como se poderá perceber, é somente a partir de suas contribuições que a Ornitologia paranaense realmente foi inaugurada, nos moldes como contemporaneamente ela é praticada, servindo de fundamento para todos os estudos surgidos no futuro.

O lapso temporal aqui apresentado encerra-se em um momento em que o Brasil já independente não observava mais, com tamanha intensidade, as consequências da Abertura dos Portos. A jovem nação, agora com forças próprias, apenas acompanhava o lançamento de obras profundas e cuidadosamente produzidas, descrevendo a riqueza de vida que ela própria desconhecia! Com o inventário de sua biodiversidade já principiado e com volume de informações geográficas, climáticas, sociais e

antropológicas já razoavelmente organizadas, o país voltou seus olhos a outros horizontes, ligados ao reconhecimento, comunicação e colonização de seu território, assuntos que serão objeto dos volumes futuros.

O PRIMEIRO PERÍODO DE NATTERER

“Somente quem for capaz de imaginar o que significa alguém conseguir escrever, desenhar, preparar peles e empalhar, coberto por uma nuvem escura de insetos que picam e esvoaçam em torno, é que poderá avaliar o preço deste material aqui coletado.”

Barão George H. von Langsdorff (*apud*. Prada, 2000)

O ano de 1820 é um marco claramente divisório da Ornitologia – e de todas as outras ciências naturais – no Paraná. Rigorosamente falando, há um período muito extenso desde que o espaço territorial do estado foi visitado pela primeira vez por europeus e o que se pode considerar como os esforços seminais para conhecer a sua avifauna.

Até os sete anos que abriram o Século XIX, o Brasil era simplesmente fechado aos não-lusitanos. Por causa disso, o ato de viajar, particularmente aos forasteiros, para os (e principalmente dentro dos) domínios portugueses do Novo Mundo, prosseguia sendo algo virtualmente proibido pelas autoridades, norma que se estendia desde o Século XVIII (Manthorne, 1996). Essa restrição vinha desde o chamado Pacto Colonial, que obrigava a uma provação

alfandegária de todos os produtos colhidos, gerados e manufaturados nas possessões portuguesas, cerceando todas as manifestações comerciais diretas com as colônias.

Foi justamente esse entrave que, por vários séculos, resultou em um reduzido contingente de informações sobre a natureza da colônia, levando a um grande atraso de conhecimento biológico em comparação com outras nações. Afinal, o conhecimento sobre quais eram e onde estavam as riquezas naturais poderia ser convertido em informações estratégicas e em grande parte ligada à própria soberania territorial, daí a preocupação, até certo ponto exagerada, com seus recursos ambientais.

Apesar disso, as ciências naturais no resto do mundo se desenvolviam a passos largos, tendo como exemplo clássico a publicação de normas universais para a classificação dos seres vivos, por meio de Carl von Linné (1758), considerado patrono da nomenclatura biológica.

Graças a isso e uma vez definido um sistema básico e padronizado de agrupar os organismos, a pauta fundamental para os zoólogos da época passou a ser listar espécies, nominá-las, descrevê-las e, ainda, associá-las aos locais de origem, cuidado esse tido como exceção, frente a inúmeras procedências imprecisas ou mesmo errôneas. Sob esse aspecto é que a sistemática evoluiu, pouco a pouco mas a partir de então amparada por um protocolo universal, expondo suas tantas ramificações, dentre elas as biogeografia.

Ao mesmo tempo, todos os processos descritivos necessitavam de documentos que acompanhassem fisicamente as palavras escritas nos livros. Essa lacuna foi originalmente suprida por desenhos, alguns deles de magnífica feitura, outros mais rudimentares – porém suficientemente claros para o reconhecimento dos elementos figurados.

Como alternativa à imprecisão das representações pictóricas, surgem então os aprimoramentos de técnicas visando à preservação de espécimes, mais conhecida como taxidermia. Esse processo já era conhecido e praticado de maneira rudimentar desde o Século XIII, em geral para conservar temporariamente animais que serviriam como modelos para pinturas (Schulze-Hagen *et al.*, 2003), mas teve grande expansão exatamente no início do Século XIX (Wheeler, 1995, 1997; ver também Brown, 1849). Alguns autores, assim, consideram que o procedimento se constituiu “um marco definitivo no desenvolvimento da Ornitologia, quando a documentação passou a se tratar de um mecanismo indispensável nas variadas pesquisas, inclusive na estabilidade de nomenclatura” (Stresemann, 1923, 1951; Piacentini *et al.*, 2010).

Não à toa, muitos dos grandes museus da Europa e mesmo da América do Norte tiveram sua fundação justamente nessa época, que pode ser tratada como o início da universalização dos procedimentos de reunião, conservação e catalogação de naturália, nos moldes como são praticados até os dias de hoje.

Com o inventário biológico gradualmente avançando, a busca por matéria-prima de outros continentes passou a se tornar uma verdadeira obsessão. Muitos continentes, além do europeu, já dispunham de coletâneas razoáveis da biodiversidade mas ainda era notória a carência de informações biológicas sobre um dos mais interessantes de todos: a América do Sul.

Nesse sentido, o inflexível veto das autoridades portuguesas à exploração do território brasileiro foi duplamente sentido. Primeiro pela lamentável proibição de acesso ao inigualável Alexander von Humboldt, junto ao seu amigo Aimé Bompland. Esses dois estudiosos participaram da pretensiosa expedição pelas Américas, entre os anos de

1799 e 1804 sob o comando do almirante Louis Antonie de Bouganville e foram proibidos pela coroa portuguesa de adentrar no Brasil. A viagem, que se tornou uma das ações científicas mais importantes em todo o mundo (Bruhns, 1872), privava o país de ser incluído ao itinerário desses grandes exploradores, pelo simples motivo de uma alegada suspeita de espionagem!

Sob o mesmo raciocínio, problema idêntico ocorreu com Félix de Azara que, embora tenha tangenciado os limites brasileiros e inclusive neles entrando (talvez ilegalmente), pouco pôde relatar sobre a colônia portuguesa em sua obra vastíssima levada a efeito no Paraguai e países adjacentes (Straube, 2011).

Resta apenas o lamento associado à dúvida: que informações valiosas não disporia o país, às portas do Século XIX, sobre seus elementos biológicos se esses pesquisadores tivessem o acesso facilitado, ou ao menos autorizado, aos nossos territórios? A resposta não é muito difícil de ser formulada. Humboldt representa um dos mais importantes pensadores da Humanidade, cuja linha influenciou uma enorme lista de outros cientistas (e mesmo artistas) e foi um dos fundadores de grande parte das áreas do conhecimento moderno, desde a Astronomia, a Geografia e a Biologia como um todo.

Azara, por sua vez, é um dos mais notáveis exploradores e cientistas que estiveram na América do Sul em todos os tempos. Com base em suas obras, fortemente opostas ao estilo já ultrapassado do Conde de Buffon, uma infinidade de organismos acabou sendo descrita, em virtude de sua profundidade e critérios, bastante avançados para a época.

No ano de 1801 isso foi brandamente modificado com os resultados obtidos pela equipe formada por Johann Centurius, mais conhecido como Conde de Hoffmannsegg,

um fidalgo apaixonado pelas ciências naturais (Sick, 1997). Sob a liderança de Friedrich W. Sieber, esse grupo proporcionou um avanço relevante no conhecimento da natureza brasileira, graças ao colecionamento realizado na Amazônia (Pará), no Sudeste (Rio de Janeiro) e no Nordeste (Pernambuco, Bahia e Ceará) pelo trabalho diligente dos naturalistas brasileiros Francisco A. Gomes, João da Silva Feijó e Luis Beltrão. As aves recolhidas resultaram na descrição de muitas espécies (treze atualmente válidas), batizadas por Coenraad J. Temminck, Johann G. Wagler, Heinrich Kuhl, Jean Cabanis, Martin H. Lichtenstein e especialmente Johann K. W. Illiger, que aproveitou o material em sua obra sobre a classificação de mamíferos e aves (Illiger, 1811)³.

Em seguida, no fim do ano de 1803, ocorreu a primeira estada no Brasil do alemão Georg Heinrich von Langsdorff, auto-didata em História Natural e integrante da delegação russa de circum-navegação, liderada pelo capitão Adam Johann von Kruzenstern. Langsdorff permaneceu por dois meses no litoral de Santa Catarina⁴. Posteriormente publicou uma das primeiras obras sobre a História Natural do Brasil no Século XIX, aguçando a curiosidade de seus pares e servindo de estopim para um panorama que haveria de se modificar quase cinco anos depois (Langsdorff, 1811).

Uma das suas descobertas foi referente à bioluminescência. O naturalista provava, afinal, que o estranho fenômeno era oriundo de reações químicas do plâncton e não da decomposição de matéria orgânica, conforme se acreditava na época (Murr, 1997).

³ A saíra-andorinha (*Tersina viridis*) é a única espécie brasileira válida a partir dessa obra.

⁴ Sua presença no proibido território português se deveu somente a uma contingência especial: atingidas por uma tempestade, as duas naus foram forçadas a aportar nas proximidades de “São Miguel” (Bombinhas), para conserto dos mastros e abastecimento de água doce. Murr (1997) refere-se a esse momento como em “fins de 1802”, o que diverge da obra original de Langsdorff (1811:3) que, de Copenhague (Dinamarca), teria saído em setembro de 1803.

Em 1808, um episódio político particular acabou alavancando uma série de transformações pelas quais passou o País: a côrte real portuguesa, como resposta à iminente invasão pelos exércitos napoleônicos, transferiu-se para o Brasil, aqui estabelecendo sua sede de governo (Goeldi, 1896; Ihering, 1902; Vanzolini, 1996). Um dos primeiros atos oficializados por D. João, príncipe-regente português, foi a carta-régia denominada Abertura dos Portos à nações amigas, que autorizava o trânsito, a permanência e a exploração do Brasil por países aliados.

Embora tenha sido oficializada em janeiro de 1808, foi somente em 1816 (Pinto, 1979) que começaram a aparecer – para a Ornitologia brasileira – as suas primeiras consequências diretas e indiretas, ou seja, o grande afluxo de naturalistas viajantes, inspirados principalmente nas viagens de Humboldt (Pinto, 1945, 1979; Guix, 1995; Sick, 1997).

Havia, mas somente a partir desse momento, um grande interesse de Portugal por hospedar esses viajantes que, em muitos casos, representavam oficialmente suas próprias nações, como emissários da alta intelectualidade europeia ou mesmo como genuínos delegados da nobreza. Ao mesmo tempo também se pensava em separar (ou requisitar) parte do acervo obtido pelos naturalistas para compor o acervo do recém criado Museu Real⁵.

Com isso, era evidente o apoio português a esses visitantes, em regra recomendados pelo Conde da Barca (Antônio de Araújo e Azevedo), sabidamente tido com um diplomata protetor das ciências. Segundo Moacyr (1936):

“Por essa época, naturalistas europeus, atraídos pela nossa natureza, aqui foram chegando e internando-se pelas nossas regiões

⁵ Museu Real (fundado em 1818), depois Museu Imperial e Nacional (1824) e, enfim, Museu Nacional (1890).

desconhecidas. José Bonifácio dirigiu um apelo a esses estudiosos da natureza, pedindo-lhes que auxiliassem o Museu que deles muito precisava. A medida surtiu bom resultado. Langsdorff, Natterer, von Sellow, acudiram sem demora ao pedido do ministro que os havia protegido nas suas excursões. Langsdorff chegou a ponto de oferecer ao Museu a sua coleção de mamíferos e aves da Europa; Natterer, valiosas coleções de zoologia e Sellow, ossadas fósseis por ele encontradas nas margens do Uruguai. Desse modo começou com ótimos resultados o exemplo de fazer donativos ao Museu.

Embora houvesse um certo controle sobre as incursões, o que ocorria até mesmo pelos próprios países que os enviavam, a todos eles foram dadas permissões “[...] *não só de viajar sem obstáculos nas diferentes capitânias, como também lhes foi generosamente conferida uma importância anual, a par de passaportes concedidos em termos lisonjeiros e as melhores cartas de recomendação para os capitães gerais*” (Pinto, 1979:66, baseado em Wied, 1958).

A oportunidade criou um enorme interesse das nações europeias, de forma que a linha de pensamento a partir de então passou a incluir a busca por informações científicas e preferencialmente espécimes, colhidos com grandes dificuldades por expedições minuciosamente preparadas.

Essas viagens apresentavam características muito marcantes, em grande parte ligadas às novas e desconhecidas condições que as terras ignotas da América proporcionariam. Uma delas associava-se à publicidade sobre o espetacular potencial de uma área quase continental,

sua megadiversidade e, obviamente, as múltiplas possibilidades econômicas disponíveis.

A interação entre estudiosos e viajantes, também pôde ser iniciada, seja por leituras de relatos que começavam a aparecer na literatura contemporânea, seja pela correspondência trocada entre eles e suas instituições. Nesse tempo, quando a produção de livros era notavelmente onerosa, o costume era a venda antecipada de exemplares por meio de subscrições. Com isso, instituições de grande porte, nobres, mecenas e outras personalidades acabavam por financiar, ao menos em parte, as despesas gráficas, mesmo antes da obra estar pronta⁶.

Esse detalhe tornou-se elemento de grande importância na logística e nos preparativos de viagem. Era uma grande vantagem, ao explorador, ter conhecimento prévio sobre as condições econômicas, sociais, biológicas, climáticas e inúmeras outras, antes de se aventurar em regiões totalmente desconhecidas. Agora as expedições poderiam ser planejadas com alguma antecedência, prevendo grande parte do percurso a ser seguido e, naturalmente, os melhores pontos para estabelecer as bases principais, a partir das quais realizariam incursões pelo interior a dentro.

Se falamos em planejamento, somos forçados a pensar inicialmente em deslocamento, o que incluía a necessidade de grandes portos associados à boa conservação dos caminhos existentes e à disponibilidade de animais de carga a preços acessíveis e em excelentes condições físicas. Nesse aspecto, introduz-se outro determinante: o transporte, haja vista que as principais formas de deslocamento por

⁶ Nas obras narrativas de viagem de Karl von Martius e Johann B. von Spix, além daquela produzida pelo Príncipe de Wied-Neuwied, os nomes desses “investidores” são claramente mencionados, inclusive com o número de exemplares solicitado.

terra no Brasil do Século XIX, eram por meio de animais de carga (equinos e muares) quando por terra.

Sob esse sentido, acabaram ocorrendo muitíssimas coincidências nos itinerários de várias expedições estrangeiras ao Brasil e isso se deveu não exclusivamente por eventuais intercâmbios anteriores mas, particularmente, pela restrição de linhas de deslocamento (caminhos coloniais) e de pontos de partida ou chegada (capitais de províncias e de comarcas, portos, “registros de cavalgaduras” etc.). Esse limitante, associado ao evidente temor por hostilidades dos índios, fizeram com que as expedições – via de regra – não se aventurassem em demasia pelo interior.

O padrão geográfico da maior parte das expedições ao Brasil, ficou então, concentrado em linhas de itinerário comuns a quase todos os naturalistas que as empreenderam. Aparentemente, acabaram por ser visitados os locais já antes estudados, propiciando resultados muitas vezes coincidentes.

Esse é um dos motivos pelos quais o Paraná hospedou tão pequeno número (e em tão restrita área geográfica, concentrada na metade oriental do Estado) de exploradores estrangeiros nas primeiras décadas do Século XIX, situação repetida em outras regiões do Brasil como o interior do Nordeste e o pantanal sul-matogrossense. E isso aconteceu porque todos os caminhos disponíveis, no estado, estavam restritos à região leste, a partir da cidade paulista limítrofe de Itararé, pelos Campos Gerais, depois Curitiba e o litoral. Investir pelo interior adentro, sabidamente repleto de índios hostis, era uma temeridade a ser, com raras exceções, evitada.

Aspecto interessante é a coincidência da presença de visitantes estrangeiros exatamente no início dos processos de Independência do Brasil e também os movimentos

separatistas da Província do Paraná, nesse caso iniciados já em 1821 e apenas findados, com a sua emancipação, em 1853. Nesse ínterim, algumas manifestações causaram situações políticas conturbadas, algumas delas belicosas⁷, inclusive a Guerra da Cisplatina (1825-1828) e, pouco depois, a Revolução Farroupilha (1835-1845), da qual o Paraná participou indiretamente.

Como se poderia esperar, esse período foi extremamente conturbado (ou melhor, incerto), dos pontos de vista político e social e não tinha como deixar de refletir sobre as condições encontradas pelos naturalistas viajantes que, sob proteção da coroa, encontravam uma série de restrições – eventualmente hostis – por parte dos movimentos populares de oposição ao sistema vigente.

Antes da Independência, os anseios de Portugal com relação ao Brasil, voltavam-se diretamente ao conhecimento dos recursos naturais de que dispunha e isso se projetava no interesse técnico, utilitarista e econômico. Preservadas as devidas proporções, então, observa-se que se mantinha a mesma política central estendida desde o tempo do Descobrimento. Em termos gerais, já soberano, o Brasil acabou mantendo grande parte dessa política que, afinal, era uma tendência mundial de interesse por um conhecimento mais profundo acerca dos recursos naturais. A própria participação, nos círculos do poder local, de intelectuais do porte de Leopoldina, José Bonifácio e, posteriormente do próprio Pedro II, tiveram influência notável nessa tendência.

No Paraná, uma vez concluído o ciclo da mineração, os reflexos dessa política se estenderam basicamente sobre duas matérias-primas abundantes e de grande interesse extrativista: o pinheiro-do-paraná e a erva-mate.

⁷ Assim como também a Revolução Liberal portuguesa (1820) e o retorno de Pedro I a Portugal, culminando na Guerra Civil portuguesa (1832-1834) e várias rebeliões envolvidas em disputas pela coroa.

Para inaugurar os esforços oficiais pela descoberta da biodiversidade, a coroa portuguesa – e consecutivamente, o Brasil independente – não possuía recursos humanos, leia-se estudiosos e colecionadores de naturália devidamente habilitados. Assim, a presença de naturalistas de outros países, que trabalhassem arduamente em colher amostras e principalmente que publicassem seus resultados, passou a ser uma vantagem estratégica e pouco onerosa. É nesse contexto que entram, no cenário paranaense, as presenças de Auguste de Saint Hilaire (no Paraná em 1820), Johann B. von Natterer e seu auxiliar Dominik Sochor (entre 1820 e 1821), dois membros da Expedição Langsdorff: Aimée Adrien Taunay e Ludwig Riedel (1826) e Friedrich Sellow (1828).

Pouco a pouco, graças à política joanina expressa logo depois da chegada da família real, esse panorama foi se modificando gradativamente. A coroa portuguesa a partir da segunda década do Século XIX, acabou por aumentar suas pretensões, de forma explícita, ao reconhecimento e colonização das terras ainda desconhecidas do interior do Brasil. A ideia era, então, povoar o país, basicamente visando à proteção de suas fronteiras.

O percorrimto de vastas extensões de terras inabitadas, como resultado do trabalho desses naturalistas, gerou – como se era de esperar – uma noção muito mais robusta das condições geográficas, naturais, hidrográficas e geomorfológicas do Brasil. Era o momento certo para dar início a um grande plano de comunicação entre as regiões, paralelamente ao seu povoamento resumido em duas frentes de ação: estabelecimento de vias de ligação rodoviária e fluvial e estímulo aos processos de imigração estrangeira.

Com isso, o denominado Período de Natterer (Straube & Scherer-Neto, 2001) mereceu ser subdividido em duas partes: uma delas mostrando um Brasil colonial com

vistas ao diagnóstico de sua flora, fauna e dos recursos minerais e outra, que ressuscita a importância de outro foco, mais voltado à comunicação entre regiões estratégicas e seu consecutivo povoamento⁸.

Rigorosamente falando, é neste primeiro momento que se pode falar de inauguração das Ciências Naturais no contexto estadual paranaense.

⁸ Sem comprometer a linha desse raciocínio, o Período de Natterer, nesta coleção, é subdividido em três livros, única e exclusivamente por questões de adequação editorial.

Cronologia

- 1818** É fundado, no Rio de Janeiro, o Museu Real, depois Museu Imperial e Nacional (1824) e, enfim, Museu Nacional (1890), denominação usada até os dias atuais, em que se encontra sob a tutela da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 1818** Como secretário da delegação alemã chefiada pelo conde von Flemming, chega ao Brasil o diplomata e zoólogo alemão Ignaz Franz Werner Maria Olfers. Interessado nas questões de história natural e depois associado a Sellow e ao Príncipe de Wied-Neuwied, retorna à sua pátria em 1821.
- 1818** Nascimento de JOHANN JAKOB VON TSCHUDI.
- 1818** Em Varsóvia tem início a coleção de aves do então Museu e Instituto de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências, mediante a compra de 20.000 exemplares do acervo particular de Sylwiusz Minckwitz pelo então Gabinete de Zoologia da Universidade Real de Varsóvia.
- 1819** Giuseppe Raddi publica *“Di alcune specie nuove di rettili i piante brasiliane”*, com base no material colecionado durante sua participação na Missão Austríaca ao Brasil.
- 1819** Coenraad J. Temminck adquire, por compra, uma

parte do acervo colhido e mantido em coleção particular por William Bullock. Com isso, a coleção do Museu de Leiden (Holanda) tornou-se uma das maiores em todo o mundo. Uma outra fração deste material foi comprada por William Elford Leach, que a destinou ao Museu Britânico.

1820 Temminck assume a direção do Museu Imperial de Leiden (Holanda), incorporando todo o seu riquíssimo acervo particular e também aquele que era mantido no Museu Real de Amsterdã. Neste mesmo ano, com a ajuda de seu assistente Heinrich Kuhl, inicia a publicação da obra ***“Nouveau Recueil de Planches Coloriées d’oiseaux...”*** (1820-1836), uma continuação aos *“Planches enluminées”* de Buffon, organizado por Daubenton. Os últimos volumes (até 1839) foram continuados por Guillaume Michel Jérôme Meiffren Laugier, Barão de Chartrouse.

1820 No Paraná, inicia-se o “Ciclo da Erva-Mate”, período de grande expressividade no cenário estadual e nacional que, por mais de um século, movimentou altíssimas cifras de exportação e relacionamento econômico com os países latinos.

1820 Johann C. Mikan inicia a publicação de seu ***“Delectus florae et faunae brasiliensis”*** com parte de suas observações de campo durante sua participação na Missão Austríaca ao Brasil e que reúne quatro volumes (hoje raríssimos) concluídos em 1825.

- 1820** O Príncipe de Wied-Neuwied publica o primeiro volume (o segundo sairia no ano seguinte) do “***Reise nach Brasilien***”, relatando os detalhes de sua viagem ao Brasil.
- 1820** No mês de janeiro, AUGUSTE DE SAINT HILAIRE chega ao Paraná, por Itararé (São Paulo).
- 1820** Em setembro, JOHANN NATTERER adentra o território paranaense junto com seu auxiliar FERDINAND DOMINIK SOCHOR. No mesmo ano separam-se em Curitiba: o primeiro segue para o litoral (até 1821) e o segundo retorna para Ipanema.

1820

AUGUSTE DE SAINT HILAIRE

AUGUSTE FRANÇOIS CESAR PROUVENÇAL DE SAINT HILAIRE⁹ (n. Orléans, França: 4 de outubro de 1779; f. Orléans, França: 3 de setembro de 1853) foi um naturalista destacado na região francesa que celebrou Joana d’Arc, a heroína da Guerra dos Cem Anos. Além de cavaleiro de honra da Ordem de Cristo e da Cruz do Sul (França), era membro de incontáveis instituições científicas de sua época. No frontispício de suas obras isso era notadamente exibido: membro da Academia Real de Ciências da França¹⁰, professor da Faculdade de Ciências de Paris, sócio das academias científicas de Berlim, São Petersburgo, Lisboa, da Sociedade Lineana de Londres, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, das sociedades de História Natural de Boston e de Genebra, sociedades Botânica de Edimburgo, Médica do Rio de Janeiro, Filomática de Paris, de Ciências de Orleans, “etc”.

Sua visão da História Natural era totalmente diversa de tudo aquilo que se praticava no mundo “civilizado” europeu dos séculos XVIII e XIX, posto que focalizava não apenas os aspectos filosóficos de sua especialidade. Segundo Kury (2002), a vertente romântica da História

⁹ A maior parte dos autores referem-se ao primeiro nome do naturalista como Auguste. Na folha de rosto de sua obra *Flora Brasiliae Meridionalis* de 1825, consta “Augusto DE SAINT HILAIRE”, na forma latina. Na dedicatória, contudo, aparece a grafia que deve ser a preferida por ele: “Auguste de Saint Hilaire”. Há, ainda, quem utilize “Augustin”.

¹⁰ Efetivado em 1830, ocupando nada menos do que a vaga de Jean Baptist de Lamarck (1744-1829)!

Natural fundada, entre outros, por Humboldt, e por ele adotada, considerava essa ciência como algo prático, voltado para a satisfação das necessidades das populações europeias e para o fortalecimento material e simbólico na nação que representavam.

Essa tônica sempre foi lembrada em seus estudos, incluindo vários títulos publicados mesmo antes de ter a oportunidade de viajar ao Brasil e que se somavam à sua educação, parcialmente levada a efeito na Alemanha. Mantinha, além disso, relações com Antoine Laurent Jussieu, Augustin Pyramus de Candolle e Félix Dunal e partilhava de muitas ideias de Goethe e Rousseau¹¹.

A noção utilitarista da natureza, de acordo com as próprias palavras de Saint Hilaire, chegava a alguns extremos que, nos dias de hoje, poderiam ser considerados verdadeiras heresias pelos ambientalistas:

“Se alguns exemplares dos meus relatos resistirem ao tempo e ao esquecimento, as gerações futuras talvez encontrem neles informações de grande interesse sobre essas vastas províncias, provavelmente transformadas, então, em verdadeiros impérios [...]. Ficarão surpreendidos ao verificarem que, nos locais onde se erguerão cidades prósperas e populosas, havia outrora apenas um ou dois casebres que pouco diferiam das choças dos selvagens; que onde estarão retinindo nos ares os ruídos dos martelos e das máquinas mais complexas ouviam-se apenas, em outros tempos, o coaxar de alguns sapos e o canto dos pássaros; que, em lugar das

¹¹ Apesar da formação erudita e extensa de Saint-Hilaire, que não se confunda o naturalista em questão com seus homônimos que, com ele não tinham nenhum parentesco: Etienne e Isidore Geoffroy de Saint Hilaire (pai e filho, respectivamente), ambos autores de vastíssima obra zoológica e também em outros campos das ciências naturais.

extensas plantações de milho, de mandioca, de cana-de-açúcar e das árvores frutíferas, o que haviam eram terras cobertas por uma vegetação exuberante, mas inútil” (Saint-Hilaire, 1847: prefácio).

É curioso que, embora seja grandemente lembrado no Brasil – há, por exemplo, um busto em sua homenagem no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Sampaio, 1928) – o naturalista é pouco conhecido na França, numa situação totalmente diferente da que acontecia em sua época, quando possuía enorme prestígio científico e político nos altos círculos da aristocracia parisiense (Kury, 2002).

Sua conexão com o Brasil surgiu como decorrência das tantas atribulações que marcaram o auge e o fim do império napoleônico. Isso porque um dos primeiros atos de D. João, ao estabelecer a sede do governo português no Brasil, foi a anexação da então colônia da Guiana Francesa, em 1809, como represália à invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte.

Sete anos depois, a pedido de Luís XVIII (recém reposto rei da França, com a deposição de Napoleão), o Grão-duque de Luxemburgo¹² dirige-se ao Brasil – no ano de 1816 – como embaixador extraordinário, na tentativa de um acordo diplomático¹³. Nessa comitiva estava Auguste de Saint Hilaire, financiado pelo Ministério do Interior por ser um dos grandes intelectuais europeus, na época interessado em investigar principalmente a flora do Novo Mundo (Kury,

¹² Willem Frederik van Oranje-Nassau (no Brasil: Guilherme I), rei do Reino Unido dos Países Baixos que, entre 1815 e 1839, incluía o grão-ducado de Luxemburgo.

¹³ Não obstante pareça sugestivo pela coincidência de nação e datas, Saint Hilaire não veio ao Brasil com a “Missão Artística Francesa” (1816) que consagrou o pintor Jean Baptist Debret. Esse erro eventualmente aparece na literatura; vide Eyriès & Malte-Brun (eds., 1823).

2002). Junto com ele veio Pierre Antoine Delalande¹⁴, que ficou restrito aos arredores do Rio de Janeiro, estudando principalmente beija-flores, seu maior interesse (Sick, 1997). Este último permaneceu no Brasil apenas por alguns meses, retornando a Paris com a mesma comitiva que o trouxera, e seu material foi estudado por Louis J. P. Vieillot (Nomura, 1997).

Ao contrário de seu colega, Saint Hilaire aqui permaneceu por quase sete anos, quando teve a oportunidade de visitar todos os estados do Sudeste e do Sul do país. Embora tivesse o expresso encargo de substituir Delalande (inicialmente com o auxílio do preparador Yves Prégent¹⁵) na tarefa de colecionamento zoológico¹⁶, costuma-se dizer que foi pouco o que o viajante francês contribuiu com essa ciência, tanto menos com a ornitologia. Segundo Pinto (1979), por exemplo:

“...foi relativamente pequeno o proveito de tão grande esforço para o levantamento avifaunístico da zona percorrida, por haver-se sempre o colecionador, ao que parece, descuidado de anotar a procedência precisa de seus espécimes, bem como a data da respectiva coleta, pormenor que, no caso, seria de particular utilidade. Em consequência, raros são os exemplares de Saint-Hilaire de que ficou lembrança duradoura na história da nossa

¹⁴ Esse mesmo naturalista era o preparador oficial de Etienne Geoffroy de Saint Hilaire. Ambos estavam presentes quando do famoso saque ao Museu d'Ajuda (Portugal), em 1808, por ocasião da invasão dos exércitos de Napoleão (Pinto, 1979).

¹⁵ Prégent faleceu antes da chegada da expedição ao Paraná, precisamente em 7 de março de 1819, em São João del Rey (Minas Gerais). Consta que um dos auxiliares de Saint Hilaire, de nome José Mariano, teria tomado o encargo da preparação das peles (Saint-Hilaire, 1847:113).

¹⁶ São realmente muito frequentes, na História da Zoologia, os exemplos de naturalistas mais dedicados à botânica mas que obtiveram expressivas coleções zoológicas, notavelmente de avifauna (Stowell, 1990).

Ornitologia, havendo faltado até quem estudasse devidamente as coleções por ele encaminhadas ao museu de Paris”.

Ocorre que Saint Hilaire se diferenciava notavelmente de muitos outros viajantes contemporâneos porque era, de fato, um cientista. E, desta forma, sabia exatamente o que já havia sido estudado e o que já era conhecido e descrito. Possuía um vastíssimo conhecimento de História Natural e particularmente de Botânica¹⁷, mas também de epistemologia e outros temas pouco conhecidos na época (Sampaio, 1928). Com isso, teria evidente noção de que estudos zoológicos feitos com muito mais interesse e disposição já estavam bem encaminhados e prontos para serem publicados, dentre eles os resultados das viagens do Barão de Langsdorff, do Príncipe de Wied-Neuwied¹⁸ e mesmo de Friedrich Sellow. Dessa forma, ele acaba mais suprimindo a lacuna deixada por Delalande do que propriamente demonstrando interesse em se destacar como colecionador de animais.

Mas não é essa a avaliação que se faz sobre seu legado à Botânica (Stafleu & Cowan, 1983): Saint Hilaire tinha especial interesse pelas plantas, conforme atestam suas correspondências encaminhadas ao Museu de História Natural de Paris, particularmente ao amigo curador Joseph Philippe François Deleuze (1753-1835). E é por esse motivo que sua valiosa contribuição ao conhecimento da flora do Brasil, que soma a descrição de mais de 1.500 espécies de plantas, foi comparada à de Karl von Martius, personagem

¹⁷ Um de seus artigos, por exemplo, foi publicado (Saint-Hilaire, 1818) quando ainda estava em peregrinação pelo Brasil. Isso prova que seu interesse e dedicação pela Botânica, do ponto de vista científico, era anterior à sua viagem.

¹⁸ Ao menos na obra de 1851, Saint Hilaire menciona Spix, Martius e o Príncipe de Wied-Neuwied seguidas vezes, não obstante esses exploradores jamais tivessem adentrado o Paraná.

sempre lembrado. Dentre sua produção constam revisões sobre cucurbitáceas, passifloráceas, poligaláceas, mirsináceas, sapotáceas, primuláceas, lentibulariáceas e os famosos livros “*Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*” (Saint-Hilaire, 1824a), “*Plantes usuelles des Brésiliens*” (Saint-Hilaire, 1824b) e sua obra-maior “*Flora Brasiliae Meridionalis*” em coautoria com Antoine Laurent de Jussieu e Jacques Cambessèdes, publicada em três volumes entre 1825 e 1833 (Saint-Hilaire, 1825; Saint-Hilaire *et al.*, 1829, 1852; Urban, 1908).

De fato, há uma nítida distinção nos trabalhos “antes e depois” de suas viagens e que foram publicados nos *Annales* e nas *Memoires du Museum d’Histoire naturelle* de Paris¹⁹. A contribuição do naturalista, pode-se dizer, revolucionou o conhecimento da distribuição geográfica, classificação, organografia, fisiologia e vários outros campos da Botânica. Isso porque, ele tinha plena noção da envergadura de sua contribuição e, com isso, soube entregar seu material para as pessoas certas, no momento certo. Só nas 545 páginas do 12º volume do *Memoires* (1825), e isso sem considerar os seus dois artigos ali publicados, ele é citado 25 vezes em estudos sobre plantas e insetos.

Além de sua participação como colaborador para estudos de outros cientistas, ele próprio publicava os assuntos de seu interesse e muitos – mas não todos – artigos que produziu, basearam-se em suas viagens pelo Brasil. É notável, desta forma, que nos vinte primeiros volumes do *Memoires*, Saint-Hilaire assina nada menos do que 30 artigos científicos, muito mais do que grandes autoridades

¹⁹ Já em 1818, Auguste é citado em um pequeno manual denominado *Instrutions sur les recherches qui pourroient être faites dans les Colonies, sur les objects qu’il seroit possible d’y recueillir, et sur la manière de les conserver et de les transporter* (Richard, 1818:227): “Nous en avons aussi beaucoup du Brésil: et nous sommes sûrs que le zèle de M. Auguste de St.-Hilaire nous procurer a une multitude d’objects nouveaux”.

da época vinculadas ao museu de Paris, como Jussieu e seu quase-homônimo Geoffroy de Saint Hilaire.

Uma lista completa de todas as suas produções ainda não existe, mas dentre os livros há excelentes fontes nos encartes de Saint-Hilaire (1940), com anotações, adições e comentários preciosos de Rubens Borba de Moraes.



Auguste de Saint-Hilaire, litogravura (Fonte: Saint-Hilaire, 1940).

Um dos legados mais valiosos de Saint-Hilaire e até certo ponto subestimado em pesquisas históricas, alude à erva-mate. Essa planta, de amplíssima utilização até os dias de hoje no Sul (e parte do Centro-oeste) do Brasil, foi um dos mais importantes elementos comerciais sulamericanos desde tempos recuadíssimos que antecedem ao

Descobrimento. No entanto, não havia ainda recebido a devida atenção por parte dos cientistas, tanto que cabe a Saint Hilaire (1822:351, rodapé) a sua descrição original, baseada em um exemplar colecionado “*Bois près Curitiba*” (“mata próxima de Curitiba”), hoje depositado no museu de Paris.

Naquele que corresponderia ao batismo científico da planta ²⁰, Saint-Hilaire (1822:350-351) assim a contextualiza²¹:

“Une plante non moins intéressante croît en abondance dans les bois voisins de Curitiba; c’est l’arbre connu sous le nom d’arnore do mate ou da congonha, qui fournit la fameuse herbe du Paraguay. Comme les circonstances politiques rendoient alors presque impossibles les communications du Paraguay proprement dit avec Buenos-Ayres et Montevideo, on venoit de ces villes chercher le mate à Parannagua, port voisin de Curitiba. Les Espagnols-Américains, trouvant une grande différence entre l’herbe préparée au Paraguay et celle du Brésil, prétendoient que celle-ci étoit fournie par un autre végétal. Des échantillons que j’avois reçus du Paraguay me mirent en état de signaler aux autorités brasiennse l’arbre de Curitiba comme parfaitement semblable à celui du Paraguay; et leur identité m’a encore été plus évidemment démontrée lorsque j’ai vu moi-même les quinconces d’arbres de mate plantés par les jésuites dans leurs anciennes missions. Si donc le mate du Paraguay est supérieur pour la qualité à celui du Brésil, cela tient uniquement à la différence des procédés

Uma planta não menos interessante cresce em abundância nas matas vizinhas a Curitiba; é uma árvore conhecida pelo nome de árvore do mate ou da congonha, que fornece a famosa erva do Paraguai. Visto que as condições políticas tornaram impossíveis as comunicações do Paraguai propriamente dito com Buenos Aires e Montevideu, restou-nos apenas a possibilidade de procurar pelo mate em Paranaquá, um porto vizinho a Curitiba. Os hispano-americanos, descobrindo uma grande diferença entre a erva preparada no Paraguai e aquela do Brasil, sugerem que o mate daqui seja originário de outro vegetal. As amostras que eu havia recebido do Paraguai me fizeram destacar às autoridades brasileiras que a árvore de Curitiba é perfeitamente semelhante àquela do Paraguai; e sua identidade foi ainda mais claramente demonstrada quando me deparei com as touceiras de árvores plantadas pelos jesuítas em suas antigas missões. Se a qualidade do mate paraguaio é melhor do que o do Brasil, isso se deve apenas à diferença nos processos empregados na preparação da planta. Até

²⁰ A denominação provém da forma latina para o topônimo Paraguai, ou seja, *Paraguarius*, formando *paraguariensis*, que suscita inadvertidos erros de grafia, acreditando-se ser “correta” a apresentação mais comum do gentílico (*paraguayensis*). Uma outra etimologia, tentativa, foi apresentada por Zatti (2011) como alusão ao Rio dos Papagaios, na região dos Campos Gerais paranaenses. Até os anos 90, havia uma notável confusão com a autêntica espécie de erva-mate e a congonha (*Ilex theezans*), antes consideradas sinônimos, inclusive com o uso da grafia *Ilex paraguayensis* por vários estudiosos, dentre eles Aimé Bonpland (Gilberti, 1990).

²¹ Texto idêntico foi publicado na introdução de Saint-Hilaire (1824:xli).

que l'on emploie dans la préparation de la plante. Jusqu'ici les auteurs ont été peu d'accord sur le genre auquel il faut la rapporter; l'ayant trouvée avec des fleurs et des fruits, j'ai pu l'analyser, et dans un mémoire que je me propose de soumettre à l'Académie sur le végétal dont il s'agit, il me sera facile de démontrer qu'il appartient au genre *ilex*”.

agora, os autores foram pouco concordantes acordo sobre o gênero taxonômico a que se deveria incluí-la a planta; tendo-a encontrado com flores e frutas, eu pude analisá-lo e, em uma memória que me proponho a apresentar à Academia [de Ciências Naturais de Paris] sobre ela, me será fácil demonstrar que pertence a gênero *Ilex*.

Quanto ao material não botânico – animais, minerais e itens etnográficos – Saint Hilaire apenas o deixou à disposição dos naturalistas do museu, para que os estudassem (Kury, 2002). Talvez por isso é que a importância de seu legado tenha sido de certa forma subestimada pelos zoólogos, afinal, os espécimes por ele coletados foram estudados, antes mesmo de seu retorno, por estudiosos do porte de Lesson, Vieillot e Temminck.

A verdade é que a coleção de aves de Saint Hilaire chegou a quase 460 espécies, sendo uma parte dos exemplares preparados para exposição, outra em posição científica (J. Cuisin, 1997 *in litt.*) e destoa, desta forma, do volume florístico²².

Adequando-se as informações de Sampaio (1928) com aquelas enviadas por Jacques Cuisin (*in litt.*, 1997), curador do atual *Laboratoire de Mammifères et Oiseaux* do museu de Paris, teríamos: 2.000 espécimes de 451 espécies de aves. O número preciso, porém, é informado pelo próprio Saint-Hilaire (1822:380) em nota de rodapé: “*Les oiseaux à 2005, les insectes à 16000, les quadrupèdes à 129, les reptiles à 35, etc.*”.

²² O valor de plantas colecionadas é controverso: Sampaio (1928) calcula em cerca de 7.600 exsiccatas e Dwyer (1955) estima que foram pelo menos 30.000, das quais apenas uma pequena parte foi encaminhada para museus outros que o de Paris e o de Montpellier. Para este mesmo autor “*this has contributed to the failure of many modern monographers of Brazilian plants to cite St. Hilaire material*”. Nenhum dos autores, porém, considerou a primeira notícia publicada sobre a viagem, de autoria do próprio Saint-Hilaire (1822:380): “*Le nombre des plantes en particulier s'élève à environ sept mille; [...]*”.

Trata-se, desta forma, de uma contribuição muito expressiva, levando-se em consideração o tempo em que se dedicou – e secundariamente – às aves. Tendo chegado ao Brasil em 1º de junho de 1816 e deste país retornado à França em 4 de maio de 1822, pode-se estimar que colecionou, preparou e rotulou em média um exemplar de ave por dia, cifra essa que, se não pode ser comparada à atingida por Johann Natterer, é – sem sombra de dúvida – considerável²³.

Uma pequena parte das espécies por ele colecionadas no Brasil pode ser resgatada com base em Pelzeln (1871) e nos “catálogos de Hellmayr” (Cory, 1918 e subsequentes), sendo claro que obteve várias aves comuns mas também outras, de média a grande importância para a Ornitologia brasileira:

<i>Rhea americana</i>	<i>Rhynchotus rufescens</i>
<i>Taoniscus nanus</i>	<i>Rollandia rolland</i>
<i>Elanus leucurus</i>	<i>Rostrhamus sociabilis</i>
<i>Parabuteo unicinctus</i>	<i>Accipiter bicolor</i>
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	<i>Geranoaetus coronatus</i>
<i>Micrastur ruficollis</i>	<i>Falco rufigularis</i>
<i>Nycticyphes semicollaris</i>	<i>Uropelia campestris</i>
<i>Tyto alba</i>	<i>Neomorphus geoffroyi</i>
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	<i>Ara ararauna</i>
<i>Cypseloides senex</i>	<i>Colibri serrirostris</i>
<i>Galbula ruficauda</i>	<i>Sakesphorus cristatus</i>
<i>Thamnophilus capistratus</i>	<i>Schoeniophyllax phryganophilus</i>
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	<i>Lochmias nematura</i>
<i>Alectrurus risorius</i>	<i>Knipolegus cyanirostris</i>
<i>Knipolegus lophotes</i>	<i>Tyrannus melancholicus</i>
<i>Tachuris rubrigastra</i>	<i>Serpophaga subcristata</i>
<i>Schiffornis virescens</i>	<i>Neopelma aurifrons</i>
<i>Procnias nudicollis</i>	<i>Pheugopedius genibarbis</i>

²³ Estimamos que Saint Hilaire permaneceu 2163 dias no Brasil. O cálculo chega a 0,93 exemplares de aves coletados e preparados por dia. Também observa-se interesse por coleções seriadas: são quase 4,5 exemplares por espécie amostrada.

<i>Cistothorus platensis</i>	<i>Turdus flavipes</i>
<i>Tangara peruviana</i>	<i>Cypsnagra hirundinacea</i>
<i>Orchesticus abeillei</i>	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>
<i>Pseudoleistes virescens</i>	<i>Paroaria dominicana</i>
<i>Sicalis luteola</i>	<i>Sporophila nigricollis</i>
<i>Embernagra platensis</i>	<i>Icterus jamacaii</i>

Em algumas situações, registros de ocorrência importantes, embora não acompanhados de exemplares, podem ser colhidos em suas obras. É o caso do mutum-do-sudeste (*Crax blumenbachii*), no vale do Jequitinhonha (Minas Gerais) (Saint-Hilaire, 1830) e das populações meridionais do guará (*Eudocimus ruber*) (Saint-Hilaire, 1822, 1851).

Uma das mais importantes menções nesse sentido e que ficou quase esquecida em sua obra, refere-se à enigmática arara-azul da praia de Itapirubá (Imbituba, litoral-sul de Santa Catarina) (Saint-Hilaire, 1851:377). Essa ave, por ele observada, mas apontada por nativos como comum, poderia ser a já extinta arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*) ou mesmo um tipo que simplesmente se extinguiu sem sequer ter sido descrito (Straube, 2010).

Além disso, Saint Hilaire foi o coletor de pelo menos cinco táxons válidos, descritos com base em seu material: *Crypturellus undulatus vermiculatus*, *Leucopternis lacernulatus*, *Leptasthenura setaria*, *Tangara cayana chloroptera* e *Poospiza cinerea*.

Levando-se em conta tais preleções, parece que sua participação na Ornitologia não foi tão pequena quanto se imaginava, situação que acabou se tornando repetitiva na literatura, por causa somente do desequilíbrio observado no seu legado para a Botânica. E ele próprio tinha alguma noção do valor de sua contribuição. No relatório

apresentado quando de seu retorno à França e submetido à Academia Real de Ciências de Paris²⁴ (Saint-Hilaire, 1940), pode-se notar os destaques atribuídos à expedição por parte da comunidade de zoólogos de Paris:

“3º - 2.005 aves formando 451 espécies, das quais 156 novas para as galerias do Museu. A maior parte delas nos fazem conhecer, melhor as espécies descritas por Azzara e facilitam os meios de classificá-las convenientemente no sistema ornitológico. Nesse número devem ser notadas a *chaja*, antes pouco conhecida, aproximada do *camichí*, do gênero *parra*; uma espécie de *rhyncheo*, que é o primeiro exemplo de uma espécie das Índias Orientais encontrada na América; o *cisne branco de pescoço preto do Paraguai*; o *psittacus hyacinthinus*, de que só existem dois ou três indivíduos nos Museus da Europa; a *águia coroad*a; várias espécies de *tangarás* conhecidas apenas por Azzara, bem como o *guyrayetapa* ou pequeno galo, assim chamado porque, do tamanho apenas de nossos pardais, tem a cauda erguida como a dos nossos galos domésticos.”

Embora essa tradução se distancie do formato tradicional de leitura ornitológica, pode-se verificar a evidência dada ao tachã (*Chauna torquata*)²⁵, ao cisne-de-pescoço-preto (*Cygnus melancoryphus*), à arara-azul-grande

²⁴ “Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les missions de Paraguay lu à l’Institut de France, Académie royale des Sciences. Paris, première de J. Smith, 1823, in-4º, 8 pg.” na tradução de Rubens Borba de Moraes, com notáveis equívocos de ortografia e denominações. Infelizmente não tivemos acesso à versão original francesa.

²⁵ Aqui a ave chamada de “*chaja*” é comparada à anhuma (*Anhima cornuta*), essa última efetivamente denominada “*camichi*” (cf. Goeldi, 1894:552).

(*Anodorhynchus hyacinthinus*), à águia-coroadada (*Geranoaetus coronatus*) e ao galito (*Alectrurus tricolor*). Essas aves eram pouco conhecidas nos círculos ornitológicos europeus e, embora não pareçam tão relevantes nos dias atuais, eram – de fato – alguns dos *highlights* da expedição ao Brasil.

Seus espécimes ornitológicos encontram-se, em grande parte, depositados no *Museum national d'Histoire naturelle* de Paris, mas é certo que ao menos uma parte dele tenha se dispersado por acervos de outros locais da França, consequência da doação a museus provinciais da França e mesmo comércio de peles, procedimentos que se instalaram naquela instituição até a década de 30 (J. Cuisin, 1997 *in litt.*). Talvez seja por essa razão que até hoje nenhuma revisão zoológica completa tenha sido feita e, pelos motivos acima citados, é provável que jamais o seja.

Há, no entanto, algumas pistas sobre aves como parte de seu protocolo de coletor em solo paranaense (Saint-Hilaire, 1851:150):

“Depuis mon départ de Castro, j'avais continué a recueillir des objets d'histoire naturelle. Avant de quitter Curitiba, j'adressai au sargento-mór José Carneiro deux caisses parfaitement soignées d'oiseaux et de plantes, et le priai de les faire passer au gouverneur de la province, João Carlos d'Oyenhausen”.

“Desde a minha partida de Castro, continuei a recolher objetos de história natural. Antes de deixar Curitiba, entreguei ao Sargento-mor José Carneiro duas caixas perfeitamente acondicionadas contendo aves e plantas, e pedi-lhe para encaminhar ao governador da província²⁶, João Carlos de Oyenhausen²⁷”.

No estado do Paraná, Saint Hilaire esteve entre a última semana de janeiro e a primeira semana de abril de 1820 (Urban, 1908). Uma de suas grandes contribuições está nas detalhadas descrições sobre aspectos sociais e

²⁶ Quando de sua viagem, a denominação ainda era “Capitania de São Paulo”, tendo sido a condição alterada pela reformulação do sistema político. A partir de 28 de fevereiro de 1821, todas as capitanias passaram a ser tratadas como províncias.

²⁷ João Carlos de Oyenhausen-Gravenburg, Marquês de Aracati (1776-1838).

fitofisionômicos dos locais visitados. Essas informações são até hoje consideradas por historiadores, sociólogos e mesmo em textos leigos de divulgação²⁸, razão pela qual ele se tornou, ao menos na capital paranaense, uma personalidade razoavelmente conhecida. Há em Curitiba, por exemplo, uma rua Saint Hilaire, em bairro nobre central e, no litoral-sul do estado, existe o Parque Nacional Saint Hilaire-Lange, unidade de conservação que também homenageia o biólogo curitibano Roberto Ribas Lange, falecido em 1993 (v. Straube, 1993).

O acervo ornitológico obtido no Paraná infelizmente não teve o mesmo uso que as plantas, sendo raras as menções aos exemplares por ele colecionados, ainda que algumas exceções devam ser abertas.

A primeira delas se relaciona com *Tyrannus albogriseus* Lesson, 1831, atualmente sinônimo-júnior de *Xolmis dominicanus* (Vieillot, 1823). Na descrição original (Lesson, 1831:383)²⁹, o autor não indica localidade de coleta mas Hellmayr (1927:13), que reexaminou o espécime, é bem claro: “*the type examined in the Paris Museum was obtained by A. de Saint Hilaire at Boavista, State of Paraná, Brazil*”.

Em seguida está *Synallaxis setaria* Temminck, 1824 (hoje *Leptasthenura setaria*), cuja localidade-tipo consta ser “*du Brésil, dans la Capitainerie de Saint-Paul*”. Esse mesmo autor (Temminck & Chartrouse, 1838) denominou a espécie como “*Synallaxe à filets*” (*Synallaxis* de “espinhos”) e adicionou: “*Cet autre Synallaxe nouveau que M. de Saint-Hilaire a le premier rapporté de l’Amérique*

²⁸ No ano de 2003 produziu-se o documentário “*O Brasil de Saint Hilaire: Campos Gerais do Paraná*”, iniciativa da cooperativa Cinema & Mídia Digitais, dirigido por Berenice Mendes. O filme, de 52 minutos, conta com a participação do ator e diretor paranaense Mauro Zanatta, que também tem o papel protagonista. As locações são feitas em Tibagi e Castro e retratam as condições encontradas pelo naturalista durante sua viagem pelo interior do Paraná.

²⁹ “17°. *Tyrannus albogriseus*. Blanc et gris de perle; ailes et queue noir intense”

méridionale, est bien caractérisé par le filets allongés dont les deux pennes du milieu de la queue sont terminées [...].” “Il vit au Brésil, dans la capitainerie de Saint-Paul et probablement dans quelques autres districts. Musée de Paris”³⁰.

Posteriormente a localidade foi refinada para “*Castro, State of Paraná*” (Ménégaux & Hellmayr, 1906; Hellmayr, 1906, 1925:70), sob argumentação indicada por Hellmayr (1906:332):

1. *Mus. Paris (mounted). Adult, labelled as follows: ‘ Mr. St.Hilaire, Brèsil, près Casto, capt. De Saint Paul. Type de l’espèce’ ” [...] “The locality ‘Casto’ is evidently meant for Castro, in the state of Paraná, a province which formed part of the State S.Paulo at the time Aug. St.Hilaire travelled in South Brazil. It is strange that this bird has never been met with since its discovery; but still more remarkable is it that Natterer obtained in the state Parana another very distinct species, the type of which has also remained unique hitherto. This is [Leptasthenura striolata]”.*

“Mus[eu]. Paris (montado). Adulto, rotulado como se segue: ‘Sr. St.-Hilaire, Brasil, perto de Casto, capt. De São Paulo. Tipo da espécie’ “ [...] A localidade ‘Casto’ significa evidentemente Castro, no estado do Paraná, uma província que formava parte do estado de São Paulo no tempo em que St.Hilaire viajou pelo sul do Brasil. É estranho que essa ave não tenha sido reconhecida desde sua descoberta e mais ainda notável que Natterer tenha obtido no estado do Paraná uma outra espécie muito diferente, o tipo que se mantém único até hoje. Ele é *Leptasthenura striolata*”.

Por fim, há também *Tanagra chloroptera* (Vieillot, 1819), atualmente uma subespécie de *Tangara cayana* cujo tipo, segundo Hellmayr (1936:162), é proveniente de “*‘Brésil’ (type, collected by A. de Saint-Hilaire in southern Brazil, São Paulo or Paraná, examined in Paris Museum*”. Nesse caso, como visto, o espécime não pode ser atribuído ao Paraná, ainda que Pinto (1944:483) tenha sugerido explicitamente: “[...] *para local. típica sugiro Castro, no Paraná*”.

³⁰ “Esse outro *Synallaxis* novo, que o sr. Saint-Hilaire pela primeira vez reportou na América meridional, é bem caracterizado pelos ‘espinhos’ alongados das penas centrais da cauda, quando essa se apresenta completa [...]”. “Ele vive no Brasil, dentro da Capitania de São Paulo e provavelmente em quaisquer outros distritos. Museu de Paris”.



Leptasthenura setaria (Temminck, 1824) (abaixo), retratada com base no exemplar coletado em Castro por Saint-Hilaire (Temminck & Chartrouse, 1838: volume 3, prancha 311).

Segundo Miretzki (2001), tendo como localidade-tipo atribuída a “Curitiba”, graças às coletas de Saint-Hilaire, há também morcegos: *Plecotus velatus* (= *Histiotus velatus*) e *Nyctinomops brasiliensis* (= *Tadarida*

brasilensis), ambos descritos por Isidore Geoffroy de Saint Hilaire em 1824.

A segunda, e talvez mais importante série de contribuições de Saint Hilaire à avifauna do Paraná, alude às menções ao guará (*Eudocimus ruber*) em duas localidades estuarinas: uma delas no fundo da baía da Paranaguá, próximo à foz do rio Nhundiaquara e a outra na chamada ilha dos Guarás, situada nas adjacências da cidade de Guaratuba. Na primeira localidade, o naturalista descreve (Saint Hilaire, 1851:171):

*“Une foule d’oiseaux d’eau de diverses espèces cherchaient leur nourriture dans la fange, au milieu des Mangliers, et parmi eux il était impossible de ne pas distinguer le **guara** (Ibis rubra), qui vole par troupe, et dont le plumage couleur de feu produit dans l’air un effet charmant”.*

“Uma miríade de diferentes espécies de aves aquáticas que procuram comida no meio da lama no vasto manguezal e, entre elas, era possível distinguir o guará (*Ibis rubra*), voando aos bandos, cuja plumagem de cor incandescente produzia um efeito encantador”.

Para a ilha dos Guarás, Saint-Hilaire (1822:353) já havia mencionado a ave, mais de trinta anos antes de publicar a sua narrativa de viagem mais conhecida:

*“Le petit port de Guaratuba [nota de rodapé: Des mots indiens tuba, réunion, et guara, oiseau de mer], où je me rendis après avoir quitté Paranaguá, doit son nom à l’immense quantité d’ibis rubra, que l’on voit dans son voisinage. Depuis Santos, ce bel oiseau se trouve sur quelques points de la côte; mais on s’accorde à dire qu’il ne fait son nid que dans l’**île des Guaras**, située dans la Baie de Guaratuba”.*

“O pequeno porto de Guaratuba [nota de rodapé: da língua indígena *tuba*, reunião, e *guara*, pássaro do mar], onde eu saí para ir a Paranaguá, deve seu nome à grande quantidade de ibis rubra que pode ser vista na região. Desde Santos, essa ave pode ser encontrada em alguns pontos do litoral, mas é aí que ela faz seus ninhos, na Ilha dos Guarás, localizada na Baía de Guaratuba”.

No livro é que, de fato, o autor é ainda mais detalhista (Saint-Hilaire, 1851:203-204):

*“Les plus remarquables de toutes ces îles sont celle des **Perroquets**, ainsi appelée*

“As mais notáveis de todas essas ilhas é a do Papagaio, assim chamada porque a

parce que l'espèce n° 366-9 y est extrêmement commune; puis celle des Guarás, dont le nom est celui des oiseaux d'un rouge éclatant, qui font l'ornement le plus beau de cette partie du Brésil (Ibis rubra des naturalistes). Ces magnifiques oiseaux ne se trouvent pas uniquement à l'extrémité la plus méridionale de la province de S.Paul; on en voit à Paranaguá, à Santos, à Saint Catherine; mais on prétend qu'ils ne pondent que dans l'île porte leur nom. Depuis le mois d'août jusqu'à celui de novembre, ils s'y réunissent en troupes innombrables, ils font un nid sans art sur les branches des mangliers, et multiplieraient prodigieusement, si les vents ne renversaient une partie de leurs nids, si les oiseaux de proie ne dévoraient un grand nombre d'oeufs, et si les habitants du pays n'en enlevaient aussi pour en faire leur nourriture. Quand on effraye les guarás dans le temps de la ponte, ils abandonnent leurs oeufs; mais ils montrent un grand attachment pour leurs petits."

espécie n° 366-9 é extremamente comum e a [ilha] dos Guarás, cujo nome vem destas aves vermelho brilhantes, que é o mais belo ornamento desta região brasileira (*Ibis rubra* dos naturalistas). Essas aves magníficas não ocorrem apenas no extremo meridional da Província de São Paulo; são vistas em Paranaguá, Santos e Santa Catarina mas se estabelecem apenas nas ilhas que têm o seu nome. Desde agosto até novembro, elas reúnem-se em inúmeros bandos e fazem seus ninhos, sem nenhuma arte, nos galhos dos mangues; e poderiam se multiplicar prodigiosamente se os ventos não destruíssem uma parte de seus ninhos, se as aves de rapina não devorassem um grande número de ovos e se as pessoas que ali moram não os pegassem para comê-los. Quando se assustam, no período de postura, os guarás abandonam seus ovos mas, mesmo assim, mostram um grande apego por seus filhotes".

Pouco adiante (p.205) adiciona:

"Ce n'est pas seulement une petit île de la baie qui doit son nom aux guaras; la ville de Guaratuba elle-même leur est redevable du sien, car il est composé des mots guaranis guara et tîba, qui signifient réunion de guarás".

"Não é somente uma pequena ilha da baía que deve seu nome aos guarás. A própria vila de Guaratuba também deve-se a eles, formado pelas palavras guaranis *guara* e *tîba*, que significam reunião de guarás".

Além dos guarás, vale destaque também a menção ao papagaio-da-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) que, além de "extremamente comum", provavelmente reproduzia naquela região, fato que aparentemente não mais ocorre.

De uma maneira geral, informações particulares sobre aves na obra de Saint Hilaire são raras: em suas descrições de viagem, por exemplo na região dos Campos Gerais, ela ainda cita (Saint-Hilaire, 1851:18) a proteção

necessária por parte dos criadores de ovelhas contra os carcarás (*Caracara plancus*), cuidado esse tomado até os dias de hoje:

“Lorsque le brebis mettent bas, un petit nombre de propriétaires soigneux enferment les agneaux dans une étable pour les soustraire à la voracité des caracarás (2) [nota de rodapé: (2) “Les caracarás dont il s’agit ici me paraissent évidemment devoir être rapportés au *Falco Brasiliensis*, Lin. – Mx.Neuwied, *Beiträge*, III, 90”.], qui, dit-on leur mangent la langue”

“Na época de cria, alguns fazendeiros mais cuidadosos guardam os cordeiros num estábulo para protegê-los da voracidade dos carcarás (2) [nota de rodapé: (2) Os caracarás em questão parecem, obviamente, o *Falco brasiliensis*, Linnaeus – Wied, *Beiträge*, vol.3, p.90] que, como se diz, comem suas línguas”.

Além disso, ele era interessado também em línguística e na toponímia, sendo comuns as anotações sobre etimologia das localidades visitadas. Durante sua estada em Curitiba, por exemplo, quando se hospedou na casa do capitão-mor da vila, Antônio Ribeiro de Andrade, ele conheceu uma índia “coroadá” oriunda de “*Garapuáva*” (Guarapuava) que ali residia. Por seu intermédio, pôde coletar palavras daquela língua, dentre duas denominações de aves (Saint-Hilaire, 1851:143): “*Perdrix*, *Cuiupepê*. *Perroquet*, *Congiô* (*le dernier o très-ouvert*)”³¹.

Afora essas sutis intervenções sobre aspectos peculiares da avifauna paranaense, a contribuição mais importante para a zoologia local está na descrição dos locais visitados como ponto de passagem ou alojamento, incluindo distâncias entre eles. Com relação a esse cuidado, a sua obra passa a receber uma atenção especial, visto que permite o resgate de certas informações sobre trajetos percorridos por outros naturalistas contemporâneos como Natterer e Sellow,

³¹ Perdiz (*Rhynchotus rufescens*) ou talvez codorna (*Nothura maculosa*), *Cuiupepê*; Papagaio (*Amazona vinacea*), *Congiô* (a última [sílab]a muito aberta. Não há dúvida de que se refere à língua kaingang.

que passaram por muitos locais em comum e nem sempre claramente descritos por eles³².

Nesse sentido, o percurso da viagem de Saint Hilaire ao Paraná pode, de fato, ser facilmente reconstruído com base em sua obra (Saint-Hilaire, 1851), com as interpretações presentes em outros títulos revisivos (p.ex. Urban, 1908; Moreira, 1975).

Localidades (grafia original e atualização) e datas aproximadas de visita, no território paranaense e áreas limítrofes, pela Expedição de Saint-Hilaire ao Paraná (Saint-Hilaire, 1851). Asterisco indica localidade citada em Saint-Hilaire (1822) (Fontes: Saint-Hilaire, 1822, 1851 e Urban, 1908).

1820: depois de 24 de janeiro a antes de 27 de janeiro	
<i>Rivière du Tarerè*</i> ³³	Rio Itararé (divisa SP-PR)
<i>Rio-do-Funil*</i>	Rio do Funil (Sengés)
1820: 27 a 29 de janeiro	
<i>fazenda de Morangáva</i>	Fazenda Morungaba (Sengés) ³⁴
1820: 29 de janeiro a 7 de fevereiro	
<i>Rio Jaguaricatu</i>	Rio Jaguaricatu (Sengés) ³⁵
<i>Boa Vista</i>	Fazenda Boa Vista ³⁶ (Sengés)

³² É a mesma situação que se observa nos outros volumes de sua crônica de viagem, dividida em várias partes e que traz importantes descrições dos sítios amostrados e visitados, nas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e Rio Grande do Sul, além de fragmentos dedicados exclusivamente às nascentes do rio São Francisco e um único livro para as zonas diamantíferas e do litoral-sul brasileiro.

³³ A grafia usada por Saint-Hilaire (1822 e 1851) discorda nas duas obras. O termo “*hameau d’Itararé*” foi usado para indicar a cidade e a grafia “*Tarerè*” alude ao rio.

³⁴ Vide Lopes (2002) e Straube (2011b,c). Segundo Lopes (2002:14), quando Saint-Hilaire (e Natterer) visitou esse local, a propriedade (que media 4500 x 6000 braças) pertencia ao sargento-mor Manuel José Novais Dias, morador de Cotia (São Paulo). Segundo a mesma fonte, cinco anos depois (1825) a fazenda abrigava 700 cabeças de gado e 300 cavalos.

³⁵ Os atuais rios Jaguaricatu e Jaguariáiva eram tratados, no Século XVIII, como o mesmo rio, que tinha o nome de “rio Jaguari”. Mas, com o avanço do tropeirismo, seria útil diferenciá-los, em virtude do primeiro permitir a passagem das tropas, ao contrário do segundo. Por esse motivo, a denominação diferencial agregou os adjetivos indígenas “*catu*” (= bom) e “*aíva*” (= ruim) (Lopes, 2002:7).

³⁶ Essa era uma das propriedades do coronel Luciano Carneiro Lobo, por ele adquirida em 28 de janeiro de 1792. Em 1796, ele a vendeu para o capitão José Francisco Cardoso de Meneses, também proprietário da fazenda Limoeiro que, junto com a Boa Vista, formava um enorme latifúndio situado nos então chamados “campos da Boa Vista”, entre os rios

<i>Rio Jaguariaíba</i>	Rio Jaguariaíba (divisa Sengés-Jaguariaíba)
<i>Rio da Cinsa</i>	Rio das Cinzas (Arapoti)
<i>fazenda de Jaguariaíba</i>	Fazenda Jaguariaíba ³⁷ (Jaguariaíba)
<i>Porto do Jaguariaíba</i>	Rio Jaguariaíba, entre as fazendas Jaguariaíba e Boa Vista ³⁸ .
1820: até 9 de fevereiro	
<i>Invernada ou Fazenda de Cachambú</i>	Fazenda Caxambu (Castro) ³⁹
<i>Rio Cachambú</i>	Rio Piraí (Castro)
1820: depois de 9 de fevereiro, antes de 11 de fevereiro	
<i>fazenda do Tenente Fogaça</i>	Fazenda do Tenente Fogaça ⁴⁰
1820: 11 a 13 de fevereiro	
<i>Fortaleza</i>	Fazenda Fortaleza ⁴¹
<i>Serra da Pedra Branca</i>	Serra das Furnas (divisa Tibagi-Castro)
<i>l'embouchoure de l'Hyapó* ou Barra do Hyapó</i>	Foz do Rio Iapó no rio Tibagi (Tibagi)
<i>fazenda de Guartela</i>	Fazenda Guartelá (Tibagi) ⁴²
<i>sítio Igreja Velha</i>	Canyon Igreja Velha (Tibagi)
<i>Serra das Furnas</i>	Serra das Furnas (divisa Tibagi-Castro)
<i>ville de Castro</i>	Cidade de Castro
<i>Hyapó</i>	Rio Iapó, em Castro
<i>Currallinho</i>	Cidade de Carambeí

Jaguariaíba e Jaguaricatu (Lopes, 2002:23). Embora Saint Hilaire tenha se referido a Lobo como dono do imóvel, a fazenda – no momento de sua passagem pelo local – pertencia aos filhos de Manuel Lopes Branco e Silva, natural de Alcácer do Sal (Portugal) e residente em Paranaguá. Em 1833, uma parte (uma quarta parte) da fazenda Boa Vista (contígua à fazenda Jaguariaíba, nas margens do rio de mesmo nome) retornou às posses do coronel Luciano Lobo, agora com o nome de “fazenda do Postinho”, em virtude de ali existir um posto de pedágio (Lopes, 2002:29-30).

³⁷ Propriedade de “*le colonel Luciano Carneiro [Lobo]*”. A fazenda, por ele adquirida em 24 de outubro de 1795, era um imenso latifúndio (9000 x 15000 braças) entre os rios Jaguariaíba e das Cinzas. Em 1825, contava com 3 mil cabeças de gado, 300 cavalos, 90 mulas e 80 ovelhas. O coronel era sargento-mor de ordenanças em Castro, depois promovido a coronel agregado ao Regimento de Milícias de Curitiba (Lopes, 2002:63-69).

³⁸ “O rio Jaguariaíba não era vadeável e havia um porto para passagem de homens e mercadorias em canoas, que ficava entre as fazendas Boa Vista e Jaguariaíba” (Lopes, 2002:37). O local tinha um posto de pedágio (vide Natterer como “*Postinho*”) que, sob regime de concessão, era administrado pelo tenente José Carneiro Lobo, filho de Luciano.

³⁹ Antiga propriedade do “*M. Xavier da Silva*”, ou seja, Francisco Xavier da Silva, nascido em Casarica (Portugal) (1759-1829), avô paterno do homônimo (1838-1922), que foi presidente (governador) e senador do Paraná. A fazenda tinha 1500 x 3000 braças e fazia divisa (pelo rio das Cinzas) com a fazenda Jaguariaíba (Lopes, 2002:117). Embora pareça sugestivo, não tem nenhuma relação com o Parque Estadual de Caxambu, no município de Castro e banhado pelo rio Piraí.

⁴⁰ Era a histórica fazenda de Monte Negro, onde residia seu proprietário, o tenente Antônio Fogaça de Souza com seu irmão Miguel. Com 6000 x 9000 braças, fazia divisa com as fazendas Caxambu, Jaguariaíba, Currallinho e Furnas (Lopes, 2002:190-110).

⁴¹ A sede da fazenda Fortaleza, existente até hoje, é antiga propriedade de José Félix da Silva (“*M. José Felis da Silva*”) que, inclusive, ali o hospedou.

⁴² Hoje Parque Estadual do Guartelá.

<i>fazenda de Carambehy</i>	Cidade de Carambei
<i>Rio Pitangui</i>	Rio Pitangui (Ponta Grossa)
<i>fazenda de Pitangui</i>	Fazenda Pitangui (Ponta Grossa)
<i>Rio Tibagy</i>	Rio Tibagi (em Ponta Grossa)
<i>fazenda de Carrapatos</i>	Distrito de Guaragi (Ponta Grossa)
<i>Santa Cruz</i>	Faxinal Santa Cruz (Ponta Grossa)
<i>Rincão da Cidade [fazenda]</i>	Cidade de Palmeira
<i>Freguezia Nova</i>	Tamanduá (Balsa Nova)
<i>Caiaçanga</i>	Salto Caiaçanga no rio Iguaçu (Porto Amazonas)
<i>Rio Hyguaçu ou Rio Grande</i>	Rio Iguaçu (em Balsa Nova)
<i>Registro de Curitiba</i>	Registro de Curitiba (Balsa Nova)
<i>sítio d'Itaque</i>	Itaqui (Campo Largo) ⁴³
<i>Piedade</i>	Cidade de Campo Largo
<i>sítio de Ferraria</i>	Ferraria (Campo Largo) ⁴⁴
1820: 14 a 22 de março	
<i>ville de Curitiba</i>	Cidade de Curitiba
<i>Bacachiri, sítio</i>	Bairro Bacacheri (Curitiba)
1820: entre 22 de março e 1º de abril	
<i>Vila Velha</i>	Bairro Atuba (Curitiba), no lugar localmente conhecido como “vilinha”.
<i>fazenda de Borda do Campo</i>	Borda do Campo (Quatro Barras)
<i>Pão de ló</i>	Morro Pão de Ló (Quatro Barras)
<i>Boa Vista</i>	Morro Boa Vista (Quatro Barras)
<i>Marumbi</i>	Morro Marumbi (Morretes)
<i>Pinheirinho</i>	Pinheirinho (Morretes) ⁴⁵
<i>Porto</i>	Porto de Cima
<i>rivière de Cubatão</i>	Antigo “Rio Cubatão dos Três Morretes”, hoje rio Nhundiaquara
<i>village de Morretes</i>	Cidade de Morretes
<i>Serra-de-Paranagua*</i>	Serra do Mar
<i>sítio Camiça</i>	Camiça (foz do rio Nhundiaquara na baía de Paranaguá)
1820: até 3 de abril	
<i>ville de Paranagua (Parannagua*)</i>	Cidade de Paranaguá
<i>rivière de Paranaguá</i>	Rio Itiberê (Paranaguá)
<i>[île de] Cotinga</i>	Ilha da Cotinga
<i>Ilha Rasa</i>	Ilha Rasa
<i>Ilha do Mel</i>	Ilha do Mel
<i>Pontal de Paranaguá</i>	Cidade de Pontal do Paraná
<i>Rio do Matosinho</i>	Cidade de Matinhos
<i>Caióva</i>	Praia de Caiobá (Matinhos)
<i>Baia de Caióva</i>	Baía de Caiobá (Praia Mansa)
<i>Canal da Barra do Sul</i>	Porto da Passagem (divisa Matinhos-Guaratuba)

⁴³ Pertence a um capitão de milícias sr. Veríssimo (“*capitaine de milice appelé Verissimo*”).

⁴⁴ Hoje o distrito de Ferraria, outrora propriedade de “M.Inácio de Sá e Sotomayor”.

⁴⁵ Margem do rio Itupava.

1820: entre 3 e 7 de abril	
<i>ville de Guaratúba*</i>	Cidade de Guaratuba
<i>baie de Guaratúba</i>	Baía de Guaratuba
<i>Rio de São João</i>	Rio São João
<i>Rio de Cubatão Grande</i>	Rio Cubatão
<i>Rio de Cubatão Pequeno</i>	Rio Cubatãozinho
<i>Ilha dos Ratos</i>	Ilha dos Ratos (baía de Guaratuba)
<i>Ilha da Pescaria</i>	Ilha da Pescaria (baía de Guaratuba)
<i>[île des] Perroquets</i>	Ilha dos Papagaios (baía de Guaratuba)
<i>[dernier d']Araraquara</i>	Serra de Araraquara (divisa PR-SC)
<i>Morro de Caióva</i>	Morro Cabaraquara (Matinhos)
<i>Praia de Brajetúba</i>	Praia de Brejatuba (Guaratuba)
<i>Morro de Brajetúba</i>	Morro de Brejatuba (Guaratuba)
<i>[montagne] de Cavaracuara</i>	Serra do Cabaraquara
<i>Rio Sahi-mirim</i>	Rio Sai-guaçu (divisa PR-SC)

De antemão é importante lembrar que Saint Hilaire não tomou uma única direção a partir do caminho mais tradicionalmente utilizado entre Itararé e Curitiba. Ele de fato (Saint-Hilaire, 1851) refere-se a pelo menos dois desvios dessa rota usual, o que poderia causar alguns problemas de localização de topônimos de coleta. É por esse motivo que várias localidades não coincidem totalmente com aquelas visitadas por Natterer, como no caso da fazenda Guartelá, hoje parcialmente inserida em um parque estadual pertencente ao município de Tibagi (*cf.* Straube, 1993).

Por fim, é bom lembrar que em 1818 Saint Hilaire, quando estava na fazenda Ipanema, no interior de São Paulo⁴⁶, além de fazer grande amizade com Sellow, também encontrou-se com Natterer. É muito provável que com ele tenha discutido detalhes da viagem a ser continuada para sul e que incluiria todo o leste paranaense.

⁴⁶ Maior parte da chamada fazenda Ipanema, ou simplesmente “Ypanema”, situa-se hoje em dia na Floresta Nacional de Ipanema (Iperó, São Paulo). Ali estava a Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, oriunda de projetos siderúrgicos datados do Século XVI na região ferífera do morro do Araçoiaba. O local tem enorme importância na história das ciências biológicas e geológicas do Brasil, por ter sido ponto de convergência de vários naturalistas que ali se abrigavam, em preparativos para missões em outras regiões do País.

Mais concentrado em seu trabalho botânico, ele certamente sabia que não seria páreo, zoologicamente falando, para o naturalista que iria, cinco meses depois, percorrer a mesma região. Graças a essa notável conjuntura é que exatamente no mesmo ano de 1820 o Paraná pôde, de fato, inaugurar sua História Natural. E as circunstâncias do destino não podiam ser mais favoráveis: um botânico coletando eventualmente animais e, em seguida, um zoólogo obtendo primariamente aves e, secundariamente, outros itens de naturália.

1820 a 1821

JOHANN NATTERER e DOMINIK SOCHOR

JOHANN BAPTIST VON NATTERER (n. Laxenburg, Áustria: 9 de novembro de 1787; f. Viena, Áustria: 17 de junho de 1843)⁴⁷ foi um multifacetário e abnegado estudioso, explorador e pesquisador. Por sua contribuição às ciências naturais, tem sido considerado o naturalista-maior do Brasil (Straube, 1990).

Era filho de Joseph Natterer (*senior*) (1754-1823), zoólogo, falcoeiro e preparador, que tinha uma coleção particular de história natural (aves domésticas, mamíferos e insetos) em Laxenburg, pequena cidade a cerca de 6 km a sul de Viena.

Por intervenção do imperador Franz II⁴⁸, o acervo de seu pai foi comprado em 1793 (Neudenberg, 1855) e constituiu uma modesta exposição pública, sob sua atenta e cuidadosa curadoria. Essa coleção, originalmente sem

⁴⁷ Na casa onde nasceu Johann, hoje mercado público de Laxenburg, há uma placa alusiva com os dizeres: *“In diesem Hause wurde Johann Natterer am 10. November 1878 geboren. Als Jüngling der Heimat Natur eifrig erkundend, wurde der mann zum kühnen Erforscher Brasiliens. Marktgemeinde Laxenburg 1954”* (“Nesta casa nasceu Johann Natterer em 10 de novembro de 1878. De um jovem ansioso por investigar os arredores de seu lar, tornou-se um homem ousado a explorar o Brasil. Mercado de Laxenburg, 1954”). Aqui um problema, provisoriamente insolúvel, relacionado à discordância do dia de nascimento.

⁴⁸ Franz II do Sacro-Império Romano (entre 1792 e 1806) é a mesma pessoa que Franz I da Áustria (monarca entre 1806 e seu falecimento, em 1835), razão pela qual é considerado um *Doppelkaiser* (imperador duplo).

interesse científico, acabou agregada às coleções mineralógicas, como um *Tiercabinet* (“Gabinete dos Animais”), momento que iniciou o avanço do, hoje monumental, museu vienense.

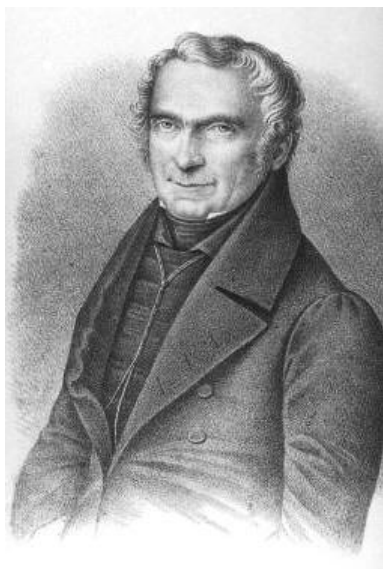
Com isso, Joseph aproveitou para introduzir seus dois filhos, Joseph (*filius*) e Johann⁴⁹ na arte da taxidermia e também nas ciências zoológicas, absorvendo ambos – ainda jovens – como voluntários da seção.

Sob esse contexto é que os dois irmãos viveram sua mocidade, ao tempo em que cursavam o ensino regular e aproveitando também para assistir a inúmeras apresentações científicas proferidas na Universidade de Viena e na Academia Imperial. O caçula Johann foi aluno informal, por exemplo, do botânico Joseph Franz von Jacquin (1766-1839) e, ao mesmo tempo, fortaleceu sua educação com aulas de inglês, francês e italiano, bem como filosofia e desenho.

Em 1806 crescia o interesse do recém-estabelecido império da Áustria por uma coleção científica que fizesse frente com os acervos congêneres da Europa. Para isso foi criado o Gabinete Imperial de História Natural, sob a direção do renomado naturalista e médico Karl Franz Anton Ritter von Schreibers (1775-1852)⁵⁰. Uma de suas primeiras determinações, então, foi a nomeação de Joseph (pai) como supervisor, tendo seu primogênito como adjunto.

⁴⁹ Um cuidado especial deve ser tomado na questão de nomes. Joseph Natterer *senior*, casado com Maria Anna Theresia Schober, era pai de Joseph Natterer *filius* (1786-1852) e do aqui considerado Johann Baptist Natterer (1787-1843). Entretanto, seus sobrinhos também chamavam-se Johann August e Joseph (eventualmente Josef) e também trabalharam no gabinete zoológico de Viena. O primeiro (1821-1900), médico, químico e conselheiro municipal, inventou um compressor de gases que serviu-se para a tecnologia de construção da espingarda de ar comprimido. Junto com seu irmão Joseph (1822-1862), representante diplomático e coletor de animais, fazia experiências com fotografia por meio da daguerreotipia (Riedl-Dorn, 1999).

⁵⁰ Schreibers, anos depois, foi também professor de história natural do próprio imperador sucessor, Ferdinand I, bem como de sua filha, a arquiduquesa (depois imperatriz do Brasil) Leopoldina.



Johann Baptist von Natterer, naturalista-maior do Brasil (litogravura de Michael Sandler).

O jovem Johann, por sua vez, também foi aproveitado e, mesmo com apenas quinze anos de idade, foi convocado para uma grande expedição na fronteira com a Hungria, quando visitou os lagos de Neusiedl e Platten onde obteve abundante material ornitológico. Ele, de fato, já havia viajado com os mesmos propósitos para outros locais da Europa, sempre a serviço do museu e de maneira totalmente voluntária e espontânea. Entre os anos de 1804 e 1817, com efeito, viajara por toda a Áustria, além da Croácia, Hungria, Turquia e Itália. Também participara ativamente nas três transferências do acervo do museu de Viena para lugares seguros da Europa, quando das insistentes investidas dos exércitos napoleônicos, cuja ordem era a pilhagem de peças mais valiosas.

Em 1808, Johann foi nomeado colaborador voluntário e logo depois passou a receber salário, como

reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à coleção.

A parte brasileira (ao menos indiretamente) de sua biografia inicia-se já na primeira década do Século XIX, precisamente em 1810. Ocorre que foi escalado para transportar as peças mais importantes, protegendo-as dos assaltos de Napoleão, para a cidade de Temesvar (ou Timisoara), no oeste da Romênia. Na ocasião, conheceu **FERDINAND DOMINIK SOCHOR**, que o acompanhou na missão, estendida para a fronteira com a Turquia, visando à coleta de espécimes. Esse mesmo personagem, um caçador imperial⁵¹ e, segundo consta, excelente e habilidoso taxidermista, foi quem o auxiliou – tempos depois – durante dez dos quase 18 anos da expedição ao Brasil⁵².

Graças a essa dedicação sem igual e à obstinação em prol da proteção dos acervos quando das invasões francesas, Johann Natterer acabou indicado, em 1816, ao cargo de supervisor-assistente do Gabinete de História Natural de Viena. Era um momento importante em sua vida pois granjeara o reconhecimento oficial pelo trabalho prestado na ampliação e defesa das coleções e, ainda, contava com total apoio de Schreibers, já há algum tempo ocupando o cargo de conselheiro do imperador.

Chegava o ano de 1817. Do outro lado do Atlântico e já há quase dez anos, o príncipe-regente de Portugal, D. João, havia transferido a sede do reino para o Brasil e decretado a Abertura dos Portos. As relações diplomáticas com os países “amigos” passavam a ser prioridade e nisso

⁵¹ Em Pelzeln (1883:125): “*der k.k. Hofjäger Sochor*”.

⁵² Ao contrário de Natterer, Sochor não teve o mesmo destino de seu colega. Após passar por curto período adoecido, faleceu em 13 de dezembro de 1826 no antigo garimpo de São Vicente (município de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso), sendo enterrado, segundo consta, na igreja local (Schmutzer, 2007). Nada foi possível apurar sobre o local e data de seu nascimento, apesar dos esforços diligentes levados a efeito recentemente por Osmar dos Santos Ribas (2012, *in litt.*).

havia enorme interesse político e comercial⁵³. Um dos objetivos do príncipe, então, seria a criação de um laço sanguíneo entre Portugal e a casa de Habsburgo. Os nomes escolhidos foram seu filho Pedro (depois Pedro I do Brasil) e a filha do imperador austríaco, a arquiduquesa Leopoldina (1797-1826) que, em 13 de maio de 1817, casaram-se por procuração em Viena.

Para o Brasil, e para o conhecimento de sua biodiversidade – quase que totalmente negligenciada pelo desleixo português de séculos anteriores – a escolha de Leopoldina para esposa de D. Pedro não poderia ter sido mais conveniente. Afinal, logo ao ter sido informada do casamento, ela já se empenhou em estudar livros, mapas e documentos alusivos à América do Sul e esforçou-se para aprender a língua portuguesa. Além disso, embora de maneira puramente diletante, tinha notáveis pendoros pelas ciências naturais⁵⁴, em especial botânica, zoologia, astronomia e especialmente mineralogia.

Seu pai, por sua vez, tinha interesse em enviar uma missão científica ao Brasil, com a finalidade de estudar a vida natural ali existente e não somente com vistas à utilização econômica. Sua inclinação às ciências naturais, que se preservava ao longo de muitas gerações da Casa de Habsburgo, era notória, além de ter na arquiduquesa a filha mais afeita e interessada no assunto. O momento perfeito

⁵³ Os livros “1808” e “1822” de Laurentino Gomes (2006, 2010), mostram com muita propriedade – e de forma bastante acessível – os detalhes de todo esse processo. Também “O sol do Brasil” de Lília M. Schwarcz (2008) é leitura obrigatória, considerando-se em ambos os casos, a literatura contemporânea e mais recente.

⁵⁴ Na maravilhosa obra de Christa Riedl-Dorn (1999:59-60), que embasa grande parte desse texto sobre Natterer, observa-se que, nas cartas que enviava do Brasil a seus familiares, relatava detalhes sobre os animais, plantas, minerais e índios. Ela também aprendeu a cavalgar e atirar, o que permitiu que montasse pequenas coleções de organismos enviadas a Viena ou permutadas com outros entusiastas de várias regiões do mundo. Ali também há a transcrição de uma carta sua enviada ao diretor do gabinete de História Natural de Viena em 1820: “... *esteja certo de que minha paixão por todos os ramos das ciências naturais cresce a cada dia e a riqueza do Brasil, abençoada pelo Criador, proporciona-me inúmeras oportunidades de desenvolvê-la...*”.

havia chegado, aproveitando a viagem de Leopoldina, prestes a materializar seu já oficializado casamento.



O imperador Franz I da Áustria e sua filha, a arquiduquesa (depois imperatriz do Brasil) Leopoldina (Fonte: Wikipedia).

Na época, o Príncipe Klemens Wenzel von Metternich era chanceler e ministro das relações exteriores da Áustria e foi justamente sob sua coordenação que a investida no Brasil se tornou realidade. Escolhera Schreibers como líder técnico e, pouco a pouco, selecionou integrantes e planejou toda a logística para a esperada viagem. A organização da expedição, no entanto, foi complicada e até certo ponto conturbada. Ao tempo em que nomes iam aparecendo, eles acabavam descartados ou aprovados, em debates constantes que encontravam (quase sempre) em Metternich o voto final e decisivo.

Um dos problemas observados foi a escolha do botânico tcheco Johann Christian Mikan (1769-1844)⁵⁵

⁵⁵ Era filho de Joseph Gottfried Mikan (1743-1814), também botânico e fundador do Jardim Botânico de Smichow, em Praga, na República Tcheca (na época Boêmia) (Stafleu & Cowan, 1981).

como líder da expedição, por exigência do barão (e médico) Andreas Joseph von Stifft, conselheiro do imperador. O indicado de Metternich e Schreibers seria naturalmente Natterer mas, por alguma razão, desta vez o barão venceu a queda-de-braços.

A decisão deixaria Natterer profundamente magoado, visto que ele esperava o reconhecimento por seu trabalho de longos anos na ampliação e seguidas transferências do acervo do museu de Viena. Também não compreendia o porquê da seleção de um professor estrangeiro, lotado na universidade de Praga⁵⁶. Segundo Riedl-Dorn (1999), Natterer assim se dirige a Metternich:

“[...] Esta circunstância não me é indiferente, não posso ser culpado disso e tampouco pode ser ignorada. Minha honra, a confiança em minha retidão e no meu conhecimento estão ameaçadas. E se além disso tenho a vaidade de possuir o conhecimento de saber construir acervos de História Natural e tenho dado provas disto, seria lamentável que eu fosse subordinado a um professor desconhecido, que não sei se um dia se valeria do mérito que me caberia pelos meus trabalhos. Por isso, peço a Vossa Excelência ter a bondade de dividir esta expedição em duas partes”.

No fim das contas foi definida a equipe que acabou conhecida e consagrada como “Missão Austríaca ao Brasil” (*Österreichische Brasilien-Expedition*), vinda ao País com o

⁵⁶ Havia também uma discussão sobre os salários percebidos pelos integrantes. Segundo Riedl-Dorn (1999), os pintores eram os que menos recebiam; Mikan recebia 12 florins, enquanto Natterer e Pohl, cada um, ganhavam 9 florins. Esse último queixava-se por Natterer não ser acadêmico, julgando merecer um salário maior.

objetivo oficial de fazer observações e estudos de todos os campos da natureza e das artes⁵⁷.

Foram escalados primariamente Johann Natterer – a ser auxiliado na parte zoológica por Dominik Sochor – e Mikan, esse acompanhado por Heinrich Wilhelm Scott (1794-1865), Joseph Schücht e Johann Buchberger⁵⁸, os dois primeiros para trabalhar como auxiliares nas coletas e preparações botânicas e, o último, como pintor de plantas. Por designação da coroa austríaca seguiram, ainda, os desenhistas e pintores de paisagens Thomas Ender (1793-1875), Franz Joseph Frühbeck e G. K. Frick, além do arquivista Rochus Schüch⁵⁹, interessado em mineralogia e indicado pessoalmente por Leopoldina. Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) foi integrado à equipe por indicação do Conde de Kollowrath, e dedicou-se tanto à botânica quanto à mineralogia.

Junto ao seletor também foram convidados estudiosos de outros países. Um deles, por sugestão do Grão-duque Ferdinando III da Toscana, era o botânico Giuseppe Raddi (1770-1829) que trabalhava no museu de história natural de Florença, na Itália (Goeldi, 1896; Vanzolini, 1995; Straube, 2008).

Destacadamente dentre os estrangeiros também estavam Johann Baptist Ritter von Spix (1781-1826) e Carl

⁵⁷ Há um precioso material publicado no periódico “*Isis* (ou *Isis Encyclopädische Zeitung* [ou] *Zeitschrift*)” que era editado pelo naturalista e filósofo Lorenz von Oken (1779-1851). Nas edições compreendidas entre os anos em que ocorreu a Missão Austríaca (e notavelmente *Isis*, 1820), desta forma, será possível encontrar diversos documentos interessantes para os estudiosos no assunto.

⁵⁸ Esse colecionador teve um destino trágico, logo ao início da viagem. De uma queda do cavalo em que se encontrava montado, caiu sentado sobre um graveto, que penetrou por quinze centímetros pelo ânus, perfurando o intestino e a bexiga. Obrigado a retornar à Áustria, faleceu meses depois, de septicemia, decorrente dos ferimentos.

⁵⁹ Esse estudioso acabou tornando-se, anos depois, professor particular de Pedro II. Por seu intermédio, Natterer pretendia criar um laço de cooperação institucional com o Museu Nacional do Rio de Janeiro (Schmutzer, 2007). Era pai de Guilherme Schüch (1824-1908), o Barão de Capanema, igualmente naturalista e também engenheiro e físico, nascido em Ouro Preto (Minas Gerais).

Friedrich Phillip von Martius (1794-1868), dupla que ficou especialmente célebre no Brasil e que, para a ocasião, foi indicada por Maximilian Joseph I, Rei da Baviera.

Sobre esses alemães há necessidade de um destaque, pela grande contribuição prestada às ciências naturais no Brasil, ainda que não tenham visitado o Paraná. Acompanhados em parte por Ender, os dois – quase sempre juntos – percorreram milhares de quilômetros das regiões Sudeste, Nordeste e Norte do Brasil, obtendo milhares de espécimes de plantas, animais e outros itens de história natural. Martius era interessado em plantas, assim como nos estudos da cultura e línguas indígenas⁶⁰; Spix, por sua vez, era especializado em zoologia, de forma que havia, entre eles, um tipo de cooperação interessante e complementar, incomum para as circunstâncias da época.

Essa afinidade gerou a publicação dos três volumes da obra descritiva “*Reise in Brasilien [...]*” (também conhecida como “Viagem pelo Brasil”) que é assinada por ambos (Spix & Martius, 1823, 1828, 1831), descrevendo sua participação na expedição. Cada um deles também produziu vasta obra descritiva e analítica. Spix, que pouco viveu depois do regresso à pátria, produziu vários livros e tornou-se autor de uma infinidade de espécies de aves⁶¹, mamíferos, répteis e peixes (Fittkau, 2001). Dezenas de espécies da avifauna brasileira, com efeito, têm autoria atribuída a ele, por meio de dois de seus livros (Spix, 1824, 1825) e algumas delas são epônimos que o homenageiam (p.ex. *Cyanopsitta spixii*, *Synallaxis spixi* e *Xiphorhynchus spixii*).

Já Martius, falecido 42 anos depois de seu regresso, ficou muito mais conhecido, inclusive no Brasil, onde se

⁶⁰ Sobre a vida e obra de Martius, uma das obras recomendadas é, sem dúvida, o livro de Frederick Sommer (1953).

⁶¹ Uma característica curiosa de Spix foi a denominação de aves com base em seu nome popular, exemplificado por *Nothura boraquira*, *Penelope jacquacu*, *P. jacucaca*, *Aburria jacutinga*, *Nothocrax urumutum*, *Odontophorus capueira* e *Aramides saracura*.

vinculou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Deve-se a ele a preparação, organização e edição dos primeiros volumes da monumental “*Flora Brasiliensis*”, projeto que se estendeu entre 1840 e 1906 (sendo sucedido por August Wilhelm Eichler e Ignaz Urban), totalizando quinze volumes e mais de dez mil páginas sobre as plantas do Brasil. Sua contribuição à linguística também é lembrada no livro “*Glossaria Linguarum Brasiliensium*” (Martius, 1863) que inclui glossários de várias línguas indígenas do Brasil, inclusive um capítulo especial denominado “*Nomina animalium in lingua tupi*”.

Com essa breve descrição, pode-se notar que o grupo que formou a Missão Austríaca era bastante diversificado, ao menos com relação aos países de origem e especialmente das indicações que fizeram cada qual acabar sendo engajado.

Sob este cenário é que, já com 30 anos de idade, Natterer se dirigiu ao Brasil. Sequer imaginava, presume-se, que acabaria sendo a estada que se consagrou como a mais importante expedição oitocentista de coleta de material biológico e etnográfico de todos os tempos.

Essa afirmação justifica-se por muitos detalhes; um deles diz respeito ao seu incomparável potencial de trabalho de campo, bem como sua disposição em cumprir os objetivos de coleta, preparação e ilustração de tudo o que podia, em todos os locais por onde passava. Enviava para Viena várias remessas de exemplares obtidos, tal como costumeiramente se fazia em tais expedições e que visava à salvaguarda parcelada do acervo coligido. Isso, por exemplo, evitou inúmeras perdas de espécimes – que mesmo assim foram muitas – devido a saques, ataques por ratos, fungos e deterioração decorrente do ambiente úmido dos trópicos (Ramirez 1968).

Sua saga, aliás, começara na saída de Trieste, na fragata “Principessa Augusta”⁶² em 10 de abril de 1817, sob o comando do capitão Michael Accurti. Não bastassem os meses de viagem insalubre e tediosa, ainda tinha de conviver – no pequeno navio de guerra – com 130 pessoas além de um grande lote de galinhas, porcos, ovelhas e 18 cabeças de gado, que serviram para alimentar a tripulação⁶³.

Logo aos primeiros dias, as tempestades castigaram o navio, causando sérios danos à sua estrutura e desconforto geral aos passageiros. Segundo relatos do próprio Natterer, o capelão de bordo chegou – em um desses momentos e prevendo o destino trágico – a benzer a tripulação, armado de crucifixo. Ao fim de uma dessas tempestades, o navio viu-se obrigado a ancorar na costa da Itália e, depois, em Gibraltar.

Nesse último local, Natterer desembarcou por alguns dias, em companhia de Sochor. Mesmo diante de condições terríveis de sobrevivência, frente ao calor que fazia, além dos ataques incessantes de mosquitos, acabaram por colecionar uma grande quantidade de itens de história natural para o museu de Viena, dentre 68 aves, dez mamíferos, 77 anfíbios (talvez incluindo também répteis), vários frascos com helmintos e cerca de 900 insetos (Schmutzer, 2007). Segundo a correspondência do próprio Natterer, aquele era apenas um prenúncio do que iriam enfrentar nas distantes terras brasileiras (Schmutzer, 2007).

Na manhã de 8 de novembro de 1817, a fragata Augusta, já acompanhada da frota que levava a imperatriz, aporta no Rio de Janeiro. Tinha início a espetacular

⁶² Essa embarcação tornou-se célebre por sua participação, em 1811, na Batalha de Lissa no mar Adriático, contra os navios de Napoleão Bonaparte. O outro navio, chamado de “Áustria”, partiu quatro meses depois (15 de agosto de 1817), levando Mikan e sua equipe.

⁶³ As condições de navegação dos dois navios que trouxeram o séquito de Leopoldina, por sua vez, pareciam ainda piores. O efetivo era formado por 1.300 pessoas, além de 4.000 galinhas, além de vacas, porcos e carneiros; isso sem falar dos 500 canários, papagaios e outras aves, trazidas para entreter a imperatriz (Schmutzer, 2007).

expedição que acabou destinando dezoito anos (1817-1835) às imensas e desabitadas regiões do interior do Brasil, desde a Amazônia e Centro-oeste até o Sudeste e parte do Sul do País (para revisões *vide* Rokitsky, 1957; Paynter-Jr. & Traylor-Jr., 1991; Vanzolini, 1993; Straube, 1993, 2000, 2008).

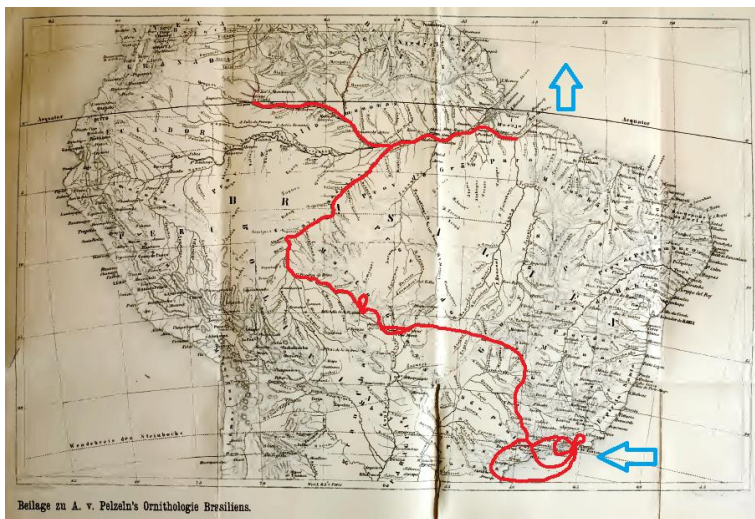
De um total de dez viagens, cujos itinerários foram organizados por Pelzeln (1871: *Itinerarium* p.IV), coube à Terceira (*III.Reise*, 19 de julho de 1820 a 27 de janeiro de 1821) e à Quarta (*IV.Reise*, 1º de fevereiro a 30 de setembro de 1821) a passagem pelo território paranaense, o que se estendeu pelo intervalo aproximado entre 7 de setembro de 1820 e 28 de maio de 1821.

Todo este trecho, com pouco menos de 500 quilômetros, foi percorrido por terra, com uma caravana de cinco cavalos e quinze mulas (além de quatro cães), repleta de materiais, vidrarias, reagentes (leia-se um barril de aguardente), equipamentos de coleta e preparação, alimentos e objetos pessoais. Não obstante a carga volumosa, é óbvio que encontraram grande dificuldade em adquirir certos itens, em virtude do completo isolamento daquelas regiões na época.

Além disso, sabe-se que alguns meses antes, quando ainda estavam na fazenda Ipanema, encontravam-se há algum tempo sem notícias dos recursos financeiros prometidos por Metternich. Mesmo assim, Natterer e Sochor trabalharam praticamente sozinhos, inclusive produzindo eles próprios, por destilação, os compostos químicos necessários para a conservação dos espécimes (Schmutzer, 2007).

Esse tipo de condição, via de regra precária, raramente é lembrada em estudos revisivos sobre o legado dos naturalistas que visitaram o Brasil nas primeiras décadas do Século XIX. As imensas dificuldades de transporte,

abastecimento e até mesmo de comunicação com as pessoas que ali residiam, merecia por si só um estudo à parte. E, sem dúvida nenhuma, unem-se ao reconhecimento que mereceriam das gerações futuras, pela envergadura dos resultados colhidos e pela abnegação em prol do cumprimento dos objetivos formulados.



Itinerário da expedição Natterer ao Brasil (1817-1835) (Fonte: modificado de Pelzeln, 1871, encarte).

Não obstante tais dificuldades, Natterer e Sochor observaram, registraram e coletaram abundante material em diversas localidades do leste paranaense, incluindo os cerrados, campos e matas de araucária do Segundo e Primeiro Planaltos, além da mata atlântica e manguezais da Serra do Mar e planície litorânea. Como afirmado anteriormente, eles seriam os primeiros a se dedicarem à tarefa, agora com cunho fortemente zoológico e, desta forma, complementar ao trabalho botânico de Saint-Hilaire.

Algumas passagens do itinerário de Natterer e Sochor no Paraná, embora tenha ele sido esmiuçado por Straube (1993) e Vanzolini (1993), permaneceram confusas por muitos anos. Tudo começou pela informação de Pelzeln (1871), referindo-se à passagem equivocada do viajante “até a fronteira da Província do Rio Grande do Sul”, ao descrever a Terceira Viagem:

III REISE

In den südlichen Theil der Capitanie von San Paulo bis zur Gränze der Provinz Rio grande do Sul, welche Provinz Natterer eben im Begriffe stand zu bereisen, als er von Rio Janeiro von der k. k. Gesandtschaft ein Zurückberufungsschreiben erhielt.

“3ª Viagem

Pela parte sul da Capitania de São Paulo até a fronteira da Província do Rio Grande do Sul, província essa que Natterer estava prestes a visitar, quando recebeu no Rio de Janeiro, uma carta da legação imperial para que retornasse.

O texto aparece algo diferente na revisão dos mamíferos (Pelzeln, 1883:126)⁶⁴:

III REISE

in den südlichen Theil der Capitanie von S. Paulo bis zur Grenze der Provinz Rio Grande do Sul, welche Provinz Natterer eben im Begriffe stand zu bereisen, als er von Rio Janeiro von der k. k. Gesandtschaft ein Zurückberufungsschreiben erhielt. Am 15. July 1820 von Ypanema abgereist von Curytiba nach Paranagua und von dort zur See nach Rio de Janeiro, wo er am 1. Februar 1821 anlangte. Herrn Sochor hatte Natterer in Ypanema zurückgelassen. Auf der oben angegebenen Route liegt auch der häufig angeführte Fundort Ytararé.

“3ª Viagem

Pela parte sul da Capitania de São Paulo até a fronteira da Província do Rio Grande do Sul, província essa que Natterer estava prestes a visitar, quando recebeu no Rio de Janeiro, uma carta da legação imperial para que retornasse. Em 15 de julho de 1820, partiu de Ipanema para Curitiba e Paranaguá e daí por mar ao Rio de Janeiro, onde chegou em 1º de fevereiro de 1821. O sr. Sochor havia deixado Natterer em Ipanema. Na rota acima também é frequentemente mencionada a localidade de Itararé.

⁶⁴ Descrição essa também um pouco diferente da apresentada em Isis (1833).

Na realidade, o atual estado do Paraná pertencia, na época (da viagem de Natterer), a São Paulo⁶⁵, que (no setor leste considerado) fazia divisa com a Capitania de Santa Catarina. Por assim dizer, não havia nenhuma relação geográfica entre os limites sulinos da viagem com o Rio Grande do Sul. Desta forma, não há sentido em se cogitar a presença da dupla nos dois estados mais meridionais do Brasil (HersHKovitz, 1987), o que, apesar de planejado como se verá adiante, não chegou a acontecer.

Ocorre que Natterer tinha pretensões explícitas de visitar muitos outros pontos sul-brasileiros. Seu interesse pelo Brasil meridional incluía a região de Lages (Santa Catarina: “*sertão von Lages*”) e a lagoa dos Patos (Rio Grande do Sul) (Schmutzer, 2007), mas isso acabou impossibilitado pelo constante assédio de Metternich para que ele e toda a comitiva austríaca retornassem à Áustria.

Outro aspecto importante que dificultou a elucidação dos detalhes da viagem refere-se às datas dos exemplares colecionados e mesmo das informações constantes em seus diários de campo e que se referem indistintamente ao material obtido por Natterer e por seu auxiliar Sochor. Além disso, em quase toda a obra de Pelzeln (1871), que revisa o material obtido, são citados apenas os meses de coleta e apenas ocasionalmente é que se oferecem datas mais exatas.

⁶⁵ Quando da viagem de Natterer (1820-1821), o que hoje é o Paraná pertencia à capitania de São Paulo, comandada pelo capitão-geral (governador) João Carlos Augusto von Oyenhausen-Gravenburg, Marquês de Aracati. Essa capitania fazia divisa com a de Santa Catarina, governada por João Vieira Tovar e Albuquerque. Quando Pelzeln iniciou a sua revisão (1856) sobre a obra de Natterer, a situação política era completamente diferente. O Paraná já era província independente (desde 29 de agosto de 1853), comandada por um presidente nomeado pelo imperador. Sua divisa sul continuava sendo a Província de Santa Catarina, que tinha como presidente João José Coutinho, um dos mais destacados incentivadores das colônias de Blumenau e Joinville. Quando Pelzeln (1868a) lançou o primeiro fascículo do “*Zur Ornithologie brasiliens*”, o Paraná estava emancipado faziam quinze anos.

Apesar dessas limitações, pode-se identificar, com grande precisão, os locais visitados e percursos de ambos coletores, levando-se em consideração a impossibilidade de coincidência de datas em localidades bastante distanciadas. A investigação de seu itinerário no Paraná, aliás, tem uma contingência importante: embora tenha a viagem se estendido entre 1820 e 1821, não há nenhum mês que se repita no intervalo entre esses dois anos.

Durante sua peregrinação pelo estado de São Paulo, Natterer e Sochor saíram de “Ypanema” em 15 de julho de 1820, chegando a “Fachina Velha” (4 de agosto), “Fazenda Nova” (5 de agosto) e “Fazenda do Rio Verde” (6 a 7 de agosto). No dia 10 deste mês estabeleceram-se em “Ytararé” (até 7 de setembro), aproveitando para visitar a localidade limítrofe de “Delgado” (14 de agosto)⁶⁶.

⁶⁶ Essa designação foi por muitos anos enigmática e, desta forma, houveram grandes dificuldades para uma localização precisa, visto que não é mencionada em Derby (1898), Moreira (1975) tampouco em outras fontes geográficas disponíveis. Além disso, o local foi visitado apenas quatro dias depois da expedição Natterer chegar a Itararé, portanto quase três semanas antes da entrada definitiva ao território paranaense. Pouco ajudaram as pistas oferecidas por Vanzolini (1992:65): “*Delgado, SP (sic) [...] In Paraná, near the São Paulo border*” ou de Vanzolini (1993:23): “*...excursão saindo de Itararé. Agora Corisco, no estado do Paraná (informação da Prefeitura de Itararé), no caminho de Morungava, onde Natterer realmente esteve...*”. Salto Corisco é o nome de uma cachoeira muito explorada localmente para turismo de aventura; fica a 10 km a sul da cidade de Itararé, mas já dentro dos limites paranaenses (24°12'45,00"S/49°21'38,44"W). Apenas recentemente, informações robustas sobre sua localização foram colhidas *in situ* por Tony A. Bichinski (2012, *in litt.*) por meio de entrevistas com moradores dos municípios daquela região e consulta a documentos variados. Delgado é, na realidade, “Passo Delgado”, um ponto, ao longo do rio Itararé, em que a travessia fluvial ficaria facilitada, permitindo a transposição pelos numerosos grupos de tropeiros que para ali convergiam quando de suas viagens para transporte de gado e outros animais. A denominação vem de uma família que, segundo consta, teria ali uma propriedade que servia de pouso aos viajantes. Esse indicativo pode ser confirmado pela existência de um local chamado “P.Delgado”, mencionado no mapa de Santos (1923) e situado a cerca de 10 km a norte (a montante da foz do rio Jaguaricatu) de onde, atualmente, está a ponte sobre o rio Itararé, na rodovia SP-259+PR-151. Conclui-se, então, que Natterer, uma vez estabelecido em Itararé, tenha realizado várias incursões pelas imediações, inclusive visitado o rio Itararé, que ali faz divisa estadual. Não há, no entanto, indícios de que o tenha vadeado e, ao menos nesse momento, visitado temporariamente o Paraná. Naquela época, a propriedade paranaense ali existente era a fazenda Limoeiro, situada no interflúvio entre os rios Jaguaricatu e Jaguariaíva e que tinha como limite norte o rio Itararé (Lopes, 2002).

Em alguma data logo após o dia 7 de setembro, adentraram definitivamente o Paraná, ao cruzar as margens escarpadas do rio Itararé, precisamente no mesmo local utilizado (e bem descrito) por Saint Hilaire. Alguns dias depois, estabeleceram-se em Jaguariaíva (“*Porto do Jaguaraíba*”), onde ficaram até 21 de setembro, investigando outras localidades adjacentes, como a “*Fazenda do s. Coronel Luciano Carneiro [Lobo]*”.

Seguiram por um dos chamados “caminhos dos tropeiros” e estiveram na fazenda das “*Cinzas*”, em Piraí do Sul, entre 22 e 23 de setembro, sendo que – neste último dia – já chegaram a “*Lanza*” (antiga Lança, atual sede de Piraí do Sul). No dia seguinte colecionaram na fazenda de “*Joaquim Carneiro*”⁶⁷ (24 de setembro de 1820) a caminho da “*Villa de Castro*”, onde trabalharam nos seus arredores.

De lá passaram por Boqueirão (“*Bocqueirao*”: 27 de setembro) e seguiram viagem rapidamente, visitando Itaiacoca (“*Tayacocca*”: dia 28), Porcos de Cima (“*Porcos de riva*”: 29), São Luiz (“*S. Luiz*”: 30) e Campo Largo (“*Campo largo*”: 1º de outubro).

Sobre essa primeira localidade, cabe uma digressão. Segundo Pelzeln (1871:v e 39) temos, respectivamente, “*Bocqueirao (Villa de Castro)*” e “*Bocqueirao an den Ufern des Flusses Yapó*”. Na própria descrição original de *Anabates dendrocolaptoides* (hoje *Clibanornis dendrocolaptoides*) (Pelzeln 1859:128)⁶⁸ consta:

⁶⁷ Hellmayr (1927:14) afirma que a localidade é sinônimo de “*Boa vista*”. No entanto, a conhecida Fazenda Boa Vista está no município de Jaguariaíva (*vide* Saint-Hilaire) e não em algum ponto (como apontado pela sequência do itinerário) entre Piraí do Sul e Castro. Pertencia a Joaquim Carneiro Lobo, irmão (por parte de pai) de Luciano Carneiro Lobo. Os dois, além de Francisco Xavier da Silva se tratavam dos mais ricos e poderosos fazendeiros dos Campos Gerais naquela época (Portela, 2007).

⁶⁸ A autoria da espécie é consensualmente atribuída a Pelzeln (1859:104 e 128), não obstante ele expresse textualmente que se baseou em material manuscrito de Natterer (sob *Anabates lepidogenys*) e de correspondência (“*Temminck in litt.*”) com Temminck (sob *A. dendrocolaptoides*), remetendo a autoria a este último e inclusive usando a mesma denominação.

“*Bocqueirao an den Ufern des Flusses Yapó im Gebüsch am Boden*” [“Boqueirão no mato do terreno das margens do rio Iapó”].

Isso indica que a localidade de coleta, estaria situada muito próxima de Castro e não era propriamente um topônimo e sim uma indicação orográfica⁶⁹. Boqueirão é uma vertente íngreme (garganta) que acompanha as margens de rios. Tal condição geomorfológica é muito peculiar dessa região paranaense, como exemplificada pelo famoso *canyon* do Guartelá, com mais de 30 km de extensão e um desnível que chega a 450 metros e que, a propósito, foi formado pelo mesmo rio Iapó (Melo, 2000)⁷⁰.

Há de fato, uma localidade com esse nome e que hoje é um bairro na cidade de Ponta Grossa (Straube, 1993c), na divisa municipal com o de Carambeí. Segundo Moreira (1975:989), ela estaria situada entre as fazendas Pitangui e Carambeí (distanto duas léguas da primeira e uma légua de segunda), portanto, sem nenhuma conexão com o rio Iapó.

Depois de Campo Largo, os dois viajantes adentraram Curitiba (“*Curytiba*”), pelo bairro do Campo Comprido (“*Campo comprido*”⁷¹), em 2 de outubro de 1820 e, na então sede da comarca, estabeleceram-se por mais de dois meses (pelo menos até 6 de dezembro) em trabalho de campo⁷². Aqui é importante frisar que durante a estada em Curitiba, Natterer (precisamente em 21 de novembro de 1820), recebeu um comunicado de Metternich para que

⁶⁹ O uso, na língua alemã, de iniciais maiúsculas para substantivos, dificulta uma conclusão definitiva a esse respeito.

⁷⁰ O “mato do terreno das margens do rio”, assim, seria uma alusão à mata ciliar típica daquela área, opondo-se, com efeito, à vegetação rupícola das encostas pedregosas.

⁷¹ Em uma menção, há a grafia errônea “*Campo comarido*”.

⁷² Segundo Schmutzer (2007:96), Natterer e Sochor ficaram hospedados em Curitiba na casa de um certo “sr. José Lustoso” (leia-se Lustosa), a cerca de quinze minutos da cidade, sobre uma colina de magnífica vista.

retornasse imediatamente, a fim de finalizar a expedição⁷³ (Schmutzer, 2007).

Contrariado⁷⁴, ele cumpriu apenas em parte a ordem superior: tomou caminho da Serra do Mar, chegando em Paranaguá e, em seguida, rumou ao Rio de Janeiro. Inconsolado por ter de interromper a missão, encarregou Sochor de retornar a “Ypanema” pelo mesmo trajeto percorrido na viagem de vinda. Ganhariam ambos algum tempo, entre aquele momento e o desfecho das negociações e, com isso, o contexto acabou por privilegiar os Campos Gerais paranaenses por uma curiosa visita de ida-e-volta. Por outro lado, o plano de explorar o sul do Brasil, desde os campos catarinenses e o litoral-sul gaúcho, estaria definitivamente abandonado.

Entre os dias 6 e 9 de dezembro, Natterer percorreu o chamado “caminho do Itupava”, percurso tradicional na época para os que pretendiam chegar às terras litorâneas a partir do planalto. O itinerário descrito por Pelzeln (1871:v), provavelmente baseado em seus diários, é o seguinte:

“Curitiba 4, October bis 6. December.
Bei Borda do Campo 5 Leguas von
Curitiba hört das Campo auf und beginnt
der Wald, dann folgen die Gegenden
Campinas, Serra de Pao de la Boavista ,
Morros emendados, das Thal Pederneiras
, der Rio piranga, der enge Hohlweg
Atalho, der Abhang der Serra da farinha,
unter dem der Rio Ytororo vorüber
brausend in die Tiefe stürzt. Hierauf
gelangten die Reisenden an Cume da
Serra, wo eine Aussicht auf den Rio dos

“Curitiba [entre] 4 de outubro [e] 6 de
dezembro [de 1820].

Em Borda do Campo, a cinco léguas de
Curitiba, termina o campo e inicia-se a
floresta; segue-se pelas regiões de
Campina, Morro do Pão de Ló (Serra da
Boa Vista), Morros Emendados, o vale do
[Rio] Pederneiras, o Rio Ipiranga, o
estreito desfiladeiro do Atalho, as vertentes
da Serra da Farinha Seca, sob cuja
passagem, o Rio Itororó mergulha nas
profundezas. Então, o viajante chegou ao

⁷³ A expedição foi efetivamente dissolvida muito tempo depois, em setembro de 1822, pelos temores da nova condição política: o Brasil declarara independência de Portugal. Com isso, todos os integrantes da Missão Austríaca (com exceção de Natterer e Sochor) acabaram por retornar a Viena.

⁷⁴ Afinal, havia adquirido 23 mulas, cinco cavalos e quatro cachorros, além de já ter comprado dois escravos e, ainda, alugado outros dois especialmente para a viagem (Riedl-Dorn, 1999).

Morretes sich öffnet und von wo man bei heiterem Wetter das Meer erblicken kann, rechts steht der hohe Marumbi. Von da gelangte man nach Paranaguá.”

cume da Serra [do Mar], onde uma vista se abre através do Rio dos Morretes e de onde se pode ver, em tempo claro, o mar, tendo ao lado direito o alto [pico do] Marumbi. De lá eles seguiu para Paranaguá.”

Com base na descrição, conclui-se que ele cruzou a cidade de Curitiba, passando pela região alagadiça das várzeas do rio Belém (hoje zona central) e demandando a leste. Já bem afastado do núcleo urbano, chegou na “*Borda do Campo*” e depois Campina (“*Campinas*”) ⁷⁵, podendo avistar os morros do Pão de Ló (“*Serra de Pao de la Boavista*”) e Emendado (“*Morros emendados*”). Do alto da serra (“*Cume da Serra*”), parou para observar a paisagem, tendo no horizonte distante a baía de Paranaguá e o rio Nhundiaquara (“*Rio dos Morretes*”) e, à sua direita, o complexo montanhoso do “*Marumbi*”. Continuando pelo caminho colonial, passou por Pederneira (“*Pederneiras*”), cruzou o rio Ipiranga (“*Rio Piranga*”) e chegou ao “*Atalho*”. Ao passar pela “*Serra da Farinha [Seca]*”, atravessou os dois braços do rio Itororó (“*Rio Ytororo*”) e pôde observar o grande salto que existe ali.

Em um dos raríssimos fragmentos de seu diário de campo (datado de 7 de dezembro de 1820), reproduzido por Schmutzer (2007), há uma menção à dificuldade para se transpor a Serra do Mar paranaense por esse caminho ⁷⁶:

Es ist fast nicht zu begreifen, wie beladne Thiere ohne den Hals zu brechen diesen Weg machen können. Ich war längst vom Maulthiere abgestiegen, denn die Gefahr, bey oftmalig fast senkrechten Abhängen über den Kopf des Thieres hinabzustürzen oder in den engen Hohlwegen mit den obschon immer hoch in die Höhe gezogenen Füßen an den Felsen gequetscht zu

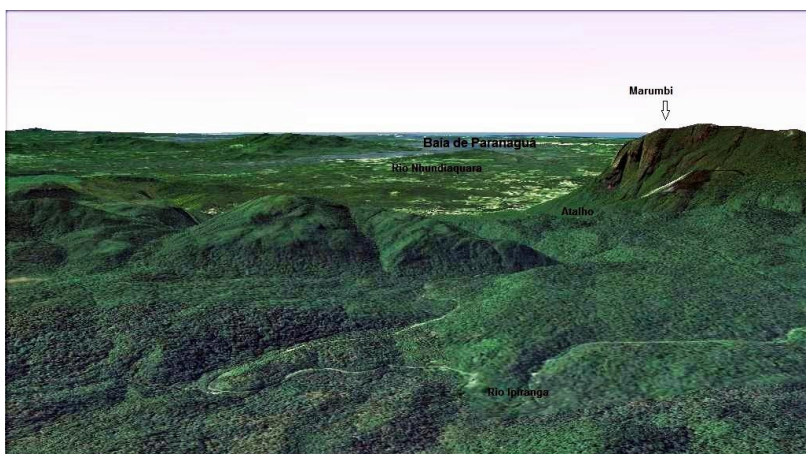
É quase incompreensível como animais [de carga] carregados conseguem realizar esse trajeto sem quebrar o pescoço. Eu já tinha desmontado do animal, porque, nas frequentes descidas muito íngremes, o perigo era muito grande de cair por cima da cabeça do animal ou de ter os pés (mesmo sempre erguidos para o alto) esmagados contra as rochas do desfiladeiro; e mesmo a

⁷⁵ A atualização apresentada por Vanzolini (1993:26) desse topônimo “(= Campina Grande do Sul)”, não condiz com a realidade; compare Straube (1993:10).

⁷⁶ A tradução é de Rodrigo Lingnau, à qual fiz pequenas adaptações ao contexto.

werden, war zu gross und selbst zu Fusse war es so schwierig, dass ich nur zu oft mit Händen an beyden Seiten mich anhalten musste, um nicht zwischen Steinen hinabzuglitschen und Fuss und Arm zu zerbrechen. [...] Man kann sich unmöglich einen Begriff von der Schlechtigkeit dieses Weges machen, ohne mit eignen Augen sich zu überzeugen. Und damahls, als ich passirte, war nach Aussage des conductors der Weg gut, da es einige Zeit nicht geregnet hatte, den alsdann bringen sie oft 8 Tage im Gebirge zu und verlieren Maulthiere, die sich Hals und Bein brechen, wie häufig angetroffene Gebeine derselben beweisen, oder die im Morast ersticken, wenn sie mit der Ladung fallen und nicht mehr aufstehen oder die Leute nicht schnell genug herbeyeilen können.

pé isso era tão difícil que eu frequentemente tive que me segurar com as mãos em ambos os lados para não escorregar abaixo entre as pedras e quebrar perna e braço. [...]. É impossível ter [sequer] uma noção da péssima situação desse caminho, sem convencer-se com seus próprios olhos. E naquela época, quando eu passava, segundo foi comunicado pelo condutor, o caminho estava bom, visto que não chovia há algum tempo. Quando eles passam oito dias nas montanhas chegam a perder animais, que quebram pescoço e pernas (como confirmam os muitos achados de ossos de pernas), ou atolam na lama/brejo quando caem com sua carga e não levantam mais a tempo ou as pessoas não chegam suficientemente rápido para socorrê-los.



Esboço da visão de Natterer ao percorrer o Caminho do Itupava, prestes a vencer o difícil percurso (Fonte: editado de imagem do Google Earth).

No dia 13 de dezembro, já estava em Paranaguá, onde se estabeleceu até 20 de janeiro, visitando alguns pontos próximos da cidade (p.ex. “Rio da Villa”). Durante

sua estada nesta cidade explorou, com uso de embarcação, o fundo da baía (rio do Borrachudo: “*Rio Boraxudo*”⁷⁷) entre 23 e 26 de dezembro. Também dedicou ao menos um dia (10 de janeiro) para explorar a “*Ilha do Mel*” e, em algum momento, esteve na “*Insel Guarecasaba*”⁷⁸.

Com a necessidade de retornar ao Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1821 embarcou no navio Menalha, tendo lá chegado 22 dias depois.

Como já dito, no início de dezembro de 1820, Sochor separa-se de Natterer em Curitiba, retornando pelo mesmo caminho dos tropeiros, rumo à fazenda Ipanema. Aproveita para visitar algumas localidades ainda não amostradas, sendo a primeira delas “*Pitanguí*” (9 e 10 de dezembro de 1820), pouco antes de chegar a Castro, onde permanece pelo menos entre 12 e 20 do mesmo mês.

Depois, dali passa novamente em “*Lanza*” e, em seguida, Jaguariaíva (ambos no mês de janeiro de 1821) e, no dia 14 de janeiro chega a Itararé. Desde esse dia, até 17 de abril, toma essa cidade paulista como base. Durante os três meses que ficou em Itararé (“*Ytararé*”), além de ter trabalhado nos arredores, resolve reexplorar alguns locais, retornando a Jaguariaíva (fevereiro de 1821) e, logo depois, permanecendo por quase duas semanas na fazenda Morungaba (“*Murungaba*”: 23 de março a 4 de abril). Desta propriedade, voltando para Itararé, ainda passa na foz do rio Jaguaricatu (“*Barra do Rio de Jaguaricatu*”: 8 de abril). Em

⁷⁷ Eventualmente “Rio do Boraxudo” e “Rio do Baraxudo”. Deságua na enseada do Benito (baía das Laranjeiras, ou baía de Guaraqueçaba), paralelamente à foz do rio Tagaçaba (ver Branco, 2004). Na sua revisão dos jacarés brasileiros, assim Natterer (1840b:317) se refere: “...im Rio Boraxudo, nördlich von Paranaguá...”.

⁷⁸ Essa localidade não é bem claramente localizada e não citada em nenhum *Gazetter* (Paynter & Traylor, 1994; Vanzolini, 1992, 1994), mas ela consta efetivamente na obra de Pelzeln (1871:303 – verbete “*Nycticorax violaceus*” = *Nyctanassa violacea*). Talvez Natterer tivesse (quando de sua passagem pelo Rio do Borrachudo) visitado o pequeno lugarejo de Guaraqueçaba o qual, apenas quase duas décadas depois da visita, foi transformado em vila. Essa ilha, se avaliada a descrição (“*kleinen Insel*” = pequena ilha), deve ser a ilha Pavoá, que se situa bem defronte à cidade, a menos de 1 km de distância.

26 de abril, já estava a caminho de Ipanema, passando pela “Fazenda Nova” (perto de Itapeva)⁷⁹.

Por meio dessa revisão, baseada nas datas apresentadas em Pelzeln (1871), contestamos autores anteriores (Pelzeln, 1883; Papávero, 1971; Straube, 1993; Vanzolini, 1993). Afinal, Natterer deixou Sochor em Curitiba (e não Ipanema)⁸⁰ e, desta forma, ambos entraram no Paraná, onde trabalharam juntos entre setembro e dezembro de 1820. Isso explica as coletas registradas para Castro em 12 a 20 de dezembro e, depois, em Itararé, realizadas por Sochor quando retornou a Ipanema (onde se reencontrou com Natterer precisamente no dia 1º de setembro de 1821: Schmutzer, 2007) pelo mesmo percurso. Enquanto isso, Natterer rumava para o porto de Paranaguá para tomar o navio que o levaria ao Rio de Janeiro, onde permaneceu por vários meses, depois seguindo a Santos e novamente Ipanema⁸¹.

⁷⁹ Por equívoco, Straube (1993) adiciona duas espécies alegadamente paranaenses, oriundas dessa localidade: *Schistochlamys ruficapillus* e *Melanerpes candidus*.

⁸⁰ A prova disso está no exemplar de arara-vermelha (*Ara chloropterus*) coletada por Sochor na Fazenda Morungaba (vide adiante). Vários meses depois de ter essa conclusão, encontrei a excelente tese de Schmutzer (2007:98) que, baseado em correspondências e no próprio diário de campo de Natterer, confirma o que foi suposto, servindo-se como elemento definitivo para essa questão de itinerário. Segundo este mesmo autor, Sochor – que já havia pensado em retornar à Áustria diversas vezes desde que chegara ao Rio de Janeiro – encontrava-se muito melancólico, refletindo sobre o prosseguimento da expedição. Tudo indica, ainda, que Natterer não tinha nenhuma amizade – pelo contrário – com seu companheiro de viagem e raramente o citava em seus diários, embora o considerasse com um excelente caçador e preparador. Em uma de suas cartas ao irmão Joseph escreve: “*Schwachkopf Sochor*”, ou seja, o cretino do Sochor.

⁸¹ Pelzeln (1871:v) chega a pensar que teria ocorrido um erro de rotulagem: “*Da Natterer am 10. Januar von Paranagua absegelte, 22 Tage in See blieb und am 1. Februar in Rio Janeiro anlangte, so dürften die Daten von Ytarare wohl auf einem Schreibfehler beruhen. Es finden sich auch Zettel mit den Angaben Ypanema 8., 26. 31. Mai, 8., 11., 13., 14., 25., 29. Juni, 19., 21., 31., Juli, 2. August 1821; da dieselben aber mit der obigen Reiseroute nicht zusammenstimmen, so könnten sie vielleicht zu Objecten gehören, welche der zu Ypanema zurückgebliebene Herr Sochor gesammelt hatte.*” (“Desde que Natterer embarcou em Paranaguá a 10 de janeiro, ele permaneceu 22 dias no mar chegando, portanto, no dia 1º de fevereiro no Rio de Janeiro; assim os dados de Itararé devem-se provavelmente a um erro de anotação. Há também notas com informações de coleta em Ipanema em 8, 26 e 31 de maio; 8, 11, 13, 14, 25 e 29 de junho; 19, 21, 31 de julho e 2 de

Essa pequena discrepância cronológica (diga-se de passagem alertada por Pelzeln, 1871: V, nota de rodapé) gerou a dúvida relatada por Paynter & Traylor (1991) sobre uma “*Fazenda Morungaba*” que existiria no estado do Rio de Janeiro e que nada mais é do que a coincidência com o período em que Natterer estava na então sede da colônia. A menção a essa fazenda Morungaba, portanto inexistente no Rio de Janeiro, foi sequer tratada e tampouco corrigida por Vanzolini (1992), o revisor do “*Gazetteer*” de Paynter & Traylor (1979)⁸².

Nesse sentido, a presença de Natterer e Sochor no Paraná é notavelmente diferente quanto à representatividade geográfica. O primeiro atravessou todo o caminho dos tropeiros entre a divisa com São Paulo (rio Itararé) e o porto de Paranaguá em 4 meses e duas semanas, em parte acompanhado de seu auxiliar. No percurso, apenas pode-se dizer que investigou adequadamente as localidades de Jaguariaíva (cerca de 3 semanas), Curitiba (pouco mais de 2 meses) (em ambas acompanhado de seu auxiliar) e Paranaguá (quase 2 meses). Já a Sochor, sozinho, cabem também os esforços despendidos na cidade de Castro, bem como na fazenda Morungaba, tendo dedicado cerca de uma semana em cada um destes pousos, além de incursões variadas nos arredores de Jaguariaíva e Itararé.

agosto de 1821; essas não harmonizam com o itinerário acima e o material poderia ser atribuído ao restante que havia sido recolhido em Ipanema por Sochor”).).

⁸² Até mesmo Ihering (1902:17), apresentou sua versão, igualmente errônea, para essa discordância cronológica: “De 1º de Fevereiro de 1821 a 30 de Setembro de de 1822. Fazendo primeiramente algumas excursões no Estado do Rio de Janeiro, Natterer seguiu, passando por Santos, á Murungava, tendo nesse ponto se demorado desde o dia 23 de Março ao dia 4 de Abril. Murungava é uma fazenda antiga á esquerda do rio Itararé, abaixo do actual São Pedro do Itararé”.

Localidades (grafia original de Pelzeln, 1871 e atualização) e datas de visita, no território paranaense, pela Expedição Natterer (JN, Johann Natterer, DS, Dominik Sochor). Sugere-se a consulta à tabela similar apresentada acima, no capítulo sobre Saint Hilaire.

1820: circa 7 de setembro (JN, DS)	
<i>fluss Ytarare</i>	Rio Itararé (Sengés)
1820: entre 7 e 21 de setembro (JN, DS)	
<i>Porto do Jaguaraíba</i> ⁸³	Travessia do rio Jaguariaíva, na cidade de Jaguariaíva
<i>Jaguaraíba</i>	Cidade de Jaguariaíva
<i>Fazenda s. Coronel Luciano Carneiro</i>	Fazenda do sr. Coronel Luciano Carneiro Lobo (hoje a “cidade velha” de Jaguariaíva)
1820: 22 a 23 de setembro (JN, DS)	
<i>Cinzas</i>	Fazenda das Cinzas (Piraí do Sul) ⁸⁴
1820: 23 de setembro (JN, DS)	
<i>Lanza</i>	Cidade de Piraí do Sul
1820: 24 de setembro (JN, DS)	
<i>Joaquim Carneiro</i>	Fazenda de Joaquim Carneiro Lobo (Jaguariaíva)
1820: 27 de setembro (JN, DS)	
<i>Bocqueirao (Villa de Castro)</i>	Castro
1820: 28 de setembro (JN, DS)	
<i>Tayacocca</i>	Itaiacoca (Ponta Grossa)
1820: 29 de setembro (JN, DS)	
<i>Porcos de Riva</i>	Porcos de Cima (Palmeira) ⁸⁵
1820: 30 de setembro (JN, DS)	
<i>S. Luiz</i>	Distrito de São Luiz do Purunã (Balsa Nova)
1820: 1º de outubro (JN, DS)	
<i>Campo largo</i>	Cidade de Campo Largo
1820: 2 de outubro (JN, DS)	
<i>Campo comprido</i>	Bairro Campo Comprido (Curitiba)
1820: de 2 de outubro a 6 de dezembro (JN, DS)	
<i>Curytiba</i>	Cidade de Curitiba
1820: entre 6 e 9 de dezembro (JN)	
<i>Borda do Campo</i>	Borda do Campo (Quatro Barras)
<i>Campina</i>	Campinas (Quatro Barras)
<i>Serra de Pao de la Boavista</i>	Morro Pão de Ló, serra da Boa Vista (Quatro Barras)
<i>Morro emendado</i>	Morros Emendados (Quatro Barras)

⁸³ Também “*Porto do Jaguaraíba (bei Postinho)*” (Pelzeln, 1871:97, 230), referindo-se ao posto de registro de passagem de animais; também “*Portinho 14. September 1820*” (Pelzeln, 1871:97). Vide nota de rodapé da “fazenda Boa Vista” em Saint Hilaire (acima).

⁸⁴ Não confundir com “rio das Cinzas” de Saint Hilaire. O nome original era “fazenda da Cinza” e pertencia a Francisco de Melo Rego, morador em Itu (São Paulo). Situava-se a sul da fazenda Jaguariaíva (do coronel Luciano Carneiro Lobo), entre os rios Capivari e das Cinzas e tendo a serra das Furnas como limite meridional. Em 1825 haviam ali 400 cabeças de gado.

⁸⁵ É o chamado “Capão dos Porcos”, hoje mais conhecido como “Capão do Cemitério” (25°18’53,18”S, 49°49’35,06”W), na Fazenda Santa Rita, propriedade hoje dividida entre os sucessores da família Veiga Lopes (L.E. Veiga Lopes, 2012 *in litt.*).

<i>Cume da Serra</i>	Cume da Serra do Mar (Quatro Barras)
<i>Marumbi</i>	Pico Marumbi (Morretes)
<i>Pederneira</i>	Pederneiras (Piraquara)
<i>Rio piranga</i>	Rio Ipiranga (Morretes)
<i>Atalho</i>	Atalho (Piraquara)
<i>Serra da farinha</i>	Serra da Farinha Seca (Morretes)
<i>Rio Ytororo</i>	Rio Itororó (Piraquara)
<i>Rio dos Morretes</i>	Rio Nhundiaquara (Morretes)
1820-1821: 13 de dezembro a 20 de janeiro (JN)	
<i>Paranagua</i>	Cidade de Paranaguá
<i>Rio da Villa</i>	Rio da Vila (Paranaguá)
<i>Rio do Boraxudo</i>	Rio do Borrachudo (Guaraqueçaba)
<i>Ilha do Mel</i>	Ilha do Mel (Pontal do Paraná)
<i>Insel Guarecasaba</i>	Ilha Pavoçá (?) (Guaraqueçaba)
1820: 9 a 10 de dezembro (DS)	
<i>Pitangui</i>	Pitangui (Ponta Grossa)
1820-1821: 12 de dezembro a 13 de janeiro (DS)	
<i>Castro</i>	Cidade de Castro
1821: após 13 de janeiro (DS)	
<i>Lanza</i>	Cidade de Piraí do Sul
1821: janeiro e fevereiro (DS)	
<i>Jaquaraiba</i>	Cidade de Jaguariaíva
1821: 23 de março a 4 de abril (DS)	
<i>Murungaba</i> ⁸⁶	Fazenda Morungaba (Sengés)
1821: 8 de abril (DS)	
<i>Barra do Rio de Jaguaricatu</i>	Foz do Rio Jaguaricatu (Sengés)

Ao retornar do Brasil para Viena em 15 de setembro de 1835 (chegando em 13 de agosto de 1836), Natterer doou todo o seu material ao gabinete de história natural (*K. k. Naturalienkabinet*), entidade que o acolheu por tantos anos e que, posteriormente (1889), transformou-se no atual *Naturhistorisches Museum*, uma das mais conceituadas instituições de pesquisa da Europa.

Mas a transferência desses espécimes ao museu imperial não foi tão simples assim. Grande parte do acervo inicial obtido pela expedição austríaca seguiu para Viena em junho de 1818, nas mesmas fragatas que trouxeram o grupo, sob a coordenação de Mikan. Nesse material, além dos

⁸⁶ É provável que a indicação da presença de Sochor nessa localidade em “28. Mai” (Pelzeln, 1871: Itinerarium, p. VI) seja erro. Consta que ele já havia chegado a Itararé em 15 de abril e, em 30 de abril, encontrava-se em Escaramuça, perto de Itapeva (São Paulo).

espécimes, estavam duas onças-pintadas vivas e diversos presentes enviados pela imperatriz Leopoldina: “*um mico-leão, papagaios e outras aves, um urubu-rei [...] que viveu até 1835 no zoológico do palácio de Hofburg e mais tarde até 1848, em Schönbrunn*” (Riedl-Dorn, 1999).

Aos poucos, conforme eram recebidas e embaladas, as amostras de exemplares brasileiros iam seguindo para a Áustria sob os cuidados atentos de Schott que, para cumprir esse encargo, já havia transferido suas atribuições de botânico a Pohl.

O material que chegava era tanto que Schreibers forçou-se a ceder salas de sua residência para armazená-lo, ao menos temporariamente. Porém, ao ser comunicado que chegariam ainda mais 29 caixas, ameaçou deixá-las na alfândega, caso não fosse providenciado um lugar adequado para elas (Riedl-Dorn, 1999).

Aparentemente, Schreibers pretendia confinar os espécimes em uma coleção à parte, talvez para resguardar seu uso aos respectivos pesquisadores que os obtiveram, preservando a prioridade da descoberta. Ele chegou a propor ao imperador que fosse usado o jardim imperial, sugestão logo rechaçada pelo monarca que pretendia, ao fim da expedição, ter em seu gabinete de história natural “*todo o material obtido – minerais, vegetais e animais*” (Riedl-Dorn, 1999).

A saída honrosa foi destinar, provisoriamente, o acervo em um prédio alugado pela coroa. Foi escolhido o imóvel de treze salas, além de depósitos e laboratórios improvisados, pertencente à família Harrach, no bairro vienense de Johannesgasse. Esse lugar passou a ser conhecido como *Brasilianischen Museums*, ou “Museu Brasileiro”⁸⁷.

⁸⁷ Há informações interessantes sobre o Museu Brasileiro no periódico *Isis (von Oken)* de 1833 (Heft IV:305-310).

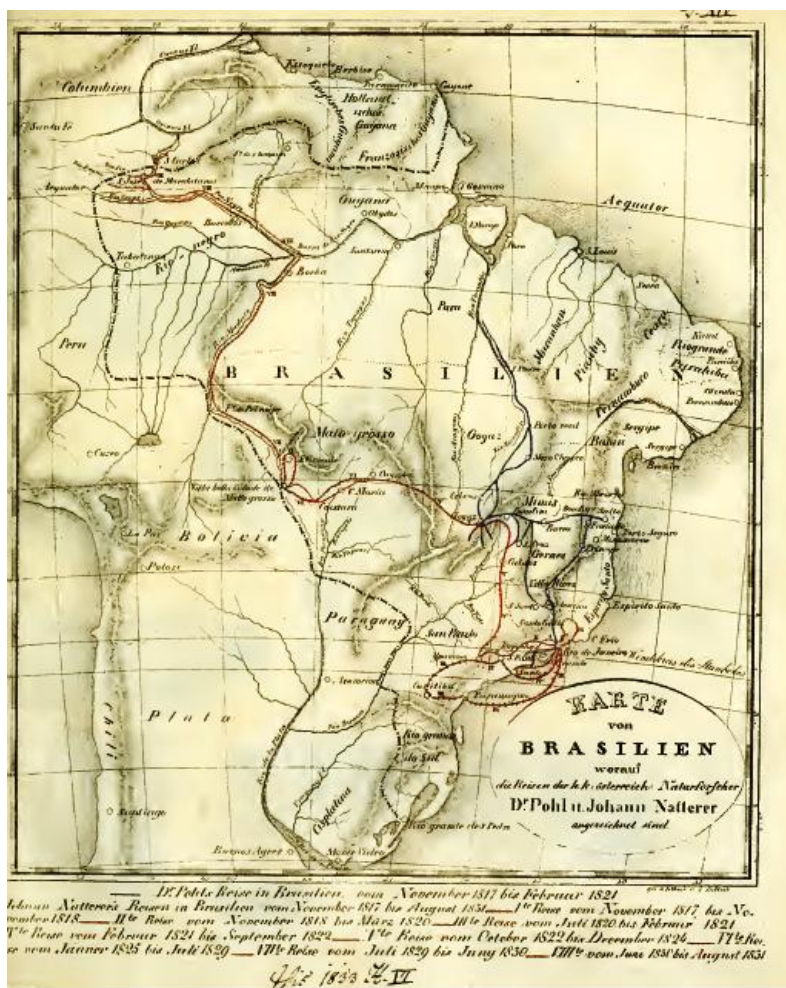


Biblioteca imperial em Josephsplatz retratada por Balthasar Wigand em 6 de agosto de 1835, quase um ano antes de abrigar a coleção brasileira (Fonte: Wikipedia).

Para a ocasião foi formada uma verdadeira força-tarefa para dar continuidade aos trabalhos de conservação, rotulagem e organização que tinham se iniciado com o recebimento dos primeiros lotes de exemplares. A sede foi aberta ao público e contava com a diligente atenção de Pohl, que ali passou a residir enquanto os trabalhos seguiam dia após dia. Segundo Riedl-Dorn (1999:42), “*o acervo do museu crescia consideravelmente e, em 1835, já era nove vezes maior do que seu tamanho original. A razão deste desenvolvimento foi o envio constante de material do Brasil por Natterer e Sochor*”.

Logo após o falecimento de Franz I, Metternich decidiu pela construção de um prédio especial para o museu, passando agora a incorporar o material do Brasil ao acervo geral. Sua ideia era a construção de uma edificação condizente com as ricas coleções brasileiras que, na época, representavam quase dois terços de todo o museu. Só que

sua força política e os recursos disponíveis não foram suficientes. O Museu Brasileiro foi fechado em 5 de junho de 1836, portanto, pouco mais de dois meses antes do retorno de Natterer a Viena.



Mapa das viagens de Pohl e Natterer ao Brasil ("Karte von Brasilien worauf die Reisen der k.k. österreich. Naturforscher D. Pohl u. Johann Natterer angedeutet sind") (Fonte: Isis 1833;prancha 14).

De volta ao seu país, Natterer ficara profundamente preocupado com o destino do material colecionado. Afinal, a coleção sofrera, logo depois, diversos desmembramentos e transferências para lugares diversos, inclusive um galpão na Josephsplatz.

Finalmente, em 1838, o acervo acabou destinado a um enorme espaço no palácio de Hofburg⁸⁸, denominado “*Mosaikensaal*” e Natterer alcançou o cargo de superintendente-adjunto do gabinete de história natural, novamente subordinado a seu irmão Joseph.

Sob nova e renovada condição, ele demonstrava firme propósito de estudar os espécimes obtidos na sua viagem, com especial interesse pelas aves, sobre as quais empenhou-se ativamente para produzir uma monografia. Entre 1838 e 1843, manteve contato com várias instituições científicas contemporâneas, da Alemanha, Dinamarca, Finlândia, Dinamarca, Suécia, Rússia, França, Grã-Bretanha e Holanda, tendo-as inclusive visitado pessoalmente para examinar exemplares lá depositados⁸⁹. Seus principais correspondentes, com quem permutava espécimes e intercambiava publicações eram John Gould (1804-1881), da *Zoological Society* de Londres⁹⁰, Johann Friedrich von

⁸⁸ Hofburg é um palácio que serviu de sede de governo e residência de monarcas desde o Século XIII; ali se encontra a biblioteca imperial construída em 1735. Muitos anos depois (1793) foi ali que Franz I mandou construir estufas para o cultivo de plantas e para manter pequenos animais (Riedl-Dorn, 1999). A área total é de 20 hectares, onde encontram-se 2.600 salas, dentre elas a que abriga o gabinete do presidente da Áustria.

⁸⁹ Mesmo enquanto viajava, Natterer já era conhecido e respeitado como estudioso nos círculos científicos europeus. Em 7 de maio de 1822, por exemplo, foi diplomado como doutor *honoris causa* (*in absentia*) da universidade de Heidelberg (Neudenberg, 1855). O título foi recusado pelo seu pai que não julgava correto recebê-lo estando ausente em viagem (Schmutzer, 2007).

⁹⁰ Artista de primeira linha, Gould ficou muito conhecido no Brasil pela sua obra sobre os beija-flores e tucanos, mas foi um dos primeiros colaboradores de Charles Darwin, quando de seu regresso da viagem do Beagle. Não à toa, cabe a ele o reconhecimento pioneiro das

Brandt (1802-1879), então diretor do museu de São Petersburgo (Rússia) e Johann Horkel (1769-1849), botânico e fisiologista alemão.

Em carta enviada ao seu irmão, expressou-se sobre seus planos: “*Que mistério não haverá na descrição de cerca de mil pássaros, bem com nos tantos sinônimos envolvidos, o mesmo acontecendo com mamíferos, anfíbios e peixes?*” (Schmutzer, 2007).

Mas seu projeto pessoal acabou interrompido. Em 17 de julho de 1843, após várias hemorragias bucais e já com a saúde severamente debilitada pelas várias doenças contraídas no Brasil, faleceu em Viena, sendo sepultado no cemitério de São Marcos (*Sankt Marx Friedhof*)⁹¹.

Alguns anos depois de seu falecimento, ocorreu um episódio trágico. Iniciavam-se as revoluções de 1848 na Europa, uma reação contra o absolutismo e em prol do estabelecimento de governos democráticos⁹². Aí, novamente, o lugar escolhido para abrigar as coleções teve importância para definir seu destino: estava agora muito próximo da sede física do poder o que, em tempos de revolta popular, significava um risco iminente à sua integridade.

E a tragédia anunciada acabou se tornando realidade. Segundo Riedl-Dorn (1999:65)⁹³, em 31 de outubro de 1848, “*...um projétil incendiário do exército imperial atingiu o telhado vizinho, que se incendiou. Imediatamente*

espécies de tentilhões, os mais célebres exemplos da Teoria da Seleção Natural, lembrados em todos os livros sobre o assunto.

⁹¹ Nesse mesmo estabelecimento, desativado como tal desde 1874 e transformado em parque de visitação pública, encontra-se também sepultado Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).

⁹² Essa mesma situação é que foi responsável pela emigração de Fritz Müller para o Brasil (Santa Catarina), onde se estabeleceu contribuindo, inclusive, como se sabe, com a Teoria da Seleção Natural de Charles Darwin.

⁹³ Essa mesma autora descreve esse incêndio com vívidos detalhes, inclusive com a transcrição da comunicação oficial, redigida por Joseph Natterer e datada de 29 de novembro de 1848.

o fogo atingiu o telhado do Gabinete dos animais e a biblioteca da corte”.

O trágico episódio causou a destruição, além de uma infinidade de outros materiais, de grande parte dos manuscritos de Natterer, bem como de parte das coleções zoológicas (Pinto, 1979; Sick, 1997). As lamentáveis consequências deste sinistro foram a perda irreparável de um dos maiores e mais importantes bancos de dados sobre aves do neotrópico, notadamente brasileiras⁹⁴.



Incêndio na Biblioteca Imperial em Viena (31 de outubro de 1848), que destruiu parte da coleção obtida por Natterer e maior parte dos manuscritos cuja publicação se dedicou durante vários anos. (Fonte: homepage do Museu de História Natural de Viena: <http://www.nhm-wien.ac.at>)

A coleção de exemplares de aves obtida no Brasil, contudo, acabou sendo salva e se encontra atualmente ainda

⁹⁴ Segundo Schmutzer (2007), no entanto, a maior parte desses documentos não chegaram sequer a serem incorporados ao acervo de Viena e novas incursões por arquivos europeus têm mostrado que grande parte ainda subsiste em arquivos regionais ou nas mãos de particulares. O que efetivamente se queimou não foram seus diários de viagem, mas, um manuscrito que estava preparando para publicar, sobre as aves do Brasil.

intacta, sob a guarda do agora moderno *Naturhistorisches Museum* de Viena.

Antes do incêndio de Hofburg, os manuscritos de Natterer já haviam sido, ao menos em parte, utilizados como fontes primárias para descrições de vários de táxons tidos como novos⁹⁵.

Deles – e obviamente também dos espécimes – fizeram uso, por exemplo, Coenraad J. Temminck (Temminck, 1822, 1823, 1824), além de John Gould, Alfred Malherbe (com Joseph Natterer), Heinrich Gottlieb Ludwig Reichenbach, Friedrich Hermann, Otto Finsch, Hermann Schlegel, Philip Lutley Sclater e o próprio Schreibers (Teixeira & Papávero, 1999).

Um dos exemplos paranaenses mais notáveis alude ao canelinho-de-chapéu-preto (*Piprites pileata*), espécie raríssima e da qual Natterer conseguiu vários espécimes em Curitiba. O pequeno pássaro foi descrito por Temminck em 1822, no volume 29 de sua obra “*Nouveau recueil de planches coloriées d'oiseaux*” onde há, inclusive, uma prancha ilustrativa.

Muitas espécies, talvez por desconhecimento geográfico dos respectivos descritores, não foram consignadas como tendo material-tipo do Paraná, embora os espécies fossem certa ou possivelmente oriundos desse estado. Algumas delas tiveram sua localidade-tipo designadas posteriormente, pelo empenho de estudiosos como Charles E. Hellmayr e Olivério M. de O. Pinto em manobra que se assemelha à adotada para o material coletado por Saint Hilaire.

⁹⁵ Goeldi (1896) estima em 205 espécies de aves, até então desconhecidas, valor obviamente desatualizado.



Série de exemplares-tipo (NMW-15002, 1500a, 15003, 15001) de *Piprites pileata* coletados por Johann Natterer em Curitiba (1820) e depositados no Museu de Viena (Foto: Marcos Raposo, 2007).



A Prancha 172 da obra de Temminck & Chartrouse (1838), mostrando o raro caneleirinho-de-boné-preto (*Piprites pileata*), no canto inferior esquerdo “1. Manakin chaperonné” (*Piprites pileata*).

É o caso, por exemplo, do taperuçu-preto (*Cypseloides fumigatus*), cuja indicações toponímicas originais baseiam-se em engano de seu autor August V. Streubel, conforme corrige Zimmer (1945:587):

“There is some confusion with respect to the type locality of fumigatus which was described by Streubel (Isis 5: col.366; 1848) from ‘Paraguay’ (ex Natterer) and ‘Bresilien’ (ex Müller), with the name credit to Natterer’s manuscript designation of a bird presented to the Berlin Museum. There is no authentic record of the species from Paraguay and Natterer obtained none in that country. Burmeister (Syst Uebers. Thiere Brasiliens , 2:367, 1856) cites Natterer’s bird in the Berlin Museum as from ‘Para’ which is equally puzzling. In the report of Natterer’s collection, Pelzeln (Orn.Bras.: 16, 1868) gives three localities for fumigatus of which two are in the state of São Paulo, and one in Paraná (Curytiba), and it seems rather clear that Streubel’s ‘Paraguay’ and Burmeister’s ‘Para’ should be interpreted as Paraná. Accordingly, I propose the restriction of the type locality of Hemiprocne fumigata Streubel to Curytiba, Paraná, Brazil’.

“Há uma certa confusão a respeito da localidade-tipo de [*Cypseloides*] *fumigatus*, mencionada por Streubel (*Isis* 5: col.336; 1848) como ‘Paraguay’ (ex Natterer) e ‘Brasilien’ (ex Müller), cujo nome é creditado à designação oferecida pelo manuscrito de Natterer a partir de um exemplar mantido no Museu de Berlim. Não há nenhum registro autêntico da espécie para o Paraguai e Natterer nada coletou nesse País. Burmeister (*Syst. Uebers. Thiere Brasiliens*, 2:367, 1856) cita o espécime de Natterer no Museu de Berlim como oriundo do ‘Para’, algo igualmente confuso. Na revisão da coleção de Natterer, Pelzeln (*Orn.Bras.* 16, 1868) informa sobre quatro localidades para [*C.*] *fumigatus*, das quais duas estão em São Paulo e uma no Paraná (‘Curytiba’) e, assim, parece claro que o ‘Paraguay’ de Streubel e o ‘Para’ de Burmeister devem ser interpretados como Paraná. De acordo com esse raciocínio, proponho a restrição da localidade-tipo de *Hemiprocne fumigata* Streubel para Curitiba, Paraná, Brasil”.

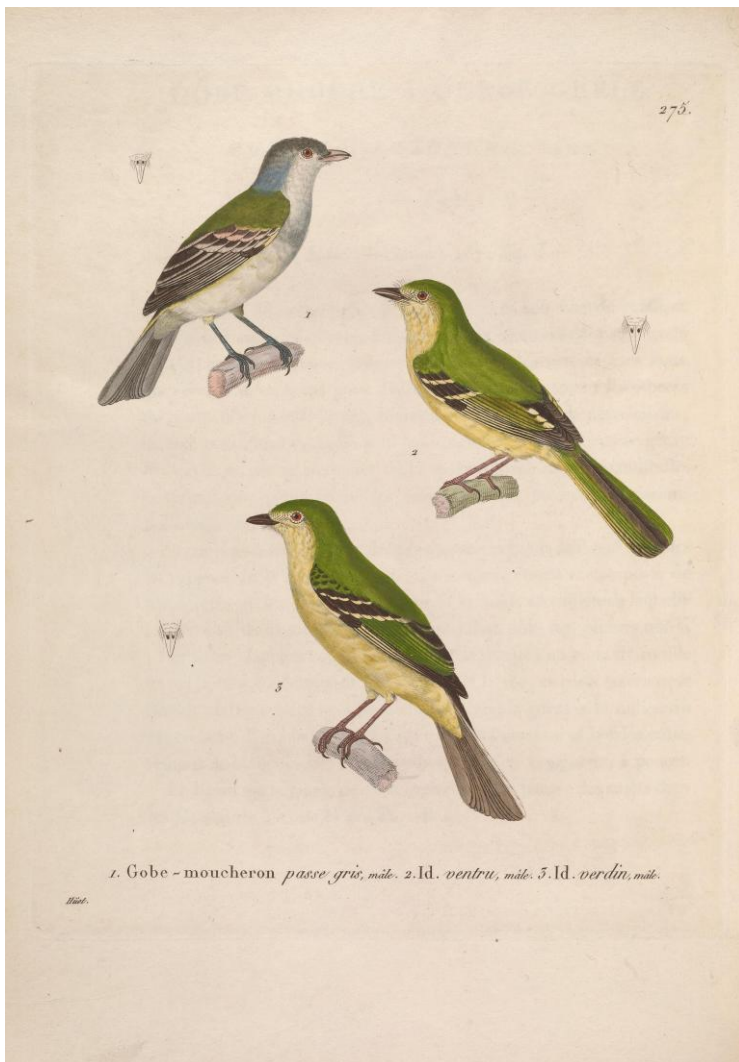


Exemplar-tipo do taperuçu-preto (*Cypseloides fumigatus*) coletado por J.Natterer em Curitiba em 1820 e depositado no Museu de História Natural de Leiden (Holanda). A espécie foi descrita por August V.Streubel (Foto: Marcos Raposo, novembro de 2007).

Além desse exemplo, podem ser citados, entre outros, *Dysithamnus mentalis* (= *Myiothera mentalis* de Temminck, 1823), *Camptostoma obsoletum* (= *Muscicapa obsoleta* de Temminck, 1824) e *Phyllomyias virescens* (= *Muscicapa virescens* de Temminck, 1824), originalmente baseados em exemplares oriundos do “Brésil” mas que, após reexaminados por Hellmayr (1924:114; 1927:454,461), provaram ser procedentes de “Curitiba, Parana”.



A Prancha 179 da obra de Temminck & Chartrouse (1838, vol.2), mostrando o desenho da choquinha-lisa (*Dysithamnus mentalis*) ou “Fourmillier tachet” (macho acima, n° 1; fêmea no centro, n° 3), traçado com base em material coletado por Natterer em Curitiba.



A Prancha 275 da obra de Temminck & Chartrouse (1838, vol.3), mostrando o desenho do piolhinho-verdoso (*Phyllomyias virescens*) ou “Gobe-moucheron verdin” (abaixo, nº3). Note-se a posição propositadamente apresentada para uma comparação com a espécie similar, *Phylloscartes ventralis* (“Gobe-moucheron ventru”, centro, nº2). O pássaro que aparece no canto superior esquerdo (“Gobe-moucheron passe gris”) alude ao risadinha (*Camptostoma obsoletum*). Todas essas aves foram traçadas com base em material coletado por Natterer, sendo os números 1 e 3 originários de Curitiba.

Em situação pouco diferente pode-se mencionar *Stephanophorus diadematus* (= *Tanagra diademata* de Temminck, 1823) que, segundo Mikan (1825)⁹⁶, baseia sua descrição em espécimes provenientes de “*Lança, Curitiba, St. Luiz et aliis locis capitaniae St. Paulo*” (Hellmayr, 1936:181).



A Prancha 243 da obra de Temminck & Chartrouse (1838, vol.3), mostrando o desenho do sanhaço-frade (*Stephanophorus diadematus*) (“*Tangara diadême*”), esboçado com base em material coletado no Paraná por Johann Natterer.

⁹⁶ Não tivemos acesso a essa obra raríssima, emprestando aqui as palavras sempre confiáveis de Hellmayr.

Dessa forma, a contribuição nattereriana e os resultados divulgados com base nela, constituem-se não apenas de um marco divisório para a ornitologia no Paraná, mas também para a brasileira e sul-americana como um todo!

Além disso, Pelzeln não usou apenas desta grande revisão para descrever as novas espécies mas também de vários artigos isolados que, pouco a pouco, iam revelando importantes novidades para a ciência. Nesse contexto, há pelo menos outros oito títulos que se referem à coleção ornitológica de Natterer, ora sob descrições originais, ora sob notificações de registros relevantes (Pelzeln, 1856a,b; 1857, 1858, 1859, 1861, 1863a, 1865)⁹⁷.

Também se enquadram nessa linha os outros dois artigos que avaliam as anotações sobre aves de rapina, oriundas dos manuscritos originais (Pelzeln, 1862b, 1863b) e que, de certa forma, poderiam ser considerados anexos ao seu estudo revisivo, baseado na coleção do museu imperial (Pelzeln, 1862a). E, ainda, adicionam-se os títulos referentes à coleção de Viena que, ao menos indiretamente aludem ao material de Natterer (Pelzeln, 1890; Pelzeln & Lorenz, 1886).

É importante lembrar que algumas dessas grandes descobertas foram publicadas antes mesmo de Natterer retornar à Áustria e, por esse motivo, ele acabou perdendo quase toda a prioridade que merecia. Pelzeln tentou, em seus artigos, remeter a autoria das descrições originais ao próprio Natterer (textualmente “*Natterer Catal.msc.*”)⁹⁸, mas essa manobra não foi aceita e as autorias implicitamente

⁹⁷ Outra fonte de espécie descrita por Pelzeln está na descrição original de *Stenopsis candicans* (hoje *Caprimulgus candicans*), presente em artigo de Sclater (1867), mas a ele unanimemente atribuída.

⁹⁸ Como também o fez Temminck.

direcionadas ao grande explorador acabaram invalidadas por questões nomenclaturais⁹⁹.



Exemplar-tipo (NMW-20010) do grimeirinho (*Leptasthenura striolata*) coletado por J. Natterer em Curitiba e descrito em Pelzeln (1856a) (Foto: M.A.Raposo, 2007).

Pelzeln usara o material após cerca de 20 anos depois do falecimento de Natterer. No entanto, outros autores como Coenraad J. Temminck o fizeram quando o naturalista ainda estava em atividade de coleta. Segundo Schmutzer (2007), Natterer, em viagem pelo Brasil, reclamava da falta de material bibliográfico para preparar seus relatórios de viagem. Ele levava apenas a obra de Gmelin, mas sentia falta de outras obras que pudessem facilitar seus estudos, mencionando claramente: Latham, Azara e Bechstein, bem como as “*Planches Enlumiées*” de Buffon (no caso, contendo as aves recém-descritas ali por Temminck e coletadas pelo próprio Natterer!).

⁹⁹ Essa decisão é curiosamente diferente no caso do peixe-boi *Trichechus inunguis* (Natterer in Pelzeln, 1883) (Melville, 1985).

Seu interesse, tal como expresso nas cartas trocadas com seu irmão Joseph, era reconhecer espécies que poderiam ser novas para a ciência e, com isso, obter mais exemplares para a fundamentação, bem como a anotação mais detalhada de suas características ecológicas, comportamentais e, enfim, biológicas em geral¹⁰⁰.

Atualmente, a ele é atribuída a autoria de uma única espécie¹⁰¹ válida da avifauna brasileira, o saripoca-de-gould (*Selenidera gouldii*) ([Natterer], 1837), cuja descrição se baseia no resumo da ata de uma sessão da *Zoological Society* de Londres, presidida por John Barlow em 11 de abril de 1837. Na reunião foi lida uma carta enviada por Natterer a John Gould, a qual continha além da descrição latina, a sugestão para o nome *gouldii*, em homenagem ao seu amigo inglês. O conteúdo dessa apresentação foi publicado nos “*Proceedings*” da entidade (volume 52, parte 2, p. 44) e, por esse motivo, a autoria é consignada ao naturalista austríaco.

¹⁰⁰ Segundo Montez (2010), ainda há um grande montante de dúvidas sobre os reais interesses de Natterer, durante suas viagens, sendo forçosa uma avaliação interdisciplinar que leve em conta não somente as informações históricas, mas, um conjunto de fatores ligados às ciências humanas (etno-história, linguística e história das ciências). Esse autor confronta, por exemplo, a correspondência por ele mantida no âmbito íntimo (com seu irmão Joseph) com o oficial (com Schreibers), as quais – ao seu modo – narram estados diferentes de conversação. Nesse sentido, Montez tem se dedicado à análise e interpretação de amplo material documental, ainda inédito e não há nenhuma dúvida de que muitos de seus resultados possam ser notavelmente aproveitados para o campo das ciências naturais. Todo o contexto vivenciado mais uma vez se mostra valioso para a elucidação de detalhes que costumam fugir das obras mais gerais, biográficas e compilatórias.

¹⁰¹ Um alerta aqui é necessário. As espécies *Piculus leucolaemus* e *Celeus grammicus* têm sua autoria explicitamente atribuída a seu irmão Joseph, em coautoria com Malherbe (Malherbe, 1845: originalmente “Jos.Natterer & Malherbe”).

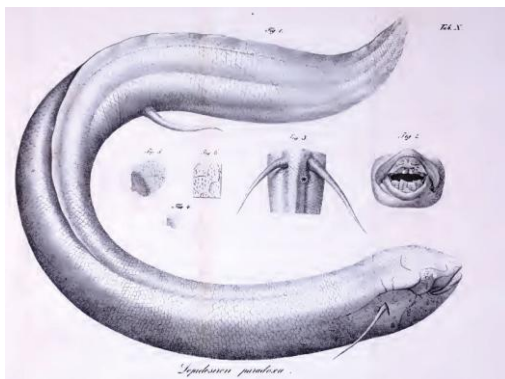


Saripoca-de-gould (*Selenidera gouldii*), a única espécie válida de ave brasileira cuja autoria é oficialmente consignada a Johann Natterer (Foto: Ciro Albano).

Ele publicou também dois artigos em outros campos da Zoologia, um sobre o peixe pulmonado pirambóia (*Lepidosiren paradoxa*) (Natterer, 1840a) e, outro, uma cuidadosa revisão sobre os jacarés do Brasil (Natterer, 1840b)¹⁰².

Além de se tratar de um legado pioneiro contendo espetaculares informações sobre a avifauna brasileira, parece até óbvio se observar que, dentre o material colhido por Natterer e Sochor, haviam espécies de bionomia até então totalmente ignorada, assim como muitas que eram ainda desconhecidas para a ciência.

¹⁰² Ambas as referências aparecem erroneamente mencionadas em Vanzolini (1996 e, por extensão, em Straube, 2000). Tornou-se um verdadeiro desafio corrigi-las por causa desse detalhe.



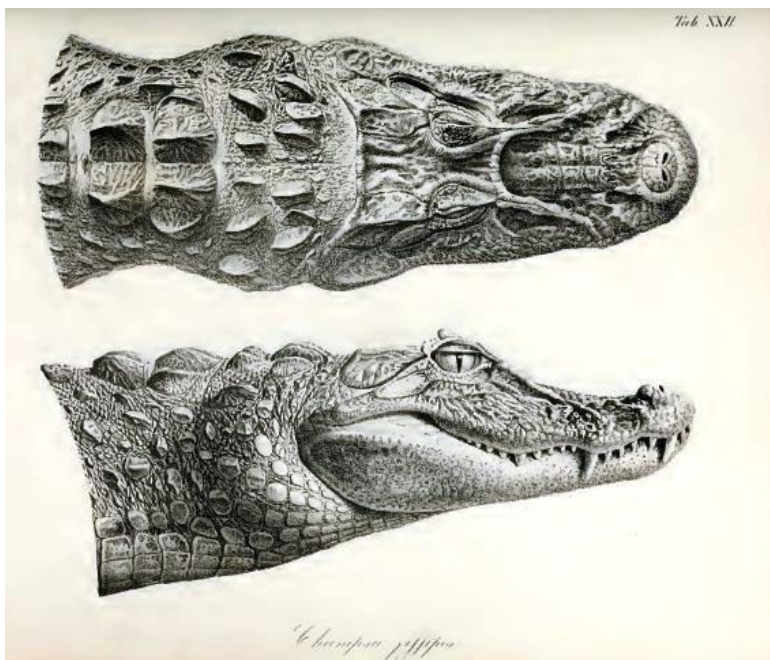
Desenho original de Johann Natterer, publicado em sua obra sobre o peixe-pulmonado pirambóia (*Lepidosiren paradoxa*) (Fonte: Natterer, 1840a).

O cômputo de documentação para o Paraná, por exemplo, foi estimado em pelo menos 156 espécies, o que constitui o primeiro grande resultado para o conhecimento da avifauna estadual (Straube, 1993, 2005). Com localidade-tipo paranaense, seja por determinação original, seja por indicação posterior (mas também baseada em informações de Natterer), pode-se citar treze táxons, assim como vários atualmente considerados sinônimos-júniors.

Algo notável é que as então emergentes cidades de Curitiba, Castro e Jaguariaíva tenham sido grandes mananciais de novas espécies e, dessa forma, constituem-se em pontos-chave para aves não descritas na época. Se considerarmos os táxons representativos da região biogeográfica da Mata de Araucária citadas por Straube & DiGiácomo (2007), concluímos que diversos deles foram descobertos apenas como resultado da expedição ao Paraná: *Cypseloides fumigatus*, *Stephanoxis lalandi loddigesii*, *Thamnophilus caerulescens gilviger*, *Dysithamnus mentalis*, *Cranioleuca obsoleta*, *Leptasthenura striolata*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Phyllomyias virescens*,

Elaenia parvirostris, *Attila phoenicurus*, *Piprites pileata*, *Sicalis citrina* e *Stephanophorus diadematus*.

Isso aconteceu porque teria sido por intermédio de Natterer que finalmente as aves da mata de araucária do Planalto Meridional puderam ser colecionadas e pesquisadas. Cabe lembrar que todas as outras expedições semelhantes levadas a efeito contemporaneamente atingiam o interior de São Paulo (em especial a localidade de “Ypanema”) como limite sulino, sendo raros os exploradores que se aventuraram mais para o sul ou mesmo oeste, a exemplo de Saint Hilaire e Sellow de cujo material, aliás, pouco se aproveita positivamente para a ornitologia paranaense.



“*Champsia fissipes*”, sinônimo-júnior de *Caiman latirostris* (jacaré-de-papo-amarelo), desenhado por Johann Natterer (Fonte: Natterer, 1840b).

Informações sobre ocorrências de várias espécies foram, em muitos casos, também importantes, destacando-se aves incomuns no Brasil, como *Eleothreptus anomalus*, *Culicivora caudacuta*, *Orchesticus abeillei* e *Amazona brasiliensis* ou tidas como pouco conhecidas no âmbito estadual e regiões limítrofes, como *Nothura minor*, *Taoniscus nanus*, *Aburria jacutinga*, *Ara chloropterus*, *Pteroglossus aracari*, *Alectrurus tricolor*, *Phibalura flavirostris*, *Anthus correndera*, *Schistochlamys ruficapillus*, *Sporophila plumbea*, *Sporophila hypoxantha* e *Gallinago undulata* (Pelzeln, 1871; Straube, 1993).



Exemplar (NMW-47444) do socó-boi (*Tigrisoma lineatum*) coletado por Johann Natterer em Curitiba (20 de outubro de 1820) e guardado na reserva técnica do Museu de História Natural de Viena; à direita, detalhe do rótulo original deste exemplar contendo a procedência: “Curytiba, Brasilien” (Foto: Marcos Raposo, novembro de 2007).

Muitas aves colecionadas pela expedição Natterer na região divisória de Itararé (São Paulo) servem também de subsídio importante como elementos que provavelmente ocorriam naquela época no Paraná. Pelo menos duas delas nunca foram encontradas neste estado (p.ex. *Nothura minor* e *Geositta poecilopectera*) e, outras, são muito raras ou restritas a alguns tipos de ambientes particulares (p.ex. *Rhea americana*, *Taoniscus nanus*, *Gallinago undulata*, *Larus maculipennis*, *Eleothreptus anomalus*, *Pteroglossus aracari*, *Cypsnagra hirundinacea* e *Sporophila plumbea*).

Um caso especial é a presença do raríssimo pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*): “*Ytarare März, auf dem Flusse Ytarare ein Paar (sie tauchten unter) August...*” (“Itararé em março, no rio Itararé um casal (como aparentava ser) em agosto...” (Pelzeln, 1871:322), informação esta que – pela peculiaridade geográfica – deve ser também consignada ao estado do Paraná.

Destaque também merecem suas anotações sobre *Taoniscus nanus* obtido em Jaguariaíva (Pelzeln, 1871:295-296):

“Fazenda do s. Coronel Luciano Carneiro auf steppen, wurde mit der Hand gefangen, da sie nicht auffliegen wollten, Jaguaraíba September [...]. Zunge sehr klein, mehr breit als lang, dreieckig, stumpf. Im Magen und Kröpfe Samen (Faz. Carneiro). [Nota de rodapé]: ²⁾ Zwei junge Männchen (Ytarare Januar und März) unterscheiden sich abgesehen von der geringeren Grösse nicht wesentlich vom alten Weibchen, nur ist die Brust ohne Rostgelb Ein Weibchen (Ytarare Februar) ist etwas grösser und an der Brust stark rostfarb gefärbt.”

“Fazenda do sr. Coronel Luciano Carneiro em campo, capturada com a mão por não querer voar, Jaguariaíva, setembro [de 1820]. Língua muito pequena, mais larga do que longa, triangular, sem recortes. No estômago, sementes de cultivos”. [nota de rodapé] ²⁾ Dois machos jovens ([de] Itararé, janeiro e março [de 1820]) não são notavelmente diferentes das fêmeas adultas, exceto por ser, uma dessas ([de] Itararé, fevereiro [de 1820]), maior e apresentando uma mancha amarela ferruginosa no peito, o qual – naqueles – é fortemente manchado de ferrugem”.



Exemplar de *Taoniscus nanus* (NHMW-37938) coletado por Johann Natterer em Jaguariaíva (Paraná) em 15 de setembro de 1820 (Fotos: Ernst Bauernfeind).

Natterer, além do esforço e dedicação para documentar todas as formas de vida que estivessem ao seu alcance, destacou-se também pela qualidade como observador. Desta forma, a importância das peles obtidas aumenta quando associadas às anotações dos diários de campo sobre cada espécime, nos quais relatava cuidadosamente dados importantes como características morfológicas, anatômicas e até comportamentais (Goeldi, 1896; Ihering, 1902; Sick, 1997).

Algo curioso sobre o trabalho de Natterer no Brasil é a forma com que coletava as aves, em especial as de pequeno porte. Armou-se de uma carabina de ar comprimido que, municiada por uma máquina de bombear, tinha excelentes resultados para a coleta, graças à possibilidade de efetuar vários disparos consecutivos, sem grandes riscos de causar danos às peles. Era uma grande vantagem se comparada com as armas de fogo tradicionais, que podiam gerar apenas um ou dois tiros e que exigiam o uso de pólvora, material via de regra comprometido pela umidade das regiões tropicais. Para a época, esse era um grande avanço tecnológico, tendo inclusive motivado o imperador Pedro I, com Leopoldina, a uma visita surpresa ao naturalista, apenas para conhecer a engenhoca e experimentá-la. No entanto, a facilidade prática tinha suas desvantagens. Segundo Riedl-Dorn (1999), que descreve esse detalhe, para dar 30 a 40 tiros, era necessário realizar 2.500 bombadas na máquina e seu transporte exigia uma mula.

Natterer pertenceu a uma época incandescente sob o ponto de vista da história natural do Brasil. Embora sua expedição tenha se sobressaído sobre todas suas contemporâneas quanto ao período despendido em campo e ao trabalho zeloso para a preparação dos exemplares, o tempo foi – como dito – crucial na prioridade da descrição dos novos táxons (Straube, 2000).

Cabe lembrar que a sua viagem foi contemporânea de outras expedições bastante conhecidas na literatura, como a de Maximilian A. Phillip, Príncipe de Wied-Neuwied (Wied, 1820a, 1820b, 1821, 1830-1833; Bokermann, 1957), Auguste de Saint Hilaire (Saint-Hilaire, 1822, 1871) e George Heinrich von Langsdorff (Bertels *et al.*, 1988). A peregrinação do primeiro, infelizmente, não contemplou o Paraná, situação diferente das duas últimas, cujos resultados

têm importância mais ilustrativa e descritiva da paisagem original do que propriamente zoológica.

Em alguns casos, Pelzeln (1871) conseguiu resgatar partes preciosas das anotações de Natterer, incluindo em sua obra revisiva. Esses detalhes nem sempre eram referentes a animais coletados, mas eventualmente interligados com registros não documentados por peles.

Uma indicação do savacu-de-coroa (*Nyctanassa violacea*), por exemplo, dá conta de toda a circunstância em que fôra observada (Pelzeln, 1871:303): “*Auf der Insel Guarecasaba im Fluge, es befanden sich auf dieser kleinen Insel kleine weisse Reiher, Nachtreiher, [...]*” (“Em voo, na ilha de Guaraqueçaba; haviam também nessa pequena ilha, pequenas garças-brancas, noturnas”).

Há também outro grande destaque de seu legado em solo paranaense, referência à presença de guarás (*Eudocimus ruber*) na região litorânea. Assim Pelzeln (1871:306) transcreve as anotações originais:

“22. *Ibis rubra* (Linné). N. 470. *Paranagua Januar auf einer durch die Ebe entblösten Sandbank aus einer Schaar von fünf Stücken, wovon zwei roth waren, mit Garzas in Gesellschaft December, Rio do Boraxudo auf Mangues aus einer Schaar von fünf rothen, einigen schwarzen und drei Garzas December, Cajutuba, 1835. 28 Ex.*¹⁾

Zunge 5''' lang, länglich dreieckig, nicht sonderlich spitzig. Das Junge Männchen war stark in der Mauser, alle nachwachsenden Federn waren scharlachroth (Paranagua). Magen immer mit kleinen Krabben angefüllt - Baut sein Nest auf Mangues, viele auf einen Baum. Das Ei soll weiss sein, mit braunen Flecken wie von der Saracura dos Mangues, der Dotter soll roth sein (Rio do Boraxudo).

¹⁾ Ein von Herren Spix und Martius lebend aus Brasilien nach München

“22. *Ibis rubra* (Linné). N. 470. [Em] *Paranaguá (Janeiro) em um banco de areia exposto pela maré, onde havia um bando com cinco indivíduos, sendo dois vermelhos, em companhia de garças. Em dezembro no Rio do Borrachudo, em manguezais, onde um bando continha cinco indivíduos vermelhos, alguns escuros e três garças. Em Cajutuba (Dezembro de 1835). 28 exemplares*¹⁾

Língua com 5 polegadas de comprimento, triangular oblonga, não propriamente pontuda. O macho jovem estava em muda, sendo que todas as penas em regeneração eram forte escarlates (Paranaguá).

Estômago sempre preenchido por caranguejos pequenos; constroem seus ninhos nos mangues, muitos em uma única árvore. O ovo deve ser branco, com marcas marrons tal como a saracura-dos-mangues, a gema deve ser vermelha (Rio do Borrachudo).

gebrachtes und von da nach Wien gekommenes Exemplar lebte vierzehn Jahre in Europa und wurde von Sr. Majestät Terrasse 1833 eingeliefert. an demselben ist die Färbung ausserordentlich verblasst, in Ziegelroth und Rosenfarb übergehend. Ein Ex. von *Ibis rubra* ist 1806 durch H. v. Fichtel acquirirt worden.

¹). Um exemplar foi levado vivo pelos srs. Spix e Martius do Brasil para Munique e, de lá, para Viena, vivendo por 14 anos na Europa no terraço de Sua Majestade desde 1833. Neste animal a coloração se empalideceu extraordinariamente para vermelha-tijolo ou rósea. Um exemplar de *Ibis rubra* foi adquirido em 1806 por H. v. Fichtel.”

Há várias questões a serem desmembradas dessa narrativa. A primeira delas diz respeito à presença (e quantidade) de guarás nos manguezais do município de Guaraqueçaba, topônimo que costuma ser traduzido como “pouso de guarás”. Em virtude da grande extensão de habitats estuarinos, essa hipótese etimológica até faria algum sentido biológico e, diga-se de passagem, também do ponto de vista linguístico (*guara* + *keha* + *aba* = lugar onde dormem os guarás). No entanto, Straube (1999) a descartou provisoriamente pela total carência de documentação e registros históricos minimamente aceitáveis.

Como se vê, não há nenhuma dúvida de que Natterer obteve espécimes dessa ave no município citado, tal como comprovam três dos quatro exemplares colecionados no Paraná e até hoje mantidos no acervo do *Naturhistorisches Museum Wien* (Áustria).

Graças às informações sobre o itinerário da expedição, é possível resgatar alguns outros detalhes relevantes. Observa-se que, logo ao chegar em Paranaguá em 13 de dezembro de 1820, Natterer já coletou um espécime (NMW-23666); depois disso, obteve mais três no rio do Borrachudo (NMW-39460, 47673 e 47674), que talvez fizessem parte do grupo com mais de cinco indivíduos observados (vide nota transcrita acima) e, em janeiro de 1821, observou outros cinco em Paranaguá.

Exemplares de guará (*Eudocimus ruber*) colecionados por Johann Natterer no Paraná e depositados no *Naturhistorischen Museums* de Viena, Áustria (NMW) (E.Bauernfeind, 2006 *in litt.*). Legenda: Acervo (Ac): ex, em exposição; cs, coleção seriada; Sexo (S): m, macho; f, fêmea; Idade (Id): im, imaturo; ad., adulto.

Exemplares	Ac	S	Id	Localidade de coleta	Data de coleta
NMW-23666	ex	m	im	“Paranagua”	13/dezembro/1820
NMW-39460	cs	f	ad	“Rio do Boraxudo near Paranagua”	28/dezembro/1820
NMW-47673	ex	m	ad	“Rio do Boraxudo”	23/dezembro/1820
NMW-47674	ex	f	ad	“Rio do Boraxudo”	24/dezembro/1820

Todas essas informações são bastante importantes porque aumentam para pelo menos onze indivíduos o total observado pelo viajante em sua curta estada naquela região. Esse número, entretanto, não é suficiente para se considerar que a espécie existisse em grandes números como frequentemente ventilado na literatura toponímica e, particularmente, no caso de Guaraqueçaba. Afinal, Natterer é bem explícito ao mencionar o número de indivíduos observados: cinco em Paranaguá (sendo dois vermelhos) e depois cinco adultos e alguns jovens no rio do Borrachudo. É uma situação bastante diferente daquela verificada em outros pontos litorâneos brasileiros como Cubatão (São Paulo) e mesmo no litoral do Maranhão e Pará, onde a espécie pode ser efetivamente considerada abundante (Sick, 1997)¹⁰³.

As anotações adicionais de outros locais que foram visitados por Natterer (destacadamente “ilha de Guaraqueçaba” pela proximidade geográfica), mas sem nenhuma indicação da presença do guará, são importantes. Elas levam a crer que, embora Natterer tenha encontrado pouco mais de uma dezena de indivíduos de *Eudocimus*

¹⁰³ Apenas nos últimos anos o guará parece estar retornando a vários locais litorâneos paranaenses onde era abundante no passado, questão que mereceria estudo profundo dos aspectos ecológicos envolvidos; mais detalhes podem ser obtidos em Straube (2009).

ruber no litoral do Paraná, eles apenas estavam presentes em dois locais (Paranaguá e rio do Borrachudo) e, em número pequeno, mais das vezes associados com garças em cordões de areia expostos pela baixa-mar na zona de manguezais. O naturalista austríaco não cita a presença do guará em outros lugares visitados e esse é um dos indicativos de que, pelo menos no tempo em que visitou o fundo da baía das Laranjeiras, a espécie não era abundante naquela região.

Mas referimo-nos aos anos de 1820 e 1821. Recentemente, a releitura de uma obra em particular trouxe indícios reveladores sobre a abundância dessa espécie em Guaraqueçaba e, inclusive, sobre os motivos para o seu declínio. Embora com base em uma única narrativa leiga, passamos agora a mudar nossa opinião sobre a etimologia do município, já devidamente amparada como “lugar onde dormem os guarás” (Straube, em prep.).

Outro aspecto interessante de análise e julgamento, diz respeito à nidificação da espécie no litoral paranaense. Indivíduos juvenis, mesmo com início de plumagem vermelha, são indicados; também é mencionado o fato de construírem seus ninhos em manguezais, “muitos em uma única árvore”. Contudo, o verbo alemão utilizado para descrever a cor externa dos ovos, e da gema, tem fundo supositivo: Natterer não afirma que o ovo é branco com manchas marrons nem que possui gema vermelha e sim, respectivamente, que “deve” ser daquela cor e “deve” possuir gema desta outra cor. Compara, inclusive, com os ovos da “saracura-dos-mangues” que, em sua obra, não encontra-se mencionada como nome popular, mas que deve se referir a *Aramides cajanea* (citada por Pelzeln, 1871:315, como *Aramides cayennensis*). Não há, por assim dizer, se o que foi observado (presença de ninhos e de ovos) no rio do Borrachudo refere-se ao *Eudocimus ruber* ou a *Aramides*

cajanea que, aliás, é espécie das mais comuns naquela região.



Exemplos do trabalho caprichoso de Johann Natterer, expostos em Viena. Acima, o gavião-real ou harpia (*Harpia harpyja*, esq.) e o araçari-mulato (*Pteroglossus beauharnaesii*, dir.); abaixo o saurá-de-pescoço-preto (*Phoenicircus nigricollis*, esq.) e uma composição com psitacídeos de grande porte, mostrando a araracanga (*Ara macao*), a arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e a ararinha-militar (*Ara militaris*) (Fonte: <http://www.nhm-wien.ac.at>).

Com relação a outros grupos colecionados no Paraná, é importante frisar que Natterer e Sochor

concentraram suas atividades na coleta de aves, tendo obtido apenas um único espécime de mamífero (Pelzeln, 1883)¹⁰⁴. Isso causa certa surpresa, se avaliado o seu rendimento em outras regiões brasileiras (Goeldi, 1896), mesmo na região adjacente de Itararé, de onde procedem vários exemplares. Essa é uma situação no mínimo inusitada, visto que ele próprio pretendia publicar um extensivo estudo mastozoológico, com base no volumoso material obtido no Brasil (Pelzeln, 1883; Hershkovitz, 1987). Além disso, exemplares eventualmente coletados no sul, especialmente nas regiões mais frias com campos e matas de araucária deveriam ser, no mínimo, importantes do ponto de vista biogeográfico. Sobre os répteis paranaenses, é provável que todo o material obtido tenha se perdido no incêndio do museu de Viena, uma vez que inexistem quaisquer citações em estudo compilatório recente (Vanzolini, 2000).

Conforme já demonstrado, não foi apenas à ornitologia que o naturalista austríaco contribuiu de forma decisiva e pioneira. Resenhas históricas sobre outras áreas do conhecimento, especialmente dos vários campos da zoologia, têm-no sempre lembrado, como prova de seus interesses multifacetários e incomparável produtividade nos trabalhos de campo.

O seu constante interesse por todas as informações que cada exemplar poderia fornecer é muito bem lembrada por Rego (1982):

"Natterer não se limitou a colher e preparar os vertebrados, mas também examinava o interior dos organismos e suas vísceras, colhendo os seus parasitas. Essa enorme quantidade de material (quase 2000 frascos de

¹⁰⁴ Um tatu-mulita (*Dasypus hybridus*) em “Lanza, Januar [de 1821]” (Pelzeln, 1883:99), obviamente capturado por Sochor, com base na data.

*helminthos) serviu para os estudos dos renomados helmintologistas Rudolphi, Diesing, Molin, Fuhrmann, Heymons e muitos outros*¹⁰⁵.

Esse mesmo autor, mais adiante, conclui:

“...tudo que se conhece de helmintologia no Brasil até o Século XX é devido praticamente ao material coletado por Natterer” (Rego 1982).

O interesse de Natterer pela parasitologia teria de fato aflorado muitos anos antes de chegar ao Brasil¹⁰⁶ e expresso em um documento interno do museu imperial contendo instruções para pesquisa e coleta de helmintos, de autoria consignada a ele, junto a Schreibers e ao médico e parasitólogo Johann Gottfried Bremser (1767-1827)¹⁰⁷ (Nomura 1997; Sattmann *et al.*, 1999).

Os mamíferos por ele coletados no Brasil, somando 781 exemplares (representando quase metade das espécies conhecidas para o país), foram estudados por Johann Andreas Wagner (1797-1861) (Wagner, 1842, 1843, 1847-1848) e, posteriormente, por Auguste von Pelzeln (1883) que preparou uma coletânea semelhante à das aves. Sobre o acervo, testemunha Hershkovitz (1987): “...his collection represented more species and included types of more than

¹⁰⁵ Também, destacadamente, uma série importantíssima de parasitas retirados dos tratos digestórios de crocodilianos e surpreendentemente em perfeito estado de conservação até os dias de hoje (Núñez, 2003).

¹⁰⁶ Segundo Riedl-Dorn (1999:53), “Natterer foi tão meticuloso [para coletar vermes], que até mesmo um áscaris [leia-se ‘lombriga’], que habita o intestino do homem, chegou ao Museu de Viena com a seguinte inscrição: ‘*Ascaris lumbricoides* vomitado por Natterer’ “.

¹⁰⁷ “*Nachricht von einer beträchtlichen Sammlung thierischer Eingeweidewürmer, und Einladung zu einer literarischen Verbindung, um dieselbe zu vervollkommen, und sie für die Wissenschaft und die Liebhaber allgemein nützlich zu machen*”.

had been collected in Brazil by anyone else in the century, or possibly at any time”¹⁰⁸.

Dos peixes, Jacob Heckel (1840) publicou um artigo sobre as espécies de água doce, analisando brevemente parte do material da expedição e incluindo descrições de 49 espécies tidas como novas, especialmente de Cichlidae (Vanzolini 1996). Os demais peixes, répteis e anfíbios foram parceladamente estudados por diversos autores, especialmente Rudolf Kner (peixes: *e.g.* a piranha *Serrasalmus nattereri*) e Franz Steindachner (Vanzolini 1996).

É Papávero (1971) um dos que descreve o legado documental colhido pelo naturalista:

“Natterer's collection, gathered during 18 years of strenuous efforts in Brazil, were deposited in the Museum of Vienna, and comprised: 430 samples of minerals; 1729 vials of helminths; 1024 specimens of molluscs; 409 specimens of crustaceans; 32825 specimens of insects; 1671 specimens of fishes; 1678 specimens of reptiles and amphibians; 12293 specimens of birds (representing 1200 species!); 125 different types of eggs; 192 skulls; 42 anatomical preparations; 242 samples of seeds; 147 samples of woods; 216 coins; 1492 ethnographical objects (ornaments, implements, weapons, etc. and 60 glossaries of the different tribes he visited during his journeys). A simple calculation shows that he must have prepared, as average, 2 bird skins a day, for every day during his 18 years in Brazil, not counting Sundays and holidays, days employed in travelling, etc.”

“A coleção de Natterer, obtida durante 18 anos de esforços extenuantes, foi depositada no Museu de Viena, e compreende: 430 amostras de minerais, 1729 frascos de helmintos, 1024 espécimes de moluscos, 409 de crustáceos, 32825 de insetos, 1671 de peixes, 1678 de répteis e anfíbios, 12293 de aves (representando 1200 espécies!), 125 tipos de ovos, 192 crânios, 42 preparações anatômicas, 242 amostras de sementes, 147 amostras de madeiras, 216 moedas, 1492 objetos etnográficos (ornamentos, equipamentos, armas etc e 60 glossários das diferentes tribos que ele visitou durante suas jornadas). Um simples cálculo mostra que ele deve ter preparado, em média, duas peles de aves por dia, para cada dia, durante seus 18 anos no Brasil, sem contar os domingos e feriados, dias empregados nas viagens e etc.”

¹⁰⁸ “Sua coleção representa mais espécies e inclui [exemplares]-tipos de mais de tudo o que foi coletado no Brasil por qualquer um naquele século e, possivelmente, em todos os tempos”.

Esses números destoam pouco da versão oficial apresentada em relatório por Joseph Natterer (Schmutzer, 2007): “O rendimento total de suas viagens inclui 1.146 mamíferos, 12.293 aves, 1.678 anfíbios, 1.621 peixes, 32825 insetos, 409 crustáceos, 951 conchas, 73 moluscos, 1729 vidros com vermes intestinais, 42 preparações anatômicas, 192 crânios, 242 sementes, 138 amostras de madeira, 430 minerais e 216 moedas. Acrescente-se a isso a coleção de objetos etnográficos, em número de 1741. Outros 125 materiais, não atribuíveis a peças exatas, completam o espólio deixado por Natterer”¹⁰⁹.

O capricho destinado à coleta de informações não se resumia aos espécimes. Natterer era também um excelente desenhista. Segundo a revisão iconográfica de suas produções (Teixeira & Papávero, 1999): *“Reunindo desde aquarelas de fina fatura até simples desenhos esquemáticos traçados a lápis, a iconografia de Johann Natterer disponível até o momento abarca 98 ilustrações, das quais 51 são dedicadas aos peixes, 11 às aves e 36 aos mamíferos, sendo que 28 dessas últimas dizem respeito aos morcegos obtidos durante sua estadia em nosso país. No conjunto dessa coletânea, os 11 desenhos relativos às aves sem dúvida surgem como os mais peculiares, por retratarem apenas rapineiras do Velho Mundo, não havendo em todo o elenco estudado nenhuma figura que possa ser atribuída a elementos da avifauna neotropical, lacuna bastante inusitada face ao copioso acervo ornitológico reunido por Natterer no Brasil”*¹¹⁰.

¹⁰⁹ Há ainda, exsicatas, em número não avaliado pois foram incorporadas ao material obtido por Mikan, Pohl e Schott quando de sua entrada no “Museu Brasileiro” (Stafleu & Cowan, 1981).

¹¹⁰ Pode-se supor, embora com base puramente especulativa, que Natterer optara por retratar animais que tradicionalmente são conservados em via úmida e, por esse motivo, pretendia preservar informações dos respectivos coloridos sob a forma de desenhos. Além disso, poderia ser aceitável imaginar que eventuais pranchas de aves brasileiras por ele



Um exemplo da obra iconográfica de Johann Natterer, aquarela mostrando uma raia (Fonte: *Kunst Historisches Museum*: <http://www.khm.at/>; acessada em 26 de janeiro de 2007).

Não bastasse todo esse material que tão amplos estudos resultaram em prol das ciências naturais brasileiras, foi também Natterer um colecionador de elementos da cultura material indígena. Só no museu de etnologia de Viena constam 1.800 artefatos que ele colheira junto a Pohl, ilustrando pelo menos 60 grupos étnicos do Mato Grosso, rio Branco e rio Negro (Kann, 2002; Plankensteiner, 2004). Essas peças podem ser consideradas as únicas existentes em coleções originárias destas regiões e, por certo, nunca mais um acervo deste vulto poderá ser construído.

preparadas, estivessem já reunidas aos manuscritos de sua monografia que, sabidamente, foi destruída pelo incêndio de Hofburg em 1848.

O conteúdo desse material era notavelmente diversificado e, por vezes, curioso. Em carta endereçada a autoridades locais no Mato Grosso (Schmutzer, 2007), faz Natterer um pedido estranho de colaboração:

S.M. o Imperador de Austria houve por bem enviar me para estas terras remotas para fazer collecções das diversas producções da natureza deste vasto paiz, juntamente com as armas enfeitos e outros trastes dos indios silvestres, acompanhado com o esquelletto das cabeças de alguns d'elles, para ver a differença na estrutura do cranio. Por esta razão peço a V.S., que no caso, que aconteça ser mortos alguns Cabexis em alguma balroada, mandar cortar a cabeça a hum ou dous indios ja feito homens, mandar tirar os miolos sem molestar o casco e secarllas perto do fogo para não podrecer muito”¹¹¹.

Curiosamente, foi apenas e precisamente quando estava em Curitiba que Natterer passou a despertar certo interesse pelas culturas indígenas brasileiras, o que – futuramente – norteou grandemente suas atividades de observador e linguista. Isso graças ao auxílio de uma jovem índia camé¹¹² de Guarapuava, que o auxiliou nas anotações de certas palavras.

Seu interesse pela etnozoologia não se limitou aos indígenas, mas também estendeu-se pela nomenclatura vernácula zoológica. Além de todo o trabalho de

¹¹¹ Segundo Schmutzer (2007), Natterer falava razoavelmente o português, provavelmente amparado por um dicionário francês-português que carregava consigo. Também aprendera noções de várias línguas indígenas, graças ao auxílio de seus companheiros de viagem, contratados nos locais por onde passava.

¹¹² Essa índia, segundo seus diários, chamava-se *Ninschirin* (ou Rufina, como tratada após o batismo católico) e “pertencia” ao juiz que o acolheu naquela cidade. Há aqui uma certa semelhança com Saint Hilaire mas, pelas indicações da localização geográfica dos respectivos anfitriões, as fontes parecem ter sido distintas.

organização e execução de viagens, colecionamento, conservação e remessa, também se ocupou de anotar os nomes populares das aves abatidas, tal como eram utilizados em cada região brasileira, fornecendo subsídios importantíssimos para a pesquisa desse campo no país (Straube *et al.*, 2007).

Auguste de Saint Hilaire (1942:263) noticia ter encontrado e conhecido Natterer pessoalmente na fazenda Ipanema (São Paulo). É dele um “retrato” descritivo do austríaco e que merece transcrição:

“Encontrei-me em Ipanema com Natterer, zoólogo da comissão científica que o imperador da Áustria tinha enviado ao Brasil, para estudar e analisar suas produções. Natterer tinha se alojado há um ano nas proximidades das forjas e aí formou uma imensa coleção de animais. Era impossível deixar de admirar a beleza dos pássaros; nenhum vi que tivesse uma única pena colada ou uma só gota de sangue. Natterer era filho do empalhador do museu de Viena, mas tinha mais conhecimentos e o saber do que um preparador comum. Desenhava muito bem e descrevia, afirmaram-me, todos os objetos que colecionava. Era, além disso, um homem frio e pouco comunicativo; raramente falava e parecia ocupar-se exclusivamente com a sua missão”.

Johann Baptist von Natterer, conforme pode-se facilmente notar, foi não somente a mais importante personalidade sobre cujo legado se assenta uma respeitável fração do que hoje se conhece da biodiversidade brasileira. Foi também um exemplo de cidadão que elegeu o Brasil

como sua segunda pátria, aprendendo a língua local, convivendo com os habitantes locais e entendendo seus costumes.

Em 1831, na pequena cidade de Barcelos (Amazonas), casou-se com uma brasileira, Maria do Rego, com quem teve dois filhos no Brasil e um último em Viena. O primeiro descendente era uma menina, chamada Gertrude em homenagem à amável senhora¹¹³ que o acolheu e dele cuidou, com receitas terapêuticas do conhecimento médico tradicional, durante grave enfermidade hepática contraída em Vila Bela (Mato Grosso).

Ao regressarem para a Áustria, Dona Maria, que como ele se encontrava doente, mas em estado ainda pior por não ter se adaptado ao clima europeu, faleceu em um hospital em Karlsbad em 8 de dezembro de 1837. Passaram-se, portanto, apenas nove meses após ter dado a luz ao terceiro filho, agora sob os cuidados do pai.

Gertrude (1832-1895), filha mais velha, foi a única que viveu por mais tempo, tendo se casado – na Áustria – com o Barão Julius Schröckinger Ritter von Neudenberg (1814-1882) que, além de autoridade respeitada, era geólogo e vice-presidente da Sociedade Zoobotânica da Áustria¹¹⁴.

¹¹³ É dona Adelaide Delfina Gertrudes Capeto Pinto Ravin, irmã de Antônio Peixoto de Azevedo, tenente de milícias que (*circa* 1819) comandou expedições pelo norte do Mato Grosso, em busca de estabelecer comunicações fluviais entre as diversas regiões habitadas. Seu nome é celebrado no rio e na cidade matogrossense.

¹¹⁴ A ele é que se devem uma das primeiras biografias de Natterer (Neudenberg, 1855).

ANEXO

Natterer e Sochor:

revisão da contribuição ornitológica ao Paraná

Reavaliação dos registros de espécies atribuídos à Expedição Natterer no Paraná, com as denominações atual (destacada) e original (de Pelzeln, 1871), além das localidades na grafia original (**L**), datas dos registros e eventuais anotações, transcritas dos artigos publicados por Pelzeln e acompanhadas da tradução. A atualização nomenclatural baseia-se nos Catálogos de Hellmayr e a classificação segue CBRO (2011), com as alterações de Scherer-Neto *et al.* (2011).

TINAMIFORMES

TINAMIDAE

Nothura maculosa (Temminck, 1815)

Nothura major Spix (p.295)

L: Jaguaraíba (janeiro de 1821)

[Rodapé:] “*Das Exemplar von Jaguaraiba ist noch sehr jung*”.

“O exemplar de Jaguariaíba é ainda muito jovem”.

Taoniscus nanus (Temminck, 1815)

Nothura nana (Temm.) (p.295)

L: Fazenda do S. Coronel Luciano Carneiro, Jaguaraíba (setembro de 1820)¹¹⁵.

“*Fazenda do s. Coronel Luciano Carneiro auf steppen, wurde mit der Hand gefangen, da sie nicht auffliegen wollten, Jaguaraiba September [...]. Zunge sehr klein, mehr breit als lang, dreieckig, stumpf. Im Magen*

“Fazenda do sr. Coronel Luciano Carneiro em campo, capturada com a mão por não querer voar, Jaguariaíba, setembro [...]. Língua muito pequena, mais larga do que longa, triangular, sem

¹¹⁵ Aqui não fica claro se seriam duas localidades ou somente uma, mas há apenas um exemplar desta espécie oriundo de “Jaguaraíba” no museu de Viena (NHMW-37938) (vide acima).

<i>und Kröpfe Samen (Faz.Carneiro).</i>	recortes. No estômago, sementes de cultivos”.
---	---

ANSERIFORMES

ANATIDAE

***Mergus octosetaceus* Vieillot, 1817**

Mergus brasiliensis Vieill. (p.322)

L: Flusse Ytararé (agosto de 1820)¹¹⁶.

<i>“Ytarare März, auf dem Flusse Ytarare ein Paar (sie tauchten unter) August.[...]”</i>	“Itararé em março, no rio Itararé um casal (como aparentava ser) em agosto...”
<i>“Im Magen Fische (Ytarare August).”</i>	“No estômago, peixes (Itararé, agosto)”

GALLIFORMES

ODONTOPHORIDAE

***Odontophorus capueira* (Spix, 1825)**

Odontophorus dentatus (Temm.) (p.289)

L: Curytiba (outubro de 1820)

SULIFORMES

FREGATIDAE

***Fregata magnificens* Mathews, 1914**

Tachypetes aquilus Linné (p.326)

L: Paranagua (dezembro de 1820)

SULIDAE

***Sula leucogaster* (Boddaert, 1783)**

Sula fusca Vieill. (p.325)

L: Paranagua (dezembro de 1820)

¹¹⁶ O fato de Natterer ter colecionado um exemplar no rio Itararé, embora pouco antes de adentrar em território paranaense, sugere que o registro seja igualmente consignado ao Paraná.

PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax brasilianus (Gmelin, 1789)

Graculus brasilianus Gmel. (p.325)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820), Paranagua (dezembro de 1820).

PELECANIFORMES

ARDEIDAE

Tigrisoma lineatum (Boddaert, 1783)

Tigrisoma brasiliense (Linné) (p.302)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Nycticorax nycticorax (Linnaeus, 1758)

Nycticorax Gardeni (Gmel.) (p.302)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Nyctanassa violacea (Linnaeus, 1758)

Nycticorax violaceus (Linné) (p.302)

L: Paranagua (dezembro de 1820), Ilha de Guaraqueçaba (provavelmente dezembro de 1820; sem espécimes).

“Auf der Insel Guarecasaba im Fluge, es befanden sich auf dieser kleinen Insel kleine weisse Reiher, Nachtreiher, [...]”

“Em voo, na ilha [de] Guaraqueçaba; haviam também nessa pequena ilha, pequenas garças-brancas, noturnas.”

Butorides striata (Linnaeus, 1758)

Ardea scapularis Illig. (p.301)

L: Paranagua (dezembro de 1820)

Ardea cocoi Linnaeus, 1766

Ardea cocoi Linné (p.300)

L: Villa de Castro (dezembro de 1820)

Ardea alba Linnaeus, 1758

Ardea Egretta Gmel. (p.300)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820), Paranagua (dezembro de 1820, janeiro de 1821).

***Egretta caerulea* (Linnaeus, 1758)**

Ardea coerulea Linné (p.301)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820), Paranaguá (dezembro de 1820, janeiro de 1821)

THRESKIORNITHIDAE

***Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758)**

Ibis rubra (Linné) (p.306)

L: Paranaguá (janeiro de 1821), Rio do Boraxudo (dezembro de 1820)

<i>“Paranagua Januar auf einer durch die Ebbe entblösten Sandbank aus einer Schaar von fünf Stücken, wovon zwei roth waren, mit Garzas in Gesellschaft December, Rio do Boraxudo auf Mangues aus einer Schaar von fünf rothen, einigen schwarzen und drei Garzas December.[...]”</i>	<i>“Paranaguá (janeiro) em um banco de areia exposto pela maré, onde havia um bando com cinco indivíduos, sendo dois vermelhos, em companhia de garças. Em dezembro no Rio do Borrachudo, em manguezais, onde um bando continha cinco indivíduos vermelhos, alguns escuros e três garças, dezembro”.</i>
<i>“Magen immer mit kleinen Krabben angefüllt. — Baut sein Nest auf Mangues, viele auf einen Baum. Das Ei soll weiss sein, mit braunen Flecken wie von der Saracura dos Mangues, der Dotter soll roth sein (Rio do Boraxudo)”.</i>	<i>“Estômago sempre preenchido por caranguejos pequenos. - Constroem seus ninhos nos mangues, muitos em uma única árvore. O ovo deve ser branco, com marcas marrons tal como a saracura-dos-mangues, a gema deve ser vermelha (Rio do Borrachudo).”</i>

***Mesembrinibis cayennensis* (Gmelin, 1789)**

Geronticus cayennensis (Gmel.) (p.307)

L: Castro (13 de janeiro de 1821)

***Theristicus caudatus* (Boddaert, 1783)**

Geronticus albicollis (Linné) (p.307)

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820, janeiro de 1821), Tayacocca (28 de setembro de 1820), Murungaba (março e abril de 1821).

CATHARTIFORMES
CATHARTIDAE

***Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758)**

Sarcoramphus papa (Linné) (p.1)

L: Murungaba (março de 1821)¹¹⁷

ACCIPITRIFORMES
ACCIPITRIDAE

***Accipiter bicolor* (Vieillot, 1817)**

Accipiter pileatus (Pr.Neuw.) (p.8)

L: Murungaba (março de 1821)

***Buteogallus aequinoctialis* (Gmelin, 1788)**

Urubitinga aequinoctialis (Gmel.) (p.3)

L: Paranagua (dezembro de 1820)¹¹⁸

“[...] in morastigen Gegenden, wo Mangues sind [...]”.	“[...] em áreas úmidas, onde há manguezais [...]”.
--	--

***Heterospizias meridionalis* (Latham, 1790)**

Urubitinga meridionalis (Lath..) (p.2)

L: Jaguaraiba (setembro de 1820)¹¹⁹

***Urubitinga coronata* (Vieillot, 1817)**

Circaetus coronatus (Vieill.) (p.4)

L: Fazenda do Pitangui [dezembro de 1820]¹²⁰

¹¹⁷ Pelzeln (1862b:171), dá detalhes de medidas sobre esse espécime, bem como produz uma descrição detalhada da espécie, inclusive do jovem, informando também sobre detalhes de ecologia.

¹¹⁸ Pelzeln (1862b:181), descreve a plumagem, coloração de partes nuas e adiciona medidas. Complementa: “Männchen (in der Mauser, Paranagua)” (“Machos, em muda, Paranaguá”).

¹¹⁹ Pelzeln (1862b:180-181): “Jaguaraiba September”.

¹²⁰ Pelzeln (1862b:192) descreve a série obtida e informa mais detalhes sobre uma observação em território paranaense: “Auf der Fazenda do Pitangui sah ich zwei solche Vögel auf Steppengegend nahe über den boden hinziehen, einer war braun vielleicht ein Junger” (“Na Fazenda do Pitangui, vi dois desses pássaros no campo perto do chão, um deles marrom, talvez jovem”). Essa anotação, atribuída a Natterer, não se refere ao exemplar colecionado, uma vez que na data de coleta, ele estava já em Paranaguá. Com

***Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788)**

Astur magnirostris (Gmel.) (p.6)

L: Villa de Castro (dezembro de 1820)

***Geranoaetus albicaudatus* (Vieillot, 1816)**

Buteo pterocles (Temm.) (p.3-4)

L: [Delgado (agosto de 1820)]¹²¹; Murungaba (maio de 1821)¹²²

[Nome popular] “Gavião branco (zu Delgado)”.	Gavião-branco (em Delgado).
--	-----------------------------

***Geranoaetus melanoleucus* (Vieillot, 1819)**

Geranoaetus melanoleucus (Vieill.) (p.4-5)

L: Murungaba (março e abril de 1821)¹²³

GRUIFORMES
RALLIDAE

***Aramides cajanea* (P.L.S.Müller, 1776)**

Aramides cayennensis (Gmel.) (p.315-316)

L: Paranagua no Rio da Villa (dezembro de 1820), Rio do Boraxudo (dezembro de 1820)

isso, deduz-se que o topônimo foi visitado também na viagem de ida, onde o naturalista colheu visualmente tais informações.

¹²¹ Sobre a localização de “Delgado”, vide nota de rodapé nº62.

¹²² Pelzeln (1862b:185-187) descreve vários espécimes (plumagem, partes nuas, medidas, variações) colecionados por Natterer, mas nenhum destaque é dado ao de Murungaba. Sobre o exemplar de Delgado: “*Männchen (alt, Delgado August). Iris dunkelbraun. Schnabel von der Wurzel bis an die Hälfte hellblaugrau, das übrige schwarz. Wachshaut und Schnabelecken blaugrau, der Rücken in's Gelbliche ziehend. Augenringe und Augendeckelknochenhaut dunkelgrau. Füße blassgelb. Klauen schwarz. [...] Kehle weiss. Oberleib aschgrau. Im Kropf und Magen Chalciden Soll Schlangen fressen; läst sie aus der Luft auf die Erde fallen um sie zu tödten*” (“Macho (adulto, Delgado agosto). Íris marrom escura. Base do bico azul acinzentada; o resto cinzento. Cera a cantos do bico cinzentos puxando para o amarelado. Anel ocular e pele palpebral cinzentos escuros. Pés amarelo-pálidos. Unhas pretas. [...] Garganta branca. Partes superiores cinzentas. Papo e estômago vazios mas devem comer cobras que carregam em voo para o alto, deixando-as cair, para matá-las”). Sobre a localização de “Delgado”, vide nota de rodapé nº62.

¹²³ Em Pelzeln (1863b:631-632), há a descrição do casal (plumagem, partes nuas, medidas) coletado em Morungaba: “*Weibchen (alt, nicht in der Mauser, Murungaba, Steppengegend)*”) (“Fêmea (adulta, não na muda, Morungaba, em campo)” [...]) “*Männchen (alt Murungaba) [...] Im Magen eine Codorna grande*”. (Macho (adulto Morungaba) [...] No estômago, uma codorna grande”).

[Nome popular:] “ <i>Saracura (Paranagua)</i> ”	“ <i>Saracura (Paranaguá)</i> ”
“ <i>Paranagua zwischen Mangues am Ufer des Rio da Villa December, Rio do Boraxudo zwischen Mangues December.[...]</i> ”	“ <i>Paranaguá, nos manguezais das margens do Rio da Vila, em dezembro; Rio do Borrachudo em manguezais, em dezembro [...]</i> ”
“ <i>Frisst Krabben (R. Boraxudo)</i> ”.	“ <i>Alimenta-se de caranguejos (Rio do Borrachudo)</i> ”.

***Pardirallus nigricans* (Vieillot, 1819)**

Rallus nigricans Vieill. (p.315)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820)

[Nome popular:] “ <i>Sannà (Rio de Boraxudo)</i> ”	“ <i>Sanã (Rio do Borrachudo)</i> ”
“ <i>Rio do Boraxudo im Sumpfe, auch auf Stauden, December.[...]</i> ”	“ <i>Rio do Borrachudo, também em [rios] perenes, dezembro</i> ”.
“ <i>Das Paar vom R. Boraxudo rief sich immer zu gre gri gri, als das Weibchen erschossen war, rief das Männchen mehrmals sehr laut giiho oder fiiio, wie Falco magnirostris zu schreien pflegt.</i> ”	“ <i>Do casal do Rio do Borrachudo, a fêmea abatida cantava um ‘gre-gri-gri’; o chamado do macho é repetido e muito alto como ‘giiho’ ou ‘fiiio’, tal como é de costume cantar Falco magnirostris</i> ” ¹²⁴ .

CHARADRIIFORMES

CHARADRIIDAE

***Vanellus chilensis* (Molina, 1782)**

Vanellus cayennensis (Gmel.) (p.296)

L: Jaguaraíba (setembro de 1820)

***Pluvialis dominica* (P.L.S.Müller, 1776)**

Charadrius pluvialis Linné (p.297)

L: Curytiba (novembro de 1820)

***Charadrius collaris* (Vieillot, 1818)**

Charadrius Azarae Licht. (p.297)

L: Villa de Castro (dezembro de 1820).

¹²⁴ Aqui Natterer alude ao canto da espécie que, de fato, é muito semelhante ao de *Rupornis magnirostris*.

SCOLOPACIDAE

Gallinago paraguaiae (Vieillot, 1816)

Scolopax frenata Illiger (p.312)

L: Villa de Castro (dezembro de 1820).

Gallinago undulata (Boddaert, 1783)

Scolopax gigantea Natterer (p.312)

L: [Delgado (agosto de 1820)]¹²⁵, Jaguaraíba (setembro de 1820), Murungaba (abril de 1821).

Actitis macularius (Linnaeus, 1766)

Tringoides macularia (Linné) (p.309)

L: Paranagua (dezembro de 1820)

Tringa solitaria Wilson, 1813

Totanus solitarius (Wils.) (p.309)

L: Curytiba (novembro de 1820), Pitangui (9 de dezembro de 1820)

STERNIDAE

Thalasseus acuflavidus (Cabot, 1847)

Sterna cantiaca Gmel. (p.324-325)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820)

Thalasseus maximus (Boddaert, 1783)

Sterna galericulata (Licht.) (p.324)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820)

COLUMBIFORMES

COLUMBIDAE

Patagioenas cayennensis (Bonaterre, 1792)

Chloroenas rufina (Temm.) (p.275)

L: Pitangui (dezembro de 1820), Rio do Boraxudo (dezembro de 1820).

¹²⁵ Sobre a localização de “Delgado”, vide nota de rodapé nº62.

***Patagioenas plumbea* (Vieillot, 1818)**

Chloroenas plumbea (Vieill.) (p.274-275)

L: Rio do Boraxudo (dezembro de 1820)

[Nota de rodapé:] “ <i>Ein Ex. vom Rio Boraxudo December konnte ich nicht vergleichen. [...] Ein Ex. aus Guiana (?) wurde von H Straube 1846 erworben.</i> ”	“Um exemplar do Rio Boraxudo de dezembro eu não pude comparar. [...]. Um exemplar da “Guiana” (?) foi comprado do sr. Straube ¹²⁶ em 1846.”
--	--

***Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847)**

Zenaida maculata (Vieill.) (p.276)

L: Curytiba (novembro de 1820), Pitangui (9 de dezembro de 1820), Rio do Boraxudo (dezembro de 1820).

“ <i>Curytiba in Schaaren von 5-6 auf dem Campo auch nahe an Häusern, November</i> ”.	“Curitiba em bandos de 5 ou 6 em campos, muito perto de casas, novembro”.
---	---

***Leptotila verreauxi* Bonaparte, 1855**

Leptotila ochroptera Natterer (p.278)

L: Jaguaraíba (setembro de 1820)

***Geotrygon montana* (Linnaeus, 1758)**

Oreopeleia montana (Linné) (p.279)

L: Murungaba (março de 1821)

PSITTACIFORMES

PSITTACIDAE

***Ara chloropterus* Gray, 1859**

Sittace chloroptera (Gray) (p.255)

L: Murungaba (março de 1821)¹²⁷.

¹²⁶ Refere-se a Franz Gustav Straube (1802-1853), comerciante de natrália e trisavô do autor da presente obra (Straube, 2010).

¹²⁷ Literalmente: “*Murungaba von H.Sochor gesammelt*” (“Morungaba, coletada pelo sr. Sochor”).

***Primolius maracana* (Vieillot, 1816)**

Sittace maracana (Vieill.) (p.255)

L: Murungaba¹²⁸ (sem data; provavelmente março de 1821)

***Pyrrhura frontalis* (Vieillot, 1817)**

Conurus vittatus (Shaw) (p.259)

L: Curytiba in Schaaren (novembro de 1820)

***Amazona vinacea* (Kuhl, 1820)**

Chrysotis vinacea (Pr.Neuw.) (p.265)

L: Murungaba (março de 1821), Pitangui (10 de dezembro de 1820)

***Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758)**

Chrysotis brasiliensis (Linné) (p.265)¹²⁹

L: Ilha do Mel (janeiro de 1821) [1 exemplar].

<i>“Auf der Ilha do Mel geschossen, wo sie häufig waren, in Schaaren, jedoch immer paarweise, Januar”</i>	<i>“Coletado na Ilha do Mel, onde eram vistos em bandos, mas sempre em pares, janeiro”.</i>
---	---

***Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758)**

Chrysotis aestiva (Latham) (p.267)

L: Jaguaraiba (setembro de 1820), Murungaba (março e abril de 1821).

STRIGIFORMES

STRIGIDAE

***Athene cunicularia* (Molina, 1782)**

Athene ferruginea (Pr.Neuw.) (p.9)

L: Cinzas (setembro de 1820)

Athene cunicularia Mol. (p.9)

L: Curytiba (novembro de 1820)

¹²⁸ A menção no formato “*Murungaba* ?”, refere-se ao desconhecimento de data de coleta e não a alguma dúvida quanto à localidade de onde procede.

¹²⁹ Nome popular usado na ilha do Mel: “*papagaio*”.

Asio flammeus (Pontoppidan, 1763)

Otus brachyotus (Gmel.) (p.10)

L: Murungaba (março de 1821)

CAPRIMULGIFORMES

CAPRIMULGIDAE

Lurocalis semitorquatus (Gmelin, 1789)

Lurocalis nattereri (Temm.) (p.15)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Podager nacunda (Vieillot, 1819)

Podager nacunda (Vieill.) (p.15)

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820), Villa de Castro (dezembro de 1820), Murungaba (março de 1821).

Caprimulgu parvulus Gould, 1837

Stenopsis parvula (Gould.) (p.12)

L: Curytiba (novembro de 1820)

Eleothreptus anomalus (Gould, 1838)

Eleothreptus anomalus Gould (p.12)

L: Curytiba (novembro de 1820)

APODIFORMES

APODIDAE

Cypseloides fumigatus (Streubel, 1848)

Nephocaetes fumigatus (Natterer.) (p.16)

L: Curytiba (novembro de 1820)

TROCHILIDAE

Stephanoxis lalandi (Vieillot, 1818)

Cephalolepis loddigesii (Gould) (p.33)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Chlorostilbon lucidus (Shaw, 1812)

Hylocharis flavifrons (Gmel.) (p.33)

L: Curytiba [outubro ou novembro de 1820]

***Thalurania glaucopis* (Gmelin, 1788)**

Thalurania glaucopis (Gmel.) (p.29)

L: Jaguaraiaba [sem data indicada]

***Leucochloris albicollis* (Vieillot, 1818)**

Agyrtria albicollis (Vieill.) (p.29)

L: Curytiba [outubro ou novembro de 1820]

***Amazilia versicolor* (Vieillot, 1818)**

Agyrtria brevirostris (Less.) (p.29)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Calliphlox amethystina* (Boddaert, 1783)**

Calliphlox amethystina (Gmel.) (p.32)

L: Curytiba (outubro de 1820)

CORACIIFORMES

ALCEDINIDAE

***Megaceryle torquata* (Linnaeus, 1766)**

Ceryle torquata (Linné) (p.23)

L: Curytiba (outubro de 1820), Rio do Boraxudo (dezembro de 1820), Paranagua (janeiro de 1821)¹³⁰.

***Chloroceryle amazona* (Latham, 1790)**

Ceryle amazona (Gmel.)¹³¹ (p.23)

L: Paranagua (dezembro de 1820)

PICIFORMES

RAMPHASTIDAE

***Ramphastos dicolorus* Linnaeus, 1766**

Ramphastos dicolorus Linné (p.235)

L: Murungaba (março de 1821)

¹³⁰ Em Pelzel (1856b:514): “*Curytiba, October*”. Não cita outras localidades paranaenses.

¹³¹ Em Pelzel (1856b:515), para “*Ceryle amazona* Boie (sic)” as mesmas localidades citadas em Pelzel (1871) são indicadas, exceto “*Paranagua*”. Deve ter havido equívoco no tratamento nomenclatural; *Alcedo americana* é que foi descrita por Gmelin.

PICIDAE

Melanerpes flavifrons (Vieillot, 1816)

Melanerpes flavifrons (Vieill.) (p.248)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Veniliornis spilogaster (Wagler, 1827)

Campias spilogaster (Wagl.) (p.247)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Piculus aurulentus (Temminck, 1821)

Chloronerpes aurulentus (Illig.) (p.243)

L: Villa de Castro (setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820)

Colaptes melanochloros (Gmelin, 1788)

Chrysoptilus chlorozostus (Wagl.) (p.249)

L: Jaguaraiba (setembro de 1820)

Colaptes campestris (Vieillot, 1818)

Pediopipo campestris (Vieill.) (p.249)

L: Curytiba (novembro de 1820)

PASSERIFORMES

THAMNOPHILIDAE

Dysithamnus mentalis (Temminck, 1823)

Dysithamnus mentalis (Temm.) (p.79-80)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Thamnophilus ruficapillus Vieillot, 1816

Thamnophilus ruficapillus Vieill. (p.79)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Thamnophilus caerulescens Vieillot, 1816

Thamnophilus naevius (Lath.) (p.76-77)

L: Curytiba (outubro de 1820)

“Einige Männchen, besonders von Curytiba, haben ocherfarben Bauch und untere Schwanzdeckfedern ; diese Varietät nannte Temminck Th. Gilvigaster.”	“Alguns machos, oriundos de Curitiba, têm o abdômen e as coberteiras inferiores da cauda ocráceos; essa variedade foi chamada por Temminck de Th.gilvigaster.” ¹³²
[Rodapé]: Die beiden Männchen von Curytiba gehören zur Varietät gilvigaster, ein Männchen von Ypanema hat gelblichen Anflug auf Bauch und Unterschwanzdecken, zwischen den Weibchen von Curytiba und Ypanema ist kein Unterschied zu bemerken.	“Os dois machos de Curitiba pertencem à variedade gilvigaster e um macho de Ipanema tem coloração amarelada na barriga e coberteiras inferiores da cauda; sob esse aspecto, nenhuma diferença é notável entre os casais dessas duas localidades.”

Batara cinerea (Vieillot, 1819)

Batara cinerea (Vieill.) (p.74)

L: Curytiba (novembro de 1820)

Mackenziaena leachii (Such, 1825)

Thamnophilus Leachi Such (p.74)

L: Campo comarido (?) (outubro de 1820), Curytiba (outubro de 1820)

FORMICARIIDAE

Chamaeza campanisona (Lichtenstein, 1823)

Chamaeza brevicauda (Vieill.) (p.91)

L: Curytiba (outubro de 1820)

DENDROCOLAPTIDAE

Lepidocolaptes falcinellus (Cabanis & Heine, 1859)

Picolaptes falcinellus (Licht.) (p.44)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Xiphocolaptes albicollis (Vieillot, 1818)

Xiphocolaptes albicollis (Vieill.) (p.43)

L: Curytiba (outubro de 1820)

¹³² Aqui Pelzeln quer dizer que, dentre toda a série, alguns machos (todos eles) oriundos de Curitiba, apresentariam tal característica. A forma encontrada na capital paranaense é somente *T.c.gilvigaster*.

FURNARIIDAE

Xenops rutilans Temminck, 1821

Xenops rutilus Licht. (p.42)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Lochmias nematura (Lichtenstein, 1823)

Lochmias nematura (Licht.) (p.35)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹³³

Philydor rufum (Vieillot, 1818)

Anabates poliocephalus (Licht.) (p.40)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹³⁴.

Heliobletus contaminatus Berlepsch, 1885

Anabates contaminatus (Lich.) (p.40)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹³⁵

Syndactyla rufosuperciliata (Lafresnaye, 1832)

Anabates rufosuperciliatus (Lafr.) (p.39-40)

L: Lanza (setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820)¹³⁶

Leptasthenura striolata (Pelzeln, 1856)

Synallaxis striolatus Natterer (p.38)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹³⁷

¹³³ Em Pelzeln (1859:116): “*Curytiba, October*”.

¹³⁴ Em Pelzeln (1859:130): “*Curytiba, in kleinen Schaaren auf Bäumen, steigt herum wie Meisen, mehr auf kleinen Zweigen und selbst Blättern als auf dicken Stämmen, October;*” (“Curitiba em pequenos grupos, em árvores em cuja cascas crescem como que mamãs especialmente nos troncos e também nos galhos pequenos, outubro”). Refere-se Natterer, em sua anotação, à rutácea *Zanthoxylum* sp. (provavelmente a *Z.rhoifolium*) árvore frequente em Curitiba, ali conhecida como “mamica-de-porca”, “mamica-de-cadela” e “juvevê”.

¹³⁵ Em Pelzeln (1859:129): “*Curytiba, October, häufig bei dem Ort (?) in Gesellschaft von 2-3 mit anderen Vögeln, klettert auf hohe Bäume.*” (“Curitiba, outubro, frequente no local na companhia de outras duas ou três aves, escalando árvores altas”).

¹³⁶ Pelzeln (1859:128) oferece também uma descrição da espécie e medidas, com as localidades: “[...] *Lança, September; Curytiba, October*”.

¹³⁷ Em Pelzeln (1859:126), a indicação do montante colecionado: “*Drei Exemplare*” (“Três exemplares”), todos oriundos da capital paranaense. Em Pelzeln (1856a:159-160) consta a

***Phacellodomus striaticollis* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)**

Anumbius striaticollis Orb. Et Lafr. (p.38)¹³⁸

L: Curytiba (novembro de 1820)¹³⁹

***Clibanornis dendrocolaptoides* (Pelzeln, 1859)**

Anabates dendrocolaptoides Temm. (p.39)¹⁴⁰

L: Bocqueirao (setembro de 1820), Villa de Castro (setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820).

<i>“Bocqueirao an den Ufern des Flusses Yapó”</i>	<i>“Boqueirão na margem do Rio Iapó”.</i>
---	---

descrição original da espécie em latim (complementada adiante, em alemão), medidas e diagnose, em comparação com formas afins. A indicação da localidade-tipo é “*Hub. (sic, leia-se ‘Hab.’) Brasilia*”. Algumas anotações selecionadas são: “*Von Natterer zu Curitiba im October 1820 auf niederen Bäumen in einem einzigen männlichen Exemplare (mit leider etwas beschädigten Mittelschwanzfedern) erlegt und folgend ermassen beschrieben: ‘Iris dunkelbraun, Schnabel schwarz, die Wurzel des unteren fleischfarben, Nasenlöcher schmal linienförmig, mit kleinen Federchen bedeckt, Tarsen lang, schwach, Füße olivengrün, Schwanz lang, stark keilförmig, Mittelfedern stark zugespitzt, enthält 12 Federn.’*” (“Por Natterer em Curitiba em outubro de 1820, em árvores baixas, apenas espécimes machos (com, infelizmente, as penas mediais da cauda danificadas pelo tiro) e detalhes descritos a seguir: ‘íris marrom escura, bico preto com a base da mandíbula cor-de-carne, narinas estreitas e lineares recobertas por penas pequenas, tarsos longos e fracos, pés oliváceos, cauda longa em forma de cunha, cuja média apontou para um total de 12 penas”).)

¹³⁸ Pelzeln (1859:124) menciona um exemplar de “*Anumbius ruber* Orb. & Lafr.” coletado em “*Curytiba, November*” e que poderia gerar informação inadvertida para *Phacellodomus ruber*, espécie que não ocorre naquela região. O equívoco baseia-se provavelmente no “*Anumbius ruber*” de Gould (não de Vieillot), sinônimo-júnior de *Phacellodomus striaticollis* (cf. Hellmayr, 1925:64).

¹³⁹ Informações adicionais sobre a espécie, coletada por Natterer apenas em Curitiba, constam em Pelzeln (1859:125), incluindo descrições e medidas, bem como apontamento sobre habitat: “*Curytiba, in Morästen, auf Sträuchen, November.*” (“Curitiba, em arbustos em pântanos, novembro”).

¹⁴⁰ Em Pelzeln (1859:104) consta a descrição original em latim da espécie e diagnose, com indicação de localidade como “*Habit. Brasilia*”. Adiante, informa: “*Natterer erlegte 8 Individuen dieser Species, welche er Anfangs mit dem Namen Anabates lepidogenys im Kataloge bezeichnete. Später adoptirte er jedoch die von Temminck, welchem er ein Exemplar zugesendet hatte, brieflich gebrauchte Benennung Anabates dendrocolaptoides.*” (“Natterer coletou oito exemplares dessa espécie que, em seus catálogos, nomeou como *Anabates lepidogenys*. Mais tarde, porém, ele adotou o nome usado por Temminck, a quem enviou um espécime e que, por carta, informou-o sobre o nome *Anabates dendrocolaptoides*.”). No mesmo artigo (Pelzeln, 1859:128), constam dados sobre as localidades de coleta e ecologia: “*Bocqueirao an den Ufern des Flusses Yapó, im Gebüsch am Boden, September; Curytiba in niederem Gebüsch nahe am Boden, October, November; Villa de Castro, September.*” (“Boqueirão nas margens do Rio Iapó, em arbustos do chão, setembro; Curitiba em arbustos baixos perto do solo, outubro, novembro; Vila de Castro, setembro”).

Anumbius annumbi (Vieillot, 1817)

Anumbius acuticaudatus Less. (p.38)

L: Jaguaraíba (setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820)¹⁴¹

Synallaxis ruficapilla Vieillot, 1819

Synallaxis ruficapilla (Vieill.) (p.35)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹⁴²

Synallaxis cinerascens Temminck, 1823

Synallaxis cinerascens Temm. (p.36)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹⁴³

Cranioleuca obsoleta (Reichenbach, 1853)

Synallaxis Fitis Natterer (p.38)

L: Curytiba (outubro de 1820)¹⁴⁴

PIPRIDAE

Chiroxiphia caudata (Shaw & Nodder, 1793)

Chiroxiphia caudata (Shaw.) (p.129)

L: Curytiba (outubro de 1820)

TITYRIDAE

Schiffornis virescens (Lafresnaye, 1838)

Heteropelma virescens (Pr.Neuw.) (p.124)

L: Curytiba (outubro de 1820)

“...Curytiba im tiefen Walde October”.	“Em Curitiba no fundo de uma floresta em outubro.”
--	--

¹⁴¹ Em Pelzeln (1859:124): “Curytiba October, [...], Jaguaraíba September, [...]”.

¹⁴² Em Pelzeln (1859:116-177), um apontamento adicional: “Curytiba, October, nahe am Boden in dunklem Gebüsch grosser Wälder [...]” (“Curitiba, [em] outubro, em uma mata fechada de grande bloco florestal”).

¹⁴³ Em Pelzeln (1859:118-119), anotação complementar: “Curitiba in dunklem Walde, in niederem Gebüsch nahe am Boden, October [...]” (“Curitiba, em uma floresta escura, em arbustos perto do chão, outubro”).

¹⁴⁴ Dados adicionais em Pelzeln (1859:123): “Curytiba in niederem Gesträuch, October.” (“Curitiba, em arbustos baixos, outubro”).

***Tityra cayana* (Linnaeus, 1766)**

Tityra brasiliensis (Swains.) (p.119)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Pachyramphus viridis* (Vieillot, 1816)**

Pachyramphus viridis (Vieill.) (p.120-121)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Pachyramphus castaneus* (Jardine & Selby, 1827)**

Pachyramphus rufescens (Gmel.) (p.122)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Pachyramphus polychropterus* (Vieillot, 1818)**

Pachyramphus polychropterus (Vieill.) (p.121)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

“...Curytiba auf einem niederen Baume in Gesellschaft anderer Vögel, als Spechtdrosseln und Fliegenfänger, October, dann im November...”	“Em Curitiba em uma árvore baixa, em companhia de outras aves como sabiás, pica-paus e papa-moscas (outubro), em seguida, em novembro”.
--	---

***Pachyramphus validus* (Lichtenstein, 1823)**

Hadrostomus atricapillus (Vieill.) (p.120)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820), Villa de Castro (dezembro de 1820)

COTINGIDAE

***Pyroderus scutatus* (Shaw, 1792)**

Pyroderus scutatus (Shaw.) (p.135)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Carpornis cucullata* (Swainson, 1821)**

Ampelio cucullatus (Swains.) (p.132)

L: Campo largo (outubro de 1820)¹⁴⁵

¹⁴⁵ No passado, foi motivo de grande suspeita a presença dessa espécie tipicamente serrana na região de Campo Largo. Atualmente sabe-se que ocorre eventual e muito raramente em Curitiba (Straube *et al.*, 2009). Além disso, sua presença é mais do que esperada, não na sede do município citado mas em suas adjacências, notavelmente nas nascentes do rio

[Nome popular:] “Corocoteho (Campo largo)”	“Corocotéu (Campo Largo)”.
--	----------------------------

***Phibalura flavirostris* Vieillot, 1816**

Phibalura flavirostris Vieill. (p.131)

L: Campo largo (outubro de 1820)

RHYNCHOCYCLIDAE

***Mionectes rufiventris* Cabanis, 1846**

Mionectes rufiventris (Licht.) (p.104)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Leptopogon amaurocephalus* Tschudi, 1846**

Leptopogon amaurocephalus Caban. (p.104)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Phylloscartes ventralis* (Temminck, 1824)**

Phylloscartes ventralis (Natterer) (p.102)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Hemitriccus diops* Pelzeln, 1868**

Hemitriccus diops (Temm.) (p.103)

L: Curytiba (outubro de 1820)

“Curytiba im dichten Walde nahe am Boden”	“Em Curitiba numa densa floresta, perto do solo”.
---	---

Ribeira e na porção meridional da serra de Paranapiacaba, o que efetivamente concorda com o itinerário de Natterer em solo paranaense.

TYRANNIDAE

Tyranniscus burmeisteri Cabanis & Heine, 1859

Phyllomyias subviridis (Natterer)¹⁴⁶ (p.105; 175-176)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Camptostoma obsoletum (Temminck, 1824)

Myiopatris obsoleta (Natterer) (p.106)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

Elaenia parvirostris Pelzeln, 1868

Elaenia parvirostris Pelzeln n.sp.? (p.107; 178-179)¹⁴⁷

L: Curytiba (novembro de 1820)

Elaenia mesoleuca Cabanis & Heine, 1859

Elainea albiceps (Lafr. et Orb.) (p.107)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

Elaenia obscura (d'Orbigny & Lafresnaye, 1859)

Elainea obscura (Lafr. et Orb.) (p.108)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

Phyllomyias virescens (Temminck, 1824)

Phyllomyias virescens (Natterer) (p.105)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Phyllomyias fasciatus (Thunberg, 1822)

Phyllomyias brevirostris (Spix) (p.105)

L: S.Luiz (30 de setembro de 1820)

¹⁴⁶ No anexo “Beschreibung neuer oder wenig gekannter Arten” (“Descrição de espécies novas ou pouco conhecidas”), consta a descrição da espécie tida como nova e denominada “*Tyrannus subviridis*” por Natterer. Ali inclui descrição, diagnose, medidas e outros detalhes, dentre eles: “Weibchen (Curytiba, October). Iris lichtbraun, Oberschnabel schwarzbraun, Unterschnabel schmutzig fleischfarb, spitze schwärzlich, Füße schwarzgrau” (Fêmeas (Curitiba, outubro). Íris marrom claras, maxila marrom enegrecida, mandíbula cor-de-carne com a ponta preta, pés cinzento escuros”).

¹⁴⁷ No mesmo anexo consta a descrição original da espécie e medidas. Inclui-se um “Natterer’s Notizen: Männchen (Curytiba am Rande des Waldes, November). Iris dunkelbraun Oberschnabel und Spitze des unteren schwarzbraun, der übrige Unterschnabel bräunlich fleischfarb, Füße graulich schwarz [...]”. (“Anotações de Natterer: Machos (Curitiba na borda de floresta, novembro). Íris marrom escura, maxila castanha, mandíbula com ponta castanha-escura e o restante cor-de-carne, pés negro-acinzentados”).

***Culicivora caudacuta* (Vieillot, 1818)**

Culicivora stenura (Temm.) (p.103)

L: Curytiba (outubro de novembro de 1820)

***Piprites pileata* (Temminck, 1822)**

Piprites pileatus (Temm.) (p.126)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Attila phoenicurus* Pelzeln, 1868**

Attila phaenicurus (Natterer) n.sp. (p.96, 171-172)¹⁴⁸

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

***Attila rufus* (Vieillot, 1819)**

Attila cinereus (Gmel.) (p.95)

L: Paranagua (janeiro de 1821)

“[...] <i>Der Gesang ist ein Pfiff, der fein anfängt und grob aufhört, fast wie Tovocu, doch nicht so lange; er sitzt dabei auf einem Baume (Paranagua)</i> ”.	“[...] Seu canto é como um apito que começa bonito e termina forte, quase como o da Tovocu (<i>sic</i>), porém não tão longo; pausa em árvores (Paranaguá)” ¹⁴⁹ .
--	--

***Legatus leucophaius* (Vieillot, 1818)**

Legatus albicollis (Vieill) (p.108)

L: Curytiba (novembro de 1820)

***Myiarchus swainsoni* Cabanis & Heine, 1859¹⁵⁰**

Myiarchus ferox (Gmel.) (p.116)

L: Curytiba (novembro de 1820)

[Rodapé:] <i>Es ist auffallend, dass unter so vielen Exemplaren sich nur ein mit</i>	“É impressionante como, em uma série grande como essa, apenas uma fêmea
--	---

¹⁴⁸ No anexo: “*Beschreibung neuer oder wenig gekannter Arten*” (Descrição de espécies novas ou pouco conhecidas), a descrição da espécie e medidas dos exemplares, inclusive: “[...] *Männchen* (alt, Curytiba einzeln auf einem hohen Baume, October)” [...]”. (“Macho (adulto de Curitiba, solitário no alto de uma árvore, outubro)” [...]).

¹⁴⁹ Talvez Natterer tenha comparado o canto com o da tovaca (*Tovocu*?) (*Chamaeza campanisona*), por causa da sequência repetitiva de notas que formam uma característica paisagem sonora dessa região. As vocalizações, no entanto, são muito diferentes.

¹⁵⁰ Parte dos exemplares que Pelzeln (1871) identificou como *M.ferox* (Gmel.), consistia de *M.tyrannulus bahiae* (p.ex. Ypanema) e, outra parte (onde se inclui o material de Curitiba), tratava-se de *M.swainsoni* (Hellmayr, 1927:173; Lanyon, 1978:512, 601).

Sicherheit als Weibchen bezeichneter Vogel findet, welcher das Roth am Schwänze wie die Männchen zeigt Dagegen fehlt das Roth bei einem angeblichen Weibchen ohne Angabe des Fundortes, bei Männchen von Ypanema (September, October), Curytiba, Borba und Marabitanas, ferner bei einigen Individuen, deren Fundorte nicht festgestellt sind.	tenha sido reconhecida como tal e apresentando um tom avermelhado na cauda, o que não ocorre em nenhum dos machos (e também em uma provável fêmea sem indicação de localidade). [A série] consta de machos oriundos de Ipanema (setembro, outubro), Curitiba, Borba e Marabitanas, além de alguns indivíduos sem procedência indicada.”
--	---

Myiarchus swainsoni Cabanis & Heine, 1859 [em parte] e

Myiarchus ferox (Gmelin, 1789) [em parte]¹⁵¹

Myiarchus cantans Pelzeln n.sp. (p.117; 182)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)¹⁵²

“Curytiba October in niederem Gehölz November”	“Curitiba em outubro, em matas baixas em novembro”
--	--

Sirystes sibilator (Vieillot, 1818)

Sirystes sibilator (Vieill.) (p.111-112)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Myiodynastes maculatus

Myiodynastes solitarius (Vieill.) (p.112)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

“...sitzt ruhig wartend auf vorüberfliegende Insecten (Curytiba Oct.)”	“...pousa calmamente à espera de insetos voadores (Curitiba, outubro)”.
--	---

¹⁵¹ Segundo Lanyon (1978:512 e 579), Pelzeln usou exemplares de ambas as espécies para descrever *M.cantans*; a primeira delas alude à forma *M.s.swainsoni* e, a segunda, a *M.f.australis*.

¹⁵² No anexo: “Beschreibung neuer oder wenig gekannter Arten” (Descrição de espécies novas ou pouco conhecidas), consta a descrição original da espécie e medidas dos espécimes. Inclui um “Natterer’s Notizen: Ex. (auf einem niederen Baume, Curytiba, October). Iris dunkelbraun, Schnabel schwarzbraun, die Wurzel des Unterschnabels etwas in Röthlichbraun übergehend, Nasenlöcher rund, offen, Wurzel der Schnabels mit ziemlich grossen Borsten besetzt, Füße schwarz” [...] “Männchen (Curytiba in niederem Gehölze, November) [...] “Gesang melodisch (Curytiba, October)”. (“Anotações de Natterer: Ex.[emplar] (em uma árvore baixa em Curitiba, outubro). Íris marrom escura, bico marrom enegrecido, com a base marrom-avermelhada, narinas redondas, base do bico revestida por cerdas muito longas, pés negros”).

***Tyrannus melancholicus* Vieillot, 1819**

Tyrannus melancholicus Vieill. (p.117)

L: Curytiba (novembro de 1820)

***Tyrannus savana* Vieillot, 1808**

Milvulus violentus (Vieill.) (p.118)

L: Curytiba (outubro de 1820), Castro (dezembro de 1820)

***Empidonomus varius* (Vieillot, 1818)**

Empidonomus varius (Vieill.) (p.117)

L: Curytiba (novembro de 1820)

***Pyrocephalus rubinus* Boddaert, 1783**

Pyrocephalus rubineus (Bodd.) (p.114-115)

L: Jaguaraiba (setembro de 1820)¹⁵³

***Alectrurus tricolor* (Vieillot, 1816)**

Alectrurus tricolor (Vieill.) (p.98)

L: Jaguaraiba (janeiro de 1821)

***Lathotriccus euleri* (Cabanis, 1868)**

Empidochanes fuscatus (Pr.Neuw.) (p.115)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Contopus cinereus* (Spix, 1825)**

Myiochanes cinereus (Spix.) (p.116)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Knipolegus cyanirostris* (Vieillot, 1818)**

Cnipolegus cyanirostris (Vieill.) (p.98-99)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Knipolegus lophotes* Boie, 1828**

Cnipolegus comatus (Licht.) (p.98)

L: Jaguaraiba (setembro de 1820 e janeiro de 1821), Lanza (janeiro de 1821)

¹⁵³ No rodapé, as medidas dos exemplares “*Altes Männchen von [...] Jaguaraiba*” (“Machos adultos de [...] Jaguariaíba”).

***Xolmis cinereus* (Vieillot, 1816)**

Taenioptera nengeta (Linné) (p.97)

L: Portinho¹⁵⁴ (14 de setembro de 1820)

***Xolmis dominicanus* (Vieillot, 1823)**

Taenioptera dominicana (Vieill.) (p.97)

L: Porto do Jaguaraiaba (bei Postinho) (setembro de 1820),
Joaquim Carneiro (24 de setembro de 1820), Curytiba (novembro
de 1820), Murungaba (março de 1821)

VIREONIDAE

***Vireo olivaceus* (Linnaeus, 1766)**

Vireosylva agilis (Licht.) (p.73)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Cyclarhis gujanensis* (Gmelin, 1789)**

Cyclorhis ochrocephala Tschudi (p.73-74; 138)¹⁵⁵

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Hylophilus poicilotis* Temminck, 1822**

Hylophilus poecilotis Temm. (p.70)

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820)¹⁵⁶, Curytiba (outubro de 1820).

“Ob die beiden Weibchen von Curytiba in der That zu <i>H. poecilotis</i> und nicht zur folgenden Species gehören, konnte nicht	“O fato dos dois espécimes de Curitiba, serem mesmo de <i>H.poecilotis</i> e não de alguma outra dentre as demais, pode já ser
---	---

¹⁵⁴ Erro tipográfico; o certo é “Postinho”. Houve confusão com o “Porto do Jaguaraiaba (bei Postinho)”.

¹⁵⁵ No anexo: “Beschreibung neuer oder wenig gekannter Arten” (Descrição de espécies novas ou pouco conhecidas): “...8 Männchen und 5 Weibchen all vom südlichen Brasilien von Rio, Ypanema und Curytiba und gleich in der Farbe”. (“Oito machos e cinco fêmeas do sul do Brasil: Rio [de Janeiro], Ipanema e Curitiba, todos iguais em cor”).

¹⁵⁶ Embora a localidade de Jaguaraiaba se enquadre na zona de ocorrência de *H.amaurocephalus*, tanto essa quanto *H.poicilotis* ali ocorrem (Straube *et al.* 2005). Além disso, o exemplar de Natterer, um macho adulto dali procedente foi reexaminado por Hellmayr (1935:159, rodapé) que assim se manifestou: “Another adult male from Jaguaraiaba, Parana, cannot be distinguished, even in size, from the latter race [referindo-se a *H.p.poicilotis*]”. A confusão aqui alude ao fato de existirem, na série de exemplares, representantes de *H.poicilotis* e *H.brunneiceps*, o que fez Sclater, na descrição original da segunda forma, indicar “Ypanema” como localidade-tipo (portanto, na área de distribuição de *H.poicilotis*). Por esse motivo é que Pelzeln incluiu tal comentário, confirmado muito tempo depois pela diligente avaliação de Hellmayr (1935:168).

<i>mehr durch den Augenschein eruirt werden, da die betreffenden Individuen abgegeben wurden ; dennoch dürfte über die Zugehörigkeit zu H.poecilotis kein Zweifel obwalten, da nur 4 Individuen als N. 371 b. abgetrennt worden sind."</i>	confirmado pela inspeção, razão pela qual foram separados. Sem dúvida deve prevalecer essa opinião, o que me fez separar da série outros quatro indivíduos, sob nº371.b [refere-se a <i>H.brunneiceps</i>]."
--	---

CORVIDAE

***Cyanocorax chrysops* (Vieillot, 1818)**

Cyanocorax pileatus (Illig.) (p.189)

L: Cinzas (setembro de 1820)

"...bei Cinzas in niederem Gehölz na einem Bächlein September..."	"...na [Fazenda das] Cinzas em floresta baixa em riacho, setembro"
---	--

***Cyanocorax caeruleus* (Vieillot, 1818)**

Cyanocorax azureus (Temm.) (p.191)

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820), Murungaba (março de 1821)

[Nome popular:] (Paranaguá) ¹⁵⁷ .	"Acahen	"Acaê (Paranaguá)".
---	---------	---------------------

Cyanocorax Heckelii Pelzeln (p.191)¹⁵⁸

L: Rio Boraxudo (dezembro de 1820)

¹⁵⁷ Já há algumas décadas que se conhece a diferença de plumagem entre as gralhas-azuis do litoral (mais violáceas) daquelas do interior (coloração mais clara, celeste), mas até o momento nenhuma conclusão taxonômica (tampouco ecológica) foi sequer formulada. O nome popular apontado para Paranaguá, embora associado às três localidades planálticas, dessa forma, refere-se às populações litorâneas.

¹⁵⁸ Em Pelzeln (1856a:163), consta a descrição original do táxon em latim. Foi tratado por Natterer como "*Corvus* sp." E consta como "*Hab. Brasilia*". Também: "*Dem Corvus azureus Temminck sehr ähnlich, doch hat er ein ganz anderes Blau, welches mehr ins Violette geht, und ist auch etwas kleiner. [...]. Ist den Pflanzungen sehr schädlich, frisst Mais, Zuckerrrohr, Gemüse, Pataten, etc. Natterer, aus dessen Kataloge diese Notizen entnommen sind, erlegte 4 Exemplare dieser Art (2 Männchen und 2 Weibchen) am Rio Boraxudo bei Paranaguá in hohem Walde.*" ("É muito semelhante a *Corvus azureus* Temminck, mas o azul é diferente, mais violáceo e também é um pouco menor. [...] São muito prejudiciais a cultivos por comerem milho, cana-de-açúcar, legumes, batata, etc. Natterer, de cujas anotações são tiradas esses detalhes, coletou quatro exemplares dessa espécie (dois machos e duas fêmeas) no Rio do Borrachudo em Paranaguá, em floresta alta".)

“Rio Boraxudo bei Paranagua aus hohem Walde, December. 3(4?) Ex. Ist den Pflanzungen sehr schädlich, frisst Mais, Zuckerrohr, Gemüse, Pataten etc.”. [Nome popular:] “Gralha azul. – Acaén.”.	“Rio do Borrachudo em floresta alta, dezembro. Três ou quatro (?) exemplares. São muito prejudiciais a cultivos por comerem milho, cana-de-açúcar, legumes, batata, etc” [...] “Gralha azul, acaê”
---	--

TROGLODYTIDAE

Cistothorus platensis (Latham, 1790)

Cistothorus polyglottus (Vieill.) (p.48)

L: Curytiba (outubro de 1820), Villa de Castro (dezembro de 1820)

TURDIDAE

Turdus flavipes Vieillot, 1818

Turdus flavipes Vieill. (p.94)

L: Curytiba (novembro de 1820).

“Curytiba auf hohen Pinheirosbäumen [...]”	“Em Curitiba em um pinheiro alto [...]”
“Singt sehr schön. — Im Magen Beeren (Curytiba).”	“Canta maravilhosamente – no estômago [foram encontradas] bagas (Curitiba).”

Turdus rufiventris Vieillot, 1818

Turdus rufiventris Vieill. (p.94)

L: Curytiba (outubro de 1820), Villa de Castro (dezembro de 1820)

Turdus leucomelas Vieillot, 1818

Turdus leucomelas Vieill. (p.93)

L: Curytiba (outubro de 1820)

MOTACILLIDAE

Anthus hellmayri Hartert, 1909

Anthus rufus (Gmel.)?¹⁵⁹ (p.69)

L: Lanza (Setembro de 1820), Campo largo (outubro de 1820),
Curytiba (outubro e novembro de 1820).

“Auf Steppengegend. Steigt etwas in die Höhe beim Singen; Gesang verschieden von dem der Art von Rio, die an Morästen wohnt (Campo largo). [...] Auf Steppen. — Setzt sich bisweilen auf Gipfel höherer Pflanzen, steigt singend in die Höhe, doch nicht sehr hoch und fällt singend wieder nieder. (Curytiba).”

“Na região de estepes. Eleva-se, em voo para o alto, enquanto canta; vocaliza diferente dos tipos encontrados no Rio [de Janeiro], que vivem em áreas alagadiças (Campo Largo). [...] Em estepe. — Pousa no alto de plantas de onde se arremessa para cima cantando em pleno voo, mas seu canto não é muito notável e logo aterrissa (Curitiba).”

THRAUPIDAE

Saltator similis d'Orbigny & Lafresnaye, 1837

Saltator similis Lafr. et Orb. (p.218)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Orchesticus abeillei (Lesson, 1839)

Orchesticus Abeillei Less. (p.220)

L: Campo comprido (2 de outubro de 1820), Curytiba (outubro de 1820).

Ramphocelus bresilius (Linnaeus, 1766)

Ramphocelus ephippialis Sclater (p.210)

L: Rio de Boraxudo (dezembro de 1820)

Thraupis sayaca (Linnaeus, 1766)

Tanagra sayaca Linné (p.208-209)

L: Curytiba (novembro de 1820)

¹⁵⁹ Os espécimes mencionados foram reavaliados por Hellmayr (1935); note-se que a espécie sequer havia sido descrita, quando Pelzeln produziu a revisão do material de Natterer.

***Stephanophorus diadematus* (Temminck, 1823)**

Stephanophorus leucocephalus (Vieill.) (p.208)

L: Lanza (setembro de 1820), Porcos de Riva (29 de setembro de 1820), S.Luiz (30 de setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820).

“Curytiba gewöhnlich am Rande des Waldes auf niederen Bäumen paarweise October”. “Im Magen [...], Beeren (Curytiba)”.

“Curitiba aos pares, geralmente no estrato inferior da borda de florestas, outubro”. [...] “No estômago, bagas (Curitiba)”.

***Pipraeidea melanonota* (Vieillot, 1819)**

Pipraeidea melanonota (Vieill.) (p.205)

L: Curytiba (outubro de 1820)

***Tangara desmaresti* (Vieillot, 1819)**

Calliste thoracica (Temm.)

p.206

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820), Campo comprido (2 de outubro de 1820?), Curytiba (outubro de 1820).

***Tangara peruviana* (Desmarest, 1806)¹⁶⁰**

Calliste melanonota (Swains.) (p.207)

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820)

***Tangara preciosa* (Cabanis, 1850)**

Calliste preciosa (Cab) (p.207)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)

EMBERIZIDAE

***Ammodramus humeralis* (Bosc, 1792)**

Coturniculus manimbe (Licht.) (p.230)

L: Curytiba (novembro de 1820)

***Donacospiza albifrons* (Vieillot, 1817)**

Poospiza oxyrhyncha (Natterer) (p.229)

L: Curytiba (outubro e novembro de 1820)¹⁶¹

¹⁶⁰ Espécie omitida na revisão de Straube (1993).

¹⁶¹ Pelzeln informa terem sido colecionados sete exemplares.

“Zunge knorpelig, an der Spitze zweitheilig. Am Weibchen ist kein Unterschied in der Farbe zu entdecken. Im Campo in niederem Gebüsche (October). Hält sich am Rande der Wälder, auch an Morästen auf niederem Gebüsch auf, setzt sich auch auf etwas höhere Bäume, singt laut, nicht angenehm, zuit zit zui zuit zit zuit (November).”	“Língua cartilaginosa, dividida no alto. A fêmea não pode ser distinguida pela plumagem. Em campo com arbustos baixos (outubro). Pousa na borda de florestas, em banhados e também em arbustos baixos, parando também em árvores mais altas, cantando em voz alta algo como zuit zit zui zuit zit zuit (novembro)”.
--	--

***Poospiza cabanisi* (Bonaparte, 1850)**

Poospiza lateralis (Natterer) (p.228-229)

L: Boqueirao [...] Villa de Castro (setembro de 1820), Campo largo (outubro de 1820), Campo comprido (2 de outubro de 1820), Curytiba (outubro e novembro).

“Boqueirao an den Ufern Flusses Yapó in niederem Gebüsche nahe an den Häusern der Villa de Castro September”.	“Boqueirão às margens do Rio Iapó em arbustos baixos perto das casas da Vila de Castro, setembro”.
--	---

***Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766)**

Sycalis flaveola (Linné) (p.231)

L: Jaguaraíba (fevereiro de 1821)

***Sicalis citrina* Pelzeln, 1870**

Sycalis citrina Natterer (p.232, 333)¹⁶²

L: Jaguaraíba (janeiro de 1821), Murungaba (março de 1821)

¹⁶² Na descrição original menciona como localidades: “Jaguaraíba, Ytarare, Murungaba”, fornece descrição em latim e diagnose. Destaca o exemplar de Jaguaraíba do restante da série: “An einem Männchen aus Jaguaraíba sind die weissen Flecken an der zweiten Schwanzfeder jederseits kaum merklich angedeutet, bei einem noch schöner gefärbten vom selben Tage und selben Fundorte aber sehr entwickelt”. (“Em um macho de Jaguaraíba, a mancha branca das retrizes laterais são quase imperceptíveis em comparações com exemplares obtidos na mesma data e localidade”). Inclui também anotações de campo: “Natterer’s Notizen: Das Weibchen ist bloss am Bauche schmutzig gelb, die Brust ist bräunlichgelb mit dunkelbraunen Längsstrichen. Scheitel braungrau, gelb überflogen mit dunkelbraunen Längsstrichen, Bürzel grünlichgelb.” (“Anotações de Natterer: a fêmea é apenas suja de amarelo no abdômen, o peito é castanhado com estrias marrom escuras. A coroa é marrom acinzentada, amarela riscada de marrom escuro, [e tem] o uropígio amarelo esverdeado”).

***Embernagra platensis* (Gmelin, 1789)**

Embernagra platensis (Gmel.) (p.230)

L: Porto do Jaguaraiaba bei Postinho (setembro de 1820), Porcos de Riva (29 de setembro de 1820), S.Luiz (30 de setembro de 1820), Curitiba (outubro e novembro de 1820).

"Porto do Jaguaraiaba bei Postinho geschossen auf Gebüsch in einem Sumpfe, September"	"Porto do Jaguaraiaba em Postinho, coletado em arbustos em um banhado, setembro"
---	--

***Sporophila plumbea* (Wied, 1830)**

Spermophila plumbea (Pr.Neuw.) (p.223)

L: Curitiba (novembro de 1820)

"Curitiba an Morästen auf niederem Gesträuche oder Kräutern November".	"Curitiba em arbustos baixos e ervas em banhado, novembro"
---	---

***Sporophila caerulescens* (Vieillot, 1823)**

Spermophila ornata (Licht.) (p.224)

L: Curitiba (novembro de 1820)

"Das Männchen hat einen einfachen Gesang und sitzt dabei ruhig auf dem Gipfel eines Busches oder auf einem dürren Aestchen (Curitiba, November)."	"O macho tem um canto simples e pausa tranquilamente em arbustos ou ramos finos (Curitiba, novembro)".
--	--

***Sporophila hypoxantha* Cabanis, 1851**

Spermophila hypoxantha (Licht.) (p.225)

L: Curitiba (novembro de 1820).

"Curitiba an Morästen auf niederem Gebüsch, November..."	"Curitiba, em banhados, em arbustos baixos, novembro".
---	---

CARDINALIDAE

Piranga flava (Vieillot, 1822)

Piranga Saira (Spix) (p.211)

L: Jaguaraiaba (setembro de 1820, janeiro de 1821), Porcos de Riva (setembro de 1820), Curytiba (outubro de 1820), Pitangui (9 de dezembro de 1820)

PARULIDAE

Parula pitiayumi (Vieillot, 1817)

Parula pitiayumi (Vieill.) (p.71)

L: Curytiba (outubro de 1820)

Geothlypis aequinoctialis (Gmelin, 1789)

Trichas velata (Vieill.) (p.71)

L: Curytiba (novembro de 1820)

Basileuterus leucoblepharus (Vieillot, 1817)

Basileuterus leucoblepharus (Vieill.) (p.72)

L: Curytiba (outubro ou novembro¹⁶³ de 1820)

Phaeothlypis rivularis (Wied, 1821)

Basileuterus stragulated (Licht.) (p.72)

L: Paranagua (dezembro de 1820)

ICTERIDAE

Cacicus chrysopterus (Vigors, 1825)

Cassiculus albirostris (Vieill.) (p.193-194)

L: Lança (setembro de 1820); S.Luiz (30 de setembro de 1820), Campo comprido (2 de outubro de 1820), Curytiba (outubro de 1820).

“Curytiba auf hohen Bäumen October” [...]. “Singt schön mit einem tiefen, lauten Pfiff (Curytiba)”.	“Curitiba em árvores altas, outubro” [...] “Canta muito como um apito profundo, bastante alto (Curitiba)”.
--	---

¹⁶³ Menção ao mês de agosto (“August”) é errônea.

***Pseudoleistes guirahuro* (Vieillot, 1819)**

Pseudoleistes viridis (Gmel.) (p.198)

L: Joaquim Carneiro (24 de setembro de 1820), Curitiba (outubro de 1820), Villa de Castro (dezembro de 1820), Murungaba (março de 1821).

"Am jungen Weibchen war die Kehle schmutzig gelb , die Wangen waren mit Gelb überlaufen. ¹⁾ "	"Uma fêmea jovem tinha a garganta manchada de amarelo, mas as faces eram pelnas dessa cor ¹⁾ "
[Rodapé:] "Diess ist der Fall bei zwei jungen Weibchen von Murungaba März und Rio Piehy December, dann an einem jangen Männchen vom Rio Piehy December".	"Tal é o caso das duas fêmeas jovens de Morungaba (março) e do Rio Apiaí (dezembro), bem como de um macho jovem do Rio Apiaí (dezembro)".

***Molothrus bonariensis* (Gmelin, 1789)**

Molothrus sericeus (Licht.) (p.200)

L: Curitiba (outubro de 1820)

"Curitiba October, am Hause November"	"Curitiba, outubro, em casa (novembro)" ¹⁶⁴
---------------------------------------	--

FRINGILLIDAE

***Sporagra magellanica* (Vieillot, 1805)**

Chrysomitris icterica (Licht.) (p.231)

L: Jaguaraíba (setembro de 1820)

* * *

¹⁶⁴ Aqui parece ser uma observação sem espécime. Em novembro Natterer não coletou nenhum exemplar dessa espécie. Provavelmente refere-se ao fato da espécie ocorrer perto da casa onde estava instalado em Curitiba.

Cronologia

- 1821** O Reino de Portugal, Brasil e Algarves anexa o Uruguai (Província Cisplatina, Província Oriental ou Banda Oriental), com o apoio tácito da população, que se encontrava devastada por guerrilhas e abandono. O intuito político seria a criação de obstáculos contra a formação iminente de um grande bloco político em ambas as margens da foz do rio Paraná, ou rio da Prata. O episódio foi o estopim da Guerra da Cisplatina (1825-1828), envolvendo o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata.
- 1821** Falecimento do PADRE AIRES DE CASAL.
- 1821** Com o retorno de João VI a Portugal, D. Pedro torna-se príncipe-regente do Brasil. Como consequência, ocorre a abolição da Inquisição Portuguesa, culminando com a regularização da liberdade de imprensa e a fundação de duas tipografias particulares, quebrando o monopólio da Imprensa Régia.
- 1821** Conjura Separatista: convocado pelos interessados na emancipação política do Paraná, o sargento Floriano Bento Viana anuncia a autonomia da então Comarca, sendo repellido pelo juiz de fora.
- 1821** LUDWIG RIEDEL, naturalista alemão, aporta no Brasil,

onde permanece até o seu falecimento, em 1861. Além de ter se destacado como um dos integrantes da expedição Langsdorff, também passou pelos cargos de direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e da Seção de Botânica do Museu Nacional.

1822 O Barão de Langsdorff volta ao Brasil, agora com a comitiva financiada pela Academia Russa de Ciências, incluindo os naturalistas Edouard Ménétriès e o pintor Johann Moritz Rugendas. O barão retorna à Europa, logo após a proclamação da Independência.

1822 Independência do Brasil: fim do Período Colonial.

1822 René Primevère Lesson e Prosper Garnot visitam o Brasil (Santa Catarina) quando de sua viagem a bordo do navio *La Coquille*. Da viagem, publicaram o livro ***“Voyage autour du monde entrepris par ordre du Gouvernement sur la Corvett Le Coquille”*** (1838). A partir deste ano, Lesson passou a descrever várias espécies de aves tidas como novas, algumas delas ocorrentes no Brasil.

1822 Nascimento de Johann Friedrich Theodor Müller, ou Fritz Müller, naturalista alemão que se radicou em Santa Catarina, destacando-se por sua participação decisiva, por meio de assíduo intercâmbio de correspondências, na Teoria da Seleção Natural de Charles Darwin.

1822 O francês Justin Goudot, a serviço do Museu de

História Natural de Paris inicia seus 20 anos de colecionamento de material biológico na Colômbia, inclusive aves, estudadas por Jules Bourcier e René Primevère Lesson.

1823 Johann B. von Spix e Karl F. P. von Martius publicam o primeiro dos três volumes (os outros saíam em 1828 e 1831) do *“Reise in Brasilien auf Befehl S. M.[ajestät] König Maximilian Joseph I...”*, descrevendo a sua viagem ao Brasil.

1823 Spix publica o primeiro dos cinco volumes de sua obra descritiva, tratando dos primatas e quirópteros. Os volumes 3 e 4, lançados em 1824 e 1825 (*“Avium species novae quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX...”*) referem-se às aves e ali constam descrições de muitas espécies brasileiras.

1823 Fundação da “Freguesia Estrela”, hoje Ponta Grossa, sob jurisdição da Vila Nova de Castro, da qual se emancipou em 1855.

1824 Primeira Constituição Brasileira, outorgada por Pedro I com a doutrina liberal-conservadora de Benjamin Constant. Apenas com sua aprovação é que se considerou oficialmente a aclamação e coroação do monarca. Seu conteúdo foi revogado somente muitos anos depois, na Proclamação da República.

1824 Jean René Constant Quoy e Joseph Paul Gaimard

publicam os resultados de seus estudos no volume zoológico da obra ***“Voyage autour du monde exécuté sur L’Uranie et La Physicienne”***, com sete volumes (1824-1844) e organizada por Louis Claude de Saulces de Freycinet, também comandante do navio. Essa obra refere-se às viagens de circum-navegação para exploração da Austrália, Timor-Leste, Samoa, Havaí e também do Uruguai, realizadas entre 1817 e 1820. No navio estavam também o botânico Charles Gaudichaud-Beaupré e o jovem pintor-assistente AIMÉ ADRIEN TAUNAY que, anos depois, participaria da expedição Langsdorff.

1824 Nova visita do Barão de Langsdorff ao Brasil, agora para sua expedição-maior, que durou até 1829. Prossegue na companhia de Ménétrières e Rugendas e associa-se também a LUDWIG RIEDEL, que chegara ao Brasil em 1821. No ano seguinte, com o retorno dos três para o Rio de Janeiro, Langsdorff trabalha com os pintores AIMÉ ADRIEN TAUNAY (que chegou ao Brasil com toda a sua família em 1816, pela Missão Artística Francesa) e Hercules Florence.

1824 Proveniente da Guiana, onde chegara em 1804, aporta no Brasil o naturalista britânico Charles Waterton. Percorre o Nordeste a pé (e descalço) colecionando espécimes e preparando-os com grande maestria, por meio de técnicas particulares, usando como conservante o sublimato de mercúrio.

1825 Quinze anos após a inauguração do *Museum für Naturkunde* de Berlim, surgem na Alemanha outras

importantes coleções, aproximadamente no mesmo período. Eram os acervos de Frankfurt, sob curadoria de Phillip Jacob Cretzschmar, Darmstadt (aos cuidados de Johann Jacob Kaup), Munique (Johan Baptist von Spix e Johann Georg Wagler), Dresden (Heinrich Gottlieb Ludwig Reichenbach) e Halle (Christian Ludwig Nitzsch).

1825 Portugal e Inglaterra reconhecem a independência do Brasil.

1825 Com apenas 16 anos de idade, chega ao Brasil o cartógrafo e explorador JOHN HENRY ELLIOT. Por volta de 1828, conhece o Barão de Antonina, que o convida a participar, como técnico em cartografia, de algumas expedições sertanistas pelo interior do Paraná.

1825 Guerra da Cisplatina (até 1828) entre o Brasil e as Províncias Repúblicas Unidas do Rio da Prata, que visavam à recuperação de territórios.

1825 Chega ao Brasil o naturalista e desenhista britânico William John Burchell, já reconhecido como um dos mais importantes personagens que passaram pela África do Sul. Sua expedição, que acompanhou a missão inglesa de reconhecimento da independência do Brasil (liderada pelo embaixador Charles Stuart de Rothesay), compreendeu um longo trecho incluindo o Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e, finalmente, o Pará, de onde retornou em 1830.

- 1825** Peter Wilhelm Lund, discípulo de George Cuvier e Alexander von Humboldt, merecidamente cognominado “patrono da paleontologia brasileira”, chega ao Brasil em sua primeira visita ao País. Dedicar-se originalmente à botânica e depois, e especialmente, aos fósseis, em companhia de Eugene Warming.
- 1825** Langsdorff inicia nova expedição pelo interior do Brasil, agora demandando o Mato Grosso e a Amazônia.
- 1825** O Príncipe de Wied-Neuwied publica o primeiro dos quatro volumes (1825-1832) de sua obra “***Beiträge zur Naturgeschichte Brasiliens***”, com informações sobre os mamíferos, aves (incluindo a descrição de 160 novas espécies) e répteis por ele colecionados no Brasil. Sua coleção de aves brasileiras totalizava 4.000 espécimes montados em postura expositiva, inclusive com bicos e pernas pintados e, quando de seu falecimento (1867), foi vendida ao *American Museum of Natural History*.
- 1825** Charles Lucien Bonaparte, sobrinho de Napoleão Bonaparte, agora instalado nos EUA, inicia a publicação da obra “***American Ornithology***” (1825-1833), assumidamente uma continuação ao trabalho de Alexander Wilson.
- 1826** Alcide Charles Victor Marie Dessalines D’Orbigny, naturalista francês, chega ao Brasil onde permanece

por menos de um mês, antes de sua longa expedição por outros países da América do Sul (até 1833) financiada pelo *Musée de Histoire naturelle* de Paris. Entre 1835 e 1847 publica os sete volumes do ***“Voyage dans l’Amérique Meridionale (Le Brésil, La République Orientale del’Uruguay, La République Argentine, La Patagonie, La République du Chili, La République de Bolivia, La République de Pérou), exécuté pendant les années 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832 et 1833”***. Essa obra narrativa, contém também teorias sobre a distribuição altitudinal de algumas aves sulamericanas, considerando a temperatura, o tipo de hábitat ocupado e a orientação das vertentes andinas onde cada uma delas ocorre.

1826 Interessado especialmente em plantas, chega ao Brasil, o naturalista e médico italiano Giovanni Battista Libero Badarò.

1826 Falecimento de Johann B.von Spix.

1826 Na comitiva da expedição Langsdorff, LUDWIG RIEDEL chega ao Paraná para coletas botânicas; com ele vem o pintor AIMÉ ADRIEN TAUNAY.

1826

LUDWIG RIEDEL e ADRIEN TAUNAY

Georg Heinrich von Langsdorff¹⁶⁵, foi uma das figuras mais emblemáticas na história das grandes viagens de naturalistas ao Brasil. Nascido em 1774, oriundo de uma tradicional família de barões cujas origens remontam ao Século XIV, ele era formado em medicina mas auto-didata em história natural com inclinações para a botânica, ictiologia e entomologia. Seus estudos foram feitos em particular na universidade de Goettingen, onde recebera influência do antropólogo Johann Friedrich Blumenbach, famoso por ter sido um dos primeiros a criar o conceito de raças humanas¹⁶⁶.

Langsdorff tornou-se médico da corte do Príncipe Christian August von Waldeck e, em seguida, passou a ocupar cargos variados, entre a medicina e a diplomacia, mas sempre mantendo o interesse por animais e plantas. Neste tempo morou em Portugal, Espanha, Inglaterra e França e manteve contato por correspondência com Etienne Geoffroy de Saint Hilaire, André C. Duméril, André P. Latreille e muitos outros intelectuais daquela época.

¹⁶⁵ Nascido em Woellstein, Alemanha (18 de abril de 1774) e falecido em Freiburg, Alemanha (29 de junho de 1852). Para alguns autores, no russo transliterado, aparece como Grigory Ivanovich Langsdorff.

¹⁶⁶ Mas também conhecido, na Ornitologia brasileira, por ter inspirado Johann B. von Spix a batizar o mutum-do-sudeste como *Crax blumenbachii*.

Entre 1803 e 1806 participou da primeira expedição russa que daria a volta ao mundo, sob o comando do almirante Adam Johann von Krusenstern, tomando o encargo de naturalista incumbido das pesquisas sobre peixes, rochas e minerais. Essa oportunidade foi a principal causa da formação de seu perfil, quando desenvolveu a capacidade de colecionar elementos da natureza e sistematizar e compreender o sentido do material científico (Bertels *et al.*, 1981). Na ocasião esteve no Brasil, onde pôde colecionar espécimes na ilha de Santa Catarina (Papávero, 1971) e começar a cogitar a preparação de uma viagem de maior porte para o País.

Exatos dez anos depois (1813), Langsdorff foi nomeado cônsul da Rússia no Brasil, retornando ao país e estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Tinha como função o estudo detalhado das condições de mercado brasileiro e também providenciar o abastecimento dos navios da Companhia Russo-americana quando de suas estadias naquele porto, bem como uma série de outros encargos diplomáticos (Komissarov, 1994).

Em 1816 adquiriu uma grande propriedade situada na região serrana do estado do Rio de Janeiro (hoje na Vila Inhomirim, no município de Magé), denominada “Fazenda Mandioca” e que contava com várias casas (algumas delas arrendadas como pousadas para viajantes) e plantações de café, mandioca, milho, batata, noz moscada e índigo. Ao tempo em que se interessava pelo assunto de imigração europeia ao Brasil, sua fazenda também se tornou ponto de encontro de naturalistas viajantes, que a incluíam como parte de itinerários maiores.

Bem da verdade, segundo Bertels *et al.* (1981), a fazenda era composta por um jardim botânico, uma rica biblioteca e uma grande coleção de itens da natureza; por essas características acabou se consolidando como ponto de

referência, pronto para receber intelectuais e artistas e lhes prover de conselhos e orientações técnicas. Nesse ínterim o barão estudava antropologia e, especialmente história natural, enviando amostras de todos os tipos para a Academia Russa de Ciências, em São Petersburgo.

Seu cargo no Brasil manteve-se apenas até 1820, quando retornou a Paris. No ano seguinte procurou pelo imperador russo Alexandre I e lhe propôs que financiasse uma grande viagem ao Brasil com o objetivo de obter “descobertas científicas, geográficas, estatísticas e outras pesquisas, estudo sobre produtos não conhecidos no mercado, coleção de objetos de todo o reino natural” (AVPR, 1821 *in*: Bertels *et al.*, 1981). Uma vez concluídas as negociações, passou a formar sua equipe, agora contando com o naturalista francês Jean Moritz Edouard Ménétrières (1802-1861)¹⁶⁷ e o pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858). Em 5 de março de 1822, portanto, a poucos meses da independência do Brasil, aportam no Rio de Janeiro. Ali o grupo se encontra com os demais integrantes: o botânico alemão Ludwig Riedel (1790-1861), que havia chegado ao Brasil dois anos antes, o astrônomo e meteorologista russo Néster Gavrílovitch Rubtsov (1799-1874) (chegado um mês antes) e o naturalista colecionador alemão George Wilhelm Freyreiss (1789-1825)¹⁶⁸ que aqui já se encontrava desde 1813, tendo aportado junto com Langsdorff em sua segunda visita ao Brasil.

¹⁶⁷ Ou, em russo transliterado, Eduard Petrovich Ménétrières, discípulo de Georges Cuvier e André P.Latreille (que o teria indicado ao barão). Como alertado por Pacheco (2003), há uma constante confusão de nomes, envolvendo Eugène Ménétrières (vide, por exemplo, Pinto, 1979:82) e o verdadeiro nome do zólogo da Expedição Langsdorff.

¹⁶⁸ Logo que chegou ao Brasil, Freyreiss já trabalhou ativamente na obtenção de espécimes para o Museu de Berlim, viajando em companhia de Friedrich Sellow, do príncipe de Wied-Neuwied e de Wilhelm Ludwig (Barão) von Eschwege. Seu material foi estudado em grande parte pelo sueco Carl Per Thunberg (Sick, 1997) que, embora botânico e entomólogo, chegou a descrever algumas espécies brasileiras, como *Elaenia flavogaster* e *Laniisoma elegans*.

Com o tempo, porém, o grupo foi se alterando, devido aos poucos recursos financeiros disponíveis, à pequena abrangência geográfica das incursões (teriam visitado apenas o interior dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais) e especialmente por conflitos pessoais com Langsdorff, devido à sua personalidade difícil. Logo ao fim da primeira parte da expedição, em 1825, Rugendas dela se desliga, seguido por Ménétrières.

Vendo grandes dificuldades para recompor a expedição, Langsdorff contrata os pintores franceses Aimé Adrien Taunay e Hercules Florence (1804-1879) em substituição a Rugendas e o zoólogo alemão Christian Hasse no lugar de Ménétrières. Iniciava-se a segunda fase da viagem, cujos integrantes agora tomavam um navio para prosseguir-la a partir do porto de Santos.

Foi nesse momento que passaram a existir conexões da expedição Langsdorff com a ornitologia no Paraná. O próprio barão não esteve no Paraná, embora tenha manifestado, em seus diários, que tinha interesse pessoal nisso: *“Pretendo visitar a Comarca de Curitiba, ainda quase desconhecida, nos próximos seis meses e permanecer na Província de São Paulo, tão rica em novidades, até o mês de abril ou maio do próximo ano”*¹⁶⁹. Cinco dias depois, anota: *“Essa comarca [de Curitiba] deve ser muito especial sob todos os pontos de vista. A capital da comarca e suas redondezas estão situadas numa região elevada e temperada. Muitos frutos europeus poderiam vingar aqui perfeitamente. Encontram-se aqui ouro e diamante; um grande número de aves raras e animais como os guarás, anhumas, emas, seriemas, veados, coelhos, Tinamus de rabo comprido, ratos e gatos, gambás”* (Silva org., 1997:44-45). Essa preleção é obviamente irreal, mas ilustra o

¹⁶⁹ Anotação do dia 20 de novembro de 1825 de seu diário pessoal, segundo Silva (org., 1997:40).

imaginário dos naturalistas ao pensarem nos próximos lugares a serem visitados quando de suas longas peregrinações. Guarás, como se sabe, ocorrem apenas no ambiente estuarino e portanto ele se referia à comarca de Paranaguá. Da mesma forma, anhumas, emas e seriemas são aves incompatíveis com o cenário biogeográfico local. Os chamados *Tinamus* de rabo longo poderiam ser jacus, talvez o único indicativo ornitológico mais consistente de suas pretensões.

Sendo obrigado a mudar seus planos de viagem pelo norte do Brasil, o barão destacou o grupo formado por Riedel, Taunay e Rubtsov para seguir pelo interior paulista e, em seguida, rumar em direção ao sul do Brasil. Essa mudança no planejamento é tratada por Langsdorff em um de seus diários (Bertels *et al.*, 1981:35-36):

“Entretanto, as circunstâncias (sobretudo o começo das chuvas) obrigaram-me a alterar meus planos e a visitar, no decorrer dos seis meses seguintes, a comarca de Curitiba (ainda pouco estudada) e a permanecer na província de São Paulo ... até abril ou maio do próximo ano. Resolvi seguir adiante com o começo da temporada seca”.

Foi assim que, em 5 de fevereiro de 1826, Langsdorff levou todo o material coletado para o Rio de Janeiro e, no dia 16 de fevereiro, os participantes da expedição (com exceção de Florence, que estava ocupado com a preparação da viagem a Porto Feliz e Mato Grosso) iniciaram a viagem a Curitiba, partindo de Ipanema em direção sudoeste.

No trajeto passaram quase que pelos mesmos pontos das expedições de Auguste de Saint Hilaire e de Johann

Natterer (p.ex. Itapetininga, Faxina) e, já no início de março, haviam obtido farto material etnográfico sobre os índios Coroados, na cidade de Castro. Em seguida, “por motivo das enchentes”, como mais tarde escreveu Rubtsov, tornou-se impossível seguir adiante e a equipe retornou, em 11 de março, para Ipanema (Bertels *et al.*, 1981). Manizer (1967:75) dá outros detalhes: “*Curiosa é a seguinte nota: ‘11 de março de 1828. Partimos de volta à Fábrica de Ferro (da Vila de Castro). Disseram-me que nesta estrada frequentemente aparecem, vindos da mata, uns selvagens chamados xavantes, que matam a gente; por isso não nos detivemos em lugares ermos e viajamos de manhã à noite; entretanto, não vimos nenhum deles’.* Atualmente não existe sequer a lembrança de ‘gente selvagem’ em centenas de milhas em torno desses lugares”.

Desta forma, sobre a presença da expedição no Paraná, pode-se afirmar que os seus integrantes dedicaram menos de um mês (entre fevereiro e março de 1826)¹⁷⁰ a alguns pontos selecionados entre o rio Itararé e a cidade de Castro, de onde não passaram por causa das enchentes do rio Iapó, que banha a cidade. Por menos importância que essa efêmera visita possa ter, é curioso que ela tenha sido omitida em quase todas as obras de revisão (p.ex. Papávero, 1971 e até mesmo nos mapas encartados em Bertels *et al.*, 1981), que raramente relatam a complementação do percurso para sul além de Ipanema¹⁷¹.

Depois disso, o grupo segue para a parte mais importante do percurso: entre 1826 e 1829 (data da saída do porto de Belém, em retorno ao Rio de Janeiro) viajam a

¹⁷⁰ Entre 20 de fevereiro e 5 de abril, Langsdorff estava na fazenda Mandioca, preparando a grande viagem para a Amazônia; nada escreveu em seu diário (Silva org., 1997:70).

¹⁷¹ Rubtsov preparou pelo menos um mapa (96x67 cm) apontando sua estada em Castro, datado de 1826: “*Mapa particular da viagem pela América do Sul do Conselheiro de Estado Langsdorff em 1826, da cidade de Faxina até a cidade de Castro*”. Esse documento consta do acervo da Academia Russa de Ciências, em São Petersburgo (BB, 2010).

partir de Porto Feliz ao longo do rio Tietê e, então, visitam numerosos pontos nos estados do Mato Grosso do Sul¹⁷², Mato Grosso, Amazonas e Pará, somando milhares de quilômetros percorridos por terra e via fluvial.

Apesar da grandeza financeira envolvida na expedição e mesmo da participação ativa de políticos de grande expressão no império (p.ex. José Bonifácio de Andrada e Silva), os resultados por ela trazidos podem ser considerados mínimos. Isso porque uma grande parte dos espécimes, desenhos, diários e outros documentos, acabaram trancafiados por mais de um século em instituições variadas da Rússia e, bem da verdade, apenas uma diminuta fração que acabou sendo pesquisada e divulgada. Uma parte significativa desta documentação perdeu-se, destruída em conflitos ou mesmo incinerada por burocratas menos esclarecidos. Uma outra parte, ainda, permanece “segura”, mas tão protegida que nem mesmo os pesquisadores têm acesso a ela, trabalho que já seria difícil em decorrência de seu estado de conservação e, ademais, por muitos dos documentos terem sido escritos em língua russa (Komissarov, 1994)¹⁷³.

Ocorre, na realidade, que pouquíssimos foram os pesquisadores contemporâneos que puderam analisar o material da Expedição Langsdorff e de sua instável equipe, não só referentes aos espécimes zoológicos, como também dos diários, mapas e várias outras anotações, muitas delas inéditas. Um dos poucos que tiveram oportunidade de estudar os exemplares de São Petersburgo, além do próprio Ménériès e do insuperável Charles Hellmayr, foi o polaco

¹⁷² Pode-se afirmar ser esse o primeiro esforço efetivamente científico voltado ao conhecimento da avifauna do Mato Grosso do Sul.

¹⁷³ Ao fim de 1990, Boris Komissarov, presidente da Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), por meio de uma ação conjunta com a Fiocruz e Funasa, iniciou um projeto de reprodução de muitos elementos oriundos da expedição, tornados em parte disponíveis em microfilmes.

Tadeusz Chrostowski quando, sob falsa identidade, desertara do exército czarista (Chrostowski, 1921; Wachowicz, 1994; Straube & Urben-Filho, 2001).

Grande parte desse acervo, depositado no museu de São Petersburgo, ficou por muito tempo inacessível, particularmente após a Segunda Grande Guerra (Alimov *et al.*, 1999). Isso porque, desde que o barão enviou seu volumoso material, constituído de diários, anotações de viagem, desenhos, aquarelas, mapas, espécimes minerais, zoológicos, botânicos, bem como farto material etnográfico, vocabulários indígenas e correspondência diversa, as centenas de caixas que o guardava foram mantidas em uma sala fechada, acabaram sendo redescobertas somente em 1930, quando da reforma do museu da academia de ciências de São Petersburgo (Prada, 2000).

A expedição em si, além do pouco material bibliográfico disponível no Brasil (situação já mencionada por Ihering em 1902!), mergulhou também em uma profunda polêmica, cujas discussões foram motivadas por diversas questões de foro íntimo (Prada, 2000). Uma delas, de consenso geral, foi a doença mental de Langsdorff, com sintomas de longa perda de memória, mas também algumas passagens até certo ponto cômicas de atitudes que tomara durante sua permanência no Brasil: chamava a atenção pelo porte baixo e mirrado, que contrastava com a opulência de suas vestimentas e também foi descrito como hiperativo e impetuoso por vários autores, dentre eles Auguste de Saint Hilaire (1830)¹⁷⁴:

Na companhia de Langsdorff, o homem mais ativo e mais infatigável que jamais conheci em minha vida, aprendi a viajar sem perder um só instante, a me

¹⁷⁴ Essa versão traduzida, cujo autor não nos foi possível descobrir, aparece em várias fontes (p.ex. Pinto, 1979).

condenar a todas as privações, e a sofrer alegremente todos os gêneros de incômodos. [...] Meu companheiro de viagem ia, vinha, agitava-se, chamava este, reprimia aquele, comia, escrevia seu diário, arrumava suas borboletas e corria aqui e ali, tudo de uma só vez. Todo seu corpo estava em movimento; sua cabeça e seus braços, que se lançavam à frente, pareciam acusar a lentidão do resto de seus membros; suas palavras precipitavam-se; sua respiração era entrecortada; ele resfolegava, como após uma longa corrida .

Independente de opiniões particulares, pode-se dizer que se trata do último acervo clássico sobre o Brasil ainda não incorporado à ciência e à cultura (Prada, 2000).

De fato, a expedição Langsdorff teve menos fama pelos espécimes obtidos por alguns integrantes (Figueirôa, 1997), especialmente Ménériès¹⁷⁵, e mais pela divulgação que dela se fez, com méritos ao famoso trabalho pictórico de Moritz Rugendas, Aimé Adrien Taunay e Hercules Florence. O primeiro desses foi o que se tornou mais célebre no Brasil, mas raramente ilustrava espécies animais em suas pinturas; quando muito, elas eram mediocrementemente representadas ou incluíam espécies de ocorrência incompatível com o cenário retratado (p.ex. flamingos em uma mata escura do Rio de Janeiro, *vide* Sick, 1997). É de se mencionar ainda que, do material coligido por Ménériès, “*nem tudo pôde aproveitar-se em benefício da ciência, visto lhe faltarem etiquetas com indicações precisas sobre*

¹⁷⁵ Raposo *et al.* (2012) estão entre os poucos que tiveram acesso a um grande montante documental e mesmo a certos exemplares de Ménériès, oriundos da Expedição Langsdorff, resultando em conclusões verdadeiramente formidáveis para a elucidação da localidade-tipo de um caso taxonomicamente problemático (*Scytalopus speluncae*).

lugares e datas em que foram obtidos os exemplares” (Pinto, 1979).

Quanto à inexpressiva contribuição ao Paraná, além de não existir conhecimento sobre espécimes, tudo o que pode ser levantado por enquanto, são aquarelas de Taunay retratando algumas espécies comuns (e.g. “caracara”: *Polyborus plancus*; “garca branca”: *Egretta alba*) nas quais as devidas procedências são mencionadas vaga e imprecisamente.

Em pelo menos um caso, porém, pode-se resgatar a informação e atribuí-la positivamente ao Paraná (com base na datação), como sua prancha n° 105, que retrata detalhes da cabeça, perna e esporão da asa de um quero-quero (*Vanellus chilensis*) indicando como esboçada “Fait pendant la digression de Sorocába à Castro, en Mars 1826”.



O quero-quero (*Vanellus chilensis*) retratado em nanquim e aquarela (17,3x21,5 cm; tamanho natural) por Taunay no percurso entre Sorocaba e Castro, em março de 1826 (Fonte: acervo da Academia de Ciências de São Petersburgo, reproduzida em Costa et al., 1995:44).

O mesmo se aplica a alguns dos manuscritos do próprio Langsdorff, alguns deles com títulos explicitamente voltados à ornitologia (*Verzeichnis der Vögel weiche auf der Reise von der Fabrica de Ferro St. João de Ypanema vom 16-ten Februar 1826 nach Villa de Castro...*) (Bertels et al., 1981).

Independente, porém, do quase-nada que se pôde levantar até então em decorrência da limitação de acesso às fontes originais, quem foram os viajantes da Expedição que estiveram, de fato, no Paraná?

O mais naturalista de todos foi o botânico **LUDWIG RIEDEL** (n. Berlim, Alemanha: 2 de março de 1790; f. Rio de Janeiro: 6 de agosto de 1861) um horticultor e produtivo colecionador de plantas.

Segundo Urban (1908), ele de fato percorreu alguns pontos entre as cidades de Itararé e Castro no ano de 1826¹⁷⁶, cujas exsicatas servem-nos como importantes indicativos das localidades por onde a expedição Langsdorff passou no Paraná. Na ocasião, por exemplo, visitou também a clássica fazenda Morungaba (Urban, 1908), já palmilhada por Dominick Sochor cinco anos antes e depois considerada por vários coletores. Entretanto, Pinto (1979:83) o caracteriza como “*alheio à ornitologia*” de forma que nada é conhecido sobre espécimes ornitológicos obtidos nesse trecho, se é que foram obtidos¹⁷⁷.

Depois da viagem com o Barão de Langsdorff, Riedel ainda permaneceu em atividade, tendo inclusive acompanhado Peter W. Lund, entre 1833 e 1834, em uma

¹⁷⁶ Corrija-se, dessa forma, o afirmado por Angeli (1956) que sua estada ocorrera em 1830.

¹⁷⁷ A coleta de pelo menos um exemplar de ave por Riedel é historicamente conhecida: o tipo de *Pteroglossus beauharnaesii* de Wagler, cujos detalhes zoológicos e conexões históricas são descritos por Pacheco (2003).

grande viagem pelo interior de Minas Gerais. Posteriormente radicou-se definitivamente no Brasil onde ocupou importantes cargos públicos como diretor do Passeio Público (depois Jardim Botânico) do Rio de Janeiro, chefe da seção de botânica do Museu Nacional¹⁷⁸ (Augel, 1979) e chefe das matas e jardins, posição posteriormente ocupada por Auguste François Marie Glazieu, outro botânico famoso (Hoehne *et al.*, 1941; Stafleu & Cowan, 1983).



Ludwig Riedel em 1846 (Fonte: Wikipedia).

¹⁷⁸ O herbário do Museu Nacional, diga-se de passagem, foi fundado por Riedel, sob apoio de Langsdorff, e se trata da primeira coleção de plantas institucionalizada no Brasil, datada de 1831.

Já com relação a **AIMÉ ADRIEN TAUNAY** (n. Paris, França: 1803; f. Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso: 1828) é possível se estender um pouco mais, particularmente quanto à sua biografia. Em 1816 ele chegou ao Rio de Janeiro em companhia de seu pai, o famoso pintor Nicolas Antonie Taunay¹⁷⁹, vindo ao Brasil com a Comissão Artística Francesa¹⁸⁰, portanto junto a Jean Baptiste Debret. Dois anos depois, portanto com apenas 15 anos de idade, embarca como desenhista auxiliar na expedição de circum-navegação do navio *Uranie*, liderada pelo navegador francês Louis Claude de Saulces de Freycinet (1779-1842). São desse período as célebres ilustrações feitas por ele para o naturalista Jacques Etienne Victor Arago (1790-1854), retratando paisagens e povos da África do Sul, algumas ilhas do Oceano Índico, além do Timor Leste e das ilhas Malvinas.

De volta ao Rio de Janeiro, passa a se dedicar aos estudos, enfatizando as artes e as línguas quando, em 1825, concorda em participar da expedição Langsdorff.

Taunay tinha um estilo todo especial de pintura, quase todas elas feitas em aquarela, acompanhando esboços e descrições. Segundo Ambrizzi (2008), ele misturava lirismo e rigor e suas contantes anotações apenas às obras ou redigidas em seus diários, “pressupunham a presença de um modelo interpretativo da realidade”. Essa característica era totalmente distinta do tipo de registro procurado por

¹⁷⁹ Tanto seu pai Nicolas quanto seu irmão, Felix Émile Taunay, foram professores da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. Seu outro irmão era Hipolythe Taunay, colaborador do Museu de História Natural de Paris e autor (em colaboração com Ferdinand Denis, do *Athénée de sciences, lettres et arts* de Paris) dos seis volumes (1821-1822) da obra: “*Le Brésil ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*”.

¹⁸⁰ Sob idênticas circunstâncias está o pintor Jean Leon Pallière (1823-1887), embora brasileiro mas filho de Arnaud Julien Pallière (e neto de Auguste Henri Grandjean de Montigny – vide Jean B. Debret) também membro da Missão Francesa. Jean é autor de vasta obra iconográfica, da qual se destacam duas aquarelas feitas no Paraná: “Canoa no Rio Paranaguá” e “Tropa carregada de mate descendo a Serra [do Mar]”.

Langsdorff, que preferia o estilo de Hercules Florence, artista que, aliás, o acompanhou até o fim da expedição.



Aimé Adrien Taunay, autorretrato (Fonte: Wikipedia).

O barão, ainda que tenha contratado Taunay como primeiro desenhista, de fato preferia – tal como relatado em diversas fontes – a companhia de Florence o qual, além de ótimo desenhista e interessado nas ciências em geral (em especial cartografia e geografia), tinha uma participação estratégica na logística das viagens. Como homem de ciência (Ambrizzi, 2008), Langsdorff não concordava com os arroubos emotivos dos artistas, razão (além de outras¹⁸¹) pela qual teria rompido com Rugendas e, posteriormente, com o próprio Taunay. Isso gerou vários desentendimentos, visto que a sensibilidade de Taunay era motivo de confronto com os preceitos rígidos do barão, fazendo-o inclusive

¹⁸¹ Consta que Taunay teria mantido um relacionamento amoroso com a esposa do barão, Wilhelmine von Langsdorff, na época com 24 anos de idade. Isso é mais ou menos explicitamente afirmado em suas cartas, trocadas com o médico Francisco Álvares Machado, radicado em Porto Feliz e que foi colaborador ativo da expedição (Costa, 2007). Segundo essa mesma autora, nas cartas de Taunay constam várias críticas ao barão, como por exemplo, no fragmento: “O cônsul é mais feliz do que o pouco juízo dele (isso entre nós) nos tinha prometido”.

pensar em desistir da viagem por pelo menos duas ocasiões (Costa, 2007).

Logo depois de um novo desentendimento com o barão por este tê-lo preterido a Florence na retratação das paisagens da Chapada dos Guimarães (Mato Grosso), o grupo se dividiu novamente e Taunay seguiu junto a Riedel rumo ao interior do Mato Grosso. Na Vila Bela da Santíssima Trindade (na época denominada “Matto Grosso”, no estado de mesmo nome), ao tentar atravessar a nado o rio Guaporé, acabou sendo tragado por suas águas, morrendo ali afogado, em condições que não são perfeitamente esclarecidas.

Algo que raramente é mencionado na literatura histórica alude ao fato de um planejamento para que Taunay e Riedel se unissem a Natterer para a continuidade da viagem, notadamente ao longo do rio Amazonas. O falecimento prematuro do jovem pintor, no entanto, causou o malogro desse projeto (Schmutzer, 2007).

Aspecto importante sobre a presença de Taunay no Paraná é que, em todo o percurso percorrido por ele, há sempre a presença de seu amigo Riedel. Isso aconteceu porque, atendendo às normas de Langsdorff (emitidas em Ipanema, 1826), o artista francês estava incumbido de dispor-se “*serviçalmente a desenhar as singulares cenas da natureza e de todos os objetos que na qualidade de artista lhe exigir o sr. Riedel*” (Costa, 2007).

Desta forma, apesar do acesso às ilustrações de Taunay ainda não ser uma realidade para o pesquisador brasileiro comum, as suas obras realizadas no período em que esteve no Paraná coincidiam com o calor do momento e, desta forma, é muito possível que, em vez de expressar sua sensibilidade sem quaisquer orientações, ele tivesse, na realidade, o acompanhamento rigoroso de Riedel.

É sem dúvida uma lástima que as obras de Taunay sejam tão pouco conhecidas e difundidas em publicações. Aparentemente, além de excelente artista, ele era metuculoso em retratar e descrever as paisagens, incluindo uma grande gama de informações sobre o contexto, em geral apresentadas no verso das suas obras. Segundo Costa (2007), uma aquarela feita na Chapada dos Guimarães mostra um grupo de palmeiras buriti (*Mauritia flexuosa*). Entretanto, segundo essa autora, a palmeira “não está só”; no verso consta:

[...] um estudo de palmeiras ‘buritis’. Essa espécie prefere lugares úmidos, cresce em bosques e nos campos. Nos campos, são vistas raramente, exceto nos lugares molhados. Em pequenos bosques ou capões que cobrem as margens das nascentes, em grandes florestas, elas crescem por toda a parte [...]. As palmeiras apresentadas nesse desenho são jovens e destacam-se pelo seu vigor. Essa espécie atinge grande altura nas margens do rio Pardo. Eu vi exemplares de 60 pés de altura. No primeiro plano vemos três índios Guaná com suas provisões de viagem. Eles são encontrados, freqüentemente, pelo caminho das fazendas e engenhos, onde vão oferecer seus serviços. Seu salário, geralmente, é de 4 vinténs de ouro, 1827, junho.

Qual o conteúdo dos desenhos – e descrições – esboçados no Paraná? Quanta riqueza estética, documental e narrativa ainda aguarda – e por quanto tempo – o pesquisador da história da zoologia, no caso particular da expedição Langsdorff?

Cronologia

- 1827** Olfers, a convite de Pedro I, assume a qualidade de encarregado dos negócios, situação que permite rever pessoalmente seu amigo de viagem, F. SELLOW. Retorna à sua pátria em 1830.
- 1827** Criação da alfândega de Paranaguá, local onde hoje funciona o Museu de Arqueologia e Artes de Paranaguá.
- 1827** Johann Wagler publica “***Systema Avium***” com descrição de diversas espécies de aves brasileiras, muitas delas obtidas por Johann B.von Spix.
- 1827** John James Audubon inicia sua grande e famosa obra pictórica, “***The birds of America***”, composta por 435 pranchas (em escala 1:1) distribuídas em quatro volumes, lançados entre 1827 e 1838. A obra é considerada o livro mais caro do mundo.
- 1827** No prédio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, é criada a “Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional”, cujos objetivos incluíam o estudo da botânica aplicada à agricultura.
- 1828** AIMÉ ADRIEN TAUNAY morre afogado no rio Guaporé.
- 1828** FRIEDRICH SELLOW chega ao Paraná vindo do sul do Brasil.

1828

FRIEDRICH SELLO

FRIEDRICH SELLO (eventualmente Sello¹⁸²) (n. Potsdam, Alemanha: 12 de março de 1769; f. Belo Oriente, Minas Gerais: outubro de 1831) era o filho mais velho de Carl Julius Samuel Sello e Friederike Wilhelmine Albertine Lüder. Tanto seu pai quanto seu avô (Carl Julius Sello), além do tio-avô (Johann Wilhelm Sello) e do tio (Christian Ludwig Samuel Sello) foram jardineiros reais em Potsdam e representavam uma família historicamente associada ao cultivo de plantas e jardinagem, por muitas gerações ligada à Casa de Hohenzollern, particularmente entre 1710 e 1893 (Sybille Eggert, *in litt.*, 2008).

Friedrich se iniciou academicamente na botânica, seu ramo predileto, por iniciativa de Carl Ludwig Willdenow (1765-1812), diretor do jardim botânico de Berlim, que o recebeu como colaborador naquela instituição. Em seguida ele se transferiu para o Museu de História Natural de Paris, recebendo orientação de René Louiche Desfontaines e Antoine Laurent de Jussieu. Nesse novo ambiente pôde assistir às interessantes palestras de George Cuvier, Geoffroy de Saint Hilaire e Jean Baptiste Lamarck, bem como trabalhar no “*Jardin des Plantes*”, o assim chamado

¹⁸² Assim (Sello) aparece no espaço de coletor do lectótipo (MNHB-2993) de *Herpsilochmus pileatus* depositado em Berlim (Whitney *et al.*, 2000), bem como de vários outros exemplares, inclusive de plantas. Segundo Hoehne *et al.* (1941) seu nome originalmente é Sello, mas foi alterado quando de sua vinda ao Brasil, talvez com base em documentos antigos, considerando-se que não eram raras, em Brandenburg, as famílias que tinham nomes terminando em “-ow”. Há também a forma Frederick.

horto botânico do museu francês. Entre 1811 e 1813, por indicação e financiamento de Alexander von Humboldt, dirigiu-se aos Países Baixos e depois à Inglaterra, situação que lhe permitiu conviver com a elite intelectual da época e, desta forma, aprofundar-se ainda mais nos estudos botânicos (Urban, 1893; Stresemann, 1948; Stafleu & Cowan, 1985; Hackethal, 1995; Krausch, 2002; Gebhardt, 2006).

O ano de 1813 estava chegando ao fim quando, graças ao convite e às cartas de recomendação do Barão de Langsdorff, obteve uma subvenção dos botânicos britânicos Joseph Banks e John Sims para participar de uma expedição ao Brasil. Langsdorff, que recém assumira o cargo de cônsul russo no Rio de Janeiro, havia chegado ao Brasil no ano anterior, junto com o zoólogo Georg Wilhelm Freyreiss.

Como dito anteriormente, o barão comprara a famosa Fazenda Mandioca, residindo na propriedade e recebendo naturalistas que ali se alojavam durante suas viagens. Sellow era um deles e, graças a essa oportunidade, iniciou seu trabalho explorando as matas dos arredores da fazenda a fim de colecionar material, tendo ali se encontrado com Freyreiss e, depois, com o Príncipe de Wied-Neuwied (Rocha, 1972). Graças aos contatos, o trio acaba por confessar ideias comuns, como o interesse em adentrar o ainda pouco conhecido interior do Brasil.

Acertada a delegação, agora sob a liderança do príncipe, caberia a Freyreiss as coletas de animais e, a Sellow, o colecionamento de plantas. Assim, por mais um ano, os três percorrem diversos locais dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, até se separarem em 1816. Solitário, Friedrich acaba por prosseguir sua peregrinação pela Bahia até 1818 quando, chegando a Salvador, decidiu retornar ao Rio de Janeiro.

Em março desse ano, Sellow passa a acompanhar Ignaz Franz W.M. Olfers¹⁸³, de quem se tornou amigo próximo e com quem, logo depois, realizou a segunda viagem pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, retornando à capital via porto de Santos, em abril de 1820. Dividiam ambos as funções: enquanto Sellow se responsabilizava pela coleta e preparação de plantas, aves e mamíferos, Olfers dedicava-se aos insetos e geologia, também obtendo anfíbios, répteis, peixes e vermes de conteúdos digestórios (Hackethal, 1995)

Cabe lembrar que neste mesmo ano, Sellow ainda visitou a fazenda Mandioca, exatamente no momento em que Langsdorff planeja seu retorno à Europa, visto ter abdicado do seu cargo de cônsul, em decorrência da Revolução Constitucionalista do Porto. Já sem o poderoso apoio, Sellow acaba contratado por D. João como naturalista viajante do Museu Imperial do Rio de Janeiro, sendo regularizado apenas no ano seguinte, quando o rei volta a Portugal e D. Pedro assumiu o posto de príncipe-regente do Brasil.

Em 1821, Portugal planeja a invasão do Uruguai, fazendo-a pela criação da província Cisplatina e gerando desacordos diplomáticos com as províncias unidas do rio da Prata (especialmente Argentina) que culminaram na Guerra da Cisplatina (1825-1828). Sob essas circunstâncias, e já como membro oficial do reino, em maio de 1821 Sellow acompanha a comitiva naval rumo ao Uruguai e lá decidiu prosseguir seus trabalhos de coleta, visitando a então criada província e algumas regiões do território argentino (p.ex.

¹⁸³ Segundo Pacheco & Whitney (2001): “Chegado ao Rio de Janeiro em junho de 1818, Sellow conheceu na pessoa de v. Olfers, um naturalista primorosamente preparado e amável companheiro, ao qual ficaria ligado até a morte por sólida amizade”. Olfers veio ao Brasil em 1817, junto da delegação do Conde von Flemming, emissário diplomático da Alemanha, em viagem oficial.

Buenos Aires); seria sua terceira e última viagem pelo Brasil.

Depois de intenso trabalho, resolveu seguir por terra para o norte, entrando pelo Rio Grande do Sul em abril de 1823 e ali dedicando vários anos de trabalho¹⁸⁴. Em seguida, passou pelas províncias de Santa Catarina e São Paulo (incluindo o Paraná) e seguiu rumo a Minas Gerais, onde adentrou pela serra da Mantiqueira em 1830. Nessa região explorou Ouro Preto, Congonhas, os rios Paraopeba e Piracicaba e a serra de Itabira e, enfim, sofre um trágico acidente: morre afogado (Papávero, 1973; Pinto, 1978) enquanto se banhava na cachoeira Escura, margem esquerda do rio Doce¹⁸⁵, hoje município de Belo Oriente (Minas Gerais):

“Segundo informações colhidas por ocasião de uma viagem ao Rio Doce, o afogamento de Sellow teria ocorrido, segundo uns, acidentalmente, ao banhar-se ele na corredeira conhecida pelo nome de Cachoeira Escura; segundo outros, porém, teria praticado o suicídio. Vários fatos parece darem força à última hipótese, inclusive os termos do testamento em que declarara as suas últimas vontades” (Pinto, 1979).

Em sua homenagem foi batizada (como “Frederico Sellow”) em 1961, uma estação da estrada de ferro Vitória-

¹⁸⁴ Em janeiro de 1825, durante sua estada em Porto Alegre, chega a encontrar-se com D. Pedro I em plena Guerra da Cisplatina. Consta que Sellow teria desviado a sua rota planejada justamente para encontrá-lo pois o imperador “desejava levar alguns minerais interessantes para a sua jovem esposa, a Imperatriz Leopoldina” (Hoehne *et al.*, 1941).

¹⁸⁵ Esse local está a 19°19'01,32”S e 42°21'50,79”W, a cerca de 25 km NNE, em linha reta, da confluência do Rio Piracicaba, segundo R. S. Bérnils (*in litt.*, 2012).

Minas, em substituição ao nome original de “Cachoeira Escura” (Giesbrecht, 2006).

Sellow tinha amizade com naturalistas influentes da época, como Alexander von Humboldt, organizador da obra *Nova genera et species plantarum* (1820), onde consta a descrição do gênero *Selloa* (família Asteraceae), atribuído a Karl S.Kunth, com o seguinte texto: “*Genus dicatum amicisissimmo, F. Sello, peregrinatori germano, Brasiliam adhuc lustranti, qui herbaria hortosque botanicos plantis exquaesitis more mirabiliter auxit*”¹⁸⁶. Ele enviou muitas plantas nativas do Brasil para a Europa visando ao seu cultivo, sendo que algumas delas apareceram no Velho Mundo por seu intermédio, como as populares *Salvia splendens* (sálvia), *Petunia axillaris* (petúnia), *Begonia sempervirens* (begônia) e *Cortaderia selloana* (capim-de penacho).

Indiscutivelmente a sua contribuição foi muito mais valorizada pelos botânicos (Herter & Rambo, 1945), o que se percebe pelos inúmeros epítetos científicos *sellowii*¹⁸⁷, *sellowiana*, *selloi* e vários outros. Em Itajaí (Santa Catarina), há uma série de publicações denominada “*Sellowia*”, correspondente aos antigos “Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues”. No início da década de 80, o periódico abriu a série zoologia, inaugurada pela lista das aves de Santa Catarina (Sick *et al.*, 1981).

Sellow conhecia muito bem os itinerários (e os resultados das expedições) de outros naturalistas viajantes da época. Sabe-se, por exemplo, que se encontrou com Saint

¹⁸⁶ “Gênero dedicado ao meu grande amigo F. Sello, viajante alemão, ainda no Brasil em levantamentos, que tem ampliado maravilhosamente, com plantas desconhecidas, os herbários e hortos botânicos”.

¹⁸⁷ Também o pinheiro-bravo *Podocarpus sellowii*, gimnosperma frequente no planalto paranaense que conta com registros em vários pontos relictuais do Brasil (inclusive Amazônia; vide Souza, 2012), notavelmente no chamado Centro de Endemismos Pernambuco (Pernambuco, Ceará e Paraíba) mas também na serra de Itabaiana, no agreste sergipano (Andrade-Lima, 1966, 1982; ver também Cavalcanti & Tabarelli, 2004).

Hilaire e Natterer na fazenda Ipanema (Saint-Hilaire, 1940) e com Peter W. Lund em Minas Gerais (Holten & Sterll, 2000), obviamente não por mero acaso.



Selloa plantaginea, segundo ilustração original junto à descrição de Humboldt (esquerda) (Fonte: Bonpland *et al.*, 1815-1825); touceira de *Cortaderia selloana*, gramínea descrita em homenagem a Friedrich Sellow (direita) (Fonte: homepage da família Sello, www.hofgaertner-sello.de; acessada em 15 de outubro de 2008).

Com relação às regiões visitadas, ele se distingue pela abrangência, toda extra-amazônica, ainda que coincidam, em grande parte, com locais tradicionalmente visitados por outros coletores contemporâneos, como a cidade de Salvador e a vasta extensão litorânea dali até Santos, o interior de Minas Gerais (p.ex. Ouro Preto, Barbacena) e de São Paulo (p.ex. São Paulo, Jundiaí, Piracicaba, Itu, Sorocaba e Itararé). Não obstante, o fato magnificamente distintivo de suas viagens diz respeito às visitas a regiões do extremo sul, incluindo-se aí o planalto meridional do Brasil e quase todo o estado do Rio Grande do Sul, bem como a atual república do Uruguai. Esses pontos, como se sabe, foram apenas marginalmente

percorridos por Saint Hilaire e, embora cogitados, não contaram com a presença de Natterer.

No Paraná, onde dedicou dez meses de permanência, Sellow descreveu caminho contrário ao desses dois naturalistas vindos de São Paulo, via Itararé. Ele provinha do sul e, em solo paranaense pela primeira vez pisou ao chegar a Mafra (hoje Santa Catarina)¹⁸⁸. Cruzou o rio Negro, atingindo (março de 1828) a cidade limítrofe de mesmo nome e, pelo caminho dos tropeiros, passou pela vila do Príncipe (hoje Lapa: 9 de abril de 1828) até chegar em Curitiba, depois de visitar as pequenas vilas de Contenda e Araucária (na época conhecida como Tindiquera).

Dali ainda incluiu uma estada em Paranaguá, retornando à capital já pensando em algo inédito: a visita a várias outras localidades, seguindo por outros caminhos também importantes na época, mas que ainda não haviam sido explorados por outros naturalistas. Dentre elas destacam-se os campos de Guarapuava, para onde destinou três meses de estudos (setembro a novembro de 1828), a fim de se dedicar especialmente aos aspectos linguísticos dos índios da região¹⁸⁹.

Sua presença nos campos de Guarapuava coincidiu com o fim do longo período de “pacificação” dos índios locais (camé, votorão, dorim, ou seja, Kaingangs), por iniciativa de Diogo Pinto de Azevedo Portugal (Macedo, 1951) e que teve a participação ilustre do padre Chagas Lima (Straube, 2011). De retorno a Curitiba, retoma o rumo norte, passando por Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul e

¹⁸⁸ Essa é, no entanto, a configuração atual dos limites oficiais, apenas concluída por ocasião dos acordos decorrentes da “Guerra do Contestado”.

¹⁸⁹ Em 1828, Guarapuava contava com apenas 55 domicílios e pouco menos de 300 habitantes. Isso representava uma temeridade sem igual, em virtude do pequeno efetivo de colonizadores que rotineiramente envolviam-se em verdadeiras guerrilhas com os indígenas nativos, conhecidos pela hostilidade (Leão, 1924-1928).

Jaguariaíva, acabando por atingir os limites com São Paulo (Itararé) em janeiro de 1829.

Percebe-se que o itinerário percorrido por Sellow no sul do Brasil merece distinção frente a todos os que foram seguidos por outros naturalistas contemporâneos. Ele foi o único a conhecer por inteiro o trecho paranaense do caminho do Viamão, entre as cidades de Rio Negro e Itararé. Se não bastasse, também foi o único naturalista corajoso o suficiente para adentrar pelos chamados “campos de Guarapuava” que, por séculos, foram considerados extremamente perigosos devido aos constantes ataques dos índios. Saint Hilaire, com quem manteve laços de amizade e, inclusive, em cuja companhia viajou pelo interior de São Paulo, assim se refere à condição (Saint-Hilaire, 1940:283): “Os *campos de Guarapuava*, que o coronel DIOGO tinha colonizado em parte, constituíam, então, objeto de todas as conversações. Dar-me-ia grande prazer visitá-los, mas as dificuldades da viagem me amedrontaram”.

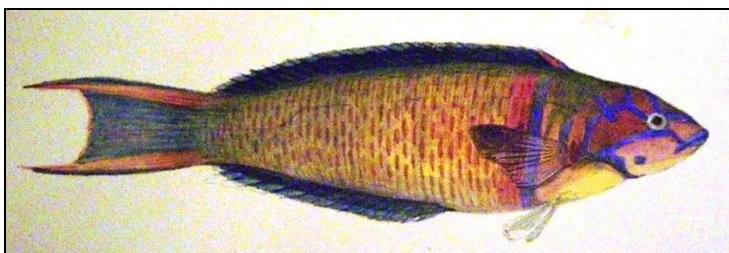
Do magnífico legado de Sellow, obtido sob esforços inimagináveis¹⁹⁰, pode-se afirmar ter sido composto por representações de vários campos do conhecimento, sejam elas geológicas¹⁹¹, geográficas, meteorológicas, astronômicas, antropológicas, zoológicas e principalmente botânicas (Marchiori & Durlo, 1998). Adicionam-se aqui as suas coleções paleontológicas, consideradas como os

¹⁹⁰ Aqui um comentário especial, que mais uma vez ilustra a obstinação dos naturalistas viajantes quando de suas penosas viagens empreendidas pelo interior do Brasil. O assunto foi abordado rapidamente no volume anterior (“Como foi feita esta obra”), mas é interessante relembrar algumas palavras de Papávero (1971:76). Quando de sua estada no litoral de Santa Catarina, após uma longa peregrinação pelas terras sulinas, Friedrich Sellow encontrava-se em Lages quando deixou ali, por algum tempo as mulas descansando (!), enquanto empreendia nova viagem rumo a Florianópolis e, então, novamente ao Rio de Janeiro. A condição, se não curiosa, é surpreendente, considerando-se o vigor físico desse animais e a incansável dedicação do grande naturalista alemão.

¹⁹¹ Segundo Borba & Courat (1975) e Maack (1981), Sellow é considerado um dos precursores da Geologia brasileira, graças à sua coleção com mais de 2000 amostras, obtidas no Brasil entre 1814 e 1831, todas atualmente no Museu de Berlim. Mais detalhes sobre sua participação nas geociências estão em Landsberg (1996).

primeiros números a serem incluídos na seção de paleontologia do Museu Nacional (Couto, 1948; Fernandes *et al.*, 2007) e estudadas por vários pesquisadores da área (Weiss, 1830; D'Alton, 1835, Mones, 1972, Marchiori & Durlo, 1998).

Seus diários, em número aproximado de setenta volumes (em sua grande maioria ainda inéditos) eram primorosos, alternando técnicas de desenho com lápis ou tinta. Continham anotações adicionadas de detalhes da situação, alguns codificados (data, temperatura do ar e da água, por exemplo), esboços de paisagens e situações urbanas e eventualmente magníficos desenhos dos organismos observados ou colecionados.



Aquarela de peixe, preparada por Friedrich Sellow e conservada no *Museum für Naturkunde der Humboldt-Universität Berlin* (Fonte: <http://www.hofgaertner-sello.de/>, acessada em 4 de março de 2012).

Dentre as aves que, em dezessete anos, Sellow conseguiu coletar, contam-se 5.457 espécimens, além de ninhos, ovos, esqueletos e várias peças anatômicas e parasitas preservados em álcool. Segundo Stresemann (1948 *per* Whitney *et al.*, 2000), ele também coletou 263 mamíferos¹⁹², 110.000 invertebrados variados e 12.500 plantas¹⁹³.

¹⁹² É coleta de Sellow o lectótipo do morcego *Uroderma bilobatum*, cujo holótipo – colecionado por Johann Natterer – pertencia ao Museu de Munique mas se perdeu desde o

Vários museus do mundo inteiro, além do *Museum für Naturkunde der Humboldt-Universität* de Berlim (via Olfers e Humboldt), tiveram em seus acervos parte do material acumulado pelo naturalista, dentre eles o Museu Britânico (que incorporou a coleção particular de Banks) e os museus nacionais de Lisboa e do Rio de Janeiro, para o qual trabalhou por vários anos como naturalista-viajante (Papávero, 1973; Pinto, 1979; Belton, 1984). Inúmeras duplicatas constam atualmente nos herbários de Kew, Paris, Washington, Cambridge, Bruxelas, Génève, Kiel, Leipzig e vários outros (Urban, 1908) formando acervo de importância incalculável sobre a flora brasileira. Pesquisas profundas, ligadas à botânica, têm sido realizadas sobre o acervo, incluindo o itinerário percorrido no Brasil e reavaliação de fragmentos de seus diários (Moraes, 2008; Pedro L. R. de Moraes, 2007, *in litt.*)¹⁹⁴.

É possível ter ao menos uma idéia das aves obtidas por ele em catálogos que citam alguns de seus exemplares (p.ex. Pelzeln, 1871; Cory, 1918 e subsequentes). Com base nessas obras, anotamos as seguintes espécies: *Ortalis guttata*, *Penelope superciliaris*, *Porphyrio melanops*, *Fulica armillata*, *Asio stygius*, *Nyctibius griseus*, *Diopsittaca nobilis*, *Aratinga auricapillus*, *Aratinga jandaya*, *Pyrrhura cruentata*, *Pionus maximiliani*, *Forpus passerinus*, *Ramphastos toco*, *Picumnus cirratus*, *Picumnus exilis*, *Veniliornis affinis*, *Veniliornis spilogaster*, *Colaptes melanochloros*, *Veniliornis mixtus*, *Campylorhamphus trochilirostris*, *Furnarius figulus*, *Elaenia obscura*, *Cyclarhis gujanensis*, *Turdus leucomelas*, *Turdus fumigatus*,

fim do Século XIX. Sobre os répteis não pudemos colher quaisquer informações, mas, pelo menos o holótipo do raro lagarto *Anisolepis undulatus*, conservado no *Museum für Naturkunde* de Berlim (ZMB-497) foi capturado por Sellow.

¹⁹³ Imagens digitais de muitas das exsicatas de Sellow depositadas no Museu de Berlim, podem ser vistas em Rôpert (ed.) 2000.

¹⁹⁴ No campo da História das Ciências, é Miriam E. Junghans que se dedica ao naturalista alemão, em sua tese de doutorado, em andamento pela Fiocruz (Rio de Janeiro).

Tiaris fuliginosus, *Gnorimopsar chopi* e *Amblyramphus holosericeus*. São também coletas de Sellow na Bahia, os tipos de *Dysithamnus stictothorax*¹⁹⁵ e *Herpsilochmus pileatus*, espécies endêmicas da Mata Atlântica e descritas respectivamente por Temminck e Lichtenstein, ambas em 1823 (Whitney *et al.*, 2000).

No último ano do Século XX, Whitney *et al.* (2000) prestaram-lhe uma homenagem batizando o tamnofílideo *Herpsilochmus sellowi* Whitney & Pacheco, 2000, com a seguinte explanação etimológica: “*We have chosen to name this new antwren in recognition to Friedrich Sellow’s important collections of natural history specimens from eastern Brazil*”¹⁹⁶. A espécie, aparentada com *H. pileatus*, permaneceu por séculos oculta em um grupo taxonômico complexo e, finalmente, recebeu uma denominação mais do que justa.

O material obtido no Paraná, se é que ainda existe, haja vista a destruição de grande parte do acervo de Berlim durante a Segunda Grande Guerra, aguarda estudos pormenorizados e dele inexistem mesmo uma lista de espécies com as respectivas localidades. Ocorre que boa parte do material zoológico obtido por Sellow no Brasil, foi estudado precariamente por Martin Heinrich Karl von Lichtenstein (1780-1857)¹⁹⁷ que, além de substituir os rótulos originais por outros, acabou por lhes acrescentar nomes novos, sem realizar a descrição protocolar básica para fins científicos, resultando em vários *nomina nuda*. Outra fração desse

¹⁹⁵ Vide prancha mostrada acima, sob Johann Natterer e Dominick Sochor.

¹⁹⁶ “Nós escolhemos um nome, para nomear esse pequeno pássaro, como reconhecimento às importantes coleções de História Natural formadas por Friedrich Sellow no leste do Brasil”.

¹⁹⁷ Lichtenstein foi o sucessor (a partir de 1813) do primeiro curador do Museu de Berlim, Karl Illiger. Ele era professor particular da família do governador da África do Sul e, em 1810, atingindo o doutorado, foi diretor do Jardim Botânico de Berlim. Ao assumir a curadoria do museu zoológico, trabalhou em intercâmbio com Temminck, na época curador do museu de Leyden (Holanda). Coube a ele receber grande parte do material oriundo do Brasil, inclusive as coleções de Freyreiss e Sellow (Ahrens, 1925).

acervo foi vendida, permutada ou transformada em material expositivo, em muitos casos com perda dos dados originais (Ahrens, 1925; Pinto, 1979; Sick *et al.*, 1981; Pacheco & Whitney, 2001¹⁹⁸).

Cabe lembrar que é de autoria do próprio Lichtenstein um manuscrito apenas recentemente tornado público, contendo “*Instructionen für die auswärtigen Reisenden*”¹⁹⁹ e dirigido diretamente a Sellow. Isso levaria a pensar que dele partisse uma preocupação com a preparação, rotulagem e acondicionamento dos espécimes de aves porventura obtidos. Nesse documento, no entanto, observa-se claramente que uma vez recebendo pagamento por parte do Museu de Berlim, Sellow deveria fazer apenas o trabalho com as plantas, cabendo a Freyreiss os encargos zoológicos e a Feldner²⁰⁰, os assuntos de geologia e mineralogia. Lichtenstein chega a afirmar, nesse documento, que Sellow não teria tempo, tampouco a habilidade necessária, para as preparações de aves e mamíferos, os quais deveriam cair em suas mãos apenas por ocasionalidade. Pelo contrário, também o orienta para dedicar-se a outros grupos de vertebrados que, segundo ele, seriam mais facilmente colecionados e armazenados, como cobras, anfíbios, lagartos e tartarugas, todos eles “especialmente bem-vindos”²⁰¹; e também destaca a possibilidade de capturar, entre uma herborização e outra, insetos, moluscos e crustáceos.

¹⁹⁸ Esse artigo é leitura obrigatória para interessados em Sellow, particularmente sobre os detalhes logísticos e cronológicos de suas viagens, bem como o triste destino do material zoológico por ele obtido. É, sem dúvida, o estudo mais completo já feito em português, refletindo a grande competência e espírito investigativo de seus autores.

¹⁹⁹ “Instruções para os viajantes estrangeiros”. Disponível na homepage do *Museum für Naturkunde*, de Berlim (<http://www.naturkundemuseum-berlin.de>; acessada em 22 de junho de 2012)

²⁰⁰ Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner (1772-1822), geólogo.

²⁰¹ “*Amphibien: Schlangen, Frösche, Eidechsen, Schildkröten von allen Arten sind uns besonders willkommen*” (“Anfíbios: cobras, rãs, lagartos, tartarugas de todos os tipos, são especialmente bem-vindos”).



Alguns exemplares coletados por F.Sellow no Brasil e depositados na coleção Museu de Zoologia da Universidade de Humboldt (Berlim). *Falco femoralis* (ZMB-988), *Psarocolius decumanus* (ZMB-7602), *Batara cinerea* (ZMB-2921), *Xiphocolaptes albicollis* (ZMB-9202). (Reproduzido da homepage da Humboldt Universität: <http://www.sammlungen.hu-berlin.de>).

A forma descuidada com que Lichtenstein recebeu e organizou a coleção ornitológica (e também de mamíferos) de Sellow é no mínimo curiosa. Afinal, ele mesmo fez viagens científicas para obtenção de espécimes, publicou obras narrativas e descreveu inúmeros táxons de animais superiores, dentre eles uma infinidade de aves (Nomura, 2006b). Além disso, mantinha forte relação com personalidades de ampla consciência sobre o manejo de informações colhidas em expedições de campo, como Alexander von Humboldt e vários outros decanos da ornitologia contemporânea como o Conde de Hoffmannseg, Jakobus Temminck e Karl Illiger. Para completar, foi Lichtenstein curador, por 44 anos, do acervo zoológico do Museu de Berlim, lá atuando haviam mais de duas décadas quando da viagem de Sellow.

As razões de tamanho desleixo provavelmente venham a ser esclarecidas no futuro, em especial pela leitura dos diários manuscritos de Sellow, armazenados e em vias de digitalização pelo *Naturkunde Museum*. Independentemente, a consequência direta disso é que quase todos os espécimes colecionados ainda hoje suscitam dúvidas, quase certamente por terem as informações dos rótulos originais alteradas e, via de regra, relacionam-se com aves tidas como coletadas no Uruguai²⁰². Isso ocorre, por exemplo, com dois indivíduos de *Geranoaetus coronatus*, cuja procedência é discutida por Hellmayr (1949:198): “*The locality ‘Montevideo, Uruguay’, attached to two of Sellow’s specimens in the Berlin Museum, is open to doubt. The Crowned Harpy Eagle has never again been obtained in Uruguay*”.

²⁰² É curioso, portanto, que Claramunt & Cuello (2004) sequer mencionem a presença de Sellow naquele país, tampouco estabeleçam a merecida racionalia para esses exemplos.

A mesma dúvida, agora com comentário mais incisivo, recai sobre os vouchers de *Cranioleuca obsoleta*: “*The localities Buenos Aires and Montevideo attached to the originals of S. ruticilla*[²⁰³] *are no doubt erroneus, as in the case of several other species described from Sellow’s expedition*” (Hellmayr, 1925:128). Em outra situação, o problema dirige-se a *Hemitriccus diops*: “*The type*[²⁰⁴] *said to have been obtained in ‘Montevideo’ by the traveller Sellow agrees with Natterer’s specimens from Ypanema. The locality is unquestionably erroneus*” (Hellmayr, 1927:343).

Também um exemplar de *Sporophila bouvreuil* é citado (Hellmayr, 1938:223): “*The locality ‘Montevideo’ attached to one of Sellow’s birds in the Berlin Museum is due to a confusion of labeling. It probably came from São Paulo, instead*”.

Lamentavelmente perdidos são também os dados precisos de coleta de três exemplares do raríssimo pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) obtidos nas províncias de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo do Museu de Berlim, em cujos rótulos consta somente “*Minas*” e aos quais falta a data de captura (Partridge, 1956).

Do pouco que foi possível resgatar, pode-se citar uma única ave legitimamente paranaense, atribuída a ele por Pelzeln (1871:439) no capítulo “*Fundorte der Vögel Brasiliens*”: *Poospiza nigrorufa* colecionada em “*S. Luiz*”.

Sellow, além de coletor excepcional, era excelente desenhista e pintor, retratando com grande habilidade muitas paisagens e tipos humanos, especialmente indígenas. Entretanto, não se tem conhecimento sobre o destino de vários de seus desenhos, tanto menos daqueles esboçados no

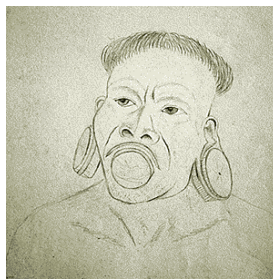
²⁰³ *Synallaxis ruticilla* (sinônimo-júnior de *Cranioleuca obsoleta*) descrita por Cabanis e Heine em 1859.

²⁰⁴ Refere-se ao tipo de *Euscarthmus vilis* de Burmeister 1856, sinônimo-júnior de *Hemitriccus diops*.

sul do Brasil. Muitos estão atualmente no museu de Berlim e uma parte acabou mantida no interior de seus diários, ainda inéditos.

Diversas de suas anotações acabaram em mãos de terceiros como o padre Chagas Lima que inclusive o cita em seu relatório (Lima *in* Paraná, 1899; Straube, 2011) o que, aliás, fora lembrado já por Saint Hilaire (1851). Ultimamente se tem cogitado a possibilidade de serem de sua autoria os desenhos traçados no Brasil meridional e que foram os fundamentos para parte da obra iconográfica do pintor francês Jean Baptiste Debret (Trindade, 2008) (*vide* adiante).

Também contribuiu, tal como Natterer, para a etnografia, obtendo não somente as respectivas ilustrações dos indígenas observados, mas objetos materiais diversos, arte plumária e anotações linguísticas, compondo amplo acervo etnológico (Hermannstädter, 2001).



Um dos esboços de paisagem encartados nos diários de campo de Sellow (esquerda) e cabeça de um índio brasileiro, 1815/1816 (direita). (Fonte: Homepage do *Historischen Arbeitsstelle* do *Museum für Naturkunde*, Berlin: www.museum.hu-berlin.de; acessada em 23 de outubro de 2008)

Auguste de Saint Hilaire, que o conheceu na fazenda Ipanema, tornou-se seu amigo e é em uma de suas obras

(Saint-Hilaire, 1940:263-264) que se pode obter informações interessantes sobre o naturalista alemão:

“Seus conhecimentos não se resumiam à botânica, mantinha com brilho a conversação sobre outros assuntos, falava várias línguas e demonstrava, constantemente, inteligência e discernimento. Frio, rude às vezes, parecia ter excessivo amor próprio. Eu o desgostava fazendo-lhe a enumeração das pessoas que enquanto estávamos no Brasil, descreviam na Europa uma parte das produções desse país. Cumulando-o de gentilezas e tratando-o com intimidade consegui forçá-lo a ter para comigo trato simples e afetuoso; mas o mesmo não ocorria quando êle se encontrava com Varnhagen²⁰⁵ e Natterer²⁰⁶. Ao regresso de minha viagem ao Sul remeti-lhe grande quantidade de cartas de recomendação para os meus amigos do Rio Grande e Montevideu os quais acolheram-no muito bem. Escreveu-me, em 24 de abril de 1824, para apresentar seus agradecimentos e comunicou-me que inutilmente solicitara passaportes para atingir Mato Grosso através dos Estados de França, pelo que contentou-se em percorrer a província do Rio Grande do Sul e a Banda Oriental, e

²⁰⁵ Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen (1783-1842), pai de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o Visconde de Porto Seguro, famoso historiador e militar, nascido na Real Fábrica de Ferro em São João de Ypanema (em Iperó, São Paulo).

²⁰⁶ Essa é provavelmente uma impressão sobre o conhecido “rigor alemão”, notado também em outras passagens (Saint-Hilaire, 1941:291): “Meu competente amigo Sr. Sellow, [...], dissera-me que, para se gozar alguma consideração era preciso não parar nas vendas; mas, confesso, a recepção do capitão-mor desencorajou-me de continuar pedindo hospitalidade aos proprietários dos engenhos de açúcar. Nas vendas não havia nenhuma cerimônia, nenhuma toilette a fazer; pagava hospedagem e não temia desagradar ou incomodar ninguém. Era forçado, na verdade, a ouvir conversas tolas; mas a esse respeito não tinha sido mais feliz na fazenda do capitão-mor”.

que estava em vésperas de voltar a São Paulo, passando pelo sertão de Lages. Terminava a carta dizendo-me esperar que ainda nos encontraríamos. Morreu afogado no rio Doce, em 1831.”

Por fim, são as palavras de Hoehne, Kuhlmann & Handro (1941) que melhor descrevem a presença de Sellow no Brasil:

“Mas, de entre aqueles que o destino da sorte não concedeu o privilégio para trazerem a lume as suas descobertas, houve igualmente heróis, destemidos lutadores, que, qual soldados, tombaram na luta, deixando a sua tarefa pelo meio, para gaudio de outros, que, menos corajosos, conseguem fazer nome e conquistar louros sem se aventurarem nas fatigantes jornadas pelos ínvios sertões. Desses, - pede a justiça, - devemos nos lembrar com maior simpatia. Desses devemos ocupar-nos com maior carinho e gratidão e, assim, escolheremos um, que, pelas suas realizações, parece ter sido o mais ilustre e pela sua triste sorte o mais digno de nossa eterna gratidão e lembrança. Êle demorou-se aqui mais tempo e reuniu mais preciosas coleções de botânica, zoologia e mineralogia, mas o destino deu-lhe sepultura nas revoltas águas de um rio desta mesma terra que tanto amou e em prol da qual tudo sacrificou”.

Depois de Sellow, pareciam encerradas, no contexto estadual, as consequências de um período seminal para a história natural surgido pelo evento da Abertura dos Portos. No entanto, elas se fechavam sob condições de um acaso fabulosamente favorável. Afinal, somariam os esforços, surpreendentemente complementares, de seis dos mais destacados naturalistas que já estiveram no Brasil. De um lado a zoologia representada prioritariamente por Natterer e Sochor; de outro, a botânica, sob dedicada intervenção de Saint Hilaire, Sellow e Riedel. Completava o grupo, o jovem artista Taunay, empenhado na documentação pictórica. O desfecho não poderia ter sido melhor.

Cronologia

- 1829** Início da colonização alemã no Paraná em Rio Negro e Lapa, depois Curitiba.
- 1829** Nasce WILLIAM MICHAUD.
- 1830** Já profundamente abalado por uma doença mental, o Barão de Langsdorff retorna ao Rio de Janeiro e, de lá, para São Petersburgo.
- 1830** Grande presença de navios negreiros em Paranaguá (até 1850), já considerados ilegais pela proibição do tráfico, decretada nesse mesmo ano.
- 1830** Em Paris realizam-se os famosos e acirrados debates entre George Cuvier e Etienne Goffroy de Saint Hilaire sobre a variabilidade das espécies, particularmente sobre a afinidade entre vertebrados e cefalópodos.
- 1831** Abdicação de Pedro I em favor de seu filho, com apenas cinco anos de idade, marcando o fim do Primeiro Reinado e o início do Período Provincial.
- 1831** O médico e naturalista Jean Theodore Descourtilz, radicado no Brasil desde 1826, conclui "***Oiseaux - mouches orthorinques du Brésil***", um álbum sobre beija-flores que deixou inédito na biblioteca do Museu Nacional. Depois disso ainda publica vários

outros títulos ligados à ornitologia brasileira, como ***“Oiseaux brillans du Brésil”*** (1832). Um especial destaque ganhou, décadas depois, o ***“Ornithologie brésilienne”*** (1854), traduzido para “História natural das aves do Brasil”.

1831 FRIEDRICH SELLOW morre afogado no rio Doce, em Minas Gerais.

1831 Charles Darwin inicia sua viagem (até 1836) pela América do Sul, a bordo do *HMS Beagle*, navio que, na ocasião, realizava sua segunda viagem para levantamentos cartográficos, sob o comando do capitão Robert FitzRoy. Poucos anos depois (1839), ele publicou os seus apontamentos sobre história natural, no volume III da obra ***“Narrative of the surveying voyages of His Majesty’s Ship Adventure and Beagle between the years 1831 and 1836”***, sob o título de *“Journal and Remarks: 1832-1836”*. Essa última foi transformada em livro independente, ora intitulado “A viagem do Beagle”, ora “Viagem de um naturalista ao redor do mundo” e vários outros.

1831 Hercules Florence, ex-membro da expedição Langsdorff que se radicou em Campinas (São Paulo; na época chamada de “São Carlos”), publica ***“Recherche sur la viox des animaux, ou essai d’un nouveau sujet d’études, offert aux amis de la nature”***, obra que trata da bioacústica, particularmente dos sons emitidos pelos animais, conforme suas observações colhidas nas viagens pelo Brasil. O trabalho foi impresso por ele mesmo,

com um processo que desenvolveu, denominado poligrafia. Em 1876, o material foi republicado pela Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob a denominação de “*Zoophonia*”. Em 1993 foi reeditado, com comentários de Jacques M. E. Vielliard.

1832 Início da indústria ervateira em Curitiba, influenciando decisivamente a situação econômica do Paraná como área comercialmente estratégica no sul do Brasil. O advento, além de ter servido como justificativa para a emancipação política paranaense, também funcionou como argumento para o desenvolvimento de infra-estrutura, com a construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá, as melhorias na estrada da Graciosa e a ampliação da navegação fluvial pelo rio Iguaçu. Na periferia da cidade, bem como nas localidades de seu entorno, aparece outro tipo de mercado: a produção de barricas para o transporte da erva, criando um novo nicho de mercado e oportunidades de trabalho.

1832 O naturalista botânico escocês JOHN TWEEDIE (1775-1862), radicado em Buenos Aires desde 1825, visita o Brasil, inclusive o Paraná.

1832 Nasce JULIUS PLATZMANN.

1833 Até o ano de 1834, LUDWIG RIEDEL acompanha Peter W.Lund em longa peregrinação por Minas Gerais.

1834 Falece, no Palácio de Queluz, Pedro IV de Portugal

(Pedro I do Brasil), vitimado por tuberculose.

- 1834** Chega ao Brasil o dinamarquês Peter Claussen, onde ficou até 1843. Inicialmente explorador do salitre das grutas mineiras, depois comerciante de fósseis e plantas, encontrou-se por acaso com Peter Lund em Minas Gerais e com ele alimentou grande rivalidade.
- 1834** Com o objetivo de coletar orquídeas e outras plantas vivas, desembarca, no Rio de Janeiro, o botânico belga LOUIS VAN HOUTTE (1810-1876) dando início à sua viagem de três anos por Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo para o sul, inclusive o Paraná. Chegando ao Uruguai, trabalha junto a JOHN TWEEDIE na coleta e herborização de exemplares. Sua obra maior é a coleção ***“Flore des Serres et des Jardins de l’Europe”*** em 23 volumes (1845-1883) contendo mais de 2000 pranchas coloridas.
- 1834** JEAN B. DEBRET publica o primeiro volume (1834-1839) da obra iconográfica ***“Voyage pittoresque et historique au Brésil”*** resultado de seus dezesseis anos de permanência no Brasil. Acusado de plágio, DEBRET não teria sequer saído dos arredores do Rio de Janeiro, embora sua obra englobasse imagens de uma extensa área até o Rio Grande do Sul, inclusive com paisagens de Curitiba, Paranaguá e Guarapuava. Teria usado como fonte o material de FRIEDRICH SELLOW, seu contemporâneo, falecido no ano em que Debret retornava à França.

[1834]

JEAN BAPTISTE DEBRET

JEAN BAPTISTE DEBRET (n. Paris, França: 18 de abril de 1768; f. Paris, França: 28 de junho de 1848) foi um dos pintores mais famosos da história do Brasil. Tanto quanto seu contemporâneo Johann Moritz Rugendas (1802-1858), ficou especialmente célebre pelas imagens produzidas – em especial do Rio de Janeiro – retratando paisagens, tipos humanos, figurinos, costumes, festas populares, objetos, artesanato e uma grande variedade temática do País, pouco após a chegada da família real. Uma extensa obra bibliográfica tem sido escrita a seu respeito, nos variados campos do conhecimento, incluindo artes, ciências, sociologia e diversos outros (Vieira, 1981; Prado, 1990; Lima, 2004; Beta, 2007; Siqueira, 2007; Piccoli, 2007 e, notavelmente, Bandeira & Lago, 2007).

No Brasil, ele permaneceu 16 anos (1816-1831), tendo aqui chegado como membro da famosa “Missão Artística Francesa” que, entre artistas e artífices, trouxe também Joachim Lebreton (pintor e líder do grupo), Nicolas Antoine Taunay (pintor de paisagens e pai de Adrien Taunay), Auguste Henri Grandjean de Montigny, Charles de Lavasseur, Louis Euier (arquitetos) e outras personalidades,

dentre escultores, mecânicos, gravadores, carpinteiros e ferreiros²⁰⁷.

A vinda desta Missão nem sempre é bem esclarecida pela História do Brasil. Afinal, o que teria deflagrado a vinda de um grupo de franceses bonapartistas justamente em terras do reino português, frente às tantas desavenças com o Império Napoleônico, causa principal da fuga da família real de Portugal para o Brasil? Parece não haver dúvidas de que o ocorrido resultara de uma série de perseguições políticas aos quais os membros estariam sujeitos quando da queda do grande império em 1815, dando início ao chamado período francês da “Restauração”. E também há fortes indícios do interesse, por parte de D.João (João VI a partir de 1818) que, estimulado pelo Marquês de Marialva e pelo Conde da Barca, mostrara-se empolgado com um novo rumo para as artes no Brasil.

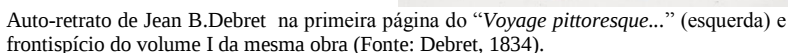
Essa demanda acabou suprida não apenas com a produção de pinturas de grande qualidade para a época mas, em especial, pela criação da Academia de Artes e Ofícios que, posteriormente converteu-se na Academia Imperial de Belas Artes, tendo Debret como seu primeiro diretor. Unir-se então, a situação de interesse, por parte da coroa portuguesa à necessária fuga dos artistas sob risco de perseguição política.

Debret, logo após retornar à França, iniciou a publicação do “*Voyage pittoresque et historique au Brésil*” sua iconografia que agrega a arte-final aos esboços preparados no Brasil. Em três volumes (1834, 1835 e 1839), a obra se transformou em fonte de consulta obrigatória para a história do Brasil, visto a qualidade das pinturas e, em especial, a retratação de cenas cotidianas que

²⁰⁷ Esse assunto foi recentemente abordado em profundidade pela obra de Schwarcz (2008).

J. B. DEHERET.

Premier Recteur et Professeur de la classe de peinture à l'Académie Impériale des Beaux-Arts de Paris, Directeur de l'École Impériale de Dessin, Correspondant de la classe de Beaux-Arts de l'Institut impérial de France, et Directeur de l'École des Beaux-Arts.



195

Já de antemão é necessário alertar que há pelo menos dois problemas a respeito de Debret e sua produção artística. Ele, com efeito, era um grande pintor de paisagens urbanas e tipos humanos, mas pouco se interessava pelos animais que, apenas em poucas situações, considerava como modelos. Desta forma, embora grande parte de sua obra, bem como os detalhes inseridos em cada pintura, sejam notáveis pelo capricho e beleza, o mesmo não se pode dizer das aves que aparecem em algumas pranchas, as quais despontam via de regra como meros coadjuvantes de cenários (p.ex. Debret, 1832:Vol.I, 1º Caderno, pr.5 e 6; 2º Caderno, pr.6).

Além disso, o estilo, no tocante às aves, é grosseiro, especialmente quando pretende ilustrá-las em voo, dando a entender que não tenha se baseado em observações *in situ* e sim em concepções puramente ilustrativas que nada têm de realistas em confronto com a situação natural. Em uma de suas mais célebres pinturas (“*Cabocle, (Indien Civilisé)*”: Debret, 1832: Vol.I, pr.5), onde retrata dois índios deitados ao solo com o arco retesado pronto a disparar, por exemplo, esse desleixo é claramente perceptível (*vide* também Bandeira & Lago, 2008:506).

Outras obras (todas mostradas por Bandeira & Lago, 2008)²⁰⁸ em que aparecem aves silvestres cujo detalhamento impossibilita qualquer tentativa de identificação são: “Sábio trabalhando no seu gabinete” (p.180), “Loja de barbeiro” (p.198), “Carregadores de capim” (p.214), “Retorno dos negros de um naturalista”²⁰⁹ (p.251), “Itapeva” (p.272),

²⁰⁸ A paginação abaixo indicada, refere-se a essa obra, em nossa opinião a mais completa e profunda já produzida sobre o artista francês.

²⁰⁹ Essa, em todas as suas versões conhecidas, é provavelmente a obra de Debret que mostra maior número de tipos de aves, todas mortas e amarradas em uma penca. Fica ali, muito claro que nenhuma espécie real fôra retratada. Vide Bandeira & Lago (2008:568).

“Vista da Vila de Itu, no Caminho de Sorocaba” (p.280), “Botocudos, Puris, Patachós e Machacalis” (p.511), “Coqueiro barrigudo” (p.542), “Plantas aquáticas” (p.543), “Elicônias” (*sic*) (p.549) e provavelmente algumas outras.

Outra indicação do desinteresse de Debret por retratar fielmente a naturália aparece na aquarela “Interior de uma casa de ciganos” (p.183) tendo um psitacídeo grande atribuível, com algum esforço, à arara-canindé (*Ara ararauna*), não faltasse a coloração real da cabeça. Curioso notar que a gravura com o mesmo título (p.573) apresenta contorno diferente da figurada na outra obra, lembrando – pelo bico todo negro e as faces nuas e brancas – uma outra espécie, a arara-vermelha (*Ara chloropterus*).



O clássico “Nègres chasseurs rentrant en ville. Le retour des nègres d’un naturaliste” (Fonte: Debret, 1834-1839)

Exemplos mais consistentes, por sua vez, aparecem vez ou outra em esboços, como a apresentação de *Pitangus sulphuratus*: “*bentivi*” (p.432, figura 24), *Malacoptila striata*: “*Bacuráu*” (p.494), *Tinamus solitarius*: “*Bacuco*” (p.494) e cinco espécies razoavelmente apresentadas de colibris (p.494). Também um urubu-rei (*Sarcoramphus papa*): “*Oroubou açou*” foi colocado (ironicamente ?) no esboço referente à gravura “Uniforme de ministro” (vide Bandeira & Lago, 2008:616).

Como um todo, há poucas indicações sobre espécies vegetais ou animais que não sejam apenas (e quando muito) reconhecíveis pelo desenho em si²¹⁰ e não pelo nome científico ou do local onde foram encontrados, visto que tais informações raramente são indicadas. Em toda a obra de Debret são raríssimas as situações em que aparecem aves razoavelmente bem ilustradas, permitindo pronta identificação²¹¹; com a mesma desconfiança pode-se, ainda, tratar das penas figuradas na arte plumária indígena.

Geograficamente, a crítica é ampliada: ao contrário do Rio de Janeiro e adjacências, área que o pintor efetivamente explorou, pouco é aproveitável das paisagens de outros lugares do Brasil.

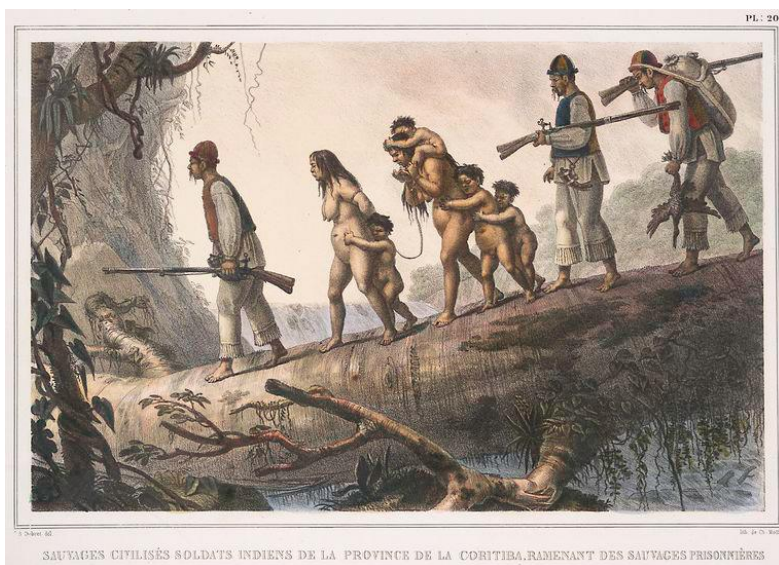
Com relação ao Paraná, por exemplo, percebe-se que a obra “*Sauvages civilisés soldats indiens de la Province (sic) de la Coritiba. Ramenant des sauvages prisonnières*” (Debret, 1834: Vol.I, pr.20) permite reconhecer um “caboclo” que, na mão esquerda, empunha uma ave unicolor, de bico longo e com pés totipalmados, mas cuja

²¹⁰ Um dos casos interessantes refere-se ao mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) que aparece como figurante no óleo sobre tela “Casa da Duquesa de Cadaval ocupada pelo Duque de Luxemburgo em 1816” (Laranjeiras, Rio de Janeiro) (Bandeira & Lago, 2008:68-69); a mesma espécie aparece em um esboço (lápiz) que Bandeira & Lago (2008:494) identificaram como “bugio”.

²¹¹ Baseamo-nos na análise de seu catálogo *raisonnée* (Bandeira & Lago, 2008).

forma e cor não corresponde a nenhuma espécie conhecida na região, tratando-se obviamente de uma mera alegoria.

A paisagem em si também implica em certas complexidades. Ali aparece um volumoso rio encachoeirado onde uma imensa árvore é usada por tipos humanos (cinco adultos e quatro crianças), à guisa de ponte. O topônimo “*Coritiba*” (Curitiba) utilizado, que inclusive motivou o uso do desenho como ilustrativo daquela cidade em certas revisões históricas, não alude à atual capital paranaense.



Óleo de autoria de Jean Baptiste Debret: “*Sauvages civilisés soldats indiens de la Province de la Coritiba, ramenant des sauvages prisonnières*” (Fonte: Debret, 1832:pl.20).

Afinal, essa situação não concorda com nenhum aspecto da paisagem local e, poderia – no máximo – ser atribuível a uma outra região do Paraná, inserida na área que Debret chamou de “Província” mas à qual, por correção,

caberia o termo “Comarca”²¹². No texto explicativo, Debret (1834-1839:36) refere-se – de fato – à “*les villages d'Itapéva et de Carros...*”. Além disso, tal imagem deve prontamente ser descartada da iconografia paranaense (e mesmo paulista!), haja vista que um grupo de pessoas idêntico a esse, inclusive na postura, aparece retratado sob mesmas condições na obra “*Forêt vierge: Les bords du Parahyba*” (Debret, 1834-1839, vol.1, p.1), indicando que a inspiração viria de outra região, muito distante dali.

Por outro lado, a figura “Porto de Jaguariaíva” (Bandeira & Lago, 2008:283) parece bem próxima da realidade, inclusive mostrando o relevo colinoso e a presença de pinheiros-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) no cenário; o mesmo pode-se afirmar de “Curitiba” (Bandeira & Lago, 2008:288) que, inclusive mostra, ao fundo, a Serra do Mar em aparência muito condizente com as características orográficas locais.

Todas essas questões de fidelidade voltam-se sinergicamente a um terceiro problema do acervo de Debret: o presencial. Ocorre que tais inconsistências são exatamente as mesmas causas para que se passasse, há já muitas décadas, a suspeitar sobre o real itinerário percorrido durante sua viagem ao Brasil. Segundo Trindade (2008), ele sequer teria se afastado muito do Rio de Janeiro, onde os afazeres políticos e logísticos para a criação da Academia Imperial de Belas Artes o impediam de realizar grandes viagens. Embora Debret deixe subentendido (e, em algumas passagens, explícito) que teria visitado várias regiões brasileiras, dentre elas o Paraná, suas pinturas destes locais

²¹² Desde 28 de fevereiro de 1821, o que se chamava de capitania passou a ser denominado província, subdividida em comarcas. Curitiba, na época, era a sede da “Quinta Comarca da Província de São Paulo”. No texto explicativo ao desenho citado (Debret, 1834-1839:36) realmente escreve “*province de S.Paul, Comarque de la Coritiba*” e seu conhecimento de causa, sobre as subdivisões políticas brasileiras é indiscutivelmente expresso nas suas “*Notes géographiques*” (Debret, 1834-1839, vol.2:6-13).

não passam de composições baseadas em artes e descrições de terceiros, dentre eles (provavelmente) o padre Chagas Lima (cf. Straube, 2011) e o naturalista Friedrich Sellow.

Trindade (2008) é claro e objetivo ao expressar as bases para a questão:

“Provavelmente, pois, a famosa ‘viagem’ de Debret ao Sul torna-se pouco verossímil quando se analisa o contexto de sua vida no Rio de Janeiro. Ele era um homem de Corte, um professor de pintura muito envolvido com questões institucionais e com diversas encomendas para o Palácio e o Teatro Real. Em 5 de novembro de 1826 foi inaugurada a Academia e Escola Imperial de Belas Artes, com sua visceral participação. O pintor não podia ceder passo ao inimigo — o português Henrique José da Silva, que queria expulsar os franceses da escola que dirigia. No início do ano letivo, em 1827, lá estava Debret recebendo vários alunos. As exposições de pintura de 1829 e 1830 mostram sua atividade intensa desde então. Assim foi até 1831, quando retornou definitivamente à França. Não é crível, portanto, que ele tenha acompanhado D. Pedro I em sua partida rumo ao extremo sul do Brasil, em março de 1827, para a Guerra da Cisplatina, e lá permanecido até maio.”

De fato, todas as localidades retratadas por Debret coincidem com algumas das que foram visitadas por Sellow, dentre elas Curitiba, Castro e Guarapuava sendo que esta última, era famosa na época pelo perigo associado aos índios bravios, situação que se estendia desde o Século XVI. E, inclusive, cabe a Sellow o mérito de ter sido o único

naturalista contemporâneo a visitar essa região, como apontado anteriormente.

A ciência histórica, contudo, ainda não desvendou esse mistério de forma satisfatória. O que se observa é que muitas de suas obras alusivas a outros lugares do Brasil que não a capital do império, tinham assinaladas “*Rio de Janeiro*” no canto inferior direito, levando a crer que o artista as teria concluído naquela cidade. Com isso poderia estar dando a entender que esboçara as paisagens antes e terminara as obras quando de regresso ao Rio de Janeiro. Ou, quem sabe, assumindo implicitamente que seria uma arte baseada em informações de terceiros.

Uma questão que vem a concordar que Debret não estava com tão más intenções quanto se pressupõe, assumindo que teria usado diferentes fontes, são muitas de suas pinturas que mostram-se exatamente idênticas às apresentadas em livros clássicos e muito conhecidos da época, tais como Wied, Spix e outros (Bandeira & Lago, 2008:380-384). Essa obras, segundo Bandeira & Lago (2008) foram efetivamente consultadas nas bibliotecas do império, dentre elas a do Museu Real, criado em 1808. Segundo esses autores: “*Do Atlas de Spix e Martius, Debret tomou 16 registros iconográficos com os quais completaria as pranchas G-28, G-29, G-30, G-33, G-34 do primeiro volume do Viagem Pitoresca, além de usá-los em quatro aquarelas*”. Com efeito, ele teria registrado textualmente ter se baseado em tal obra.

Se Debret quisesse efetivamente obter uma falsa originalidade em seu trabalho, por que então teria copiado (e citado), com tamanho detalhamento, os traços de outros desenhistas da época, sabendo que tais obras já estavam mais do que divulgadas na Europa? É possível, então, que – empenhado em mostrar tantas imagens de um Brasil recém-descoberto pelos naturalistas – tenha utilizado destas fontes

sem sequer imaginar que, no futuro, fosse questionado como plagiador. Sua obra, desta forma, deve ser considerada uma corografia e não uma narrativa de viagem pelo Brasil, situação que se provou equivocada.

Avaliando-se o conjunto, pode-se afirmar que o legado de Debret referente ao Paraná, extensivo ao Brasil como um todo, mostra tão-somente seu caráter urbano, em cujo cotidiano ele era, para a visão de um leigo, bastante detalhista e – talvez – realista. Da naturália apresentada nada se pode aproveitar, ainda que outras intervenções, especialmente alusivas à flora e às espécies ilustradas, ainda mereçam o aprofundamento necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E

LITERATURA CONSULTADA

- Ahrens, T.G.1925. The ornithological collections of the Berlin Museum. **Auk** 42(2):241-245.
- Aleixo, A. & Straube, F.C. 2007. Coleções de aves brasileiras: breve histórico, diagnóstico atual e perspectivas. **Revista Brasileira de Ornitologia** 15(2):315-324.
- Alimov, A.F.; Tanasijtshuk, V.N. e Stepanjants, S.d. 1999. [The collections of the Zoological Institute of the Russian Academy of Sciences as basis for studies on species diversity. **Zoological Journal** 78(9), n.p.; originalmente em russo]. Copiado de <http://ww.zin.ru/collections/collect1.htm> em 10 de março de 2001.
- Alves, M.A.S. & Silva, J.M.C. 2000. A Ornitologia no Brasil: desenvolvimento, tendências atuais e perspectivas. In: [p.327-344]. M.A.S.Alves; J.M.C.Silva; M.Sluys, H.G.Bergallo & C.F.D.Rocha (Orgs.). **A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas**. Rio de Janeiro, EdUERJ.
- Ambrizzi, M.L. 2008. Entre olhares – o romântico, o naturalista. Artistas-viajantes na Expedição Langsdorff: 1822-1829. **19&20: Revista Eletrônica DezenoveVinte** 3(4), n.p. Disponível online em <http://www.dezenovevinte.net/19e20/>; acessada em 15 de outubro de 2008.

- Andrade-Lima, D. 1966. Vegetação. *In*: IBGE. **Atlas Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia.
- Andrade-Lima, D. 1982. Present-day forest refuges in Northeastern Brazil. *In*: [p.245-251]. G.Prance (ed.). **Biological diversification in the tropics**. Nova York, The New York Botanical Garden.
- Angely, J. 1956. Estudo histórico das coleções botânicas do Paraná (Brasil). **Boletim do Instituto Paranaense de Botânica** 2:3-8.
- Augel, M.P. 1979. **Ludwig Riedel: viajante alemão no Brasil**. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- Ávila-Pires, F.D. de 1968. Tipos de mamíferos recentes no Museu Nacional, Rio de Janeiro. **Arquivos do Museu Nacional** 53:161-191.
- Ávila-Pires, F.D. de 1994. Mamíferos descritos do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biologia** 54(3):367-384.
- Ávila-Pires, F.D. de. 1999. Mamíferos descritos do estado de Santa Catarina (Brasil). **Revista Brasileira de Zoologia** 16(Supl.2):51-62.
- Azara, F. de 1802. **Apuntamientos para la Historia Natural de los páxaros de Paragüay y Rio de la Plata**. Madri, Imprenta de la viuda de Ibarra. 3 volumes: 534+562+479 pp.
- Azara, F. de. 1850. **Viajes por la America der Sur: desde 1789 hasta 1801**. Montevidéu, Imprenta del Comercio del Plata. 2ª edição. 320 pp.
- Balhana, A.P.; Machado, B.P. & Westphalen, C.M. 1969. **História do Paraná**. Curitiba, Grafipar. 277 pp.
- Bandeira, J. & Lago, P.C. do. 2008. **Debret e o Brasil: obra completa**. Rio de Janeiro, Capivara. 708 pp.

- BB. 2010. **Expedição Langsdorff**. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil. Catálogo de Exposição. 247 pp.
- Belton, W. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Rheidae through Furnariidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 178(4):371-631.
- Berger, P. 1984. **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2ª edição, 334 pp.
- Bertels, D.E.; Komissarov, B.N. e Licenko, T.I. 1988. **A expedição científica de G.I.Langsdorff ao Brasil: 1821-1829**. Brasília, Fundação Pró-Memória. 230 pp.
- Beta, J.L. 2007. Debret: um olhar estrangeiro. **19&20: Revista Eletrônica de Dezenove Vinte** 2(4), n.p. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net> ; acessada em 8 de outubro de 2008.
- Bokermann, W.C.A. 1957. Atualização do itinerário da viagem do Príncipe de Wied ao Brasil (1815-1817). **Arquivos de Zoologia de São Paulo**, 10:209-251.
- Bonpland, A.; Humboldt, A. von & Kunth, K.S. 1815-1825. **Nova genera et species plantarum : quas in peregrinatione ad plagam aequinoctialem orbis novi collegerunt / descripserunt, partim adumbraverunt Amat. Bonpland et Alex. de Humboldt**. Paris, Lutetiae Parisiorum. 7 volumes, 713 pranchas.
- Borba, L.R. & J.F.Courat. 1975. Ensaio cronológico dos precursores da Geologia no Brasil. **Revista da Escola de Minas** 32:34-38.
- Branco, J.C. 2004. **Alterações morfológicas na foz do Rio Cachoeira, Estado do Paraná, com base na**

- análise da evolução das unidades de planície de maré.** Curitiba, UFPR, Programa de Pós-Graduação em Geologia. Dissertação de mestrado. 70 pp.
- Brown, T. 1840. **The taxidermist's manual**; or the art of collecting, preparing, and preserving objects of natural history designed for the use of travellers conservators of museums and private collectors. A.Fullarton, Glasgow, 150 p.
- Bruhns, K. (ed.) 1872. **Alexander von Humboldt: eine Wissenschaftliche Biographie** in vereín mit R.Avé-Lallemant, J.V.Carus, A.Dove, H.W.Dove, J.W.Ewald, A.H.R.Grisebach, J.Löwenberg, O.Peschel, G.H.Wiedmann, W.Wundt. Lepizig, F.A.Brockhaus.
- Carneiro, D. 1976. Efemérides paranaenses. **Boletim do Instituto Geográfico e Etnográfico Paranaense** 31:125-303.
- Cavalcanti, D. & Tabarelli, M. 2004. Distribuição das plantas amazônico-nordestinas no Centro de Endemismos Pernambuco: brejos de altitude vs. florestas de terras baixas. *In*: [p.285-296]. K.C. Pôrto, J.J.P.Cabral & M.Tabarelli (eds.). **Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente.
- Chrostowski, T. 1912. Kolekcya ornitologiczna ptaków paranskich (Collection ornithologique faite à Paraná en 1910 et 1911). **Sprawozdan z Posiedzen Towarzystwa Naukowego Warszawskiego** 5:452-500.
- Chrostowski, T. 1921. Sur les types d'oiseaux neotropicaux du Musée Zoologique de l'Academie des Sciences de Pétrograde. **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis** 1(1):9-30.

- Claramunt, S. & Cuello, J.P. 2004. Diversidade de la biota uruguaya: Aves. **Anales del Museo Nacional de Historia Natural y Antropologia**, 2° serie **10(6)**:1-76.
- Conover, B. 1949. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Cathartidae, Accipitridae, Pandionidae, Falconidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, nº4, Publicação 634. 358 p.
- Corrêa, M.C. & Koch, Z. 2007. **Museu vivo: guia ilustrado da História do Paraná**. Curitiba, Olhar Brasileiro Editora. 111 pp.
- [Cory, C.B.; Hellmayr, C. & Conover, B.] 1918-1949. **Catalogue of birds of the americas** and the adjacent islands in Field Museum of Natural History including all species and subspecies known to occur in North America, Mexico, Central America, South America, the West Indies and islands of the Caribbean Sea, The Galapagos Archipelago and other islands which may included on account of their faunal affinities. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications of the Field Museum of Natural History, Zoological Series nº13; 15 volumes.
- Cory, C.B. & Hellmayr, C.E. 1924. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Pterotochidae, Conopophagidae, Formicariidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte III, Publicação 223. 369 p.
- Cory, C.B. 1918. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Bubonidae, Tytonidae, Psittacidae, Steatornithidae, Alcedinidae, Todidae, Momotidae, Nyctibiidae, Caprimulgidae, Cypselidae, Trochilidae. Chicago, EUA, Field Museum of

- Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte II, nº 1, Publicação 197. 315 p.
- Cory, C.B. 1919. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Trogonidae, Cuculidae, Capitonidae, Ramphastidae, Galbulidae, Bucconidae, Picidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte II, nº 2, Publicação 203. 607 p.
- Costa, E.V. da. 2007. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo, Editora Unesp. 523 pp.
- Costa, M. de F.G. 2007. Aimé-Adrien Taunay: um artista romântico no interior de uma expedição científica. **Revista de História e Estudos Culturais** 4(4):1-17.
- Costa, M. de F.G.; Diener, P. & Strauss, D. 1995. **O Brasil de hoje no espelho do Século XIX**: artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff. São Paulo, Estação Liberdade. 143 p.
- Couto, C. de P. 1948. **Sobre os vertebrados fósseis da coleção Sellow, do Uruguai**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Geologia e Mineralogia, Boletim nº125, 14 pp.
- D'Alton, E. 1835. Über die von dem verstorbenen Herrn Sellow aus der Banda oriental mitgebrachten fossilen Panzerfragmente und die dazu gehörigen Knochen-Überreste (*Hoplophorus selloi* Lund). **Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften in Berlin 1833**: 369-424
- Daszkiewicz, P. 2002. A few portuguese letters and manuscripts brought to Paris by Etienne Geoffroy de Saint Hilaire, now in the manuscript collection of the Library of Muséum National d'Histoire Naturelle.

- Publicações Avulsas do Museu de Bocage** (2ª série), nº 8, 18 pp.
- Dean, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras. 484 pp.
- Debret, J.B. 1834-1839. **Voyage pittoresque et historique au Brésil: Séjour d'un artiste française au Brésil depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement**. Paris, Firmin Didot Frères. 3 volumes. Disponível on line em <http://digitalgallery.nypl.org>; acessada em 8 de outubro de 2008.
- Derby, O.A. 1898. A estrada de S.Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado. **Revista do Instituto Historico e Geographico de S.Paulo** 3:173-199.
- Dwyer, 1955. The botanical catalogues of Auguste de St.Hilaire. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 42:153-171.
- Eyriès, J.B. & Malte-Brun (eds.). 1823. Notice sommaire des voyages de M.Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil, la Province Cisplatine et les missions du Paraguay. **Nouvelles annales des voyages, de la Géographie et de l'Histoire ou Recueil [...]** 17:228-236.
- Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M. da & Henriques, D.D.R. 2007. Histórico da Paleontologia no Museu Nacional. **Anuário do Instituto de Geociências/UFRJ** 30(1):194-196.
- Figueirôa, S.F. de M. 1997. A odisséia de Langsdorff nas florestas do Brasil. **História, Saúde, Ciências Manguinhos** 4(2):375-377.
- Fittkau, E.J. 2001. Johann Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador do Brasil. **História, Saúde, Ciências Manguinhos** 8(supl.):1109-1135.

- Fitzinger, L.J.F.J. (1837) Vorläufiger Bericht ueber eine
hoechst interessante Entdeckung Dr. Natterer's in
Brasil. **Isis (Oken)** 30:379-380.
- Gerbhardt, L. 2006. **Die Ornithologen Mitteleuropas:
1747 bemerkenswerte Biographien vom
Mittelalter bis zum Ende des 20. Jahrhunderts.**
Berlim, Aula Verlag. 832 pp.
- Giesbrecht, R.M. (s.d.). **Estações ferroviárias do Brasil.**
Banco de dados online, disponível em:
<http://www.estacoesferroviarias.com.br/>; acessada
em 13 de maio de 2012.
- Gilberti, G.C. 1990. Bonpland's manuscript names for the
yerba mate and *Ilex theezans* C.Martius ex Reisseck
(Aquifoliaceae). **Taxon** 39(4):663-665.
- Gilmore, R.M. 1987. Fauna e etnozoologia da América do
Sul tropical. In: [p.189-233] B.G.Ribeiro (org).
Suma Ethnologica Brasileira. Petrópolis, Editora
Vozes.
- Goeldi, E.A. 1894. **As aves do Brasil.** Rio de Janeiro e São
Paulo, Livraria Classica de Alves & C. 311 pp.
- Goeldi, E.A. 1896. Johannes von Natterer: biographia.
Boletim do Museu Goeldi 1(3):189-217.
- Gomes, L. 2006. **1808: como uma rainha louca, um
príncipe medroso e uma corte corrupta
enganaram Napoleão e mudaram a História de
Portugal e do Brasil.** Rio de Janeiro, Editora
Planeta. 414 pp.
- Gomes, L. 2010. **1822: como um homem sábio, uma
princesa triste e um escocês louco por dinheiro
ajudaram D.Pedro a criar o Brasil, um país que
tinha tudo para dar errado.** Rio de Janeiro, Nova
Fronteira. 351 pp.

- Hackethal, S. 1995. Friedrich Sellow (1789-1831): Skizzen einer unvollendeten Reise durch Südamerika. **Fauna Flora Rheinland-pfalz** 17:215-228.
- Heckel, J. 1840. Johann Natterer's neue Flussfisch Brasiliens nach den Beobachtungen und Mittheilungen des Entdeckers (Erste Abteilung, die Labroiden). **Annalen der Wiener Museum der Naturgeschichte** 2:327-470.
- Hellmayr, C.E. 1906. Critical notes on the types of little-known species of neotropical birds. **Novitates Zoologicae** 13:305-352.
- Hellmayr, C.E. 1925. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Furnariidae, Dendrocolaptidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte IV, Publicação 234. 390 p.
- Hellmayr, C.E. 1927. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Tyrannidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte V, Publicação 242. 517 p.
- Hellmayr, C.E. 1928. The ornithological collection of the Zoologic Museum in Munich. **Auk** 45(3):293-301.
- Hellmayr, C.E. 1929. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Oxyruncidae, Pipridae, Cotingidae, Rupicolidae, Phytotomidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte VI, Publicação 266. 258 p.
- Hellmayr, C.E. 1934. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Corvidae, Paridae, Sittidae, Certhiidae, Chamaeidae, Cinclidae, Troglodytidae, Prunellidae, Mimidae, Turdidae, Zeledoniidae, Sylviidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte VII, Publicação 330. 531 p.

- Hellmayr, C.E. 1935. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Alaudidae, Hirundinidae, Motacillidae, Bombycillidae, Ptilogonatidae, Dulidae, Vireonidae, Vireolaniidae, Cyclarhidae, Laniidae, Sturnidae, Coerebidae, Compsothypidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte VIII, Publicação 347. 541 p.
- Hellmayr, C.E. 1936. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Tersinidae, Thraupidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte IX, Publicação 365. 458 p.
- Hellmayr, C.E. 1937. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Icteridae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte X, Publicação 381. 228 p.
- Hellmayr, C.E. 1938. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Ploceidae, Catamblyrhynchidae, Fringillidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte XI, Publicação 430. 662 p.
- Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1942. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Rheidae, Tinamidae, Cracidae, Tetraonidae, Phasianidae, Numididae, Meleagridae, Opisthocomidae, Gruidae, Aramidae, Psophiidae, Rallidae, Heliornithidae, Eurypygidae, Cariamidae, Columbidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, nº 1, Publicação 514. 636 p.
- Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1948a. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Spheniscidae, Gaviidae, Colymbidae, Diomedidae, Procellariidae, Hydrobatidae, Pelecanoididae, Phaethontidae, Pelecanidae, Sulidae, Phalacrocoracidae,

- Anhingidae, Fregatidae, Ardeidae, Cochleariidae, Ciconiidae, Threskiornithidae, Phoenicopteridae, Anhimidae, Anatidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, nº 2, Publicação 615. 434 p.
- Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1948b. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Jacanidae, Rostratulidae, Haematopodidae, Charadriidae, Scolopacidae, Recurvirostridae, Phalaropodidae, Burhinidae, Thinocoridae, Chionididae, Stercorariidae, Laridae, Rynchopidae, Alcidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, nº 3, Publicação 616. 383 p.
- Hermannstädter, A. 2001. Frühe Ethnographie in Brasilien 1815-1831: die Sammlung Friedrich Sellow und Ignaz von Olfers, eine Berlin-Brandenburgische Kooperation. In: G.Wolff (ed.): **Die Berliner und Brandenburger Latinamerikaforschung in Geschichte und Gegenwart: Personen und Institutionen**. [Anais do] 25º Kolloquium in Berlin, 28 Oktober 2000, p. 311-328.
- Hershkovitz, P. 1987. A history of recent Mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. In: B.D.Patterson e R.M.Timm eds. Studies in Neotropical Mammalogy: essays in honor of Philip Hershkovitz. **Fieldiana: Zoology**, new series 39:11-98.
- Herter, G.G. & Rambo, B. 1945. Auf den Spuren der Naturforscher Sellow und Saint-Hilaire. **Englers Botanische Jahrbuch der Systematischen Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie** 74(1)119-149.
- Hoehne, F.C.; Kuhlmann, M. & Handro, O. 1941. **O Jardim Botânico de São Paulo**, precedido de

- prólogo histórico e notas bio-bibliográficas de naturalistas botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, Departamento de Botânica do Estado. 656 p.
- Holten, B. & Sterll, M. 2000. The danish naturalist Peter Wilhelm Lund (1801-80): research on Early Man in Minas Gerais. **Luso-Brazilian Review** 37:33-45.
- Ihering, H.von. 1898. As aves do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista** 3:114-500.
- Ihering, H.von. 1902. Natterer e Langsdorff: exploradores antigos do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista** 5:13-34.
- Illiger, C. 1811. **Prodromus systematis mammalium at avium additis terminis zoographicis utriusque classis**. Berlim, C.Salfeld. 301 pp.
- Isis. 1820. [Editorial]. Nachrichten [...]. **Isis** 1820(VI):289-309.
- Isis. 1833. [Editorial]. Reisen in Brasilien von Johann Natterer. **Isis** 1833(VI):546-548.
- Junghans, M.E. 2011. O príncipe e o filho do jardineiro: Maximilian von Wied Neuwied e Friedrich Sellow na viagem ao Espírito Santo e Bahia (1815-1817). Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz. **Anais da 1º Jornada de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**. Disponível on line em http://www.coc.fiocruz.br/jornada/images/Anais_Eletronico/miriam_junghans.pdf; acessada em 15 de junho de 2011.
- Kann, P. 2002. Die Brasilien Sammlung von Johann Natterer. **Archiv für Naturkunde** 52:7-11.

- Komissarov, B. 1994. **Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas**. São Paulo, Editora da Unesp. 126 pp.
- Kraft, R. & Huber, W. 1992. Die Zoologische Schausammlung in der Alten Akademie in München 1809-1944. In: E.Diller & A. Hausman eds.: **Chronik der Zoologischen Staatssammlung**. Festschrift zur Verabschiedung des Direktors der Zoologischen Staatssammlung München, Prof. Dr. Ernst Fittkau. **Spixiana (supl.)** 17:1-248.
- Krausch, H.D. 2002. Friedrich Sello ein vergessener Pflanzensammler aus Potsdam. **Zandera** 17(2):73-76.
- Kury, L. 2002. Auguste de Saint Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus** 2(1):1-11. Disponível on line em <http://www.intellectus.uerj.br>; acessada em 3 de fevereiro de 2007.
- Landsberg, H. 1996. Die Historische Bild – und Shriftgutsammlung des Museums für Naturkunde Berlin und ihre Bedeutung für die Geologie – und Mineralogiegeschichte. **Berichte der Geologischen Bundesanstalt** 35:239-243.
- Lange, F.W. 1954. Paleontologia do Paraná. In: [p.1-105] Lange, F.W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná: Volume Comemorativo do 1º Centenário do Estado do Paraná**. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.
- Langsdorff, G.H. von. 1811. **Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807**. Berlin, Friedrich Wilmand. 2 volumes. 396+394 pp.
- Lanyon, W.E. 1978. Revision of the *Myiarchus* flycatchers of South America. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 161(4):427-628.

- Leão, A.E.de. 1934. **Índice paranaense [ou] Suplemento [do] Dicionário histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba, Imprensa Paranaense. 215+120 pp.
- Leão, E.A.de. 1924-1928. **Dicionário histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba, Imprensa Paranaense. 2594 pp.
- Lesson, R.P. 1831. **Traité d'Ornithologie ou Tableau Méthodique des ordres, sous-ordres, familles, tribus, genres, sous-genres, et races d'oiseaux**. Paris, F.G.Levreaux. 659 pp.
- Lima, V. 2004. **Uma viagem com Debret**. Jorge Zahar Editor. 78 p.
- Linnaei, C. 1758 (1956). **Systema Naturae** per regna tria naturae secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Holimae, Laurentii Salvii. Edição facsimilar editada pelo British Museum (Natural History), de Londres. 814 pp.
- Lisboa, B. da S. & Moncorvo, D. de A. 1841. Parecer sobre o 1º e 2º Volume da obra intitulada Voyage pittoresque et historique au Brésil ou Séjour d'un artiste française au Brésil depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 3: 93-99.
- Lopes, J.C.V. 2002. **Primórdios das fazendas de Jaguariaíva e região**. Curitiba, edição do autor. 201 pp.
- Lorenz, K.M. e Peixoto, M.I.H. (1980) Os itinerários de seis grandes expedições científicas realizadas no Brasil. **Ciência e Cultura** 32(11):1518-1525.
- Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.

- Macedo, F.R.A. 1951. **Conquista pacífica de Guarapuava**. Curitiba, GERPA. 275 pp.
- Mafra, J. da S. 1952. História do município de Guaratuba. Guaratuba, s.e.
- Malherbe, A. 1845. III. Notices sur quelques espèces de Pics du Brèsil. **Mémoires de la Société Royale des Sciences de Liège** 2:65-70.
- Marchiori, J.N.C. & Durlo, M.A. 1998. Friedrich Sellow e sua contribuição para as ciências naturais. **Ciência & Ambiente** 16:29-50.
- Martius, C.F.P. von. 1863. **Beiträge zur Ethnographie und Sphachenkunde Brasiliens. II. Zur Sprachenkunde.** Glossaria Linguarum Brasiliensium: Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallam os indios no Imperio do Brazil. Erlangen, Von Jungen & sohn. 548 pp.
- Melo, M.S. 2000. Canyon do Guartelá. In: C.Schobbenhaus; D.A.Campos; E.T.Queiroz; M.Winge; M.Berbert-Born (eds.). **Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil.** Disponível online em <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio094/sitio094.htm>; acessada em 7 de junho de 2012.
- Mello-Leitão, C. de. 1937. **A Biologia no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 331 pp.
- Mello-Leitão, C. de. 1941. **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 360 pp.
- Melville, R.V. 1985. Opinion 1320: *Hydrodamalis* Retzius, 1794, and *Manatus inunguis* Natterer in Pelzeln, 1883 (Mammalia, Sirenia): conserved. **Bulletin of Zoological Nomenclature** 42:175-176.
- Mendes, K.; Gomes, P. & Alves, M. 2010. Floristic inventory of a zone of ecological tension in the

- Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguésia** 61(4):669-676.
- Ménégaux, A. & Hellmayr, C.E. 1906. Étude des espèces critiques et des types du groupe des Passereaux trachéophones de l'Amérique tropicale appartenant aux collections du Muséum. Dendrocolaptidés. **Mémoires de la Société d'Histoire Naturelle d'Autun** 19:43-126.
- Miranda Ribeiro, A. de. 1928. Notas ornitológicas VIa. Documentos para a história das coleções de aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro. **Boletim do Museu Nacional** 4:19:37.
- Miretzki, M. 2001. Esboço histórico e bibliográfico das pesquisas com morcegos no Estado do Paraná, Brasil. **Contribuições Avulsas sobre a História Natural do Brasil** 37:1-18.
- Moacyr, P. 1936. **A instrução e o Império (subsídios para a História da Educação no Brasil): 1823-1853**. 1º volume. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira, vol. 66, 614 pp.
- Mones, A. 1972. Lista de los vertebrados fósiles del Uruguay, I. **Comunicaciones Paleontologicas del Museo de História Natural de Montevideo** 3(1):23-35.
- Montez, L.B. 2010. Johann Natterer e a situação singular de seu legado textual: propostas para uma análise crítica e ideológica de seus discursos acerca do homem brasileiro. **[Anais do] 3º Congresso Nacional de Letras, Artes & Cultura**. São João del Rei (MG), 23 a 27 de agosto de 2010.
- Montez, L.B. 2011a. No rastro de um colecionador incansável: alguns problemas relacionados à pesquisa sobre Johann Natterer e sua expedição científica ao Brasil. **Musas (IPHAN)** 4:60-80.

- Montez, L.B. 2011b. Johann Natterer e a Expedição Austríaca de 1817 no Brasil: desafios e perspectivas de uma pesquisa transdisciplinar. *In*: [p.223-237]: K.Sartingen & E.G.Ugalde (orgs.). **Perspectivas actuais na Lusitanística: literatura, cultura, cinema, língua**. Viena (Áustria), Martin Meidenbauer Verlagbuchhandlung.
- Moraes, P.L.R. de. 2008. The lauraceous collections of Friedrich Sellow. **Komarovia** 6:1-67.
- Moreira, J.E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá** (até a emancipação da Província do Paraná). Curitiba, Imprensa Oficial. 3 vols. 1045 pp.
- Murr, V.N. Ell. 1997. Langsdorff e Santa Catarina. *In* [p.XLI-XLIII] D.G.B. da Silva (org.). **Os diários de Langsdorff. Volume 1**. Campinas, Associação Internacional de Estudos Langsdorff e Rio de Janeiro, Fiocruz. 400 p.
- Narchi, W. 1980. A Zoologia no Brasil. *In*: M.G.Ferri e S.Motoyama coord. **História das ciências no Brasil**. São Paulo, Edusp. Vol.2, p.89-116.
- [Natterer, J.] 1837. *Pteroglossus Gouldii*. *In* [p.44]: **Proceedings of the Zoological Society of London 1837**, parte 5, n° 52.
- Natterer, J. 1840a. *Lepidosiren paradoxa*, eine neue Gattung aus der Familie der fischähnlichen Reptilien. **Annalen des Wiener Museums der Naturgeschichte** 2:165-170.
- Natterer, J. 1840b. Beitrag zur näheren Kenntniss der südamerikanischen Alligatoren nach gemeinschaftlichen untersuchungen mit L.J.Fitzinger. **Annalen des Wiener Museums der Naturgeschichte** 2:311-324.²¹³

²¹³ No sumário do volume respectivo, consta como autores L.J.Fitzinger & J.Natterer, condição que destoa da abertura do artigo propriamente dito.

- Neiva, A. 1929. **Esboço histórico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil**: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista. 143 pp. (Reimpressa pela Universidade de Brasília em 1989).
- Neudenberg, J.S.R. von. 1855. Zur Erinnerung an ein österreichischen Naturforscher. **Verhandlungen des Zoologisch-botanischen Vereins in Wien** 5:727-732.
- Neumann, D. 2006. Type Catalogue of the Ichthyological Collection of the Zoologischen Staatssammlung München. Part I: Historic type material from the "Old collection", destroyed in the night of 24/25 April 1944. **Spixiana** 29(3):259-285.
- Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, vol.VI. Mossoró, Rio Grande do Norte, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleções Mossoroense, série C, vol.861. p.14-15.
- Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2ª edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, Ibidem, vol.936:156-292.
- Nomura, H. 1998. História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publicações Avulsas do Museu Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2ª série, 4, 315 pp.
- Nomura, H. 2006a. Ornitologia brasileira I: Aves brasileiras descritas no Século XVIII. **Atualidades Ornitológicas** 132; disponível online em www.ao.com.br/download/secxviii.pdf ; acessada em 2 de novembro de 2006.
- Nomura, H. 2006b. Ornitologia brasileira II: Aves brasileiras descritas no Século XVIII. **Atualidades**

- Ornitológicas 133**; disponível online em www.ao.com.br/download/secxix.pdf ; acessada em 2 de novembro de 2006.
- Nomura, H. 2006c. Ornitologia brasileira III: Aves brasileiras descritas no Século XVIII. **Atualidades Ornitológicas 134**; disponível online em www.ao.com.br/download/secxxxxi.pdf ; acessada em 2 de novembro de 2006.
- Nomura, H. 2006d. Ornitologia brasileira III: Aves brasileiras descritas no Século XIX. **Atualidades Ornitológicas 132**; disponível online em <http://www.ao.com.br/download/secxix.pdf>, acessada em 5 de setembro de 2006.
- Nowak, R.M. 1991. **Walker's mammals of the world**. 5° ed., Vol.II. Baltimore, John Hopkins University Press. 1629 pp.
- Núñez, M.O. de. 2003. Digenean trematodes of crocodiles collected by Johann Natterer in Brazil, deposited in the Natural History Museum, Viena. **Annalen der Naturhistorischen Museum Wien 104B**:399-413.
- Pacheco, J.F. & Bauer, C. 2000. Aves do Espírito Santo do Príncipe Maximiliano de Wied. **Atualidades Ornitológicas 99**:6.
- Pacheco, J.F. & Whitney, B.M. 2001. Um tributo ao naturalista Friedrich Sellow (1789-1831). p.33-41. *In*: F.C.Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Pacheco, J.F. 2003. Pílulas históricas V: A viuvez de Dom Pedro I e a descoberta do araçari-mulato *Pteroglossus beauharnaesii*. **Atualidades Ornitológicas 112**:3-4.

- Pacheco, J.F. e Whitney, B.M. 2001. Um tributo ao naturalista Freidrich Sellow (1789-1831). **Atualidades Ornitológicas** 100:6-7.
- Paiva, M. P. 2005. **Associativismo científico no Brasil Imperial: a Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro**. Brasília, Thesaurus. 99 p.
- Papávero, N. 1971-1973. **Essays on the history of Neotropical Dipterology with special reference to collectors (1750-1905)**. São Paulo, Museu de Zoologia, 2 vols., 446 pp.
- Papávero, N. & Teixeira, D.M. 2001. Os viajantes e a biogeografia. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos** 8:1015-1037.
- Patridge, W. 1956. Notes on the brazilian merganser in Argentina. **Auk** 73(4):473-488.
- Paynter-Jr., R. e Traylor, Jr., M. 1991. **Ornithological Gazetteer of Brazil**. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 2 vols. 788 pp.
- Pelzeln, A. von. 1856a. Neue und wenig gekannte Arten der kaiserlichen ornitologische Sammlung. **Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe** 20(1):153-166 + 2 pranchas.
- Pelzeln, A. von. 1856b. Über neue und wenig gekannte Arten der kaiserlinchen ornithologische Sammlung, nebst Auszügen aus Joh. Natterer's handschriftlichem Katalog über die von ihm in Bresilien gesammelten Species der Familien der Trogonidae und Alcedinidae. **Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe** 20(1):492-519.

- Pelzeln, A. von. 1857. Neue und weniger gekannte Arten der kaiserlichen ornitologische Sammlung. **Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe** 24(2):366-375.
- Pelzeln, A. von. 1858. Neue und weniger gekannte Arten von Vögeln aus der Sammlung des k.k. zoologischen Hof-cabinetes. **Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe** 31(20):319-331.
- Pelzeln, A. von. 1859. Über neue Arten der Gattungen *Synallaxis*, *Anabates* und *Xenops* in der kaiserlichen ornithologischen Sammlung, nebst Auszügen aus Johann Natterer's nachgelassenen Notizen über die vom ihn im Brasilien gesammelten Arten der subfamilien: Furnarinae und Synallaxinae. **Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe** 34(2):99-134.
- Pelzeln, A. von. 1861. Über neue und weniger bekannte Arten von Raubvögeln in der kaiserlichen ornitologischen Sammlung. **Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe** 44(1):7-16.
- Pelzeln, A. von. 1862a. Uebersicht der Geier und Falken der kaiserlichen ornithologischen Sammlung. **Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien** 12:123-170.
- Pelzeln, A. von. 1862b. Handschriftliche Notizen von J.Natterer. **Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft**

- in **Wien** 12:171-192. [Nota bibliográfica: apêndice de Pelzeln, 1862a].
- Pelzeln, A. von. 1863a. Ueber vier von Natterer in Brasilien gesammelte, noch unbeschriebene Vogelarten. **Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien** 13:1125-1130.
- Pelzeln, A. von. 1863b. Handschriftliche Notizen von J.Natterer. **Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien** 13 (3-4):631-636.
- Pelzeln, A. von. 1865. Ueber zwei neue Caprimulgiden aus Brasilien. **Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien** 15:985-988.
- Pelzeln, A. von. 1868a. **Zur Ornithologie brasiliens**²¹⁴: Resultate von J. Natterers reisen in den Jahren 1817-35. Abtheilung I. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. P. 1-68 + 3 fig. + I-XXXI + mapa do itinerário.
- Pelzeln, A. von. 1868b. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von J. Natterers reisen in den Jahren 1817-35. Abtheilung II. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. P. 69-188 + XXXIII-XLIII.
- Pelzeln, A. von. 1870a. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von J. Natterers reisen in den Jahren 1817-35. Abtheilung III. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. P. 189-390 + XLV-LIX + mapa.
- Pelzeln, A. von. 1870b. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von J. Natterers reisen in den Jahren 1817-

²¹⁴ A referência e mesmo datação dos raríssimos fascículos do ZOOb, embora apontados por Pelzeln (1871: verso da folha de rosto) como “Abtheilung I:1868, II:1869, III:1870, IV:1870”, têm merecido discussão cuidadosa em virtude da importância na questão nomenclatural. Seguimos aqui o padrão adotado pelo CBRO. Nenhum desses fascículos foi consultado pessoalmente e seus dados bibliográficos baseiam-se em Zimmer (1926).

35. Abtheilung IV. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. P. 391-462 + *addenda* e indice.
- Pelzeln, A. von. 1871. **Zur Ornithologie brasiliens:** Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp (incluindo análise biogeográfica, p.344-390; revisão bibliográfica de localidades, p.391-462) + 69 pp (itinerário, p.I-XX; tabela sinóptica, p.XXI-XLIX) + 2 mapas. [Nota: é a compilação, não discriminada, dos quatro fascículos publicados entre 1868 (ou 1867) e 1870; embora traga as descrições originais, a data, para fins de nomenclatura, é consignada a esses volumes, publicados separadamente].
- Pelzeln, A. von. 1883. Brasilianische Säugethiere, Resultate von Johann Natterer's Reisen in den Jahren 1817-1835. **Verhandlungen der zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien** 33:1-136.
- Pelzeln, A. von. 1890. Geschichte der Säugethier- und Vögel-Sammlung des k.k. naturistorischen Hofmuseums. **Annalen des K.K. Naturistorischen Hofmuseums** 5:503-539.
- Pelzeln, A. von & Lorenz, L. von. 1886. Typen der ornitologischen Sammlung des k.k. naturistorischen Hofmuseums. **Annalen des K.K. Naturistorischen Hofmuseums** 1:249-270.
- Piacentini, V. de Q.; Silveira, L.F. & Straube, F.C. 2010. A coleta de aves e a sua preservação em coleções científicas. In [p.327-346]: Matter, S. Von; Straube, F.C.; Accordi, I.; Piacentini, V. de A. & Cândido-Júnior, J.F. **Ornitologia e conservação: ciência aplicada, técnicas de pesquisa e levantamento**. Rio de Janeiro, Technical Books.516 pp.

- Piccoli, V. 2007. O Brasil na Viagem Pitoresca e Histórica de Debret. **19&20: Revista Eletrônica de Dezenove Vinte** 2(1). Disponível online em: <http://www.dezenovevinte.net> ; acessada em 8 de outubro de 2008.
- Pinto, O.M. de O. 1938. Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1º parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Revista do Museu Paulista** 22:1-566.
- Pinto, O.M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil** e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.
- Pinto, O.M. de O. 1945. Cinquenta anos de investigação ornitológica. **Arquivos de Zoologia** 4:261-340.
- Pinto, O.M. de O. 1952. Súmula histórica e sistemática da Ornitologia de Minas-Gerais. **Arquivos de Zoologia** 8(1):1-51.
- Pinto, O.M. de O. 1978. **Novo Catálogo das Aves do Brasil**: primeira parte: Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, com exclusão da família Tyrannidae. São Paulo, Empr.Graf.Revista dos Tribunais. 446 pp.
- Pinto, O.M.de O. 1979. **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX)**. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasiliensa Documenta vol.13, 117 pp.
- Plankensteiner, B. 2004. The history of collections at the Museum für Völkerkunde in Vienna, Austria: an overview. In: “**Non-European ethnographical**

- collections in Central and Eastern Europe: ECHO Workshop**” (Budapest, 26-27 de março de 2004). Disponível online em <http://www.necep.net/papers/budapest/plankens.pdf>; acessada em 7 de julho de 2008.
- Portela, B.M. 2007. **Caminhos do cativo: a configuração de uma comunidade escrava (Castro, São Paulo, 1800-1830)**. Curitiba, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Dissertação de mestrado. 101 pp.
- Prada, C. 2000. Tesouro inestimável. **Problemas Brasileiros 342**. Artigo virtual, disponível online em <http://www.sescsp.org.br>; acessado em 26 de janeiro de 2007.
- Prado, J.F. de A. 1990. **O artista Debret e o Brasil**. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional. 159 p.
- Prestes, M.E.B. 2000. **A investigação da natureza no Brasil Colônia**. São Paulo, Anna Blume e FAPESP. 153 p.
- Prutsch, U. 1994. Acerca de la continuidad de la investigación austro-brasileña. **Redial 4**:7-12.
- Ramirez, E.S. 1968. **As relações entre a Áustria e o Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Brasileira, vol.337. 260 pp.
- Raposo, M.A.; Kirwan, G.; Loskot, V; & Assis, C.P. de. 2012. São João del Rei is the type-locality of *Scytalopus speluncae* (Aves: Passeriformes: Rhinocryptidae) – a response to Mauricio *et al.* (2010). **Zootaxa 3439**:51-67.
- Rego, A.A. (1982). Expedições e coletas helmintológicas no Brasil. **Ciência e Cultura 34**(4):507-510.
- Reis, N.G. 2002. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo, Edusp. Coleção Uspiana Brasil 500 Anos. 414 pp.

- Ribeiro, D. (ed.). 1987. **Suma Etnológica Brasileira**: edição atualizada do *Handbook of South American Indians*. Petrópolis, Editora Vozes. 3 volumes: 302+448+300 pp.
- Richard, M.L.C. 1818. Instrutions sur les recherches qui pourroient être faites dans les Colonies, sur les objects qu'il seroit possible d'y recueillir, et sur la manière de les conserver et de les transporter. **Memoires du Museum d'histoire Naturelle** 4:193-239.
- Riedl-Dorn, C. 1999. **Johann Natterer e a missão austríaca para o Brasil**. Petrópolis, Editora Index. 192 pp.
- Riedl-Dorn, C. 2003. Die naturwissenschaftliche Erforschung Brasiliens durch Österreicher im 19.Jahrhundert. **Diálogo** 22:15.
- Riedl-Dorn, C. 2007. The natural history collection in Vienna's Naturhistorisches Museum. **ICOM's International Commitee for Museums and collections of Natural History** 7: 3-5
- Rocha, L. 1972. Wied, Freyreiss e Sellow no Espírito Santo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 297:56-57.
- Rokitansky, G. 1957. Johann Natterer, Erster Ornithologe Oesterreichs. **Journal für Ornithologie** 58(2):133-144.
- Röpert, D. (ed.). 2000 **Digital specimen images at the Herbarium Berolinense**. Disponível online em <http://ww2.bgbm.org/herbarium/> ; acessada em 23 de outubro de 2008.
- Saint-Hilaire, A. de 1940. **Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai**. São Paulo,

- Livraria Martins. Biblioteca Histórica Brasileira, volume 2. 375 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. 1818. Second memoire sur les Plantes auxquelles on attribue un Placenta Central Libre. **Mémoires du Muséum d'histoire Naturelle** 4:381-394.
- Saint-Hilaire, A. de. 1822. Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les missions dites du Paraguay. **Mémoires du Muséum d'histoire Naturelle** 9:307-380.
- Saint-Hilaire, A. de. 1824. **Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay**. Paris, Chez A.Belin. 355 pp (+ lxxvii). 30 planchas.
- Saint-Hilaire, A. de. 1825. **Flora Brasiliae Meridionalis**. Tomus Primus. Paris, A.Belin. 395 pp + 82 planchas.
- Saint-Hilaire, A. de. 1830. **Voyage dans l'intérieur du Brésil, Tome Second: Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes**. Paris, Grimbert et Dorez, 478 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. 1833. **Voyage dans le district de diamans et sur de littoral du Brésil**. Paris, Librairie Gide. 402 p.
- Saint-Hilaire, A. de. 1847. **Voyage dans l'intérieur du Brésil: Voyage aux sources du Rio de San-Francisco et dans le Province de Goyaz**. Paris, Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 349 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. 1851. **Voyage dans l'intérieur du Brésil, quatrième partie: Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine, Tome Second**. Paris, Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 423 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. 1887. **Voyage dans l'intérieur du Brésil: Voyage à Rio Grande do Sul**. Orleans, H. Herluison, 423 pp.

- Saint-Hilaire, A. de 1941. **Viagens pelos distritos dos diamantes e litoral do Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira, vol. 210, 452 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. 1978. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. 209 pp.
- Saint-Hilaire, A. de.; Jussieu, A. de & Cambessedes, J. 1829. **Flora Brasiliae Meridionalis**. Tomus Secundus. Paris, A.Belin. 381 pp + 159 pranchas.
- Saint-Hilaire, A. de.; Jussieu, A. de & Cambessedes, J. 1852. **Flora Brasiliae Meridionalis**. Tomus Tertius. Paris, A.Belin. 160 pp + 192 pranchas.
- Sampaio, A.J. de. 1928. Auguste de Saint'Hilaire (1779-1853): bio-bibliographia, solemnisando a inauguração do busto em bronze de AUGUSTE de SAINT'HILAIRE no Museu Nacional, em 1928, offerta do Sr. Dr. Tobias Monteiro. **Boletim do Museu Nacional** 4(4):1-31.
- Santos, E.L. dos. 1923. **O estado do Paraná e a sua rêde de viação kilometrada de accordo com os dados mais recentes**. Mapa em escala 1:1.000.000. Edição do autor, s.l.
- Sattmann, H.; Konecny, R. & Stagl, V. 1999. Die Geschichte der Helminthensammlung am Naturhistorischen Museum in Wien. Teil 1 (1797-1897). **Mitteilungen Österreichische Gesellschaft für Tropenmedizin und Parasitologie** 21:83-92.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F.C. 1995. **Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia**. Campo Largo, Logos Press, 79 pp.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C. e Bornschein, M.R. 1991. Composição avifaunística dos cerrados do Estado do

- Paraná: levantamento e conservação. **I Congresso Brasileiro de Ornitologia** (Resumos), p.15-16.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C. e Bornschein, M.R. 1996. Avifauna e conservação dos campos cerrados no Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biologica Leopoldensia** 18(1):145-157.
- Schifter, H. 1983. Johann Natterer und seine ornithologischen Entdeckungen in Brasilien, 1817-1835. In: **Amerika** - zur Entdeckung - Kulturpflanzen - lebensraum Regenwald, Kat. O.Ö. Landemus. (NF) 61, p.155-178.
- Schmutzer, K. 2007. **Der Liebe zur Naturgeschichte halber Johann Natterers Reisen in Bresilien 1817-1835**. Viena, Universität Wien. Tese de doutoramento. 293 pp.
- Schulze-Hagen, K.; Steinheimer, F.; Kinzelbach, R. & Gasser, K. 2003. Avian taxidermy in Europe from the Middle Ages to the Renaissance. **Journal für Ornithologie**, 144:459-478.
- Schwarcz, L.M. 2008. **O sol do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras. 464 pp.
- Sclater, P.L. 1867. Additional notes on the Caprimulgidae. **Proceedings of the Zoological Society of London** (for the year) 1866:581-590.
- Sharpe, B. 1906. 3. Birds. In: E.R.Lankester (ed.). **The history of the collections contained in the Natural History Sections of the British Museum**. Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the Department of Zoology. Londres, British Museum (Natural History). 782 p.
- Sick, H. 1983. Die Bedeutung von Johann Baptist von Spix für die Erforschung der Vogelwelt brasiliens. In: E.J.Fittkau (ed.) Festschrift zu Ehren von Johann Baptist Ritter von Spix. **Spixiana** (supl.)9:29-31.

- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862 pp.
- Sick, H.; Rosário, L.A. do e Azevedo, T.R. de 1981. Aves do Estado de Santa Catarina: lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. **Sellowia** (Ser. Zoologia) **1**:1-51.
- Silva-e-Silva, R. de. 2007. **Guarás-vermelhos no Brasil**: as cores vibrantes da preservação. Vinhedo/SP, Avis Brasilis.
- Siqueira, V.B. 2007. Aquarelas do Brasil: A obra de Jean Baptiste Debret. **19&20: Revista Eletrônica de Dezenove Vinte** **2**, n.p. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net> ; acessada em 8 de outubro de 2008.
- Soares, C.R. & Lana, P. da C. 1994. **Mapas e histórias da Baía de Paranaguá**. Curitiba, Editora UFPR. 98 pp.
- Sommer, F. 1953. **A vida do botânico Martius: pai das palmeiras**. São Paulo, Melhoramentos. 184 pp.
- Souza, V.C. 2012. Gimnospermas. *In*: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível online em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB020527>; acessada em 15 de junho de 2012.
- Spix, J.B. von & Martius, C.F.P. 1823-1831. **Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820**. Munique (Alemanha), M.Lindauer. 3 volumes. 1388 pp.
- Spix, J.B. von. 1824-1825. **Avium species novae, quas in itinere Brasiliam annis MDCCCXVII – MDCCCXX jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I Bavariae regis suscepto collegit et descripsit Dr. J.B. de Spix**. Munique, Typis

- Francisci Seraphi Hybschamnni. 2 volumes, 90+85 pp. + 91+109 pranchas.
- Stafleu, F.A. & Cowan, R.S. 1981. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol III: Lh-O. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 980 pp.
- Stafleu, F.A. & Cowan, R.S. 1983. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol IV: P-Sac. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1214 pp.
- Stafleu, F.A. & Cowan, R.S. 1985. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol V: Sal-Ste. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1066 pp.
- Straube, F.C. 1993. Roberto Ribas Lange. **Mayeria:** Informativo do Museu de História Natural (Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Curitiba) ano 3, nº5, n.p.
- Straube, F.C. 1993c. Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biologica Leopoldensia** 15(1):5-20.
- Straube, F.C. 1998. O cerrado no Paraná: ocorrência original e subsídios para sua conservação. **Cadernos de Biodiversidade** 1(2):12-24.
- Straube, F.C. 1999. "Guará": origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 50:91-100.
- Straube, F.C. 2000. Johann Natterer (1787-1843): naturalista-maior do Brasil. **Nattereria** 1:4-13.

- Straube, F.C. 2005. Fontes para o conhecimento da riqueza da avifauna do Estado do Paraná (Brasil): ensaio comemorativo aos 25 anos do Aves do Paraná de Pedro Scherer Neto. **Atualidades Ornitológicas** 126; disponível online em <http://www.ao.com.br/download/scherer.pdf>.
- Straube, F.C. 2008. Um documento sobre a Missão Austríaca ao Brasil na mídia britânica do Século XIX. **Atualidades Ornitológicas** 142:12-13.
- Straube, F.C. 2009. Os guarás de Saint Hilaire. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 60:200-219.
- Straube, F.C. 2010. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas** 156:64-87.
- Straube, F.C. 2010. Reavaliação dos registros históricos de araras para o Estado de Santa Catarina. **Atualidades Ornitológicas** 157:75-84.
- Straube, F.C. 2010. Franz Gustav Straube (1802-1853) and his contributions to Entomology. **Metaleptea** 30(3):16-20.
- Straube, F.C. 2011. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período Pré-Nattereriano (1541-1819)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos nº 3, 196 pp.
- Straube, F.C. 2011b. A viagem de Emmet Blake ao Brasil (1937). **Atualidades Ornitológicas** 164:37-50.
- Straube, F.C. 2011c. O insuperável Johann Natterer. **Educação em Linha** 6(17):23-26.
- Straube, F.C. em prep. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período de Natterer, 2 (1835-1865)**. Em preparação.
- Straube, F.C.; Accordi, I. A. & Argel, M. 2007. Nomes populares de aves brasileiras coletados por Johann

- Natterer (1817-1835). **Atualidades Ornitológicas** 136. Disponível online em <http://www.ao.com.br/download/nomespop.pdf>; acessada em 13 de maio de 2012.
- Straube, F.C.; Carrano, E.; Santos, R.E.F.; Scherer-Neto, P.; Ribas, C.F.; Meijer, A.A.R. de; Vallejos, M.A.V.; Lanzer, M.; Klemann-Júnior, L.; Aurélio-Silva, M.; Urben-Filho, A.; Arzua, M.; Lima, A.M.X. de; Sobânia, R.L.de M.; Deconto, L.R.; Bispo, A.Â.; Jesus, S. de & Abilhôa, V. 2009. **Aves de Curitiba: coletânea de registros**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. 280 p.
- Straube, F.C. & Di Giácomo, A. 2007. Avifauna das regiões subtropical e temperada do Neotrópico: desafios biogeográficos. **Ciência & Ambiente** 35:137-166.
- Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. p.43-116. In: F.C.Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2002a. Tadeusz Chrostowski (1878-1923): biografia e perfil do patrono da Ornitologia paranaense. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 52:35-52.
- Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Gatto, C.A.F.R. 2005. A avifauna do Parque Estadual do Cerrado (Jaguariaíva, Paraná) e a conservação do cerrado em seu limite meridional de ocorrência. **Atualidades Ornitológicas** 128:29.
- Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves. In: [p.145-496] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro**

- Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná.** Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.
- Stresemann, E. 1923. Die Anfänge ornithologischer Sammlungen. **Journal für Ornithologie** 71:112-126.
- Stresemann, E. 1948. Der Naturforscher Friedrich Sellow (+ 1831) und sein Beitrag zur Kenntnis Brasiliens. **Zoologische Jahrbüchen, Abteilung für Systematik, Geographie und Biologie der Tiere** 77:401-425.
- Stresemann, E. 1951. **Die Entwicklung der Ornithologie. Von Aristoteles bis zur Gegenwart.** F.H.Peters, Berlin, 431 p.
- Teixeira, D.M. & Papávero, N. 1999. A iconografia zoológica de Johann Natterer (1817-1836). In: [p.69-181] C.Riedl-Dorn. **Johann Natterer e a Missão Austríaca para o Brasil.** Petrópolis, Editora Index. 192 pp.
- Temminck, C.J. & Laugier, [Baron] de Chartrouse, M. [1820-1839] 1838. **Nouveau recueil des planches coloriées d'oiseaux pour servir de suite et de complément aux planches enluminées de Buffon.** Paris, G.Levreaut. 5 volumes, n.p., 600 pranchas.
- Trevisan, E. 2000. **Curitiba na Província.** Curitiba, Gráfica e Editora Vicentina. 299 pp.
- Trindade, J.B. 2008. Viajante imaginário. **Revista de História** (Biblioteca Nacional) 2:70-75.
- Troschel, F.H. 1873. Bericht über Leistungen in der Naturgeschichte der Säugethiere während des Jahres 1872. **Archiv für Natugersichte** 2:81-114.
- Urban, I. 1893. Biographische Skizzen. 1. Friedrich Sellow (1789-1831). **Englers Botanische Jahrbüch der Systematischen Pflanzengeschichte und Pflanzegeographie** 17:177-198.

- Urban, I. 1908. Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasiliensis ratio edendi chronologica systema, index familiarum. p.1-154. In K.P.von Martius *et al.* **Flora Brasiliensis**, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas 1 (1): 1-154 + 266 + 31 pp.
- Vanzolini, P.E. 1981. The scientific and political contexts of the Bavarian Expedition to Brazil. Introduction. In: K.Adler ed. **Herpetology of Brazil by J.B.von Spix and J.C.Wagler**. Society of Study of Amphibians and Reptiles, p.ix-xxix, ed.fac-similar.
- Vanzolini, P.E. 1992. **A supplement to the Ornithological Gazetteer of Brazil**. São Paulo, Museu de Zoologia. 251 pp.
- Vanzolini, P.E. 1993. As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835. **Papéis Avulsos de Zoologia** 38(3):17-60.
- Vanzolini, P.E. 1996. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Revista da USP** 30:190-238.
- Vanzolini, P.E. 2000. Notes on the south american reptiles in the collection of the Naturhistorisches Museum, Vienna. **Papéis Avulsos de Zoologia** 41(9):135-154.
- Vieira, J.G. 1981. Taunay, Debret e Grandjean de Montigny. In: W.A.de Souza ed. **Aspectos da arte brasileira**. Rio de Janeiro, Funarte, p. 19-30.
- Wachowicz, R.C. 1994. Tadeusz Chrostowski, um naturalista polono-paranaense. **Revista da Academia Paranaense de Letras** 32:188-202.

- Wagner, J.A. 1842. Diagnosen neuer Arten brasilischer Säugethiere. **Archive für Naturgeschichte** 8(1):356-362.
- Wagner, J.A. 1843. Diagnosen neuer Arten brasilischer Handflugler. **Archive für Naturgeschichte** 9(1):365-368.
- Wagner, J.A. 1847-1848. **Beiträge zur Kenntniss der Säugethiere America's**. Abhandlungen der Mathem.-physikalischen Classe der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften (München), 5: Erste Abt. [Marsupialia, Chiroptera], 119-208 (1847); Zweiten Abt. [Rodentia], 269-332 (1847); Dritte Abt. Viere Ordnung Affen, 405-480 (1848).
- Walters, M. 2003. **A concise History of Ornithology**. New Haven/London, Yale University Press. 255 pp.
- Weiss, C.C. 1830. Über das südliche Ende des Gebirgszuges von Brasilien in der Provinz S.Pedro do Sul und der Banda oriental dem Staate von Monte Video; nach den Sammlungen des Herrn Fr.Sellow. **Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften in Berlin 1827**, 6: 217-293.
- Wheeler, A. 1996. Zoological collections in the early British Museum: documentation of the collection. **Archives of Natural History**, 23(3):399-427.
- Wheeler, A. 1997. Zoological collections in the early British Museum: the Zoological Society's Museum. **Archives of Natural History**, 24(1):89-126.
- Whitney, B.M.; Pacheco, J.F.; Buzzetti, D.M. & Parrini, R. 2000. Systematic revision and biogeography of the *Herpsilochmus pileatus* complex, with description of a new species from northeastern Brazil. **Auk** 117(4):869-891.

- Wied-Neuwied, Maximilian [Prinz zu]. 1820-1821. **Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.** Frankfurt, Heinrich Ludwig Brönner, 2 volumes.
- Wied[-Neuwied], Maximilian [Prinzen zu]. 1825-1833. **Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien.** Weimar, Verlage des Gr. H.S. Priv. Landes-Industrie-Comptoirs. 4 volumes.
- Zatti, C. 2011. *Ilex paraguariensis*. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 63:211-219.
- Zischler, H. 2010. Langsdorff und Sello – von Brasilien überwältigt. In: [p.170-175]. U.Moritz; A.Pufelska & H.Zichler (eds.). **Vorstoss in Innere: Streifzüge durch das Berliner museum für Naturkunde.** Berlin, Alpheus Verlag.
- Zimmer, J.T. 1945. A new swift from Central and South America. **Auk** 62(4):586-592.
- ZSM. 2006. **Geschichte der Sektion Ornithologie.** Homepage do Zoologische Staatssammlung München. Disponível online em: <http://www.zsm.mwn.de/orn/history.htm>; acessada em 16 de dezembro de 2006.

A série **HORI CADERNOS TÉCNICOS (HCT)** é uma iniciativa da Hori Consultoria Ambiental, cujo objetivo é suprir a grande lacuna atualmente existente de documentos técnicos ligados alguns campos específicos das Ciências da Natureza. A coleção abrange temática variada mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.



<http://www.hori.bio.br>

HORI CADERNOS TÉCNICOS

HCT nº 1 (dezembro de 2010)

GLOSSÁRIO BRASILEIRO DE BIRDWATCHING (INGLÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS) por Fernando C.Straube, Arnaldo B.Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli. ISBN: 978-85-62546-01-3

HCT nº 2 (junho de 2011)

LISTA DAS AVES DO PARANÁ (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná) por Pedro Scherer-Neto, Fernando C.Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho. (Com dois suplementos). ISBN: 978-85-62546-02-0

HCT nº 3 (dezembro de 2011)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período Pré-Nattereriano (1541-1819) por Fernando C.Straube. ISBN: 978-85-62546-03-7

HCT nº 4 (junho de 2012)

TUBARÕES E RAIAS CAPTURADOS PELA PESCA ARTESANAL NO PARANÁ: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO por Hugo Bornatowski e Vinícius Abilhoa. (Com adendo bibliográfico). ISBN: 978-85-62546-04-4

HCT nº 5 (setembro de 2012)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 1 (1820-1834) por Fernando C.Straube. ISBN: 978-85-62546-05-1